1952

JUNHO - N.421



★ VOCÊ RÍ BASTANTE?

NESTE NÚMERO O HOMEM PODERÁ VIVER DEBAIXO D'ÁGUA

Fala um padre que viveu na Rússia

★ Consentiria você que o matassem?



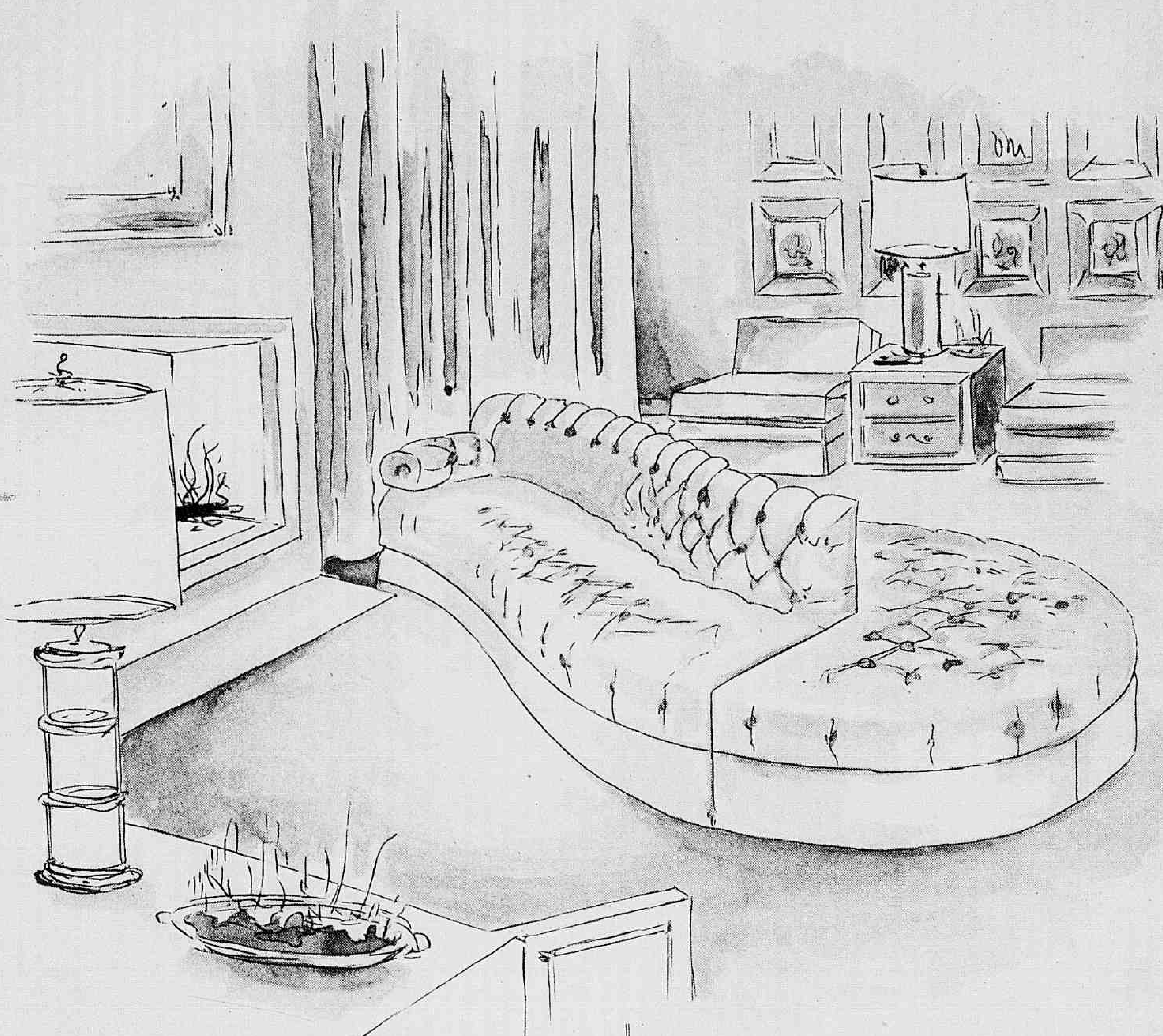
BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Orçamentos executados por técnicos-decoradores



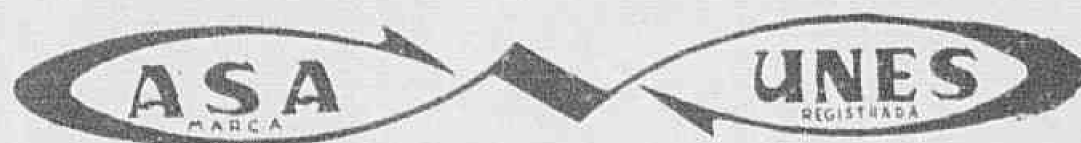
TAPETES FEITOS À MÃO

TAPETES E PASSADEIRAS

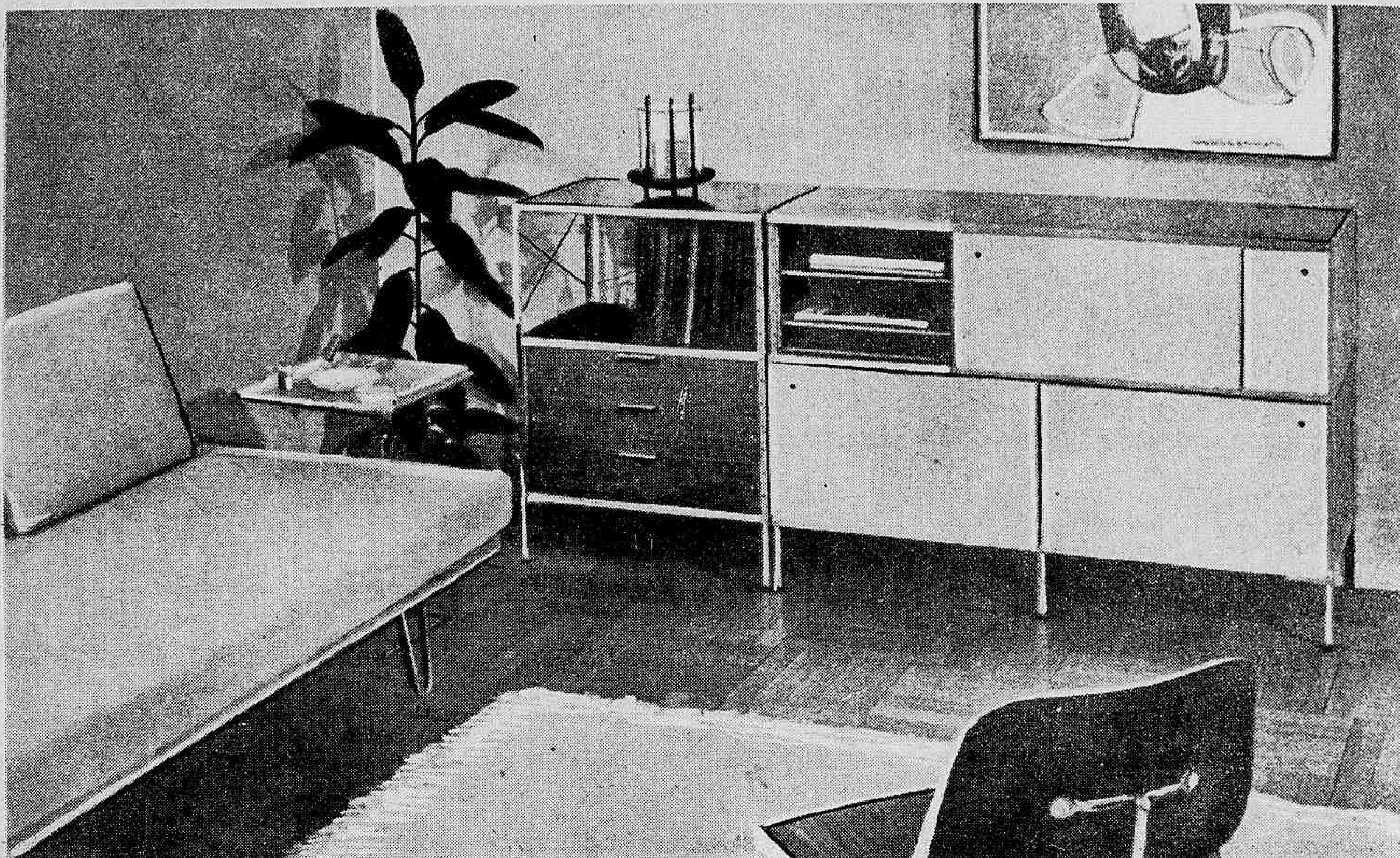
de farração, em côres lisas e com flores

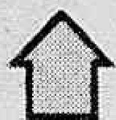
GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

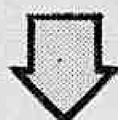


65, Rua da Carioca, 67 — Rio





Estante inteiramente de aço; mesinha com pés de aço e tampo de matéria plástica; sofá com armação de aço e estofo forrado com matéria plástica.



Roupeiro de aço, com gavetas correndo sôbre bilhas e abertura feita especialmente para fácil exame do seu conteúdo.



Para o seu lar

COISAS PRÁTICAS E DURÁVEIS

HÁ um mundo de problemas dentro de um lar; o melhor aproveitamento do espaço e o desejo crescente de confôrto, levam os fabricantes a estudar móveis duráveis, práticos para o uso e a limpeza. Nestas páginas as nossas leitoras encontrarão sugestões utilíssimas.



Mesa de pés metálicos, adaptada a um sofá de «esquina». Tem vários usos, podendo servir como escrivaninha, bar, etc. O tampo é de matéria plástica.



Eis uma encantadora mesa elástica, que serve para refeições ligeiras, porta-bibelots, caixa de cigarros, serviço de chá, etc. Tem, na parte inferior, depósito para livros e revistas. É tôda de madeira. Tampo «elástico».



INSINUANTE
ESTÁ FESTEJANDO
SÃO JOÃO
COM UMA TREMENDA
LIQUIDAÇÃO
ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!
45.000
PARES QUE VÃO
SER QUEIMADOS
POR QUALQUER
PREÇO
insinuante
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA
DA AMERICA LATINA E É TAMBEM
UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.
CARIOCA 46-48 - SETE DE SETEMBRO 199-201



Diretor: GRATULIANO BRITO
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Redactor-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São aulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em ortugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)

PROVAS IMPOSSIVEIS

CONTA-NOS Jerry Klein, redator policial de um magazine norte-americano, alguns detalhes interessantíssimos sôbre o que pode fazer a polícia, com os seus prisioneiros e também o que está impedida de fazer. Entre êstes impedimentos, por exemplo, destacam-se as chamadas *provas impossíveis.*

A polícia pode, por exemplo, "sondar" um prisioneiro (verbalmente) a fim de conhecer o que contém o seu coração e alcançar uma confissão ou uma prova evidente do seu delito. Porém, se tal prova é de natureza mecânica, os policiais começam a pisar um terreno perigoso. Isto porque, nenhuma evidência conseguirão se, por exemplo, retiraram, seja lá o que fôr, do estômago de um suspeito, por meio de uma bomba-sonda. Nenhum tribunal reconhecerá êsse objeto, extraído dessa maneira, como prova do seu delito.

Ladrões de jóias e vendedores de narcóticos (se fôsse no Brasil, apontaríamos os "bicheiros" que comumente estão engolindo as listas dos apostadores) tragem a prova evidente do seu "trabalho", quando são apanhados pela polícia.. As autoridades que se atrevem a apelar depressa para o uso de uma sonda estomacal, ficam, mais tarde, encabuladíssimas, no tribunal, ao ser recusada pelo juiz, como prova do crime, o anel ou a pulseira assim extraída do estômago do culpado.

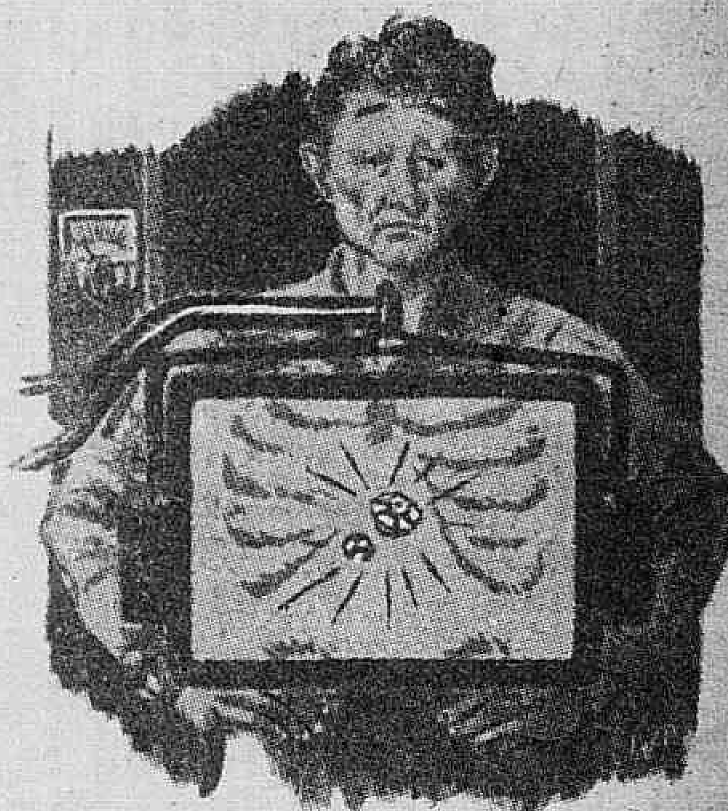
Em muitos Estados norte-americanos, o tribunal considera o uso da sonda estomacal como um delito, porque *viola os direitos garantidos ao prisioneiro pela Constituição,* segundo o *Quarto Regulamento,* que garante aos cidadãos "o direito de dispor exclusivamente da sua pessoa, residência e documentos, contra injustificadas pesquisas ou apreensões."

Julgam os tribunais que "sondar mecânicamente o estômago de um indivíduo" é coisa injustificável porque é operação dolorosa. Se permitida, teríamos voltado aos dias em que os prisioneiros eram surrados e torturados a fim de confessar até mesmo o que não haviam feito.

A posição da lei diante da sondagem estomacal dos presos foi ilustrada, recentemente, no Tribunal Federal da Califórnia, onde um conhecido larápio e vendedor de entorpecentes foi prêso e, antes de ser revistado, engoliu vários pacotinhos da droga. A polícia, prontamente, colheu tudo com a sonda. Porém o juiz mandou arquivar o processo ao saber do emprêgo da bomba.

E' geralmente permitido o emprêgo do raio ou do fluoroscópio, a fim de verificar se o prêso esconde alguma coisa no próprio corpo. Há ainda outros recursos além da "sonda" para a recuperação da prova.

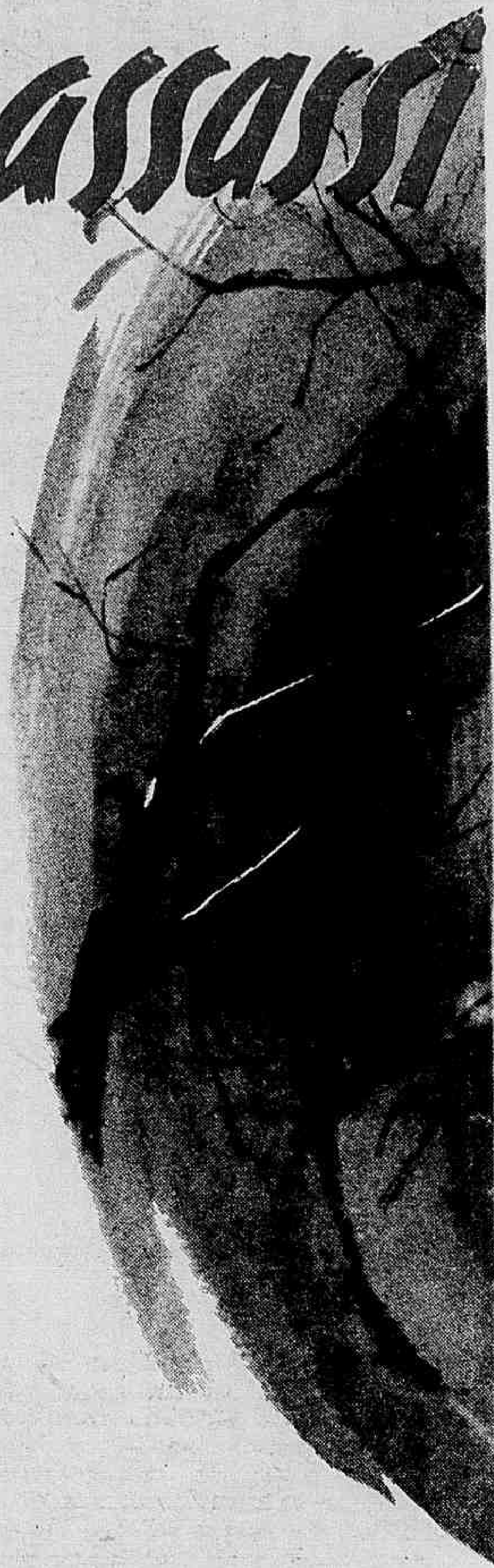
No Estado do Texas, a polícia pode dar ao prêso um clister, a fim de recuperar um anel que o mesmo tenha engolido. Terão, primeiro, que provar essa necessidade por meio da tela fluoroscópica. No Estado do Oklahoma já foi permitido dar ao prêso uma boa dose de óleo de castor — ou de rícino — para recuperar outra jóia que o ladrão havia tragado. Antes, porém, o raio X havia revelado a presença do furto no intestino do ladrão.



No Oregon a polícia se atreveu a fazer um teste de sangue num indivíduo que ainda se achava em estado de inconsciência. O juiz, porém, declarou que recusava aceitar o teste, como prova do alcoolismo do prêso, por ter sido feito com o mesmo... *inconsciente!* Caso estivesse lúcido talvez tivesse recusado fazê-lo... e *ninguém pode torturar seja lá quem fôr que não esteja absolutamente lúcido para saber o que está sendo feito!*

Implicado num assassi

Novela de OCTAVUS ROY COHEN



UM HOMEM FOI ASSASSINADO — E O MARIDO DE LINDA "PODIA" TER SIDO O CRIMINOSO...

LINDA Avery chamou a si mesma de tola e de louca, mas isso pouco adiantava. O sentimento de apreensão persistia. O relógio indicava dez e meia. Já antes havia esperado, assim, pelo marido. Mas esta noite não tinha recebido nenhum aviso telefônico.

Progredindo a madrugada, seu sentimento de apreensão foi substituído pelo mêdo, mêdo angustiante. Foi até à janela e ficou observando as luzes da cidade. Lembrou-se do tempo em que ela e Don tinham apreciado essa vista, lado a lado, com as mãos entrelaçadas. Mas, isso, fôra há muitos anos! Antes de que o seu casamento se revelasse coisa difícil e quase fracassada. Linda não podia recordar quando ou onde ou como as coisas começaram a "andar para trás". E isso não ocorrera apenas porque Don fôsse muito ambicioso. Queria-o, até, esforçado, a fim de alcançar êxito. Nunca, porém, ao custo da felicidade de ambos.

A proporção que, mais e mais, êle se afundava em seu trabalho, sua vida doméstica se deteriorava. E, mais recentemente, todo o seu negócio entrara em colapso. E ela não podia deixar o marido justamente agora, quando talvez precisasse do seu amparo. Esperava, mesmo, que essa adversidade fôsse um elo novo, impedindo a ruptura irremediável.

Lançou um rápido olhar curioso ao espelho. Parecia, realmente, quase tão jovem como era lícito esperar com os seus vinte e cinco anos. Os cabelos eram quase vermelhos e os olhos cinzentos esverdeados. Don costumava gracejar com êles: "*Quando você ri, meu bem* — dizia êle — *os seus olhos ficam realmente verdes. Então você parece essas luzes do tráfego: os olhos, verdes... e os cabelos vermelhos. Nunca vi coisa igual*".

★

Um automóvel subiu a ladeira, vindo sem muita pressa. Repentinamente todo o mêdo desapareceu, logo substituído pelo anterior ressentimento.

Esperou pela entrada dêle, de pé, diante da porta. Porém a porta da frente não foi aberta. Ela vincou a fronte, procurando explicar aquela demora. Então ouviu... Alguém forçava a porta dos fundos. Imediatamente ela se dirigiu à cozinha, retirou o trinco de segurança e abriu a porta.

Dois vultos estavam de pé, diante dela; um claramente iluminado pela luz elétrica da cozinha, enquanto o outro se mantinha na sombra do corredor que conduzia à garage. O homem que podia ver tinha o rosto manchado de sangue. Os seus olhos estavam fechados. Êsse homem... *era o seu marido!*

O segundo homem afrouxou as garras e o rosto de Don, com uma expressão grotesca, virado um pouco para o lado, inclinou-se depois, para a frente, e o seu corpo caiu, a fio comprido, contra o ladrilhado da cozinha.

Ao mesmo tempo uma voz profunda, vinda da sombra, disse:

— Ouça com atenção, Sra. Avery. Seu marido não tem ferimento grave; nem precisa de médico. Mas está metido em complicação. Implicado num roubo e num assassinato. Não chame a polícia!



A mão do homem que falara, avançou para o trinco e com movimento vigoroso fechou a porta com estrondo. Linda ficou alguns instantes sem movimento. Depois ouviu o motor de um automóvel ser acionado e, a seguir, o veículo arrancar, pisado.

Deixou-se, então, cair sôbre os joelhos, junto do marido. O sangue começava a formar pequenina poça, no chão. Lutando desesperadamente contra o pânico, foi apanhar uma toalha e voltou, procurando deter a hemorragia e examinando o ferimento. Era entre a orelha esquerda e a base do crânio. Instintivamente ergueu-se para ir telefonar para o médico. Com a mão já estendida para o aparelho, deteve-se. Que fôra mesmo que o estranho havia dito? *"Êle está implicado num roubo e num assassinato. Não chame a polícia!"*

Isso era fantástico, inacreditável... porém foi o bastante para a imobilizar. Se chamasse o médico, êle insistiria para que ela chamasse a polícia. Ela estava alarmada com a mudança que se operara em si mesma. Sentia, agora, que nem por um só momento deixara de amar o marido. Por isso preferiu ficar com êle, a sós, com a esperança de que Don recuperasse os sentidos depressa e lhe dissesse que tudo estava bem e que chamasse o médico. O rádio, que deixara ligado no *living-room*, para seu entretenimento, enquanto esperava o marido, iniciou um programa "extra," com notícias de última hora:

"— *A polícia informa que o novo Supermart, na esquina do Boulevard Midland e a Avenida dos Ciprestes, foi assaltado há menos de uma hora. William Ellis, o gerente, foi assassinado pelos assaltantes. A polícia procura dois homens que fugiram do local num sedan prêto.*"

Com um estremecimento Linda fechou os olhos, pensando no quadro horrível descrito pelo locutor. Depois, pálida, inspecionou os bolsos do marido. Encontrou o que temia num dos

bolsos internos do paletó: um rôlo de notas — aproximadamente mil e quatrocentos dólares. Quando Don saíra, pela manhã, tinha menos de trinta dólares na carteira!

Nesse instante os olhos de Don se abriram. Ela perguntou carinhosamente:

—Está melhor, querido?

Êle fêz um corajoso esfôrço para sorrir.

— Olá, meu bem — disse êle.

Linda foi buscar um pouco de *cognac*, forçando-o a tomar uma boa dose e, sustentando-lhe a cabeça, enquanto bebia. Depois disso êle perguntou:

— Que estou eu fazendo aqui, na cozinha, Linda?

Seus olhares se encontraram e ela contou tudo. A seguir amparou-o até à sua poltrona favorita. Depois de sentado, êle disse:

— Pelo que vejo, temos muito que conversar, Linda.

Ela revelou o que ouvira no rádio e dos mil e quatrocentos dólares, que encontrara num dos seus bolsos.

Don ouviu tudo com atenção, dizendo a seguir:

— Eis o que sei. Quero que você acredite em mim...

Acendeu o cigarro com mãos um pouco trêmulas.

— Nas últimas cinco noite, estive observando um negócio. Queria saber quanto, aproximadamente, estava fazendo êsse Supermart de Midland. Imaginava que, talvez, outro estabelecimento do mesmo gênero podia fazer também uma boa féria. O mercado fecha normalmente às oito horas. Para lá fui, logo depois das cinco. Parei o automóvel entre os demais, no lugar próprio e do qual podia vigiar o negócio mesmo sentado no interior do veículo.

"Tinha a intenção de anotar fatos e figuras e levar tôdas as indicações para um dos meus clientes. Esta noite a casa estava mais cheia que de costume, por ser sábado. Varias vêzes saí do automóvel para dar uma olhadela no interior do estabelecimento. Recordo-me de ter visto apenas outro veículo no lugar de estacionamento e presumi que pertencesse aos donos do negócio ou ao gerente. Repentinamente, ouvi que alguém se aproximava do meu automóvel, mas não liguei importância. Segundos depois, senti que qualquer coisa batia contra a minha cabeça. Depois disso, vi-me ali, na cozinha, tendo você ao meu lado como uma linda enfermeira...

Olhou, então, encarando-a:

— Você acredita em mim, hein?

— Sim — disse ela, falando mansamente — Mas isso pouco adianta. O que convém saber, com urgência, é... *o que você mesmo acredita!*

Êle estudou demoradamente as pontas dos sapatos.

— Acho que sei o que vou fazer — disse finalmente — Vou chamar a polícia. Num caso como êste, a polícia sempre apanha com facilidade o número do automóvel. Por isso, convém eu mesmo procurar a polícia!

Ela, porém, voltou a falar, quase num cochicho:

— Você tem andado sem muito dinheiro, ùltimamente. Se a polícia vier a saber que você precisava de dinheiro... desesperadamente...

— Por favor... Quer chamar a polícia, sim? — perguntou êle — Ou eu mesmo devo chamar?

Ela foi ver o número e discou-o com gestos lentos.

Uma voz rude atendeu:

"— Tenente Walsh, da Seção de Homicídios!"

Ela deu seu nome e enderêço. A seguir explicou:

— Meu marido e eu mesma, temos informações a respeito do que acaba de ser irradiado... sôbre o crime de Midland Supermart...

"— Fiquem aí mesmo. Dê-nos apenas dez minutos..."

O Tte. Walsh era um homem de quarenta anos, aproximadamente, muito alto e forte.

Cumprimentou-a ligeiramente e disse:

— Sou Marty Walsh, da Seção de Homicídios. Êste é o detective Mason.

Linda mostrou o caminho até ao *living-room*.

— Quem vai contar a história? — perguntou Walsh.

— Eu começarei. Minha mulher poderá continuá-la, a partir do ponto em que perdi os sentidos.

Quando terminaram, Walsh se ergueu e disse a Don.

— Permite-me que reviste a sua roupa, Avery?

Auxiliado por Mason, inspecionaram os bolsos de Avery e até lhe retiraram os sapatos. A seguir examinou o ferimento da cabeça... e o dinheiro.

— Há outra coisa, ainda, que o senhor, provàvelmente, gostaria de saber — disse Don, quando pôde novamente repousar na poltrona — Há cêrca de dois meses, meu negócio foi por água abaixo e, depois disso tenho andado muito necessitado de dinheiro.

— Que quer você dizer com isso? — inquiriu Walsh — Facilitar o nosso trabalho?

— Quero, simplesmente, dizer tôda a verdade. Só isso!

Repentinamente Walsh se voltou para Linda:

— Êsse homem que, segundo a senhora disse, trouxe o seu marido... Seria possível identificá-lo?

— Não posso responder, positivamente. Exceto que parecia ser muito alto e ombros muito largos... Não estou, porém, certa de nenhum detalhe.

Steve Mason, que estivera examinando tôda a casa e o automóvel, voltou nesse instante ao salão e disse:

— Não encontrei nada de interessante em tôda a casa, Marty — disse êle — Talvez encontremos impressões digitais no automóvel ou qualquer outra coisa. Sangue, por exemplo.

— Onde?

— Nos dois bancos da frente. Talvez Avery tenha sido atacado enquanto se achava sentado por trás do volante. Depois foi empurrado para o outro lado, a fim de que seu atacante pudesse dirigir em seu lugar.

— Mas... Como pôde êsse homem saber que êle morava aqui? — perguntou Linda — Ou, mesmo, que nome era o de meu marido?

— Isso é coisa fácil, Sra. Avery — Seu marido declarou que saiu várias vêzes do automóvel. Os atacantes podem ter visto a carteira, na sua ausência.

— Que pensa o senhor, Tenente? — perguntou Avery.

— Não sei... — a voz do detective tornou-se reticente e macia — Quem deixou êsse dinheiro no seu bôlso, não é nada generoso, Avery. As primeiras informações que colhemos indicam que cêrca de vinte mil dólares foram roubados. *Os seus parceiros costumam botar você "para trás?"*...

— Nada tenho que ver com êsse roubo, Tenente. — disse Don com voz firme — O que me interessava era conhecer a féria.

— E se interessava assim tanto... pelo negócio de outros.

— Exatamente. Meu papel era conhecer o movimento da casa... Se fôsse um bom negócio...

Walsh pareceu mais tranqüilo.

— E' bastante! — disse êle. Olhou longamente para Don e prosseguiu — E' bom saber, desde já. Se a história que contou é a verdade, você depressa estará salvo. Em geral todo o mundo se diz inocente. Mas, — e isso é apenas suposição minha... — se você tem culpo é melhor começar a pensar desde já em outra história, mais verdadeira. Presumindo que você seja culpado, levou essas cinco noites, espreitando o movimento da casa comercial, para poder agir, depois, conforme já sabemos. Pode ter entrado em sociedade com dois comparsas mais violentos. O gerente resistiu... e êles o mataram. A seguir, tendo você ficado ferido, êles o trouxeram para casa. Deram a você uma parte do roubo, mas não aquilo que você esperava receber. Que tem a responder a esta argumentação?



— Muita coisa — disse Linda, com os nervos à flor da pele. — Pode ter sido, também, o seguinte: os dois homens que planejaram o roubo eram... — como é que os senhores chamam a isso? — eram ladrões que estavam vigiando a casa talvez até antes de meu marido. A presença de outro homem, que noites e noites parava o automóvel diante do estabelecimento, atrapalhava todos os seus planos. Não queriam ter uma testemunha do seu crime e por isso, esta noite, atacaram meu marido... e depois fizeram o mesmo com o pobre homem a quem acabaram matando.

— E por que haviam de o trazer até aqui? — perguntou Walsh — Deve reconhecer que foi muita bondade para quem havia revelado não ter consideração com a vida alheia...

Linda sorriu. Sim; sorriu com superioridade.

— Que melhor poderiam fazer, senão afastando-o do local do crime, contando que alguém tivesse notado a insistência com que parava à porta da casa comercial... e também anotado o número do automóvel?

Houve um lampejo de admiração nos olhos do detective.

— Talvez... Sra. Avery. — reconheceu êle — Há apenas um ponto fraco na sua teoria. Está tudo *muito certinho*... Até parece que essas respostas foram muito bem combinadas entre a senhora e o seu marido.

— Vocês, policiais, são assim mesmo! Há um crime e logo se agarram ao primeiro suspeito!

Marty Walsh não pôde conter um riso curto e sêco:

— Há uma coisa que todo criminoso esquece. — disse êle — Podemos proticar mil erros, sim, mas sem dano real. O que nos cumpre fazer é um exame completo de cada caso. Quanto ao delinqüente ocorre o contrário. Um êrro só, por menor que seja, e êle está perdido!

— E daí?

— Já sei o bastante para enquadrar você como suspeito do roubo e também do assassinato. Mas não farei isso. E simplesmente porque, se fôr o culpado, nós o apanharemos sem demora. Mas — o que é mais importante — se a sua história é verdadeira, então estaremos fazendo justamente o que o verdadeiro criminoso quer. Não preciso dizer a você que não conseguirá nada, tentando fugir...

Levantou-se.

"— Provàvelmente precisarei de falar com ambos outra vez. — disse êle — Gostaria, porém, de levar comigo essa fotografia de Don, em uniforme. E outra coisa — acrescentou. — Vou mandar o médico da polícia examinar êsse ferimento que você tem. Êle poderá dizer com que arma foi feito...

As três horas seguintes foram más. Eram quatro da manhã, quando Linda e Don foram deixados a sós. Porém foi só depois de se recolherem ao leito, com as luzes já apagadas que Don falou:

— Você não está muito segura a meu respeito, hein, Linda?

Pela primeira vez, então, ela chorou. Êle a tomou em seus braços. E após alguns instantes, ela disse:

— Por que aconteceu tudo isso conosco, Don?

— Talvez porque eu goste muito de você... Talvez eu quisesse dar a você muitas coisas... muito depressa!

Não tardou muito a que ela dormisse. Quando despertou, os curativos feitos pelo médico da polícia davam a êle um aspecto fantástico e foi isso o que fêz voltar à mente de Linda, numa rude precipitação, todos os terrores da última noite.

Levantou-se em silêncio, porém, e foi apanhar o jornal da manhã. A história lá estava, num cabeçalho, enchendo tôda a página: "*Roubo e assassinato*". Nenhuma referência policial, entretanto, a respeito de pistas. Nenhuma menção a Don Avery...

Durante cinco dias, Don permaneceu quieto, em casa. Mal falavam, agora sôbre a nuvem que pairava sôbre êles; porém nem por isso deixavam de estar preocupados. Linda esperava que alguma coisa acontecesse, de um momento para outro. Porém quando isso ocorreu foi inesperado e terrível.

Ela e Don tinham saído para ir ao cinema. Em caminho, de regresso a casa, Don parou o veículo em atenção ao sinal do tráfego, e Linda se surpreendeu, olhando para um grande automóvel azul-escuro, conversível, à sua direita. O homem que o dirigia era grande e forte. Qualquer coisa nêle lhe pareceu vagamente familiar. Imediatamente tocou num braço de Don e disse, numa voz medrosa, quase soluçante:

— Deixe êsse conversível passar à frente... Mas não o perca de vista! Quem o dirige é o homem que levou você para casa.

Observou desesperadamente o rosto de Don, quando êste voltou a cabeça para observar o outro automóvel; procurou surpreender alguma expressão... Porém o que notou em seu marido foi como um hino para o seu coração. Não havia o mais leve sinal de reconhecimento daquele indivíduo, em seus olhos. Ela voltou a tocar num dos braços do marido.

— Oh, querido! Estou tão feliz... e tão envergonhada por haver duvidado de você!

Don teve vários outros veículos entre o dêle e o do homem que seguia. Por isso pediu:

"— Anote o número dêle!"

— Já anotei — disse ela — Mas que vamos fazer?

— Segui-lo, até que êle pare em algum lugar. Então telefonaremos para a polícia.

O automóvel, à frente, deixando as ruas de maior circulação, fugia agora para o norte da cidade.

— Realmente. — disse Don — Aquêle tipo está ficando suspeito... Veja como vai pisado, agora. E você quer saber, Linda? Depois de tudo isto esclarecido vou é procurar um emprêgo. Já perdi totalmente a minha mania de ser patrão.

Porém ela, como repentinamente assaltada pelo mêdo, pediu:

— Vamos desistir, querido. Já sabemos que o criminoso está na cidade. Podemos dar ao Tenente Walsh uma descrição mais positiva. Vamos voltar!

O carro fugitivo, a esta altura, havia desaparecido da estrada. Ela pôde notar como isso aborrecera o marido. Porém, resignado, êle concordou:

— Está bem, querida. Vou seguir o seu conselho.

Seguiu pouco mais além, até encontrar uma encruzilhada. Então parou para manobrar e recuar em marcha-à-ré. Nesse instante um vozeirão intimou:

(*Cont. na pág.* 112)

O ser humano, adulto, possui oito dentes em cada metade do maxilar: dois incisivos, um canino, dois pequenos molares, três grandes molares, ao todo: trinta e dois dentes.

Nosso primeiro dente adulto é o primeiro grande molar que aparece na altura dos 7 anos. Um ano depois, é a vez dos incisivos laterais. Entre os dez e os onze anos, os primeiros molares e os caninos.

Aos treze anos já possuímos, com os segundos grandes molares, vinte e oito dentes.

A TERCEIRA DENTIÇÃO — Os quatro derradeiros grandes molares, inferiores e superiores, chamados «dentes do siso» ou «do juízo», são tardios. Seus crescimento normal ocorre entre os dezoito e os vinte e cinco anos, não sendo raro, entretanto, que só comecem a aparecer aos trinta, para, só então, o indivíduo ter, como se diz, o maxilar completo.

Êsse último crescimento dentário se faz, em geral, com dificuldades várias.

DEVEMOS PENSAR NOS DENTES! — Nos casos de dores de cabeça rebeldes, zumbidos nos ouvidos, perturbações visuais ou espasmos do globo ocular ou da pálpebra, o doente vai consultar o oftalmologista ou o otorrinolaringologista. Entretanto, bem pode ser, simplesmente, o dente do siso a causa principal, senão única.

O exame da bôca não revela qualquer sinal de crescimento: porém, se o indivíduo não atingiu ainda os trinta anos e não possui o seu terceiro molar, deve pensar nêle quanto antes. Não deve esquecer, por exemplo, que os acidentes provocados pelo «dente do juízo», benignos no início, podem assumir formas muito graves.

Por que razões?



EXTRAÇÃO DO «DENTE DO JUÍZO»
(Estampa antiga do Museu de Estampas de Paris)

O Dente do "juízo" não tem muito juízo...

A FALTA DE ESPAÇO... — Antes de tudo, sendo um «atrasado», o dente do siso muitas vêzes não encontra lugar. Êsse apêrto — digamos assim — resulta da diminuição progressiva do desenvolvimento dos órgãos dentários continuarem, desde a sua origem, as mesmas.

Num maxilar de homem neolítico, existia um intervalo importante entre o fundo do segundo molar (ou «dente dos 12 anos») e o que chamamos de «ramo ascendente» do maxilar, e que vem a ser o bordo do palato. Êsse espaço, atualmente, é muito estreito. Quando o dente do siso ocupa seu lugar normal, nem por isso deixa de estar alojado no extremo limite da gengiva, no fundo da bôca... Logo que êsse encurtamento se mostre mais acentuado, o dente do siso se vê na impossibilidade de crescer normalmente.

...E AS CAUSAS FAVORÁVEIS — A origem embrionária do dente do siso é muito curiosa.

O eixo dos dois primeiros molares tem uma direção que lhes permite sair normalmente. Ao contrário, o germe do dente do siso **está deitado contra o segundo molar ou «dente dos doze anos».** Segundo parece, êsse dente do siso (terceiro molar) foi concebido como o substituto do segundo. Por isso, para se alojar e se levantar, tem que realizar um movimento de curva.

Seu crescimento, como se verifica, é um processo cheio de tropeços. Muitas vêzes, levanta-se insuficientemente e conserva uma posição oblíqua ou horizontal. Monta, então, sôbre o dente de doze anos ou se ajusta onde pode, por fora, muitas vêzes (o que chamamos de «em ectopia»), anormalmente, portanto e, por isso mesmo, provocando fatalmente acidentes. O primeiro a causar aborrecimentos é o dente do siso inferior.

QUANDO O «CAPUCHO» SE INFLAMA — A saída do dente do siso é longa. Processa-se por «empurrões» sucessivos. A gengiva se inflama e um capucho mucoso, mais ou menos vermelho e doloroso à pressão, cobre o dente.

E' preciso, então, vigiar mais que de costume a higiene bucal, com seguidos bochecos. A visita ao dentista é indispensável. Êste facilitará a saída do dente, praticando uma incisão no «capucho» por meio do termo-cautério — e logo as dores desaparecerão.

A «GENGIVO-ESTOMATITE» — E' outro acidente do dente do siso. Principia por uma simples inflamação, que pode infectar-se a todo instante, mesmo que a bôca se mantenha em perfeito estado de limpeza. Muito discreta, a princípio, não lhe prestamos a menor atenção. Pode permanecer muito tempo assim, em **estado inicial**, mas tornar-se repentinamente infecciosa.

E' representada por um rubor do fundo da bôca, que algumas vêzes atinge os bordos da língua. No microscópio, é fácil descobrir micróbios abundantes e, num exame mais profundo, bacilos: **fuso-spirilos**, de Vincent, que provocam a angina do mesmo nome.

Os médicos conhecem, desde há muito, o poder antissético, relativamente a êsse micróbio, do **novarsenobenzol** (o mesmo tratamento que é empregado para a sífilis), mas seu emprêgo era difícil pelo fato da preparação, a à base de **novarsenobenzol** ter que ser empregada imediatamente. Hoje, adjunto à adrenalina (que tem desconjuntivo), êsse medicamento é útilizado correntemente em colutório, que o próprio dentista indicará. Não deve haver qualquer hesitação em usá-lo em bochechos e gargarejos, logo que a próxima saída do dente do siso provoque inflamação.

ABCESSOS E FLEUMÃOS — Se o dente se recusa, decididamente, a sair, provocará acidentes variados. E' o que se chama o «dente do siso incluso», fonte de muitos aborrecimentos.

A «gengivo-estomatite» pode, realmente, ganhar em profundidade e provocar fluxões importantes. Uma fluxão que acreditamos banal, a princípio, é, na realidade, um abcesso ou um fleumão em formação, qualquer dêles provocando o aparecimento de gânglios no pescoço.

Um quisto também poderá vir a ser formar, sob a forma de uma pequena massa infectada. E' preciso ir ao dentista a fim de ser feita a ablação.

Muitas complicações nervosas, além disso, podem intervir, devido à irritação do nervo trigêmeo (vizinho do dente do siso). São representadas pela dor lancinante provocada pelo nascimento do dente; algumas vêzes há a sensação de queimadura dolorosa e mesmo placas rubras, mau cheiro, etc.

Porém a complicação mais grave do «dente do siso», quando «incluso», é o «abcesso do soalho da bôca». Devido a micróbios gangrenosos muito perigosos, exige intervenção cirúrgica imediata. Seu aparecimento é, em geral, difuso, mas os progressos são extremamente rápidos, de hora para hora, e a morte tudo encerrará, caso não sejam tomadas providências enérgicas e imediatas.

A RADIOGRAFIA E' A CHAVE DO DIAGNÓSTICO — Atualmente, os acidentes graves, provocados pelo dente do siso são mais raros: é preciso que o indivíduo seja muito negligente — culpado mesmo — para chegar a uma situação de real perigo.

Logo aos primeiros acidentes, embora ligeiros, o dentista fará uma radiografia que o informará exatamente sôbre a posição do dente. Se êle se apresentar normalmente, êle o vigiará, espreitando com assiduidade o seu processo de saída. Mas como dente mal colocado há de ser fonte inevitável de acidentes patológicos, o dentista não hesitará em praticar uma extração preventiva.

Graças à radiografia dentária, o diagnóstico (outrora difícil) é hoje certíssimo.

DEPOIS DA EXTRAÇÃO — A extração de um dente do siso é algumas vêzes operação longa e difícil. Exige muitas vêzes uma hora de esforços. O osso é irritado pelos instrumentos; ao mesmo tempo o nervo dentário pode sofrer lesão e distensão. Os anestésicos, à base de adrenalina podem suscitar perturbações circulatórias locais. A estação também pode influir: o outono é a pior; da mesma forma o inverno é contra-indicado.

Êsses fatores, segundo o estado geral do indivíduo, concorrem para que as conseqüências sejam dolorosas.

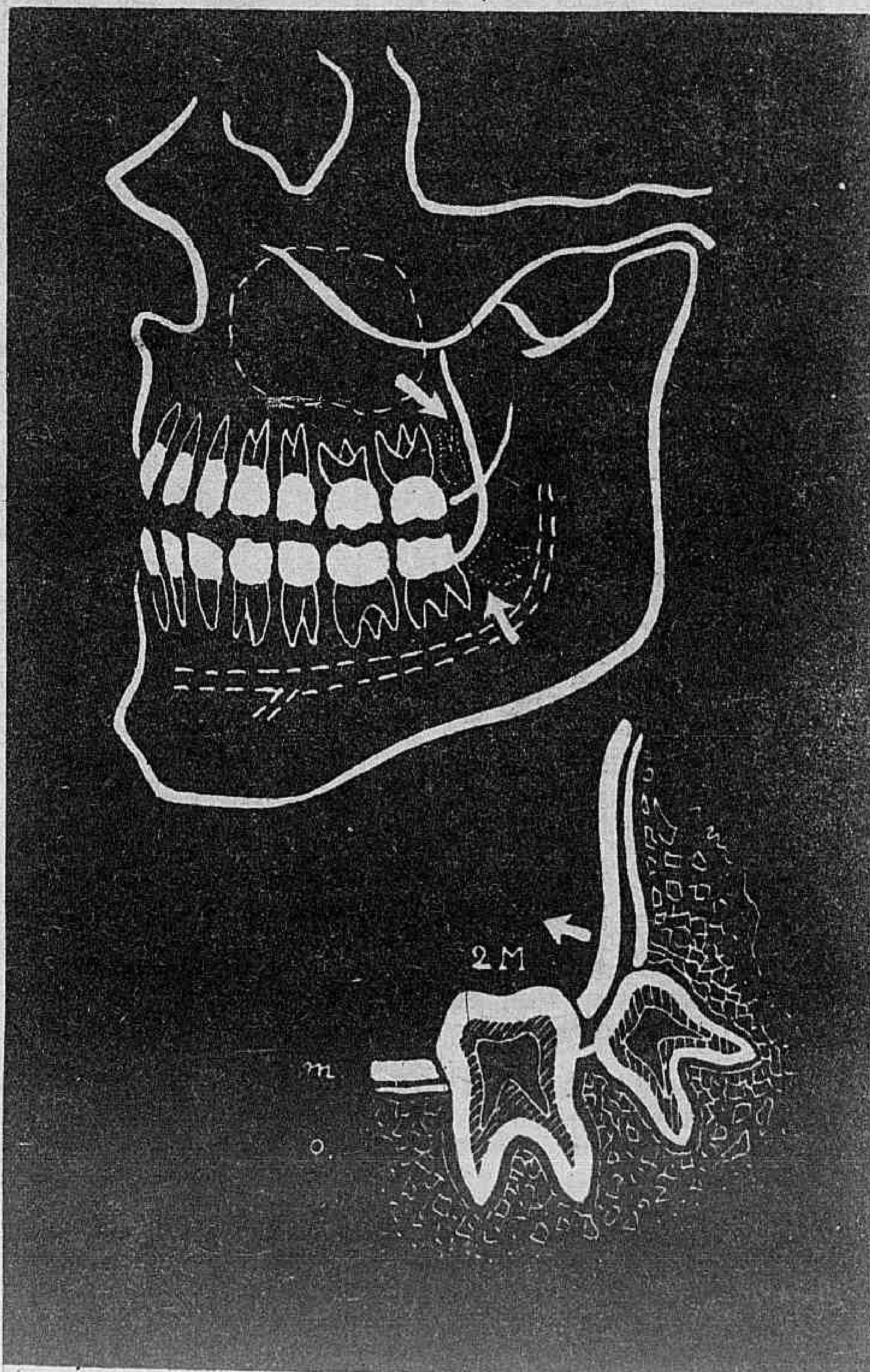
Normalmente, a dor deve cessar ao fim de vinte e quatro horas ou, no máximo, quarenta e oito; mas acontece, ao contrário, que o paciente começa a sofrer quatro ou cinco dias **após a operação** — e de uma maneira intensa!

A ALVEOLITE — A explicação é a seguinte: o paciente sofre de uma «alveolite» (inflamação do alvéolo — ou cratera do dente), sêca ou supurada. Embora dolorosa, não é a alveolite um mal assustador. A alveolite desaparecerá logo que o auvéolo fique novamente cheio, ao fim de treze ou quatorze dias. E', porém, uma enfermidade cuja dor, mais particularmente noturna, é rebelde aos calmantes. E' preciso, algumas vêzes, recorrer à morfina. A sensibilidade à dor é, hoje, mais «afinada» que outrora e, por isso, a alveolite chega a constituir verdadeiro martírio. E a repercussão sôbre o estado geral do indivíduo é coisa rápida. Perde pêso, torna-se anêmico, sem ânimo para trabalhar, podendo ainda sofrer perturbações de caráter. Felizmente, sua duração é limitada.

O TRATAMENTO PREVENTIVO — Os sofrimentos causados pela alveolite podem ser atenuados — ou mesmo suprimidos — graças a um tratamento preventivo. E' preciso, antes de tudo, que a bôca esteja em perfeito estado, em caso de extração dentária. Isso se consegue, graças aos bochechos quentes de sopa de água oxigenada).

Recentemente, com o fim de impedir o aparecimento da alveolite, os dentistas tentaram injeções de penicilina por via subcutânea, de 600.000 unidades, no dia da extração e no dia seguinte à mesma. Os resultados foram favoráveis e em nenhum caso surgiu a alveolite.

Como se verifica, a odontologia moderna está garantida contra os acidentes do dente do siso e contra as dores que provoca. Isto, porém, não impede que sejamos prudentes. Se o leitor ainda não fêz essa «terceira dentição», deve vigiar atentamente o estado das próprias gengivas.



Ao alto — A formação junto do molar, ou «dente do siso». Em baixo — O «dente do siso» cresce primeiro obliquamente, deitado sôbre o quarto molar. Para sair, deve «escorregar» sôbre êste mudando assim de orientação. E' o que explica a dificuldade do nascimento do «dente do siso» e os acidentes que provoca.



EU DIGO O QUE PENSO

Por LILLI PALMER

(*Estrêla do palco e da tela*)

"Quem é amigo de todos, também dos maus..."

MINHA mãe nasceu nas margens do Reno, onde o povo é alegre e *se deixa levar* com poucas palavras; onde bebem muito e bom vinho e não cuidam muito de saber com quem estão falando. Quando eu era uma menina ouvi dela, certa vez, um utilíssimo aviso — especialmente quando eu voltava para casa, chorando "porque alguém dissera não gostar de mim e perguntando como podia fazer para que essa pessoa viesse a me estimar.

— *Quem é amigo de todos, é também dos maus...* — disse-me ela, serenamente. E explicou-me: *"Muitas vêzes, ter um inimigo é grande honra"*. Depois acrescentou: *"Onde há muito sol, tem que haver muita sombra..."*

Interpretei tais idéias à minha maneira. Não procuro ser implicante, nem antipática e muito menos agressiva com os próximos, mas da mesma forma não faço grande esfôrço para ganhar elogios e amizades. Sempre digo o que penso, mesmo quando disso possa servir para me tornar impopular, pois acredito que dizer o que pensamos é o essencial, principalmente quando tomamos parte numa controvérsia. Jamais me resignei a ficar para trás, calada e encolhida, pelo temor de *pisar nos pés de alguém.*

O perigo de se mostrar muito atenta ao que os outros possam pensar de nossas idéias foi poderosamente ilustrado na peça "Death of a Salesman". O autor apresenta como a causa principal da desmoralização do seu herói o fato dêle ter grande cuidado com os próprios atos e palavras, com o intuito de se fazer geralmente estimado. Tinha medo de forjar algum inimigo — e isso apressou a sua destruição!

Minha mãe tornou-me imune a êsse mêdo desde os meus primeiros anos. Ninguém pode seguir a própria vida fazendo sòmente amigos! Isso foi o que compreendi desde cedo.

Se, por uma boa causa, conquistamos um inimigo, devemos aceitar o fato. Desde que tenhamos a consciência limpa, sentiremos haver fortalecido não apenas a nossa determinação, mas também o nosso caráter.











VOCÊ

Cientistas universitários afirmam que ter boas horas de riso e alegria é tão necessário como comer e dormir. Eis o que êles encontraram para ajudar a Humanidade a ter dias melhores — e a viver mais tempo.



A Ciência acaba de descobrir que a alegria — a alegria comum, mas diária — é parte essencial na nossa vida. Quanto mais nos divertimos em jogos e recreações, mais bem ajustados havemos de ser, mais mentalmente alerta também melhor desempenharemos os nossos deveres... e mais tempo viveremos. Estudos meticulosos revelaram que o ingrediente alegria — coisa que chega a ser extraordinàriamente rara em certas pessoas — é tão importante para a saúde física e mental, como o dedicar horas apropriadas para o sono e ingerir alimentação adequada.

E, justamente, porque consideram o riso tão essencial para o nosso bem-estar geral, psicologistas e sociologistas em famosas universidades e institutos de pesquisas realizaram sérios estudos e investigações a fim de conhecer a fundo a questão. Conseguiram descobrir, dessa forma, quanto o riso e a alegria podem afetár a mentalidade e o físico dos indivíduos. Hoje podem dizer, igualmente, o que provoca mais alegria na maioria das pessoas. Conhecem também que sexo é mais alegre — *e por quê*. Sabem que há pessoas que estão sempre alegres, com ou sem motivo. E, ao contrário, outras, jamais sentem vontade de rir.

E, por acaso, se você deseja ter mais alegria e rir mais, os cientistas terão o maior prazer em revelar o segrêdo. Vamos questioná-los, a serviço dos nossos leitores:

— POR QUE O RISO E' IMPORTANTE? — Exaustivos estudos realizados pelo Dr. E. J. Kepler, na "Clínica Mayo", de Nova York, revelaram que "brincar", com palavras ou movimentos, tem muito maior efeito sôbre o nosso cérebro e o nosso corpo do que muitos poderiam imaginar. Êsse cientistas estudou os efeitos de vários tratamentos em centenas de pacientes, que, embora não tivessem nada orgânicamente errado, sentiam-se crônicamente inferiores, estavam constantemente cansados e haviam perdido a capacidade de apreciar a vida. Pôde assim descobrir o único método de tratamento para essas pessoas e que, pôsto em execução, foi considerado totalmente eficaz na "Clínica Mayo".

O indivíduo aflito deve reorganizar a sua própria vida, que sofra consistentemente a influência de quatro fatôres. Êsses fatôres são: Diversão, Trabalho, Amor, Impulso (Devoção a alguma coisa maior que si próprio). Nem uma só dessas influências poderá do-

RI BASTANTE?



minar... a expensas de outra. Desde que tal aconteça, surgem as perturbações.

A vida dos pacientes do Dr. Kepler passavam imediatamente a ser decididas como numa balança. Freqüentemente um dos quatro fatôres está inteiramente ausente — e às vêzes ocorre que êsse ingrediente é a *Diversão*. Logo que a balança é restaurada, os sintomas do paciente melhoram.

Muitas pessoas consideram o riso ou as coisas alegres como uma frívola e desprezível perda de tempo. Porém o consenso dos principais estudos científicos revela que nada existe mais errado que êsse conceito.

AS PESSOAS QUE TÊM MENOS MOMENTOS ALEGRES E DE RISO ESTÃO MAIS PROPENSAS A SE TORNAR NEURÓTICAS DO QUE AS OUTRAS? — De fato. Estudos realizados pelo grande psiquiatra, Dr. David H. Finky, revelam que essa é uma verdade irrefutável. E acuradas investigações na Universidade do Estado de Ohio revelaram que os estudantes que se entregam *de coração aberto* às atividades recreativas são mais bem ajustados do que os calados e considerados "muito sérios" ou "muito quietos".

Brincar é, também, um bom exercício para os nossos impulsos criadores. Muitas vêzes os nossos trabalhos usam apenas uma pequena parte — algumas vêzes nenhuma — de nossos melhores talentos. Êsse poder criador, quando *engarrafado*, pode causar a sensação de abandono, tristeza e infelicidade. Rindo e gracejando podemos quebrar o envólucro da simulação e revelar realmente o que somos e o que valemos.

Brincar e rir, segundo nos indica o psiquiatra — é abrir uma válvula para as emoções. Serve como um caminho aberto para os impulsos primitivos e agressivos, que herdamos dos nossos ancestrais que viviam em cavernas — *e cuja agressividade era indispensável para a sobrevivência!*

Êsses impulsos podem permitir expressão salvadora nos jogos, nas competições esportivas, desde o futebol até ao jôgo de gude e também do *poker* ao jôgo de xadrez.

Se, porém, êsses instintos agressivos não se cingirem aos de caráter inocente e puramente divertido poderão, com certeza, provocar perturbações.

TEM O RISO EFEITO SÔBRE A LONGEVIDADE? — Autoridades médicas pensam que sim. "De fato — afirma o psiquiatra David H. Fink — estudos revelaram que a pessoa alegre e que está sempre rindo vive mais tempo do que as taciturnas. O riso força o relaxamento das tensões nervosas muito mais do que qualquer remédio jamais receitado. Muitas e muitas enfermidades nunca se desenvolveriam em caráter epidêmico se o povo agitasse um pouco mais a sua vida com jogos recreativos adequados".



Outra destacada autoridade assim resume numa sentença todos os descobrimentos científicos nesse sentido: "O riso é o melhor que podemos ter para prolongar a vida".

Entretanto, deve ser feita uma grande distinção entre o riso natural e o gargalhar forçado do mal educado, entr ea alegria natural e as atividades reveladoras de um indivíduo dissipado. As ltimas encurtam a vida, sendo um mórbido substituto do riso natural e terríveis sapadores de vidas. Mais ainda: não proporcionam real prazer ou satisfação!

QUE É QUE PROPORCIONA MAIS ALEGRIA E FÔRÇA AO RISO? — Para encontrar resposta para essas perguntas, vários psicologistas da Universidade de Winsconsin, fizeram um inquérito entre numeroso grupo de alunas e alunos. Cada um dêles foi convidado a



escrever o que haviam feito nas três últimas semanas que lhes causara mais prazer e distração. Aqui estão as respostas, indicando o que mais apreciaram como divertimento.

1.— Contatos sociais — visita a amigos, encontros marcados, festas, conhecimento de outras pessoas, etc.

2 — Realização de algum desejo ou ambição.

3 — Jogos, esportes,diversões.

4 — Conversação, "excursões", correspondência jovial, anedotas, etc.

5 — Roupas novas, melhora da aparência pessoal, compra de acessórios de *toilette*, novos penteados, miudezas, etc. (homens e mulheres).



ORISO PREJUDICA A OBTENÇÃO DOS PRIMEIROS POSTOS NO COLÉGIO? — Na Universidade de Yale, após acurado confronto, os psicologistas puderam verificar que os estudantes mais risonhos e divertidos ocupavam as primeiras posições na maioria das matérias, vencendo sempre todos os testes organizados para a medida da capacidade mental.

QUEM MAIS RI? — Na Universidade do Winsconsin fizeram dessa pergunta assunto para uma exaustiva investigação. O resultado revelou que a maioria das pessoas se mostram mais risonhas... antes do casamento e nos primeiros anos da vida matrimonial, antes da chegada dos filhos. Depois seu quociente de riso sofre grande queda. Aparentemente o necessário aumento dos cuidados e das responsabilidades da vida da família, deixa menos tempo e menor energia (e dinheiro) para os programas recreativos e as diversões em geral. O mesmo inquérito revelou que as mulheres que trabalham fora, em escritórios e lojas comerciais são mais alegres e risonhas que as donas de casa. E, se acreditarmos nessas revelações do inquérito, as viúvas e as divorciadas devem ser situadas na base da lista. Elas quase não sorriem!

OS QUE DEITAM TARDE SÃO MAIS ALEGRES E RISONHOS? — Sim. Os mesmos estudos revelaram que as pessoas que dormem oito horas ou menos que isso têm mais horas de prazer e por isso são mais alegres do que as que dormem mais tempo. Geralmente falando, as pessoas que vão para cama mais cedo — ou nela permanecem até tarde — acham a vida menos agradável.

SÃO ALGUNS PERÍODOS DO DIA MAIS PRÓPRIOS PARA RIR DO QUE OS OUTROS? — Sim. Os estudos realizados na Universidade do Winsconsin revelaram que temos maior capacidade para rir e estar alegre durante o primeiro período da manhã (os primeiros 30 minutos depois do despertar devem ser postos fora de consideração), assim como a primeira meia-hora da tarde. E' durante essas horas que recebemos os mais fortes abalos físicos e transtornos morais. São essas as horas mais difíceis para o indiví-

duo que precisa rir... terapêuticamente. Essa capacidade para rir sofre nova queda nas últimas horas da tarde. O estudo revela que nada do que possamos fazer será tão alegre e divertido como se feito em qualquer outra hora do dia.

EM QUE MÊS DO ANO NOS DIVERTIMOS MAIS? — Um estudo psicológico em alta escala revelou que a alegria é mais contagiosa nos últimos e nos primeiros meses do ano. De fato, essa alegria também se manifesta nos meses de maio, julho e setembro, talvez porque sejam os meses de maior esperança, os meses de mais casamentos, como aquêles já citados, do fim e do princípio de cada ano, pela proximidade das festas do Natal, Ano Novo e Carnaval.

RIEM OS HOMENS MAIS QUE AS MULHERES? — Sim. E' o que afirmam os pesquisadores da alegria humana. De fato, estudós realizados na Universidade da Carolina do Sul e também na de Wayne revelaram que as mulheres não se divertem tanto entre si, como fazem os homens. E há um punhado de razões para isso. Os investigadores declaram que as mulheres, de tôdas as idades, têm uma acentuada tendência para se tornar mais conscientes, mais "centralizadas" e mais sujeitas a sentir-se deprimidas e irritáveis do que os homens. Tais tendências tornam mais difícil para a mulher "deixar correr o barco", esquecer certos fatos e mostrar-se alegre.

Mais ainda: as alegrias e diversões femininas são em geral prejudicada por mil e um pequeninos detalhes, físicos e morais, que os homens desconhecem (felizmente). As mulheres fazem mais questão de se mostrar mais atingidas do que os homens, mesmo pelos fatos e coisas mais insignifican-









tes e, segundo afirmam os pesquisadores da Universidade de Wayne, *há muito mais coisas que as irritam e deprimem.* Em geral "reagem com desagrado além do esperado aos menores gracejos e desatenções..."

Outro vasto inquérito, realizado na Universidade de Cincinatti, revelou que as mulheres poucas vêzes se mostram alegres, fora das horas das refeições. Ao mesmo tempo que são as maiores apreciadoras dos pratos (para comê-los) são também as que mais "torcem o nariz" diante dêles, do seu aspecto e sabor, criticando-os implacàvelmente.

E' interessante — incidentalmente — acentuar que muitas mulheres concordaram inteiramente com os resultados apontados pelo inquérito. Segundo recente inquérito realizado pelo magazine "Fortune", as mulheres reconhecem que os homens são mais alegres, sabem rir mais e melhor e, ainda, são mais engraçados.

COMO E' POSSÍVEL RIR MAIS? — Muita gente se queixa de não ter alegria, embora não lhe falte tempo, dinheiro e oportunidade... *e desprendimento.* Os psicologistas, porém, explicam que a culpa cabe, inteirinha, à atitude mental, *má*, do indivíduo. A pessoa que está sempre prêsa de algum ressentimento (o que sofre da mania de perseguição ou que tem complexo de inferioridade, por exemplo) raramente pode rir; indivíduos hipercríticos, podem entrar para o mesmo grupo; da mesma forma os tímidos, os taciturnos e os ultra-centralizados, os que *se escondem dentro do seu próprio eu.* Tais atitudes fazem que seja quase impossível a uma pessoa alegrar-se — *mesmo que se esforce.*

Muita gente não é alegre e, portanto, não ri, simplesmente porque uma consciência mal dirigida não consente. Uma estranha sensação de culpa os imobiliza quando se resolvem a perder um hora divertindo-se, afastando-os das pessoas e lugares de maior alegria e onde também poderiam rir e passar horas alegres. Avaliam que estão perdendo horas que bem poderiam ser gastas em proveito próprio, melhorando o seu eu ou "fazendo qualquer coisa *construtiva*". Passar algumas horas rindo parece-lhes errado. Não compreendem que o riso é também construtivo e até mesmo necessário para uma personalidade bem-equilibrada. Tanto *ou mais* que o trabalho.

Um meio de aumentar essas horas de riso e alegria, que colocam o indivíduo *como parado fora da vida,* é inventariar cuidadosamente as coisas que nos causaram maior alegria e vontade de rir nas derradeiras semanas — e então arranjar as coisas de modo a repetir a "dose".

Talvez a mais importante pesquisa feita a respeito das causas da *anhedonia* (êsse é o têrmo que os psicologistas usam para descrever a inabilidade para rir) foi realizada pelo Dr. Abraham Myerson, já falecido. *Seus estudos revelaram que isso é causado principalmente pelo fato do indivíduo colocar todos os seus interêsses e esperanças NUM SÓ CÊSTO — e se alguma coisa acontecer com êsse "cêsto"...*

O Dr. Mayerson citava alguns exemplos típicos: o homem que vive desejando ser promovido de um pôsto para outro e tanto se apaixona que não pode pensar em outra coisa, arruinando a sua capacidade de ser alegre quando tal pôsto é oferecido a outra pessoa.

A vida se torna ruim e insossa. Quando essa atitude cessará — muitas vêzes é temporária, mas também pode tornar-se crônica — depende da sua personalidade. Se está profundamente introvertido, poderá permanecer assim indefinidamente, colorindo seus panoramas com um pessimismo mórbido totalmente isento de alegria. Se é um extroverto e otimista por natureza, poderá recuperar-se depressa.

Sempre, a vítima típica de *anhedonia* é um homem cuja vida está dominada por um único objetivo ou desejo. Quando descobre que o objetivo está bloqueado, passa a considerar que perdeu o prazer de tudo e até de viver.

Outro exemplo é dado pela mulher cuja vida está totalmente centralizada em redor do filho. Repentinamente êle se afasta de sua vida — e que acontece então?

Ela se torna profundamente *anhedonica* — a sua vida perde todo sabor e nada lhe causará alegria ou satisfação. O alimento que come não tem gôsto, os dias mais ensolarados são tristes e desagradáveis.

*

O melhor caminho para prevenir a *anhedonia* é evitar ter um horizonte curto e estreito. E' variar os interêsses. Aumentar o escopo de nossas emprêsas e desejos. Assim, se um dêles se torna impossível, nem por isso levará tôda a nossa alegria de viver e a habilidade para rir...

Apesar de criticado por alguns, como parvoíce ou frivolidade que nos faz perder tempo, o riso é, atualmente, vital para o nosso bem-estar físico e mental. E, se o leitor tem rido pouco, ùltimamente, deve tratar de arranjar ambiente e interêsses que o façam rir muito. *E quanto antes!*

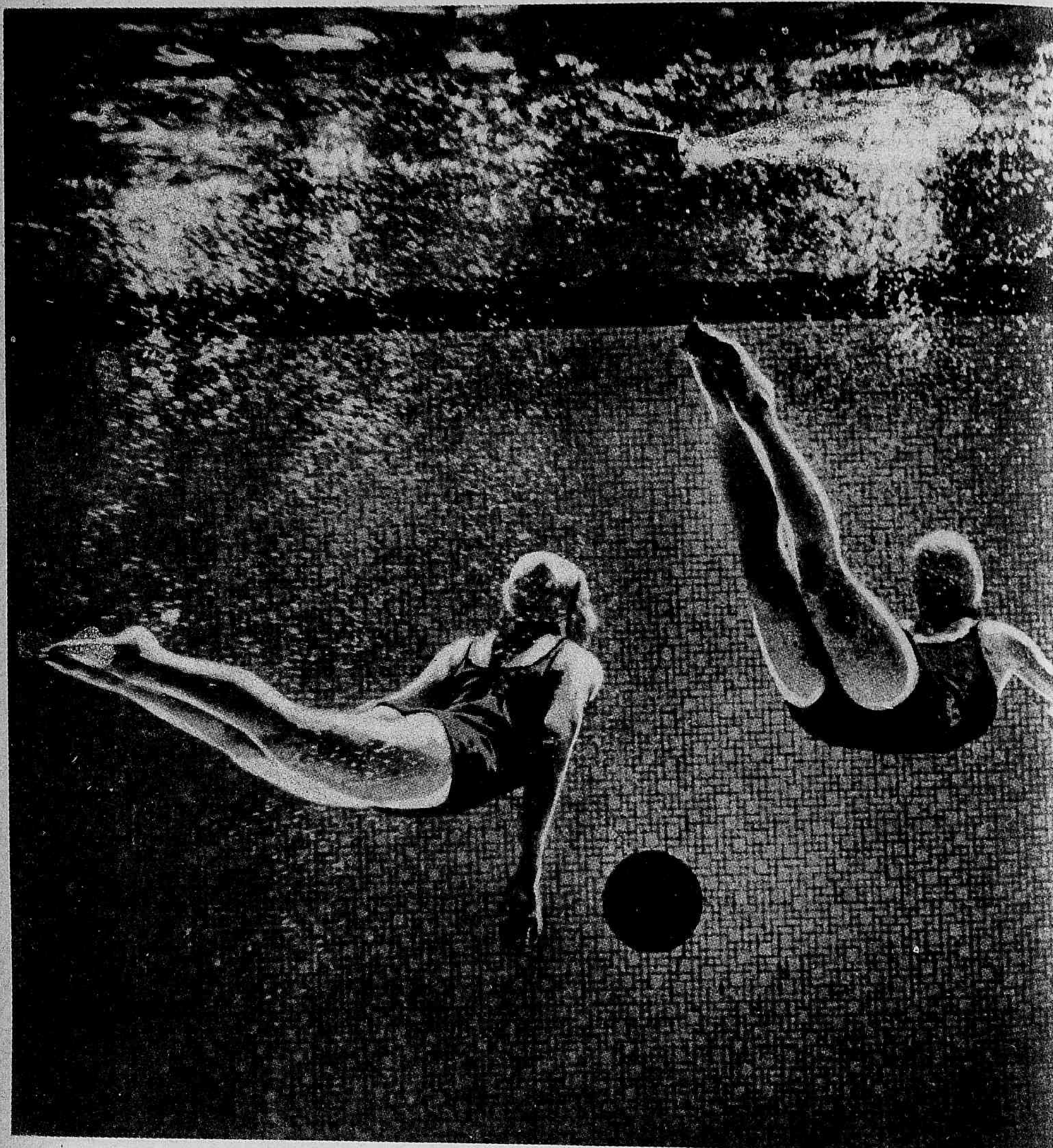


O HOMEM PODERÁ VIVER DEBAIXO D'ÁGUA



VIVER sob a água é um privilégio que a Natureza negou totalmente ao homem. Ao cabo de noventa segundos de imersão ("record" muito notável), o melhor nadador europeu se viu obrigado a sair do fundo da piscina, voltando à superfície em busca do ar livre.

São conhecidos os pescadores de esponjas da Sirte de Gabes, tanto quanto os pescadores do Ceilão, que podem permanecer no fundo da água até três minutos — e mesmo mais; porém quando voltam à superfície deitam sangue pelo nariz e ouvidos. Isso, naturalmente, porque o nosso organismo, que possui consideráveis reservas de combustível em forma de gordura e de glucógeno de fígado, está quase desprovido de oxigênio.



Na verdade, sòmente o sangue é capaz de acumular uma pequena quantidade do precioso fluido; parte por dissolução e parte por fixação na hemoglobina dos glóbulos vermelhos.

Porém o sangue arterial, saturado de oxigênio até noventa por cento, depressa se esgota, enegrece e tem que volver, imperativamente, a vivificar-se nos pulmões.

ENXERTOS DE GUELRA

Há remédio para essa desvantagem? São muitos os vegetais e os animais submersos que "se arranjam" para absorver o oxigênio dissolvido na água e para libertar-se do seu gás carbônico.

Quais? São muitos e, entre êles, podemos contar, em primeiro lugar, os animais de guelra. Os crustáceos e todo o imenso exército de peixes são exemplos familiares.

Nêles, o sangue, ao circular sob uma membrana delgada, muda seus gases viciados pela água ambiente. Dêsse modo fica assegurada a evacuação do gás carbônico e ao mesmo tempo a introdução do oxigênio. A Natureza diminuiu, prudentemente, as guelras dos peixes. Ao contrário, o crustáceo possui guelras provisórias no ex-

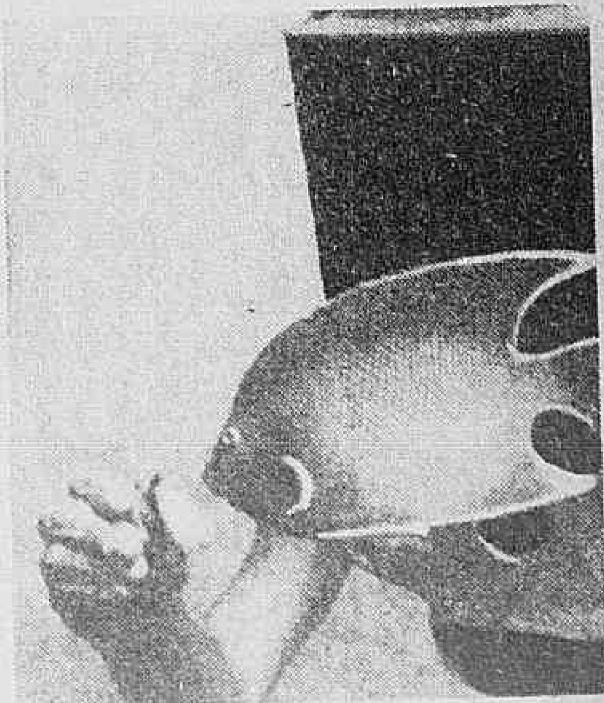


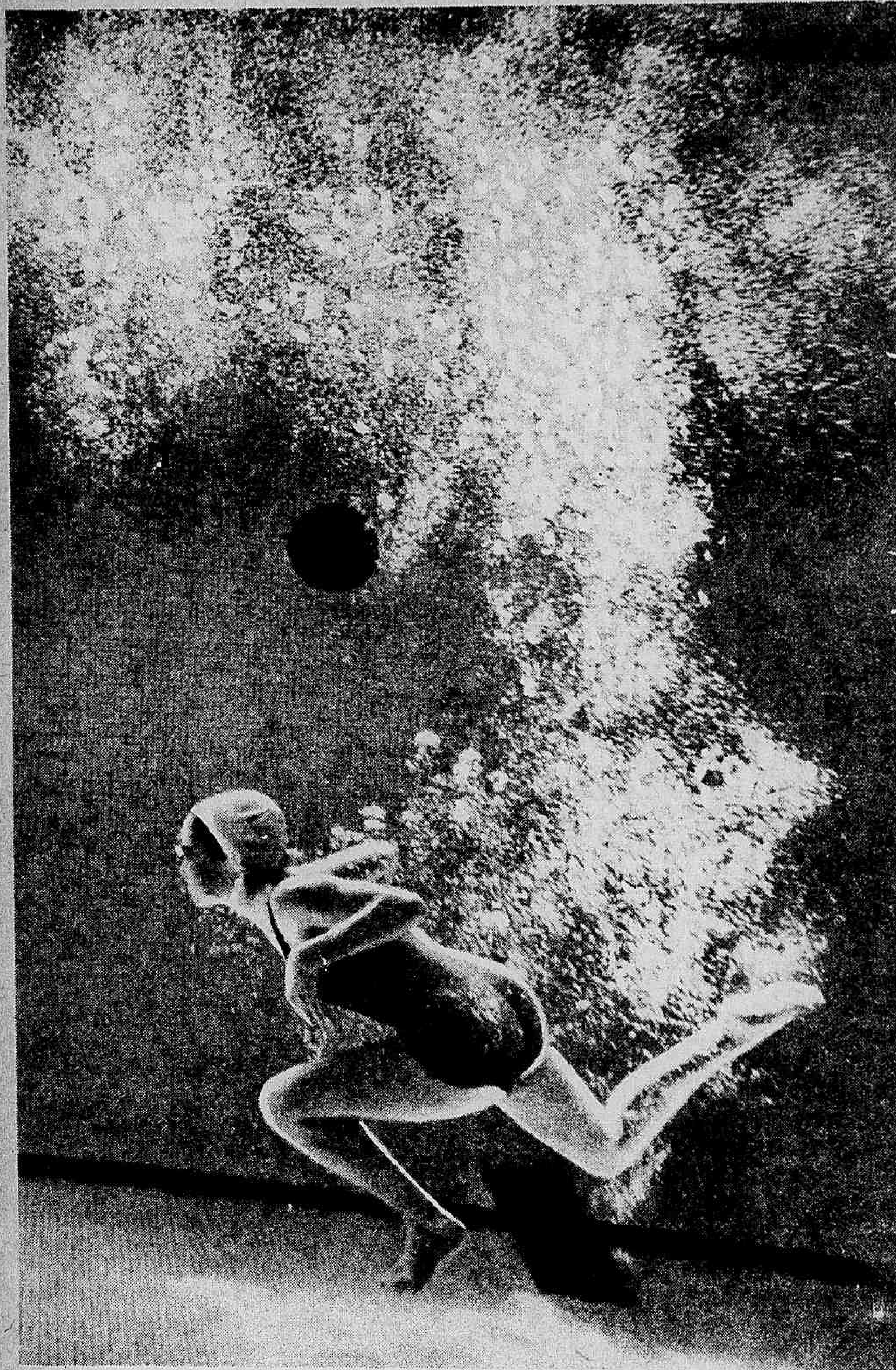
terior do seu corpo em forma de uma espécie de crista.

SERÁ POSSÍVEL, ALGUM DIA, ENXERTAR GUELRAS NUM SER HUMANO?

A pergunta poderia parecer fantástica... há quarenta anos; porém os progressos da cirurgia são atualmente tão rápidos que permitem suposições que à primeira vista parecem absurdas.

A sutura dos vasos grossos e dos nervos, (principalmente dos nervos tróficos, que presidem a vida vegetativa do órgão) não é, tècnicamente, impossível. As dificuldades proviriam mais da necessidade de fazer viver em íntima união o corpo humano um órgão procedente de uma espécie diferente. Por enquanto essa operação ainda não foi feita. Algumas experiências, realizadas por Mr. Leon Bi-





net, da Esc. de Cirurgia de Paris, auxiliado por seus discípulos, tiveram animadores resultados, pois que o eminente professor conseguiu que animais superiores, como o cão, vivam quase sem respirar, graças a uma saturação de oxigênio.

O EXEMPLO DA ARANHA D'ÁGUA

Alguns animais subaquáticos, organizados para viver normalmente ao ar livre, conseguiram passar dias inteiros nas profundidades da água, graças a um sistema de atmosfera auxiliar.

O caso mais célebre é o da aranha d'água, a famosa "aranha de cristal" celebrada por Maeterlinck.

Em algumas larvas de insetos, como essa, tão feroz, da libélula, e nos arnídeos, existem guelras estriadas, nas quais se agrupam pequenas bolas de ar.

Êsse ar não é respirado pelo animal, *literalmente*; porém êle se beneficia do oxigênio que contém, sendo que as bolhas de ar, em contato com a água, formam guelras.

As larvas dos díticos e dos hidrófilos, que nadam na água de um aquário têm um aspecto brilhante, devido a uma capa de ar, que retêm em sua película envolvente e que faz para elas as vêzes de atmosfera intermediária.

O "argironeto", a poética *aranha de cristal e prata*, constrói para si mesma, no fundo da água, um minúsculo sinozinho de imersão, feito de tecido impermeável, que vai enchendo de ar, bôlha a bôlha. Assim consegue permanecer várias horas nessa atmosfera auxiliar, que se renova sempre ao contato com a água. Depois, o animal perfura a parte alta do sino para tirar o ar viciado e substituí-lo por ar fresco.

Quem faz coisa melhor entre os escafandristas humanos?

EU RESPIREI A ÁGUA DO MAR!

Imaginemos, por exemplo, um escafandrista que circula pelo fundo do mar, equipado com uma máscara que comunica por meio de tubos com um depósito portátil, colocado sôbre os seus ombros.

Se nos limitamos a abastecer êsse depósito de membranas impermeável, embora seja ela bastante ampla, em contato com a água, as transformações gasosas serão demasiadamente lentas para satisfazer a respiração.

Porém, se completamos nosso depósito com uma bomba de pulverização, movida por um motor elétrico, as mudanças dêsse pó de água renovada e do ar do depósito serão extraordinàriamente rápidas. Será bastante fazer passar cento e cinqüenta litros de água por minuto (dois litros e meio por segundo), para assegurar, paradoxalmente, a respiração de um homem.

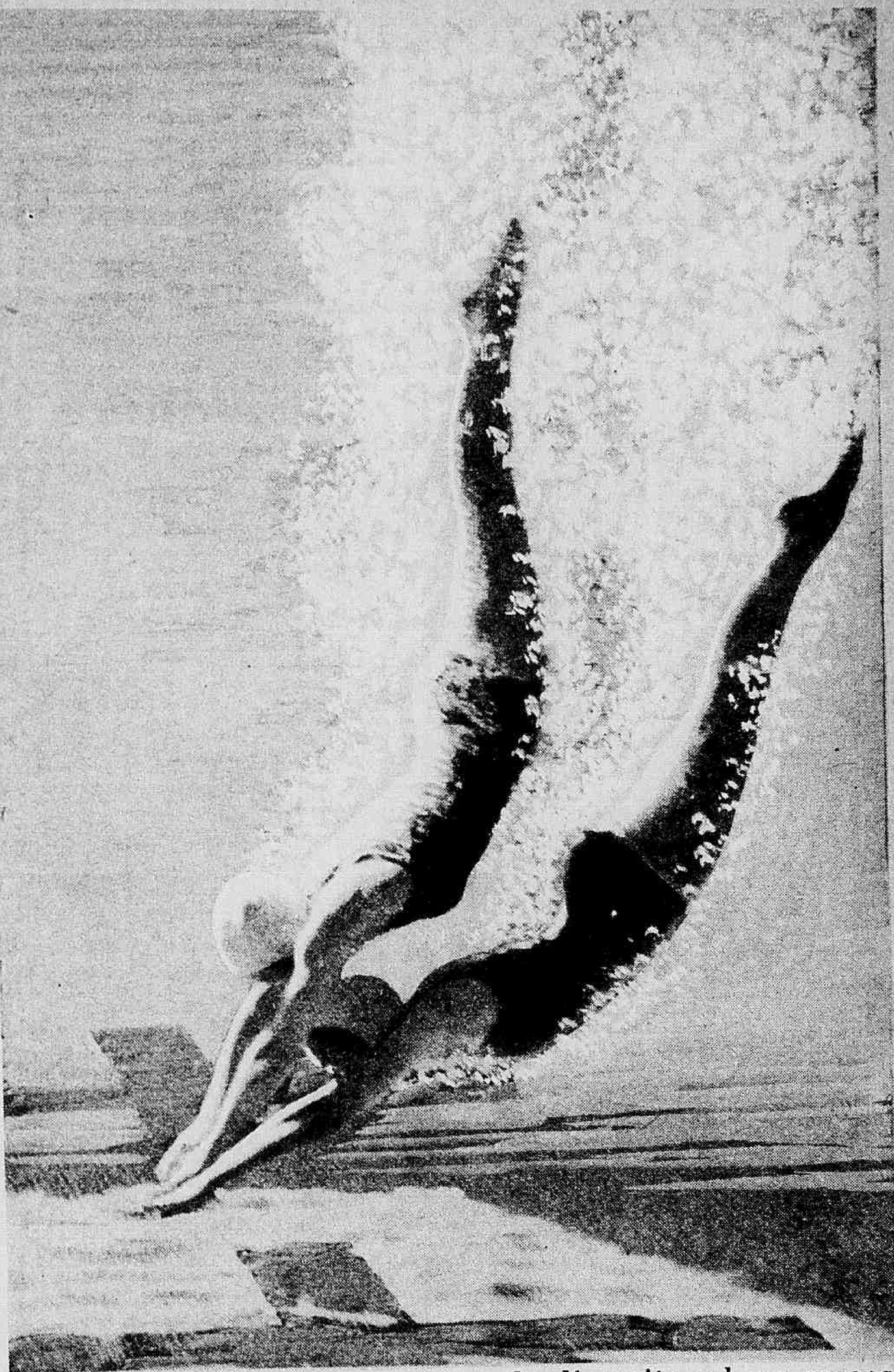
Infelizmente, isso não pode ser exigido da fôrça humana e daí tornar-se indispensável o emprêgo de um motor elétrico.

Entretanto, como para alimentar um motor elétrico é suficiente um fio delgado, talvez assistamos ao espetáculo singular que venha a oferecer um escafandrista, movendo-se por tempo ilimitado no fundo do mar, sem tubos nem nada, simplesmente unido à terra ou a uma embarcação, por meio de um fio elétrico.

O assunto, como é natural, causou grande sensação, quando o seu inventor, um francês, o apresentou à "Academia de Ciências de Paris".

O mesmo não oculta que a realização será dificílima para o homem, devido ao grau relativamente elevado de pureza, que se exige do ar respirável; admite-se até que uma determinada massa de ar natural pode ser respirada sem inconveniente, apenas por duas vêzes.

Não ocorre o mesmo a bordo dos submarinos, onde a pureza do ar que reclamam os motores Diesel é muito menos elevada.



Com êsse sistema de extração do ar viciado poderiam ser facilitadas novas e curiosíssimas realizações, começando pela fantástica incursão sob os gelos polares, coisa que há uns quinze anos foi tentada pelo submarino especial chamado "Nautilus" (em homenagem a Júlio Verne que primeiro imaginou essa façanha com a sua obra "Vinte Mil Léguas Submarinas"), e que hoje se poderia voltar a tentar, agora porém com maiores probabilidades de êxito.

De qualquer maneira, está a Humanidade diante de outra era de explorações portentosas.

No correr da última guerra, os "homens rãs", grupo de patriotas italianos, munidos de roupa especial e máscaras com tubo respiratório flutuante, nadavam sob as águas muitas centenas de metros, até às belo' aves inglêsas, ancoradas no interior de portos bem defendidos por minas submar nas e fortalezas poderosas, a fim de colocar cargas de dinamite sob os cascos das mesmas, que não tardavam a saltar inutilizadas.

Os Estados Unidos, adotando essa prática, desenvolveram com os seus extraordinários recursos a perigosa prática e atualmente contam com um corpo de "homens rãs" com muito maior raio de ação e superior poder ofensivo.

Em tempos de paz, nas praias e enseadas mais belas do mundo, inclusive entre nós, de norte a sul, e principalmente em Icaraí, Cabo Frio, Copacabana, Leblon, etc., centenas de homens e mulheres, adultos e adolescentes se entregam ao emocionante esporte da pescaria submarina, com armas especiais, indo buscar as grandes prêsas a 10 e 15 mts. de profundidade.

CONSENTIRIA

OS problemas da eutanásia apaixonam, neste momento, mais que nunca, o mundo inteiro... E muito nos surpreenderíamos que, lendo o presente artigo, você não o comentasse em casa, com a família e também com os amigos, no escritório, em tôda parte...

Todo o mundo leu — e comentou com calor — o caso sensacional da filha que matou o pai, para que cessasse de sofrer, fato que emocionou principalmente a população de Pôrto Alegre, onde o drama ocorreu. E, como êsse, muitos outros, aqui mesmo ou um pouco adiante, por todo o mundo civilizado. No estrangeiro, um dos casos mais emocionantes, sem dúvida, foi o chamado "Caso Sanders". Todos leram que êsse médico norte-americano acabou sendo absolvido depois de haver — conforme confessou — "acelerado" a morte de uma doente.

Mas a bem dizer, o caso não foi julgado *a fundo*. Nesse processo Sanders, de fato — e porque os advogados tiveram medo da enormidade da questão — não ousaram tratá-la, em seus debates, *até ao fim*, tendo simplesmente passado "de lado", de sorte que o problema permanece intato.

Sanders afirmou que *não se considerava culpado*. E seus defensores logo procuraram salvá-lo, declarando que a vítima "teria morrido *de qualquer maneira*"; que, fôsse como fôsse, a injeção fôra dada *quando a agonizante já podia ser considerada defunto;* que, em tais condições, não tinha havido assassinato e que, não estando o fato provado, tornava-se difícil discutir com o médico sôbre o seu direito de assim agir. Dessa forma o acusado contornou o perigo e pôde escapar à condenação; mas a verdade é que os debates *contornaram* o problema...

Lemos, mais recentemente, nos jornais que uma senhora, não suportando mais ver o sofrimento de um irmão, a quem muito amava, matou-o, pondo um fim ao seu martírio.

Ainda no dia 7 de maio último, os jornais publicaram um telegrama vindo de Haia, Holanda, relatando que um homem de 33 anos, em Eidhoven, apresentou-se à polícia, declarando que obrigara seu filho, de dois anos e meio, considerado incurável pelos médicos, a engolir dose mortal de um suporífero. Foi para aliviar o sofrimento da criança que o pai tomou a decisão de matá-la. Êsse é o segundo caso de eutanásia, assinalado na Holanda, o outro tendo ocorrido, na mesma cidade de Eidhoven em março último, quando um médico foi condenado a um ano de prisão por ter, propositadamente, administrado doses mortais de morfina a seu jovem irmão, atacado de tuberculose e julgado incurável. E assim os atos de eutanásia vão sendo praticados! É de se jurar que assim se criam as modas ou, mais exatamente, os contágios. Mas não pensem que terminamos de registrar casos análogos. Como, na verdade, não ficar emocionado?

*

Podemos considerar a eutanásia sob três ângulos: do ponto de vista religioso, do ponto de vista psicológico, e do ponto de vista social. O que faz com que sempre apaixone as pessoas, que a discutem com ardor, é, justamente, que essas pessoas sempre misturam os três pontos. E entram a se combater... *porque não falam da mesma coisa.*

VOCÊ QUE O MATASSEM?

Do ponto de vista religioso, é fora de dúvida que não há utilidade em interrogar um padre, seja qual fôr sua religião. A sua resposta já está traçada antecipadamente e não tem êle o poder de mudá-la.

Diz o Evangelho: *"Não matarás!"* E' pecado mortal suprimir a vida e, em nenhum momento, o Cristo deu a seus ministros o direito de sustar essa interdição.

Ninguém tem o direito de tomar em suas mãos a vida de um ser, *nem sequer a própria!*

Pode haver casos em que se justificaria o suicídio por graves e terríveis razões. Por exemplo, quando um ser verdadeiramente desesperado é arrastado a uma situação para a qual não vê saída (porque o suicídio por simples desgôsto da vida é uma estupidez, dado que a vida muda e traz, mais cedo ou mais tarde, novas esperanças)... Mesmo então, a religião proíbe o suicídio. E os Inglêses, protestantes, vão ainda mais longe. Entre êles o suicídio é um delito. Censuram aquêle que escapou de haver "atentado contra a própria vida". Dizem que êsse indivíduo "tentou roubar a própria vida". Ora, se êle "roubou" é porque não admitem que a vida lhe pertença... Portanto, se não podemos tomar (ou roubar) nossa própria existência — sôbre a qual admitir-se-á, até um certo ponto, que temos um direito de *zêlo* — estamos mais proibidos, ainda, de suprimir a vida dos outros! A regra é categórica. Nenhum religioso poderá afastar-se dela! Entretanto, alguns espíritos sutis fazem objeções. Opõem a essa regra absoluta e evangélica, outra regra: *"Ama o teu próximo como a ti mesmo"*, e êsse conselho tão pouco seguido: *"Fazer aos outros o que desejarias que te fizessem". É do mais alto ponto* evangélico servir ao seu vizinho. E, quando se é testemunha, por exemplo, de um acidente terrível, se um dia — o que é freqüente nas grandes catástrofes ferroviárias — vemos um desgraçado ferido, que nada poderá salvar e que nos suplica que o matemos, não seria, num sentido, *evangélico* matar o desgraçado.

Os religiosos não concordarão; mas certos espíritos modernos dirão que sim, que é um ato de caridade *evangélica.*

E' bem verdade que um amigo desta redação a quem dizíamos ser nossa intenção escrever o presente artigo, nos revelou ter visto, na última guerra, um rapaz que recebera uma rajada de metralhadora no estômago — e não pode haver nada mais doloroso do que um tal ferimento! O desgraçado estava perfurado como uma escumadeira. Não tinha, verdadeiramente, qualquer possibilidade de salvar-se e, já quase sem fôrças, num último alento, suplicava que o matassem.

Em seu redor estavam duas dezenas de seus companheiros, todos êles armados, até aos dentes. Nenhum fêz um gesto...

Viu, igualmente, ainda durante a guerra, muitos feridos graves e que não tinham mais de duas horas de vida. Entretanto, nunca viu um médico, nem sequer (com mais forte razão) um camarada acelerar seu fim. O máximo que podemos pensar — e em nosso espírito é um



elogio que fazemos aos médicos — é que alguns têm a caridade, quando vêem um desgraçado absolutamente perdido, de o deixar morrer sem torturar ainda mais, prolongando-lhe a vida *em vão!*

Da mesma forma que há pecados *por ação* e *por inação,* poderíamos dizer, aqui, da eutanásia, que também pode haver *por inação.* Vimo-la em várias ocasiões. Sem dúvida, na guerra e em muitos outros casos, os médicos utilizam a morfina, com um desanimado levantar de ombros e dizem em voz baixa: *"Deixem... Não tem muitos minutos de vida..."*

Vimos, igualmente, no nosso círculo de relações, um grande médico, de quem guardamos o mais profundo respeito e estima, e que podia ganhar uma pequena fortuna, operando *inùtilmente* uma enfêrma de câncer, dizer:

— Ela tem vida apenas para um ou dois meses mais. E' possível que, operando-a, eu possa prolongar-lhe a vida por outros dois meses. Porém isso seria ao preço de atrozes sofrimentos. Ela já passou o ponto em que podia tomar, ela própria, uma decisão. Acresce que é uma grande cristã, maravilhosamente resignada à morte...

Que decidiu a família?

Esta não tinha a menor intenção de herdar, mas concordou com o médico: era melhor deixar a enfêrma tranqüila!

E a santa criatura morreu dois meses mais cedo, *sofrendo menos.*

E' possível falar de eutanária? A nosso ver não se poderia fazer qualquer censura a êsse grande médico, que recusou lucro fácil para poupar a sua enfêrma sofrimentos inúteis.

Mas é um fato: encontraremos pessoas que responderão, de uma maneira um tanto teórica, *que era preciso fazer a intervenção,* proibindo essa eutanásia, *porque, se tal caso parece hoje desesperado, prolongando-se a vida do doente por um ano ou dois, podia haver a possibilidade de surgir o remédio salvador, que lhe conservasse a vida.*

Entramos, aqui, na casuística. Os descobrimentos não se processam dessa maneira rápida e dramática. Sem dúvida, vivemos uma época de maravilhas, pois que há alguns anos, a tifóide durava quarenta dias; matava geralmente os seus doentes ou deixava os desgraçados diminuídos para a vida. Graças à tifomicina, debela-se o mal, hoje, em poucos dias; ao mesmo tempo o doente não sofre mais os medonhos quarenta dias dêsse longo suplício que era a tifóide.

O mesmo ocorre em matéria de pneumonia; os efeitos da penicilina, das sulfamidas e outros processos são quase miraculosos. Tivemos, em nossa vizinhança, um caso de pneumonia que durou sessenta dias e no qual o atacado quase perdeu a vida. Atualmente é possível jugular o mal em 4 dias.

Porém tais descobertas não se concretizam em vinte e quatro horas. E, quando há eutanásia — no caso Sanders como em tantos outros — é que, realmente, uma pessoa sofre há muitos anos e os seus próximos parentes, num indiscutível movimento de caridade, pensam em suprimi-la.

Se há oposição, ainda assim, à eutanásia, não será talvez totalmente por uma razão religiosa. Poderá ser pelo que chamaremos, polida e irônicamente, de "espírito de família".

Em certas famílias ricas, ocorre prolongar-se a vida de alguns membros com relutância, e, talvez, também, *porque certos médicos dão prova de zêlo infatigável.*

E' conhecido o caso de certa família que ofereceu um baile na mesma noite em que sua avó *começou* a morrer.

Reuniram em redor do seu leito, sabe Deus quantos médicos especialistas e enfermeiros, e começaram a picá-la com injeções, a amparar-lhe a vida por todos os meios, *para que aguentasse quarenta e oito horas!*

Foi uma noite emocionante. Todos os convidados aguardavam a notícia e cochichavam entre si, perguntando se iriam deter a distribuição dos *"petits-fours".*

O resultado foi realmente extraordinário, pois não sòmente a avó não morreu como um ano depois ainda vivia — para a maior consternação dos herdeiros.

Ela era imensamente rica! Na Europa, principalmente no campo, ninguém é *imensamente* rico, mas todos têm grande amor aos seus vinténs. E, no entanto, nem sempre essas "heranças aceleradas", de que os jornais europeus estão cheios, terminam nos tribunais. Algumas, porém, são tão violentamente executadas, que a justiça se ocupa e os jornais chegam a relatá-las em páginas inteiras.

Mas quantas outras passam ignoradas?

Entre certos camponeses brutais, a eutanásia é praticada pela projeção vertical da avòzinha... no poço!

Entre outros, mais prudentes, preferem *não cuidar do velho que teima em viver;* em último recurso privam o desgraçado de tôda alimentação! Enfim, não há dúvida de que lhe darão um *empurrãozinho,* com a ponta do dedo, se fôr necessário.

E' conhecido o sermão que o povo de uma aldeia francesa, ouviu, certa vez. O fato ocorreu na aldeia de Dordogne.

O cura subiu para o púlpito e disse aos seus ouvintes:

"— Espero que todos tomem boas resoluções para o ano novo, que se aproxima. Não posso afirmar que todos estejam destinados ao inferno, mas há, nesta paróquia, muita gente que faria bem procurando ser melhor, se quer realmente comparecer diante do Senhor. Não sou eu quem irá infringir o segrêdo da confissão; mas, se eu falasse, haviam de ouvir *lindas coisas!*

"Desejaria ouvir de alguns (não os designarei...) a promessa de que não continuarão a *apressar* a morte de seus maio-



res. Houve, nesta comuna, bom número de casos em que pessoas idosas e dispondo de certa fortuna foram chamadas ao seio de Deus... *que não as esperava tão cedo...*"

E' preciso desconfiar das famílias, sem o que o *coqueiro sôbre o qual estão instalados os avós, os tios e outros parentes idosos e ricos, talvez recebam violentos empurrões...*

"Se se admitisse que uma só pessoa, influenciada pela família, pudesse desejar *acabar* com os sofrimentos de um avô bem recheado de francos, a mortalidade dos velhos aumentaria, na França, de vinte e cinco por cento..."

Isso, pelo menos é o que afirma *Alain Janvier*, de cuja crônica sôbre a eutanásia em geral — e particularmente em sua pátria extraímos essa e outras informações.

E acrescenta:

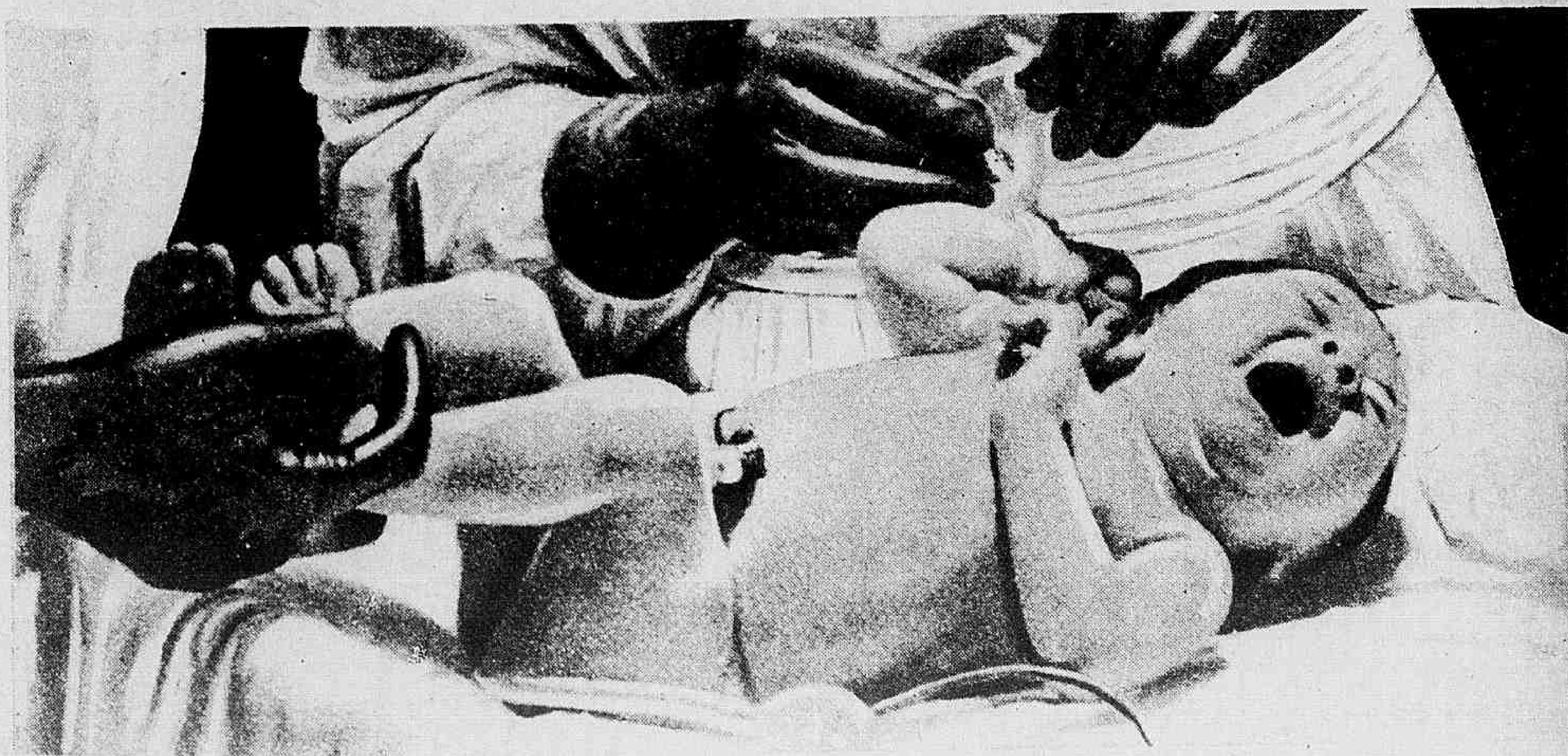
"— Devemos admitir que isso foi o que ocorreu em numerosos casos, em matéria de alienação mental. Há, sem dúvida, na França, uma maioria de *loucos verdadeiros*; mas há, igualmente — e vemos isso entre os inventores em particular — loucos completos e que, no entanto, ninguém se lembrou de trancar num asilo!"

Mas não só em Paris. Em tôdas as grandes cidades vemos muita gente falando em plena rua. E quando se conta "a última" de algum dêsses loucos, é apenas para provocar o riso geral.

Mas, quando sabemos que alguém, riquíssimo, foi considerado "incômodo" por sua família, que acabou internando o desgraçado e se assenhoreou dos seus bens, essa *forma atenuada de eutanásia* sempre nos deixa uma impressão angustiante.

Em tais condições, que decisão tomar?

Sempre nos surpreendemos, quando ouvimos dizer: "*Fulano foi ser aviador? Mas é um louco! Pode morrer!*"



Perdoe-nos o leitor. Mas admita, por um instante apenas, que dentro de cinco anos, de dez anos, venha a ser vítima de uma dessas enfermidades terrìvelmente dolorosas: câncer, nevrite, tabes, etc... Não havendo nenhuma esperança de se salvar, consentiria que a família e um médico tomassem a decisão de o matar?

Mesmo os médicos ouviriam a sua resposta com ceticismo.

Alguns, por certo, diriam: "Podemos deixar, como temos feito, pílulas soníferas à disposição de um enfêrmo, dizendo-lhe, ao mesmo tempo: *"Não deve tomar tal dose, pois ela seria mortal!"* E acrescentariam:

"— Em nenhum caso o cliente praticou ou praticará o suicídio..."

Que resta fazer, então?

A morfina em alta dose?

E, se o doente mesmo pedir que lhe tirem a vida, como a cliente do Dr. Sanders?

Mais uma vez: *não podemos admitir que uma família, apenas, tome a decisão.*

Porém já outros chegam a propor:

"— E' preciso pensar, examinar bem o caso... Que a eutanásia possa ser praticada, regularmente, por um grupo de três médicos no mínimo, a fim de evitar qualquer fraude — *e com o assentimento do enfêrmo."*

Agora repetimos: *Consentiria você que o matassem?*

Pergunte a mesma coisa aos que éstejam em seu redor, e verá o que respondem.

★

NOTÍCIA SENSACIONAL

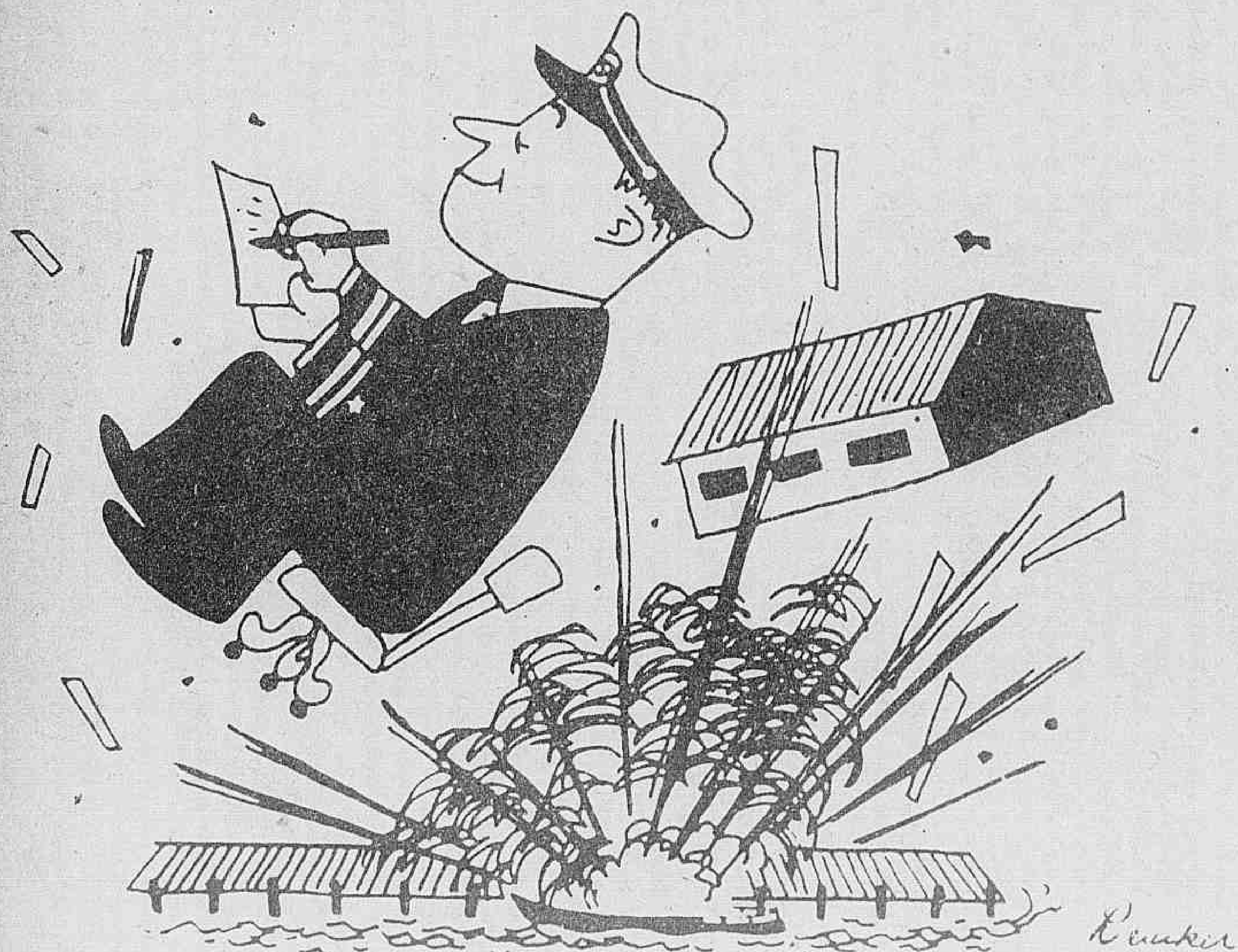
(Uma anedota de após-guerra)

Steve Trumbull, um jornalista da "velha guarda", homem de estilo *direto* e um tanto *salgado*, apesar da idade sempre conseguiu um pôsto em-comissão, no Departamento Naval. Entretanto, para começar, teve que ir para uma Escola Técnica de Redação, entre alunos e professôres muito mais jovens que êle. E' claro que ficou muito aborrecido.

Estando, um dia, numa aula de Correspondência Naval, foi surpreendido pelo instrutor que lhe apresentou um problema.

— "Tenente Trumbull — disse o jovem instrutor — vamos imaginar que o senhor é encarregado de relatar o seguinte fato: ontem, domingo, 13 de maio, um barco lança-minas estava recebendo combustível num "pier". Repentinamente uma de suas minas tomba, o barco explode e incendeia o "pier" e muitos outros navios ao mesmo encostados. Além disso, o depósito de munição explode. Grandes perdas em vida e em material resultam dessa imensa catástrofe. Para quem o senhor enviaria êsse relatório?

Não conhecendo a resposta correta, o Tte. Trumbull pigarreou várias vêzes e finalmente disse:



— Ao meu ver, isso seria suficientemente importante para que o relatório fôsse enviado diretamente para Frank Knox, o Secretário da Marinha.

O instrutor declarou que, embora não fôsse essa a resposta que esperava ouvir do aluno, talvez o acidente justificasse essa medida.

— Muito bem, tenente. — acrescentou — Nesse caso, como o senhor iniciaria êsse relatório?

Trumbull imediatamente começou a ditar:

"Palavra de honra, Frank! Queria que estivesse aqui, ontem à noite!"

FALA UM PADRE QUE VIVEU NA RÚSSIA

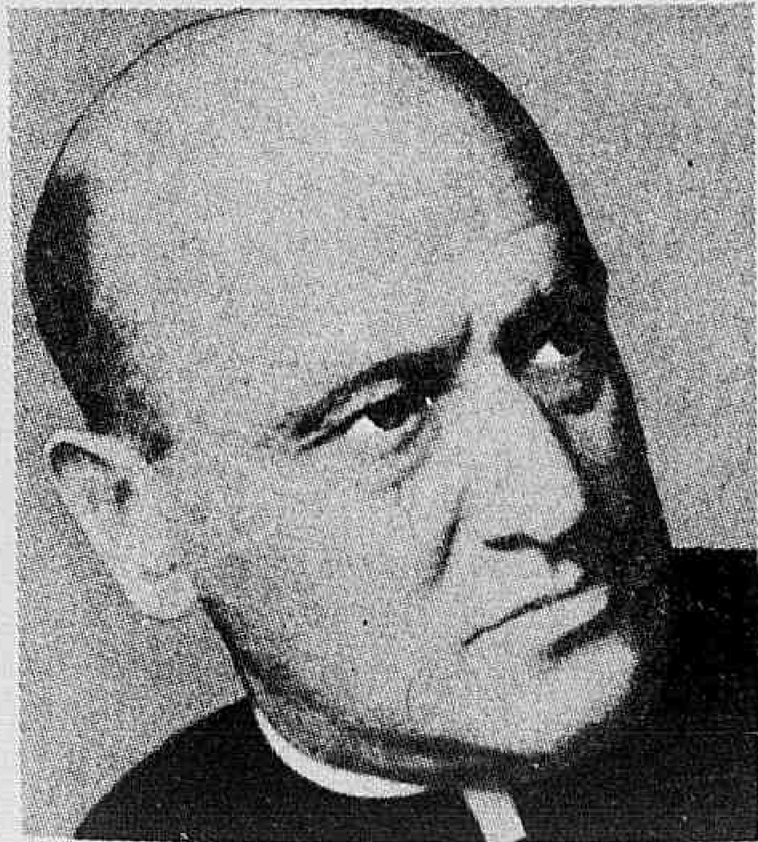
SE eu fôsse um escritor profissional, bem poderia embelezar esta história, com seus aspectos e incidentes mais dramáticos. Mas essa não é a minha especialidade e assim apresentarei os fatos simplesmente, *como os vi.*

Esta é a história de como Stalin tentou abolir Deus — e como foi derrotado. Hoje, finalmente, estou livre e posso contar como vi a espantosa história dessa tentativa desesperada, e também o secreto censo religioso na Rússia.

Muitos dos fatos que se seguem foram por mim conhecidos, como se diz geralmente, *em primeira mão,* pois que foi meu destino viver e trabalhar na Rússia Soviética, ininterruptamente, durante doze anos. Segundo acredito, êsse foi o mais longo período jamais passado por qualquer outro cidadão norte-americano naquele país.

Minha ida para Moscou foi, de fato, o resultado direto do famoso pacto Roosevelt-Litvinov, assinado em novembro de 1935, que levou os Estados Unidos ao reconhecimento da Rússia Soviética — sob certas condições.

Uma dessas condições especificava que os "nacionais dos Estados Unidos da América do Norte no território da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, teriam o direito de manter suas atividades espirituais, que seriam dirigidas por um pastor, um padre, um rabino ou outros funcionários eclesiásticos *que seriam norte-americanos natos...*"



Um sacerdote norte-americano, Reverendo Leopold Braun, que viveu 12 anos em Moscou, conta-nos pela primeira vez, a verdadeira história do «censo secreto» russo.

Fui escolhido como o primeiro padre norte-americano a ir prestar serviços na Rússia, porque os Agostinhos da Assunção (A. A.), ordem à qual pertenço sempre tiveram missionários na Rússia desde 1903.

Assim foi que, em 1º de março de 1934, cheguei em Moscou, como *capelão para os Católicos Norte-Americanos.* Note-se que eu entrara na Rússia com o intuito formalmente declarado de auxiliar o Bispo Pie E. Neveu, A.A., sediado na capital soviética. Pedira êle um padre norte-americano da mesma ordem, de acôrdo com o novo tratado russo-americano. Dois anos após a minha chegada, o bispo foi virtualmente expulso. Nessas condições, em razão da minha capelania, herdei as funções de Administrador Apostólico, tornando-me ainda pastor da Igreja Francesa de São Luís.

Aconteceu, porém, em 1937, quando os Bolsheviks fecharam as duas outras igrejas católicas de Moscou, ficar sendo, eu próprio, o único padre em tôda a cidade, que continha mais de 20.000 Católicos. Centenas de Russos ousaram penetrar em minha igreja, que é localizada bem em frente da OGPU-NKVD (Polícia Secreta).

O ÚNICO PADRE EM TÔDA A RÚSSIA

Cada vez que eu abria a bôca para falar do púlpito, em russo, francês ou inglês, meus discursos eram zelosamente taquigrafados por uma jovem funcionária. Sentada no centro da nave, com as pernas cruzadas e um bloco sôbre os joelhos, ela ou-







Alguns exemplos da propaganda anti-Deus promovida pelo govêrno russo.

sava trabalhar bem diante do meu nariz, anotando tudo o que eu dizia.

Em 1941 eu era, já então, o único padre católico a permanecer em tôda a Rússia, quando, antes da perseguição, éramos mais de 1.500! A respeito dos outros, tinham sido, todos, enxotados, presos, fusilados, exilados, encarcerados ou condenados a trabalhos forçados.

Permaneci em Moscou até ao dia 27 de dezembro de 1945. Durante a Conferência de Ialta, Stalin, pessoalmente, pediu a Roosevelt que eu "fôsse mandado para casa". Ao chegar o momento de partir, fui apanhado por um oficial da Polícia Secreta, que avisou-me: "*— Não se mova daquele avião soviético*". Compreendi que tinham preparado para mim uma "partida"... sem "chegada".

Devo a vida ao então Secretário de Estado, James F. Byrnes, que me recebeu a bordo de um "C-54", que se preparava para o levar de regresso à pátria, após a Conferência dos Ministros do Exterior, em Moscou.

Possìvelmente, Stalin imaginava que, em razão dos meus estreitos contatos e associações, eu aprendera muito a respeito das verdadeiras condições internas da Rússia. A verdadeira natureza do meu trabalho permitiria uma oportunidade única de ver por trás da fachada oficial da vida soviética. De fato, diàriamente eu via gente do povo, quase sempre ao visitar os enfermos em suas residências ou hospitais. Nenhum diplomata ou ministro plenipotenciário, em serviço na U.R.S.S. teve jamais uma oportunidade igual.

Ao prender todos os demais padres católicos, os Bolsheviks foram apanhados na sua própria armadilha, pois que isso levou todo o povo russo a ir bater à minha porta. O então embaixador dos Estados Unidos, Laurence Steinhardt perguntou-me, certa vez, se eu não podia achar um meio de "cessar de ter relações com os Russos". Mas, na realidade, eu não podia colocar à minha porta um cartaz com o aviso: "Proìbida a entrada aos Russos"!

Além dessa experiência de 12 anos, eu aprendi muitas outras coisas, que é da maior conveniência divulgar.

Desde o princípio os Comunistas haviam reconhecido a religião e a fé em Deus, como *o maior obstáculo ao seu progresso e necessidade de impor um têrmo tão materialista e um ditador do mesmo estilo*. E, desde o princípio, desencadearam guerra à religião em tôdas as suas formas.

Eis a razão do *dictum* marxista: "*A religião é o narcótico do povo*". Eis, ainda, o motivo da denúncia de Lenine contra "*tôdas as religiões contemporâneas, tôdas as igrejas e tipos de religião e organizações religiosas*". Eis também o eco saído da bôca de Stalin: "*O Partido não pode ser neutro em matéria de religião*".

ATAQUE GERAL — Um odioso sumário da política soviética está contido num cartaz reproduzido numa das inúmeras publicações anti-religiosas que se editam na Rússia Soviética ("*O Ateu no seu banco*", de 15 de fevereiro de 1931). Representa um menino Russo, membro da Liga Juvenil Comunista, levantando um punho fechado para o céu e gritando, ameaçador: "*Nós podemos subir ao Céu e dispersar todos os deuses!*"

De que modo poderiam os deuses ser dispersados?

Para responder a essa pergunta, é necessário conhecer e relatar uma das mais hediondas histórias da perseguição religiosa em tôdas as épocas.

Desde os primeiros meses do regime soviético, ou seja desde 1917, todo o meio concebível era empregado a fim de "dissuadir" os Russos da adoração. Não queriam saber se lidavam com Ortodoxos, Católicos, Protestantes, Judeus, Budistas ou Muçulmanos. Tôda denominação religiosa entrou a ser atacada por diferentes caminhos e formas. O Decreto de Separação da Igreja do Estado (1918), com tôdas as restrições e penalidades contra a Fé, foi rudemente aplicado.

Em 1929, uma legislação religiosa mais elaborada tornou tôda atividade religiosa e manifestações de fé virtualmente impossíveis, a despeito de tôdas as "garantias" oficiais. A OGPU-NKVD colocou os trabalhadores num programa de intimidação moral e física, que desafia qualquer descrição. Nunca houve, porém, uma condenação devido a qualquer crença religiosa. A acusação foi sempre feita sob a fachada de "contra-revolucionário"!

A mocidade russa foi sempre afastada de todo ensino religioso. Ao contrário, desde 1917, foi ensinado o ateísmo em tôda a cidade, vila ou aldeia da URSS. O Comissariado da Educação consagrou em todo o seu formidável aparelhamento ao ensino do ateísmo em tôdas as Repúblicas Socialistas. Crianças de tôdas as nacionalidades recebiam o seu ABC juntamente com cartões anti-religiosos. Filmes, jogos, debates, leituras, programas de rádio, folhetos enviados pelo correio, invadiram a vida privada das famílias, não sendo esquecido qualquer meio de afastar do cérebro do povo a idéia de Deus.

Nem uma só cidade russa, nestes últimos trinta anos, deixou de ver inaugurado um *museu anti-Deus*, invariàvelmente instalado num antigo templo, assim profanado. Todo parque de "Repouso e Cultura" teve os seus *meetings* anti-religiosos, dirigidos por agitadores pagos pelo Estado. O clero e tôda a possível combinação religiosa, defensora da Fé, sofreram horrores. Instituições religiosas, mosteiros, seminários e escalos foram desorganizados e destruídos. Além disso, durante êsses 30 anos, os Soviets procuraram forçar o calendário de



MOSCOU — 1930 — Soldados do Exército Vermelho retiram ícones de um velho mosteiro, no auge da campanha anti-religiosa promovida pelo govêrno soviético.

cinco dias de trabalho, *para tornar a visita aos templos pràticamente impossível*, pelo menos para as três maiores crenças: Cristãos, Judeus e Muçulmanos.

De acôrdo com êsse plano, os dias do mês eram simplesmente numerados, com cinco dias de trabalho, seguidos por um sexto dia de repouso, o que tornava impossível a observância dos deveres religiosos para os Muçulmanos, na sexta-feira, Judeus, no sábado e Cristãos, no domingo.

O direito de vender ou editar a Bíblia foi abolido. E ninguém pode receber sequer uma Bíblia do estrangeiro, nem mesmo graciosamente. Jornais, livros, panfletos e manuais escolares, divulgando o ateísmo cobriram todo o país. Os lugares de devoção religiosa foram destruídos ou entregues ao uso secular. Bem poucas igrejas, sinagogas e mesquitas permaneciam abertas em 1941.

PLANO ANTI-RELIGIOSO DE CINCO ANOS — Após 20 anos dessa propaganda e dessa perseguição, o Politburo de Stalin estava tão seguro do seu êxito que resolveu verificar pelo censo de 1937, quantos Russos continuavam crentes em Deus.

Como parte dêsse plano, um programa anti-religioso de cinco anos foi desencadeado em 1932, sendo organizado cuidadosamente para terminar em 1937. O projeto nunca foi mencionado, exceto entre os mais próximos dos diretores da "Sociedade dos Militantes Sem Deus", organizada por sua vez em 1925 e existindo ainda hoje, com o seu quartel-general em Moscou.

Os ateístas do Kremlin planejaram marcar o aniversário com uma bombástica declaração de ateísmo, obtendo para tal o referendum nacional, que seria a parte mais importante do ato. E Yaroslavsky, chefe geral dos "Militantes Sem Deus" (falecido recentemente), trabalhou febrilmente. Que glória significaria para êle, se o povo da que fôra chamada Santa Rússia revelasse haver varrido as suas tradicionais convicções religiosas após 20 anos de Revolução!

Exatamente um mês antes do censo, uma nova Constituição Soviética surgiu, proclamando a "liberdade da crença". O censo foi muito bem preparado a fim de demonstrar que apesar da "liberdade de consciência", "protegida" pela lei, a grande maioria dos Russos deixara de acreditar em Deus.

Outra campanha foi iniciada a fim de "explicar" o censo. O "Pravda" e o "Izvetia", em editoriais, sublinhavam a importância das escolas e fábricas se verem munidas de material necessário com grande antecipação. Finalmente chegou o dia apontado, 6 de janeiro de 1937. Eram 13 as perguntas que o votante tinha que responder, sendo uma delas "*— E' ou não um crente?*"

O resultado revelado foi suficiente para lançar as autoridades comunistas em verdadeiro acesso de cólera. Nem foi possível esconder tôda a verdade, havendo mesmo chegado ao exterior o eco da derrota ateísta. Porém nenhum dos "dados aproximados", então revelados, contaram tôda a enorme verdade. Na realidade não foram publicados dados quaisquer no relatório oficial. Entretanto sempre foram cochichadas informações, que pude ouvir de pessoas de responsabilidade no govêrno, indicando que *mais de 70 por cento da população confessara a sua fé em Deus*. E, estranhamente como possa parecer, êsses dados foram subseqüentemente confiscados pelo Govêrno, segundo poderei explicar:

ÊLES GUARDARAM SEGRÊDO — A mera revelação do número de crentes, na URSS foi bastante para lançar a administração soviética em verdadeiro pânico, consultando-se os seus membros a fim de saber "o que estava errado". Nunca esperavam um tal resultado depois de anos e anos de doutrina ateísta. As reformas foram drásticas. Em 25 de setembro de 1937, apenas oito meses depois do censo, os seus resultados foram declarados nulos e vãos, através de uma proclamação do "Conselho dos Comissários do oPvo". O mesmo decreto anunciava outro censo para 1939.

Desta vez, porém, a pergunta relativa à crença religiosa foi completamente omitida do questionário. Ordens estritas foram dadas a fim de que fôssem absolutamente canceladas. Os Soviets não queriam admitir o fracasso de sua campanha anti-Deus.

A fim de socorrer o seu exército anti-religioso, batido fragorosamente, os relatórios foram acompanhados por panfletos especiais, reproduzidos no "Gosplan" de 3 de dezembro de 1938, explicando sumàriamente que *os inimigos do povo* — os infames agentes do fascismo "Trotsky-Bukharin" — *tinham agido de forma a infiltrar-se nos trabalhos do censo, prejudicando-os e adulterando-os*. A única menção à fé religiosa foi feita em referência ao censo de 1939 e foi publicada num artigo do "Izvestia" de 15 de dezembro dêsse mesmo ano e que dizia: "*...com o intuito de simplificar o programa censitário foi omitida a pergunta sôbre religião.*"

Em seguimento ao "desastre" revelado pelo censo de 1937 a campanha anti-religiosa foi intensificada em tôda a Rússia. O "Izvestia" e o "Pravda", em editoriais clamavam por uma maior agitação anti-Deus. O "Bezboshnik" (O Ateísta), um jornal sem Deus, arregimentou propagandistas. Um magazine mensal, dedicado à campanha anti-Deus, o "Anti-Religuioznik" (O Antireligioso) lamentava que o govêrno publicasse fotografias dos museus anti-religiosos... "*onde se viam camponeses, disfarçadamente, rezando nos antigos locais em que se achavam os seus ícones...*

Porém, apesar de todos os esforços e das ameaças do govêrno, a população russa, das aldeias principalmente, insiste em observar os dias religiosos, contrariando as ordens das autoridades. Cristãos e Muçulmanos, nas fazendas-coletivas, teimam em recusar ir trabalhar no campo aos domingos (no Ocidente) e nas sextas-feiras (no Oriente). Finalmente, os ateus soviéticos foram forçados a abandonar sua semana de cinco dias e restaurar a de sete, *porque tôda a economia agrícola da terra estava revolucionada.* Êste é o caso único de resistência passiva sem punição conhecida em tôda a Rússia Soviética e que nunca teria ocorrido se o Kremlin não se sentisse contrariado pela maioria do povo Russo.

Tais fatos ajudaram muito a assinatura do Pacto de Não Agressão, por intermédio do Molotov-Ribbentrop, em 23 de agôsto de 1939, e os ataques germânicos de 22 de junho de 1941. Duas semanas depois dos exércitos alemães iniciarem a invasão da Rússia, os planos do "Politburo" para nova perseguição religiosa foram novamente interrompidos.

RAZÕES DA MUDANÇA — Essa atitude soviética em face do problema religioso obedeceu a três causas: (1) o enorme êxito alcançado por Hitler, com a sua política de reabertura das igrejas nas zonas ocupadas; (2) o ressurgimento do sentimento religioso na Rússia, durante a guerra; (3) o desejo, da parte do Kremlin, de conquistar maior simpatia e ajuda material das potências ocidentais.

Como parte dêste último desejo, o Ministro do Exterior lutou teimosamente para enviar o Metropolitano Nikolai, de Moscou, aos Estados Unidos, a fim de defender a causa de auxílio à Rússia. O Departamento de Estado recusou o seu "visa" e, em vista disto, o trabalho de reforçar a amizade russo-americana foi entregue ao Metropolitano Fedtchencov, que então representava o Patriarca de Moscou em Nova York. Em julho de 1942, começou êle uma série de conferências, em Montreal, a fim de anunciar que a Rússia não havia abraçado o ateísmo, segundo se dizia, *porque 70 por cento do seu povo continuava ortodoxo!*

E então, lutando pela própria subsistência, o regime Soviético resolveu abrir as garras e soltar as prêsas. Os Bolsheviks chegaram a utilizar um emissário com as vestes eclesiásticas!

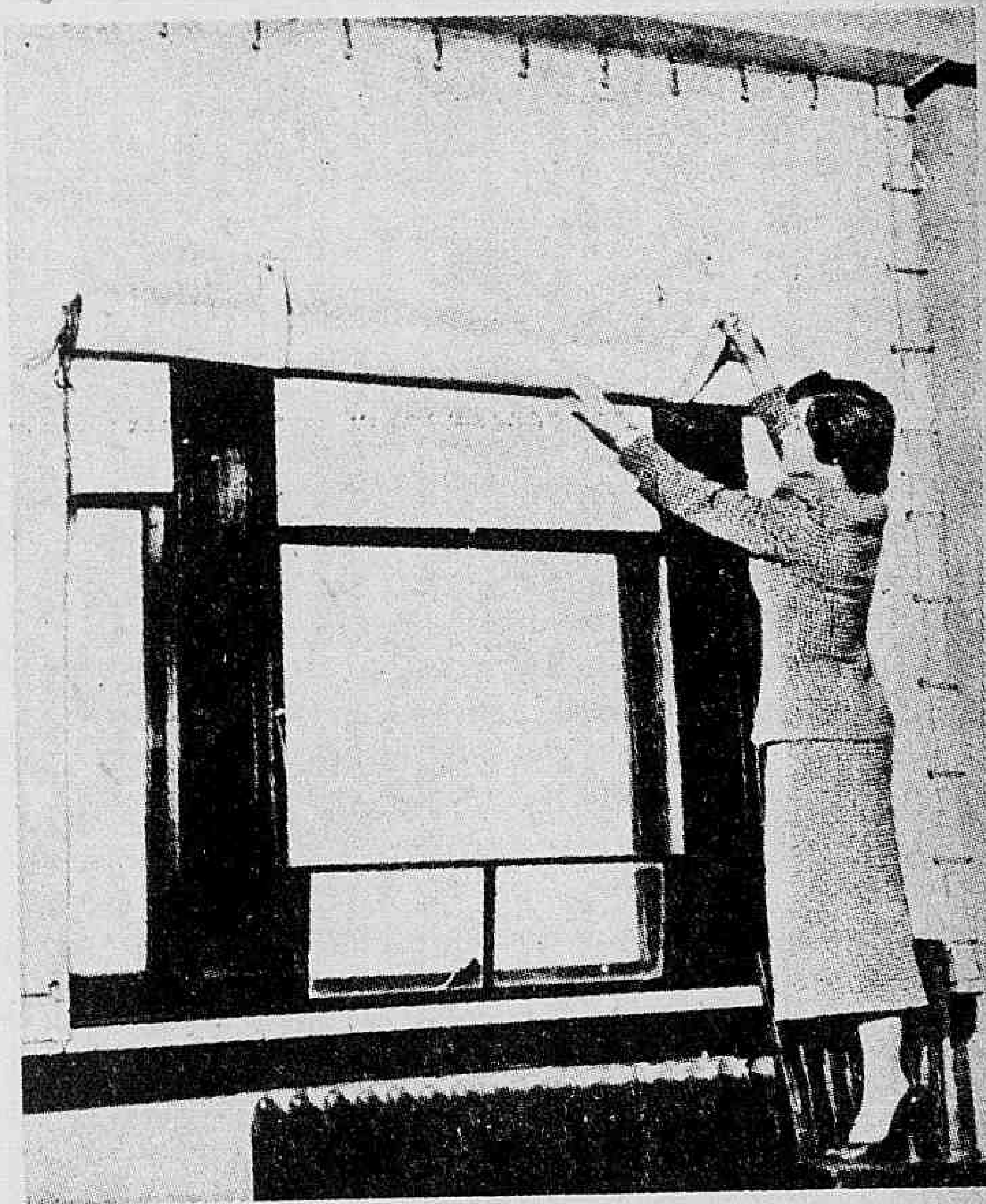
Desde que a guerra terminou, em 1945, os Soviets procuraram preservar a ficção da tolerância religiosa. Mas, segundo respeitáveis informações, a luta contra Deus não cessara tanto na Rússia Soviética como nos seus satélites. Como exemplo poderei citar que o meu imediato sucessor foi virtualmente expulso após três anos. O atual incumbente, também norte-americano, obteve seu "visa" de entrada sòmente depois que a igreja foi totalmente abolida pelo govêrno russo. Êsse meu sucessor é obrigado a administrar socorro espiritual aos Norte-Americanos, que o procuram, em seu pequenino apartamento no novo andar de um velho casarão. Desnecessário será dizer que êsse apartamento vive repleto de fiéis.

O POVO RESISTE — Em conclusão, devo dizer que o povo russo precisa ser distinguido da camarilha assalariada pelo Kremlin; nada teve que ver com essa perseguição que dura há 34 anos a não ser como a sua maior vítima! Porém continua resistindo. E sua resistência está muito bem organizada...

O censo de 1937 reflete, sem sombra de dúvida, os profundos sentimentos do povo. Êsse é um fato que não deve ser esquecido e que nos dá a esperança de que os povos da Rússia e da América do Norte, podem viver em paz e fraternalmente. O necessário é que a tirania, cujo quartel-general está no Kremlin, seja derrubada

*

PROTEÇÃO CONTRA A BOMBA ATÔMICA



Cortina metalizada, para janela, especialmente preparada, estão sendo adotadas, nos Estados Unidos, por recomendação das autoridades militares, para maior proteção contra os efeitos da bomba-atômica. As cortinas são feitas de alumínio e chumbo. Poderão proteger as pessoas no interior das casas, contra a ação devastadora dos estilhaços de vidro e a poeira radicativa e calor destruidor, segundo relatório dos técnicos que a experimentaram. Positivaram a sua eficiência em distâncias a partir de 700 metros do centro da explosão. Quando não são usadas podem ser fàcilmente enroladas na parte superior.

Aqui fala





QUANDO Maybelle Caldwell, antiga atriz de teatro, que se especializara nos papéis de criadinha, inaugurou a sua pensão tinha papel para cartas com o pomposo cabeçalho "Pensão de Mrs. Caldwell — para jovens artistas teatrais". Porém, quando essa primeira caixa de papéis ficou vazia — o que ocorreu bem depressa — nunca mais teve outra. Por isso a sua casa passou a ser, simplesmente, "Pensão de Mrs. Caldwell" — e muito conhecida. Se não era mais "para jovens atrizes de de teatro' era, certamente, para mocinhas que "tinham esperanças".

Como Miss Vivian Royal, por exemplo. Essa mesma Miss Vivian Royal que estava agora sentada, inconfortàvelmente, com seu ex-noivo, na sala de "visitas" de Mrs. Caldwell; uma velha sala de móveis capengas, empoeirados, e cujas paredes ostentavam papéis manchados e descolando aqui e ali...

O Sr. T. J. Hennepin, construtor e Diretor da Mappawa Falls Planning Comission, nunca aprovara a ida de sua filha para Nova York e, pior ainda, para a tumultuosa Broadway. Menos ainda havia aprovado a mudança do seu nome de Hennepin para Royal. Talvez não fizesse qualquer objeção, caso a mudança fôsse, por exemplo, de Hennepin para Mrs. Mranch, o que teria significado que ela se tornara a espôsa do caixa do maior banco de Mappawa Falls. Porém Vivian tinha cabelos ruivos e era linda e tinha só vinte anos. Também era enérgica e ambiciosa. Por tudo isso tinha deixado Mappawa Falls, seus pais e a possibilidade de se tornar Mrs. Dan Branch.

★

Dan, realmente, não mudara nada — pensava ela, enquanto olhava para êle, sentado na melhor cadeira da triste sala de visitas. Tinha a mesma aparência e os mesmos modos de quando se apresentara numa comédia de amadores, levada à cena no teatrinho provinciano. Observou-o em diferentes ângulos e ficou convencida. Dan era o mesmo! O mesmo rapaz que conhecera quando era o "capitão" do *team* de futebol da Liga Superior de Mappawa... e ela a "madrinha" da equipe. Continuava a ser um rapaz calmo, conservador e pouco expansivo.

Só uma vez, uma só, vira Dan revelar decisão, empenho, desenvoltura, sangue! Foi uma tarde, quando o *team* adversário passou à frente, no marcador, parecendo caminhar rápida e seguramente para a vitória. E nunca poderia esquecer, também, aquela noite em que, com êle dançando, lhe dissera estar decidida a ir para Nova York, tentar a careira teatral. Êle comentara, simplesmente, com voz inalterada, não achar isso uma boa idéia.

"— Muitas moças têm tentado isso, e só porque algumas pessoas dizem que você representa muito bem, nos teatrinhos de

Conto de

NAPD JONES

Miss Royal



de amadores de Mappawa Falls, não pense que..."

Talvez — Vivian pensava agora — talvez tivesse sido isso mesmo o que havia incendiado as suas idéias e forçado a sua decisão. Mas era agradável tornar a ver Dan, embora a sua visita fôsse um tanto contrafeito. Sua mãe a prevenira por carta:

"Dan Branch vai viajar para Nova York, para tratar de negócios, e teu pai pediu-lhe que te procurasse para saber como vais indo... Por favor, minha filha, procura ser gentil com êsse rapaz e esquece o que êle disse a respeito do teu talento teatral, sim?"

A Broadway era a sua carreira, porém era preciso mais talento para conquistar o que desejava...

Dan estava agora pigarreando polidamente para clarear a voz:

— Li a sua correspondência no "Clarion", lá da terra — disse êle — Pelo que dizia, deve ter andado bastante atarefada.

★

Algumas das frases de suas recentes "correspondências" enviadas para o semanário de Mappawa Falls, voltaram à mente de Vivian...

"Que emoção, ainda na última quarta-feira, ao cruzar com Rex Harrison, no "foyer" do Waldorf e ganhar um sorriso dêle, em reconhecimento, por certo, por ter sido a moça que tentou com tanto empenho, conseguir o papel de segunda atriz em "Anne", que agora é um dos seus grandes êxitos. Que pena eu ser tão alta! — Almocei ontem, no Stork, tendo na mesa vizinha Helen Hays e o marido!"

— Laura Fotheringham opinou que você deveria tentar ser uma cronista, em vez de teimar em querer ser atriz. — disse Dan, interrompendo os seus pensamentos.

— Oh! — exclamou Viviam, corando. Porém logo a seguir perguntou, como se lhe custasse falar" — "Ela disse... disse isso? — hesitou ligeiramente e depois insistiu, noutro tom — Realmente, ela disse isso? Pois saiba que sempre tenho pensado... *"Como Dan tem podido "escapar" da Laura?... Ou será que...?"*

— Continuamos sempre bons amigos — disse Dan, sem mudar de expressão — Faço questão de viver bem com todo mundo. Nem sempre isso é muito fácil... Mas, já me esquecia: seu pai acha que já é tempo de você esquecer o teatro e voltar para casa".

— Voltar para casa? Ora essa! Isso é impossível, Dan! Estou aqui há um ano, ape-

nas, e as coisas já começam a melhorar para o meu lado.

Parou, indecisa, depois continuou:

— Ainda esta semana desempenhei dois importantes papéis... para um teste. Um dêles era o de uma... uma mulher dessas que andam pelas ruas. Oh! Mamãe teria morrido e papai explodido de indignação. Por isso desisti de aceitá-lo... O outro era o de um tipo ainda pior... Uma dipsomaníaca!

— Dipsomaníaca? Dipsomaníaca?... — repetiu Dan — Oh, sim! Significa alguém que não pode abandonar algum sonho tolo. Ou alguém que bebe de mais? Não posso ter a certeza...

— Significa alguém que bebe de mais. Era um papel maravilhoso, *meu bem!*

Dan mexeu-se um pouco na melhor poltrona da sala de visitas de Mr. Caldwell. Vivian nunca o chamara de "meu bem"... e agora dissera isso, dissera até em tom tão carinhoso, que o deixava em dúvida, sem saber se ela, de fato, gostava dêle.

"— Mas eu não podia aceitar! — prosseguiu Vivian — Por causa de mamãe e de papai, entende? Imaginei que ficariam acabrunhados!

— Bem — disse Dan — Não creio que...

Nesse instante, porém, o telefone chamou, tilintando vigorosamente sôbre a mesinha da sala, entre velhas revistas teatrais. Vivian foi atender:

— Alô? Aqui fala Miss Royal... Quem? Oh, Dickie, *meu bem!* Como está você?

Seguiu-se uma longa conversação, durante a qual Dan se mostrou muito interessado pelas próprias unhas. Finalmente Vivian desligou.

— Era Dick Sutton — disse ela, com os olhos brilhantes — É um corretor de imóveis. Ganha rios de dinheiro. Pediu-me em casamento e quer que eu o acompanhe numa viagem ao Connecticut...

— Como? Pediu você em casamento, assim, pelo telefone?

— Oh, não! Foi já há meses. Não quer acreditar que, primeiro, eu queria aparecer num palco...

— Primeiro? — insistiu Dan — Isto é: você quer...

O telefone chamou novamente e (novamente!) era para Vivian.

— Pobre Hal... — disse ela a Dan, após o que pareceu a êle ser uns vinte e cinco ou trinta minutos. — A espôsa o deixou. Êle é o dono de uma das mais populares orquestras da cidade e não sabe, no momento se aceite uma oferta do "Waldorf" ou do "Terraço do St. Regis".

— Você, pelo que vejo, conhece uma porção de rapazes — disse Dan Branch com a sua voz calma — Muito me surpreenderia se o seu pai não...

(Telefone outra vez! E para Vivian!)

— Sim... E' ela mesma... Oh, Hans! Você não morre tão cedo! Esperei encontrar você no "Elizabeth"... Oh, Hans, não foi possível! Sim, sim... A carta, o telegrama e também as flores... Recebi tudo! Você, como sempre, foi muito gentil... Mas não foi possível, palavra! Compreendo, meu bem... Porém eu não...

Parou bruscamente, porque Dan Branch, levantando-se caminhou até à mesa e, tomando-lhe o fone, com firmeza, desligou o aparelho. Olhava para ela, para baixo, com a expressão resoluta.

— Ouça — disse êle — Você vai voltar para Mappawa Falls, comigo, esta noite! Há um trem que sai dentro de quarenta e cinco minutos. Arrume as suas coisas — ou deixe um recado para a dona da pensão, para enviar tudo, depois, para o seu endereço.

Vivian levantou a cabeça, com estupefação.

— Dan Branch... Você está louco. E se papai pensa que...

— Seu pai nada tem a ver com isto — disse Dan — Só eu! Isto é idéia minha! Apanhe as valises. Se não estiver de volta dentro de cinco minutos, subirei e a farei descer e sair comigo.

Tinha no rosto a mesma expressão que ela já conhecia desde aquela tarde esportiva em que o *team* visitante pasou à frente no marcador, e o meia-esquerda de Mappawa Falls se apoderou da bola e foi parar a menos de um palmo do goal adversário. Repentinamente Vivian desatou a chorar e correu para a escada. A meio caminho parou e olhou para baixo, para êle.

—Você não pode me obrigar a fazer isto, Dan Branch! Posso mandar prendê-lo... Posso...

— Vamos! Suba e traga a mala. — disse Dan — ou levarei você mesmo sem nada!

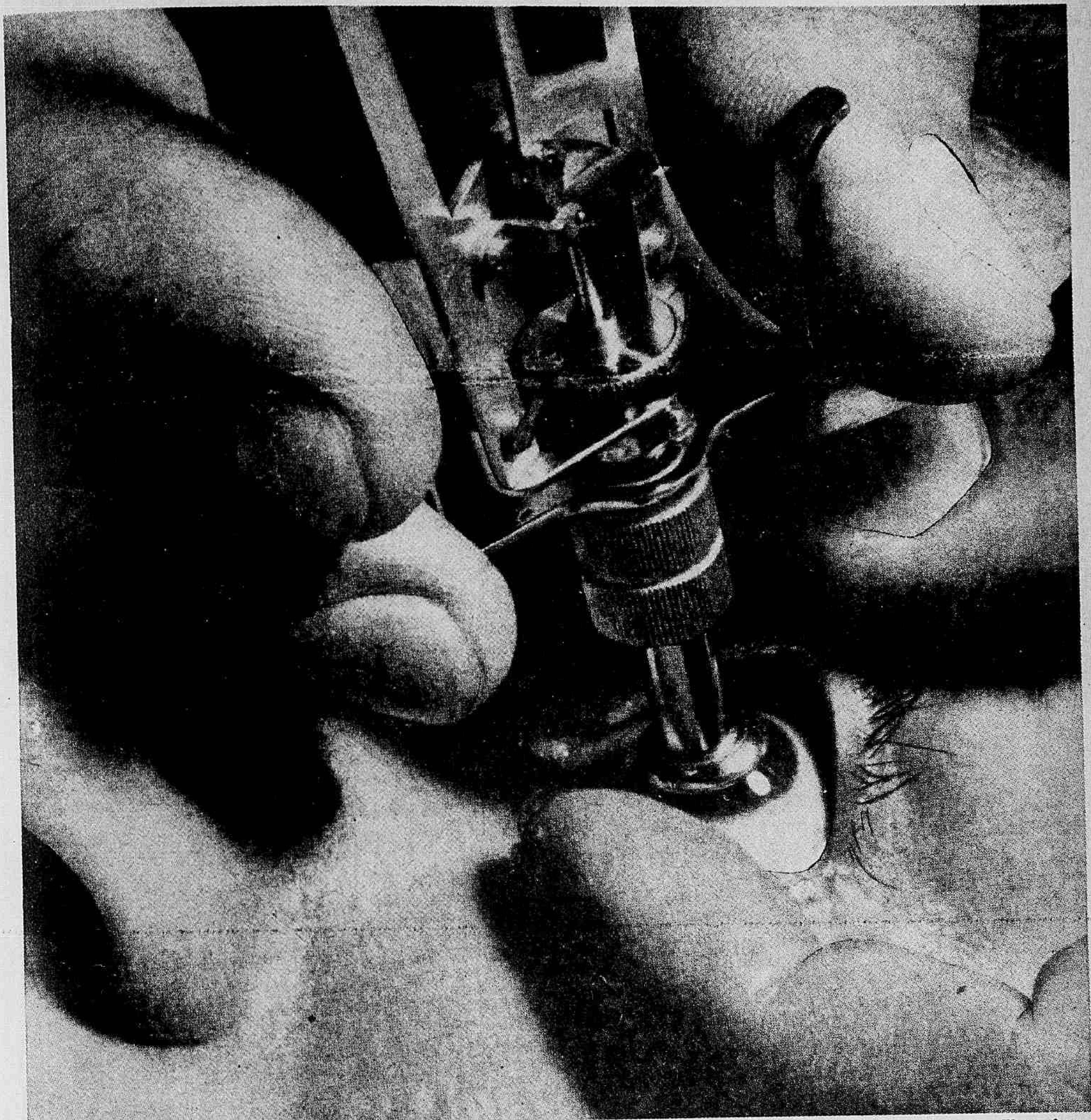
Poucos minutos depois, Mrs. Maybelle Caldwell saiu da casa comercial da esquina, onde utilizara o telefone público. Parou um instante, à porta de sua pensão, a fim de observar um jovem casal que entrava num "taxi". Depois, com ar satisfeitíssimo, subiu a pequena escada e entrou em casa. Caminhando através da sala de visitas, levantou a almofada da poltrona em que Miss Vivian Royal estivera sentada.

Então apanhou o que ali estava escondido: um pequeno folheto, em cuja capa estavam pintadas caprichosamente estas palavras: *"Rosie e Seus Namorados"*, e, mais abaixo: *"Monólogo ao Telefone"*, escrito por J. Hanford Jenks, expressamente para Miss Maybelle Caldwell".

Mrs. Caldwell sorriu.

"— O rapaz acreditou mesmo — disse para si mesma — E ela representou quase tão bem como eu. Mas nunca seria tão boa assim num palco. Porque não gosta *tanto* do palco quanto gosta dêsse rapaz... e de Mappawa Falls.

Mrs. Caldwell se sentia faliz. Afinal, a clássica definição de uma "criadinha" de palco é *"uma criatura que representa o papel de uma intrigante"*.



Para medir a pressão interior do globo ocular o «tonômetro» é aplicado contra a córnea. Um êmbolo, comprimido contra a córnea, registra a sua tensão numa «escala» na parte superior do instrumento.

GLAUCOMA

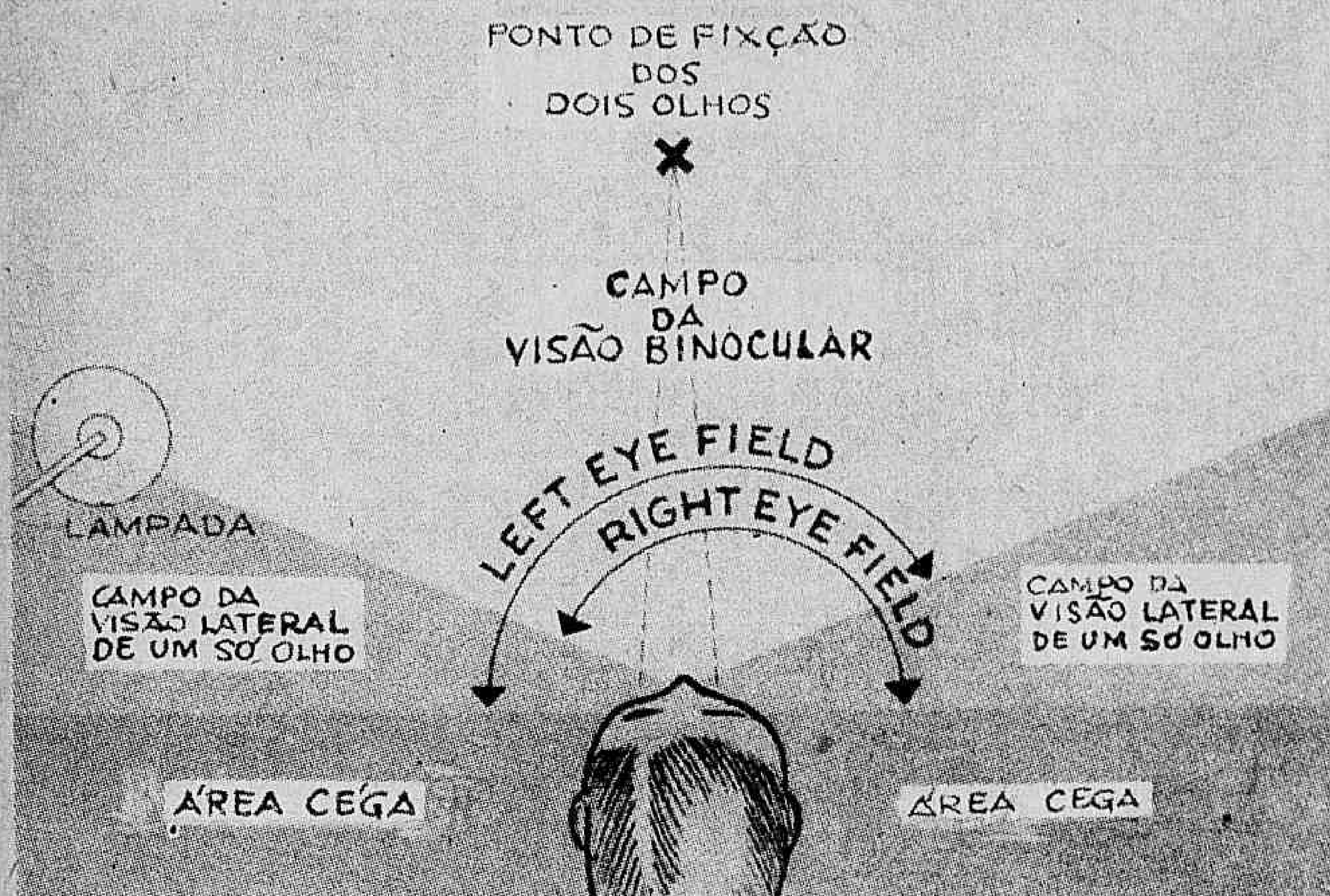
O DIAGNÓSTICO ANTECIPADO PODE VENCER ÊSSE GRANDE INIMIGO

O Glaucoma — que constitui, nos Estados Unidos da América do Norte, pelo menos, a maior ameaça contra a visão — é uma enfermidade que pode ser vencida ou muitíssimo atenuada por uma intensa campanha de publicidade. Na América do Norte, atualmente, cêrca de 20.000 indivíduos perderam totalmente a visão, tornando-se cegos irremediáveis, devido ùnicamente ao Glaucoma: mais de 100.000 outros perderam a visão de um só ôlho, devido ao mesmo mal.

Que vem a ser, enfim, o Glaucoma?

Vamos explicá-la em resumo: em razão de um constante aumento de pressão de fluidos, no interior do globo ocular, a retina passa a ser progressivamente destruída, ao mesmo tempo que o campo visual passa a se estreitar mais e mais, até que o próprio nervo ótico, como "estrangulado" deixa de funcionar. Tudo isso pode acontecer com espantosa rapidez ou, ao contrário, vagarosamente.

Os sintomas — numa lamentável maioria dos casos — são tão difíceis de se sentir ou observar, que assim vão crescendo sempre até que seja muito tarde para dar combate ao mal.



Visto de cima, o campo visual mostra como o nariz bloqueia os lados esquerdo e direito dos campos visuais do ôlho direito e esquerdo.

Apesar de tôdas essas dificuldades, os especialistas estão convencidos de que o Glaucoma pode ser vencido ou grandemente atenuado em seu trabalho devastador, *se os médicos e seus pacientes se empenharem em uma constante atenção, vigiando os mais ligeiros sintomas.*

Para começar, diremos que a pressão do globo ocular pode muito bem ser medida por um simples processo, totalmente indolor, que consiste justamente na aplicação do aparelho especial, medidor, que pode ser visto na gravura ao alto da primeira página. Êsse instrumento, um "tonômetro", pode medir a pressão... medindo a própria tensão da córnea.

De fato, uma córnea normal é macia e suave ao toque dos dedos. Ao contrário, uma córnea grandemente *glaucomatosada* se apresenta mais rija e consistente ao toque do dedo.

Essa pressão elevada não constitui, realmente, um diagnóstico positivo. Entretanto é absolutamente certo, *estatìsticamente*, que muitíssimos casos podem ser positivados com grande antecedência, se tal verificação fôr feita em todos os consultórios médicos, *com um exame físico rotineiro.*

O tratamento do glaucoma é similar ao que é feito para combater a alta pressão sanguínea, evitando-se as grandes tensões nervosas e físicas e, se necessário, ingerindo-se certas drogas ou recorrendo-se à operação cirúrgica.

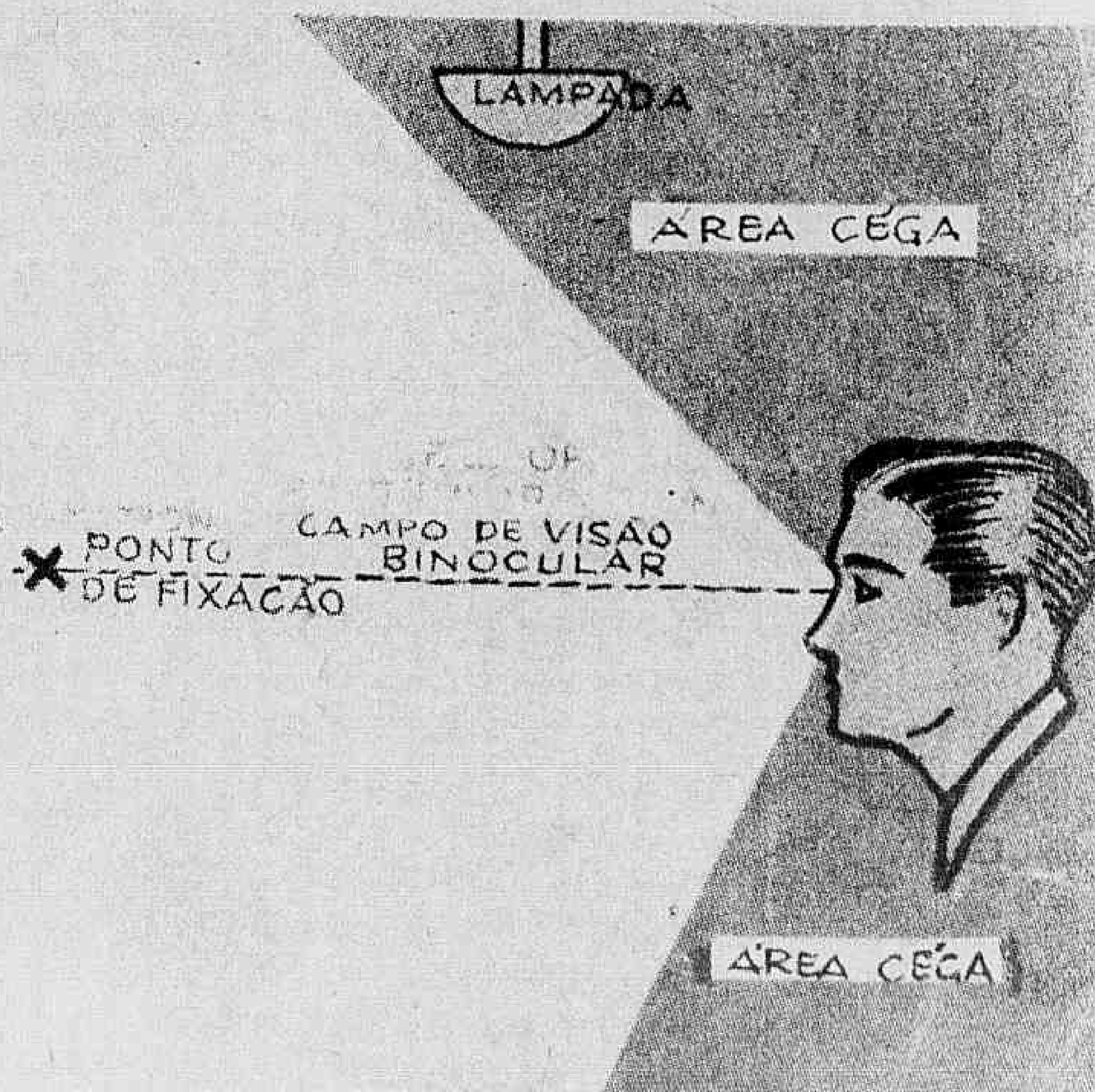
Entretanto, para que seja eficiente, o tratamento tem que ser iniciado *em tempo.*

O ESTREITAMENTO DO CAMPO VISUAL NÃO E' NOTADO, NO INICIO

A primeira fase da cegueira, em razão do Glaucoma — dores de cabeça, dores nos olhos, perturbações da visão e percepção de auréolas coloridas em redor dos focos de luz — são fraquíssimos ou transitórios. Sem nenhum sinal perceptivo, em seu centro, o campo visual passa a se estreitar, gradativamente, até que o nervo ótico é destruído e a visão fica, então, bloqueada

Mapa do campo da visão, mostra as áreas vistas por cada ôlho. Na área da visão binocular, central, o campo sobressai. — Vista lateral do campo visual, mostrando como o mesmo é limitado pelas maçãs do rosto e as arcadas cuperciliares. A lâmpada, como se vê, é invisível, permanecendo na «área cega».





O campo de uma visão binocular normal, segundo indicam os diagramas, que reproduzimos nestas páginas, estende-se a um semi-círculo cheio, de 180º da esquerda para a direita, sendo limitado, ao alto e em baixo apenas pelas faciais proeminências das arcadas superciliares e maçãs do rosto. Porém a vista vê agudamente, apenas a pequenina área central dêsse campo e que é, justamente, a que pode ser registrada na pequenina região da retina, chamada "mácula", que está ligada diretamente atrás da pupila. Sendo assim, *a última* a ser afetada pelo Glaucoma, a visão central pode permanecer inalterada até ao fim.

E êsse é o grande perigo e o maior adversário dos médicos e dos enfermos.

Todos os objetos no campo da visão não visados pela mácula, diretamente, são percebidos apenas indistintamente. Entretanto, apesar de indistinta, a percepção nos bordos do campo visual, é muito necessária ao indivíduo a fim de que o mesmo possa ter uma orientação no espaço.

A destruição do campo periferal poderá não ser notada, em razão das inúmeras *compensações* que podem surgir, *justamente motivadas por essa perda.*

Mesmo quando o Glaucoma não é suspeitado, os instrumentos de precisão poderão ser de grande utilidade para uma perfeita medida do campo visual.

Em casos anotados pelos médicos, o Glaucoma havia estreitado o campo visual para um verdadeiro tubo, limitando apenas a visão central... sem qualquer alarma ou providência por parte da vítima.

O mecanismo, senão a causa, do Glaucoma já está muito bem compreendido e estudado. Os fluidos que enchem as câmaras do globo ocular são secretadas pelo fluxo sanguíneo e novamente drenadas para fora dêle, pela circulação geral, através de minúsculos canais encontrados em redor do íris. Com o Glaucoma, êsses canais se tornam gradualmente insuficientes, devido a um como *entupimento* e daí a conseqüente elevação da pressão do fluido no interior do globo ocular.

Essa pressão, ao contrário, fecha a circulação do sangue retendo-o no minúsculo sistema capilar que alimenta os tecidos da retina. A retina passa, então, a sofrer uma atrofia que começa nos seus bordos exteriores e, daí, concêntricamente, até a mácula.

Em geral, antes de que a cegueira se manifeste nessa área crucial da visão central, o nervo ótico, por sua vez, também sofre atrofia, com irrecuperável perda da visão.

★

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

Durante a ocupação japonêsa das Filipinas, os nativos que fôssem encontrados com armas de fogo eram imediatamente torturados ou fuzilados. As patrulhas japonêsas percorriam todos os lugares, procurando armas, escondidas pelos camponeses, rebuscando casas, bem como os seus ocupantes.

Um dia, quando meu irmão e eu, acompanhado por nosso cão, Tigre, voltávamos para nossa própria cidade, depois de visitar uma vila próxima, avistamos a curta distância uma patrulha japonêsa, que andava à catá de armas. Cruzávamos, a patrulha e nós mesmos, um vasto campo, liso. Era uma situação desesperada, porque eu tinha uma pistola, passada à cintura, sob a camisa, ùnicamente para me proteger dos salteadores de estrada, sempre numerosos e audaciosos em tempo de guerra.

Não podia esconder a arma no solo, um vasto campo, pronto para receber plantação de arroz, pois não havia tempo para isso e, tendo sido já avistados, nossos movimentos seriam observados pelos homens da patrulha. Fugir seria apenas reforçar a suspeita dos Japonêses que fàcilmente nos alcançariam.



Pode o leitor imaginar o que fiz para me desfazer da arma? (A resposta será encontrada na página 45)

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS — I

A MEDONHA HISTÓRIA

(Como uma família, que desejava herdar, quase mandá para a fogueira a sua criada)

UMA mulher muito moça, alerta e alegre, desce da diligência de Bayeux, penetra no pátio do albergue "Ao Cesto Florido", em Caen. Veste-se com grande asseio, mas com extrema simplicidade; tem uma pequena trouxa na mão, um lenço de côres vivas prende-lhe os cabelos. Aproxima-se tìmidamente da gorda matrona que, no limiar de sua porta, espera os viajantes, Maria Le Boutellier, uma comadre de quarenta anos aproximadamente, falar brusco mas familiar, que fitava, sorrindo, a mocinha. Estávamos em 1º de agôsto de 1781. . .

— *Minha senhora* — disse a viajante, após uma respeitosa saudação — *venho de Bayeux em busca de um emprêgo. Poderia me indicar alguma casa honesta? Tenho vinte anos. Perdi minha mãe quando era ainda uma menina. Meu pai, um trabalhador do campo, em Méantis, perto de Bayeux, voltou a casar, há cinco anos. Tive que procurar emprêgo. Sei cozinhar um pouco, e coso muito bem, apesar de me faltarem dois dedos da mão esquerda... Sim; foi um porco ao qual dava de comer, que os devorou... Chamo-me Vitória Salmon...*

Era, senão bela, pelo menos graciosa e simpática, a pequena Vitória, com seus olhos claros, de um azul pálido, seu narizinho ligeiramente arrebitado, as faces imediatamente simpatizou simpatizou com ela. Deu-lhe um prato de sopa, um pouco de pão e queijo, enviando-a, a seguir, a uma certa Sra. Huet, a algumas centenas de metros de sua casa. A criada da casa havia contraído núpcias oito dias antes e não fôra ainda substituída...

A Sra. Huet, de fato, aceita os serviços de Vitória. Não, porém, sem a prevenir de que teria muito trabalho. Era necessário servir a sete pessoas: o Sr. Paysant de Beaulieu, pai da Sra. Huet, homem de 88 anos, cujo gênio e modos tinham voltado a ser como os da infância e, portanto, muito difícil de ser tratado; sua espôsa, um pouco menos atrabiliária, com 85 anos de idade; o Sr. e a Sra. Huet, os seus três filhos, dois rapazes de 20 e onze anos, uma mocinha de dezessete. Tôda manhã, teria que levantar da cama com a primeira luz do dia para cuidar do cavalo, ir apanhar os dois canecões de leite, necessários aos mingaus do ancião.

— *Tudo sem sal!* — explica a Sra. Huet — *Todo alimento salgado está proibido a meu pai pelos médicos. A seguir acompanhará a Sra. Paysant à messa, reconduzindo-a até a casa, a fim de então começar a preparar a refeição. O ordenado é razoável: 50 libras por ano."*

Vitória é corajosa, forte, viva, não receia o trabalho. Aceita a proposta.

*

Logo na manhã seguinte à da sua entrada no serviço, fazendo suas obrigações no mercado, compra num vendeiro, três *pares de bolsos*, dêsses bolsos sobressalentes e adaptáveis à cintura, tais como ainda hoje são usados pelos camponeses de França e que são amarrados por um cordão à cintura, a fim de nêles guardar os objetos de primeira necessidade. No domingo, 5 de agôsto, dia de meio-repouso, ela examina as costuras dêsses bolsos; consolida-os, lava a pequenina trouxa contendo todo o seu enxoval. À tarde, vai apresentar cumprimentos ao procurador do Rei, Sr. Revel de Bretteville, que conheceu no verão precedente, no correr das férias que êsse fidalgo passara em Formigny, onde Vitória então se achava servindo, na residência de um primo do magistrado, Sr. Nevel du Mesnil; o Sr. de Bretteville é personagem influente, tendo sido nomeado procurador 15 anos antes.

E' conhecido como homem dado a conquistas e, de fato, cortejou êle, — de maneira assaz indiscreta — a jovem Vitória, durante a sua permanência em Formigny. Acreditava vencer fàcilmente uma mulher ainda muito jovem, quase uma



de VITÓRIA SALMON

menina, e cuja candura era coisa que se via desde logo. Mas... nada! Depois de vários e infrutíferos "assaltos", teve que renunciar à emprêsa. Longe, porém, de guardar rancor contra a modesta criatura, cumprimentou-a "por sua virtude" e disse-lhe que, se algum dia tivesse necessidade do seu socorro, fôsse procurá-lo.

A inocente Vitória ficou muito satisfeita por poder anunciar ao poderoso senhor que se encontrava agora em Caen e empregada "numa boa casa".

"ESTAMOS, TODOS, ENVENENADOS!"

Seis dias passam, durante os quais, Vitória assegura seu serviço de maneira impecável, levantando-se com a aurora e sendo a última a ir dormir. Os patrões não se cansam de elogiar entre si a "prenda" que tinham conquistado. Também ela, por sua vez, está satisfeita com os patrões. No sétimo dia, que é o 7 de agôsto, ela sai, às seis da manhã, para ir comprar o leite. A leitaria está fechada. Volta, preparando-se para tornar a sair às seis e quarenta e cinco. Porém a Sra. Huet a detém:

— *Tenho que sair; eu mesma trarei o leite!*

Resta um pouco de leite da véspera, com o qual Vitória prepara a refeição matinal do Sr. Paysant. Servido êste, a empregadinha conduz a Sra. Paysant à igreja, aí deixando-a o tempo necessário para ir, ela própria, fazer compras, no mercado, nesse dia *um grande mercado,* pois é dia de "feira"; a seguir vai apanhar a anciã e com ela regressa a casa; são 9 horas.

— *Que deitou você no leite de meu pai?* — pergunta-lhe imediatamente a Sra. Huet — *Êle não pára de vomitar e sofre terríveis dores de ventre!*



Um rapaz, boticário, é chamado para aplicar vomitórios no pobre velho. Inùtilmente, porém: o enfêrmo expira em atrozes sofrimentos às cinco horas da tarde. Vitória vela o corpo tôda a noite.

Na manhã seguinte, enquanto ela repousa uma hora ou duas, a Sra. Huet e sua filha preparam o jantar. Terão, nesse dia, sete convivas: a viúva Paysant, os cinco Huet e uma outra sonhora, Mme. Beauguillot, prima da Sra. Huet e que ali fôra para apresentar condolências.

Mal tinham acabado de tomar a sopa, o mais jovem dos filhos do casal Huet, observa que "havia sentido qualquer coisa *quebrar* entre os dentes". Logo a Sra. Huet confirma.

— *Também eu senti... como um grão de sal não dissolvido...*

Vitória serve os demais pratos, um cozido, um *ragout*, uma compota de cerejas e foi quando já saboreavam esta sobremesa que, repentinamente, o mais velho dos Huet, exclamou:

— *Sinto o estômago queimando... Creio que estamos, todos, envenenados... Senti na comida qualquer coisa como o arsênico queimado!*

Mêdo e atropêlo geral! Gemidos também, pois imediatamente cada um dos convivas *descobriu* em si próprio dores de estômago e de intestino, às quais não prestavam qualquer atenção pouco antes. O boticário chega imediatamente e também um grande amigo da casa, Herbert, que inicia um exame da cozinha, inspecionando as caçarolas e os pratos. Finalmente interroga Vitória:

— *Foi você* — acaba por dizer à infeliz, à queima-roupa — *quem salpicou os alimentos com arsênico?*

Vitória desata a chorar e sem responder foge para o seu quarto, onde se joga sôbre o leito, soluçando. O seu algoz, Herbert, segue-a até lá e, sem qualquer consideração, entra a rebuscar entre os seus pobres haveres, todos pendurados em simples pregos, à parede, e mais especialmente nos "bolsos" que ela havia comprado em Caen; nêles descobre migalhas de pão "polvilhadas (declara êle) de uma matéria branca e luzente, de diferentes feitios e tamanhos". Guarda essas migalhas num papel e leva-as ao médico, que fôra chamado e tratava dos Huet. Ésse prático leva consigo essas "provas", guardando-as em sua própria casa por mais de uma semana; depois, afirmando ter reconhecido nas mesmas a presença de arsênico restitui tudo aos Huet, que decidem confiar as migalhas de pão à justiça.

Entretanto, todos acusam Vitória, e os Huet com mais calor que os outros. Um certo Friley, advogado de Caen, encarregado dos interêsses da família Huet, promove grande escândalo. A opinião pública se mostra violentamente hostil à criada que quase sofre morte horrível, por pedradas, enquanto é conduzida ao procurador Revel de Bretteville. Éste ouve desdenhosamente as súplicas da infeliz e manda que seja ela encarcerada. Revistada mais uma vez, com ela *descobrem* uma chave que abre a um tempo o "buffet" dos Huet e o pequeno armário pôsto à disposição da criada para guardar seus bens pessoais. O armário é aberto: nêle estão pequenos objetos de lingerie, pertencentes à Sra. Huet e à filha desta! Nova acusação: *roubo!* Nesse tempo, o roubo praticado por um criado ou criada em prejuízo dos seus patrões era punido com a morte!

SALVA *IN EXTREMIS*

Bretteville conduz o inquérito com rapidez incomum. Havia tirado a máscara: *na verdade não perdoara a Vitória o haver, um ano antes, repelido suas propostas.*

Não lhe esconde que *se*... êle hoje a ouviria com melhores ouvidos...

Não nos enganemos: Vitória está perdida. No dia 17 de abril de 1782, é julgada, sendo condenada à morte no dia 18, como envenenadora e ladra.

Note-se que todos os membros da família Huet passam esplêndidamente: sentiram-se indispostos (ou fingiram sentir-se mal) vinte e quatro horas sòmente, retomando suas ocupações habituais logo na manhã seguinte à famosa refeição, não sentindo mais qualquer perturbação. Ao contrário, é certo que a autópsia revelou haver o Sr. Paysant de Beaulieu sucumbido a uma forte ingestão de arsênico.

Entretanto Vitória apelou da sentença. O Parlamento de Rouen, entretanto, confirma a sentença do Parlamento de Caen. A criada será queimada viva no dia 29 de maio!

Mas, eis que ocorre o milagre!

Três dias antes dessa data fatal, Vitória recebe em sua prisão, a visita de dois eclesiásticos, que percorrem a França para levar aos condenados os socorros da religião. Os protestos de inocência da infeliz emocionam os religiosos, chegando mesmo a convencê-los de sua sinceridade.

Os dignos padres se dirigem a um advogado de Rouen, Lecauchois; levam o advogado a se interessar pela condenada. Mas, antes de tudo, é preciso ganhar tempo. Leucauchois convida Vitória a declarar-se em estado de gestação.

—*Impossível...* — disse a criada — *Sou solteira e jamais pequei!*

— *Minha filha... Esta será uma piedosa mentira! Trata-se de livrá-la da fogueira!*

Ela consente e obtém um adiamento de dois meses. O Sr. Lecauchois retoma o *dossier*, que lê atentamente, fôlha por fôlha. Tudo ali é extravagante. As negligências, os vícios de forma, as mentiras flagrantes, os falsos testemunhos evidentes são abundantes. Logo ao primeiro olhar, o Sr. Lecauchois tem a convicção formada: não pode dizer, ainda, se Vitória é

inocente, mas pensa que sua culpabilidade — se culpabilidade existe — não está demonstrada.

Os dias, entretanto, passam depressa, depressa demais. O prazo de dois meses de graça vai expirar. O advogado não hesita: apela para o rei!

Luís XVI, impressionado pela sinceridade do defensor, dá a ordem de sustar *sine die* a execução. Fê-lo a tempo, pois a fogueira já estava armada nas ruas, quando, a 29 de julho, ao amanhecer, chega o procurador real, com a ordem salvadora, assinada pelo soberano.

Revel de Breteville não se dá definitivamente por vencido. Procura entravar por todos os meios a ação do Sr. Lecauchois, recusando-lhes vista dos papéis do inquérito inicial, amaeçando ainda as testemunhas, intimando-as a que sustentassem os depoimentos, etc. Mas a verdade acabou vencendo. Em 14 de abril de 1784, o Conselho do Rei confiou ao Parlamento de Rouen a revisão do processo Huet.

REVISÃO E REABILITAÇÃO TRIUNFAL

A posição dos parlamentares era delicada. Haviam tomado partido, confirmando pura e simplesmente, dois anos antes, a sentença de Caen. Só se decidiram após dois anos de discussões, de tergiversações, de brigas infindáveis, às quais não foi estranho o Sr. de Bretteville. Em 22 de março de 1785, acabaram decidindo pedir mais amplas informações, mas acrescentando que Vitória continuaria na prisão.

Voltou o Rei a intervir mais uma vez. Deslocou o processo de Rouen para Paris.

Sem se desinteressar de sua protegida, o Sr. Lecauchois confiou o *dossier* ao seu confrade de Paris, Fournel. O mais difícil estava feito. A inocência de Vitória vinha à luz. O novo advogado se contentou salientando detalhes ainda mal esclarecidos, na defesa que pronunciou:

"— Por que Vitória Salmon teria envenenado o Sr. Paysant? Ela o conhecia de dias apenas, não podendo ter contra êle qualquer motivo de ódio. Sua morte não lhe trazia qualquer vantagem, pois de todos os membros da família Huet era o que menos trabalho lhe dava. E, bem entendido, não era ela quem herdava os bens do ancião.

"Quanto ao "envenenamento geral" de 6 de agôsto, não era isso inverossímil? Ainda aí, não se encontrava um móvel. Ao contrário, o desaparecimento da família Huet teria obrigado Vitória a procurar outro emprêgo. Êsse "envenenamento", aliás, fôra singularmente ligeiro e todo vestígio dêle desapareceu logo que a criada se viu acusada *definitivamente* da morte do velho Paysant. Nem fôra ela quem, nesta manhã, fizera o jantar... *mas sua patroa, ajudada pela Srta. Huet!*

"Quanto ao arsênico, encontrado nos "bolsos" de Vitória, nada demonstrava que veneno fôra ali encontrado. Sòmente Hebert, grande amigo da Sra. Huet, estivera no quarto da criada; os "bolsos", além do mais, viviam pendurados a um dos pregos da parede; qualquer pessoa, na casa, poderia colocar o que quisesse nos mesmos.

"Quanto ao "roubo" da *lingerie*, perguntava o advogado: *Se a chave do armário de Vitória abria o "buffet", inversamente, a chave do "buffet" (sempre em poder da Sra. Huet) abria o armário da criada e nada a impedia de, querendo complicar Vitória com a Justiça, agir de modo a fazer aparentar que a criada era uma ladra...*

"O que perdera Vitória tão fàcilmente, fôra a sua fraca defesa. Mesmo isso era, entretanto, compreensível. Atordoada, ante as acusações gerais, soubera apenas chorar e gemer. Nos empregos que tivera, antes, sempre demonstrara honestidade, zêlo e bom gênio."

A causa prolongou-se bastante. Em 22 de maio de 1786, a Grande Câmara do Parlamento de Paris absolvia Vitória Salmon e lhe concedia quitação com grande solênidade, demonstrando quanto a causa da pequena Normanda emocionara a opinião pública. Todos os magistrados a cumprimentaram, oferecendo-lhe flores. O Guarda dos Selos apresentou-a ao Rei e à Rainha, que lhe deram uma bôlsa com cem luíses de ouro. A Comédia Francesa convidou Vitória para uma representação dada em sua honra; representaram "*L'Amant Bourru*", em cujo III ato se encontravam êstes versos:

La vérité perce mal aisément
Mas elle n'a besoin que d'un jour favorable,
Et son triomphe est éclatant...

A sala inteira se ergueu, voltada para a frisa de Vitória e explodiu em aclamações. No palco, os comediantes cessaram um instante a representação para também aplaudir. Em agôsto de 1786, Vitória desposou um guarda das "Águas e Florestas", Savary. Teve o bom senso de não processar a família Huet, ficando assim o envenenamento do Sr. Paysant como um crime impune. Mas, ao menos, deixou de ser *um enigma judiciário...*

*

COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO? (Resposta da página 41) — Retirando a minha sweater, ràpidamente envolvi com ela a arma. A seguir ateilhe uma corda e pendurei tudo à cauda de Tigre. Depois, soltando o animal, disse a meu irmão que fizesse côro comigo, simulando riso estrepitoso. Pobre Tigre! Latindo desesperadamente, porque o nó na cauda fôra feito bem apertado, apelou para as próprias pernas e desandou a correr na direção de casa, escolhendo o caminho mais curto para isso. Os Japonêses também não puderam conter o riso ante a cena inesperada e assim pudemos retornar a nossa casa e encontrar Tigre... e a arma.

Os grandes distraídos...

UMA FAMÍLIA de Bloomington, Estado da Indiana, passou grande parte do último verão na varanda de sua residência, pois mesmo depois do sol desaparecer a casa continuava insuportàvelmente quente. Só passados dois meses descobriram que haviam esquecido ligado o aquecedor geral, elétrico, próprio para os dias frios do inverno.

A ESCOLA SUPERIOR de Northwood e a correspondente instituição de North Dakota tiveram que adiar seu "match" de basquetebol, porque a de Northwood chegou a North Dakota para disputar o jôgo no mesmo instante em que a de North Dakota chegava a Northwood para fazer o mesmo!

A KINGSBURY MANUFACTURING CO., uma grande construtora de Keene, em New Haven, descobriu que pagara impostos durante vinte anos por uma casa... que não existia. Em 1927, essa companhia planejou construir a casa, porém jamais levou avante a idéia.

EM ST. JOHN, New Brunswick, quando um menino de cinco anos caiu da beira de um "pier" à água sua avó, com 65 anos de idade, imediatamente se lançou em seu socorro. Só então — explicou, depois de ser salva juntamente com a criança — se lembrou de que não sabia nadar!

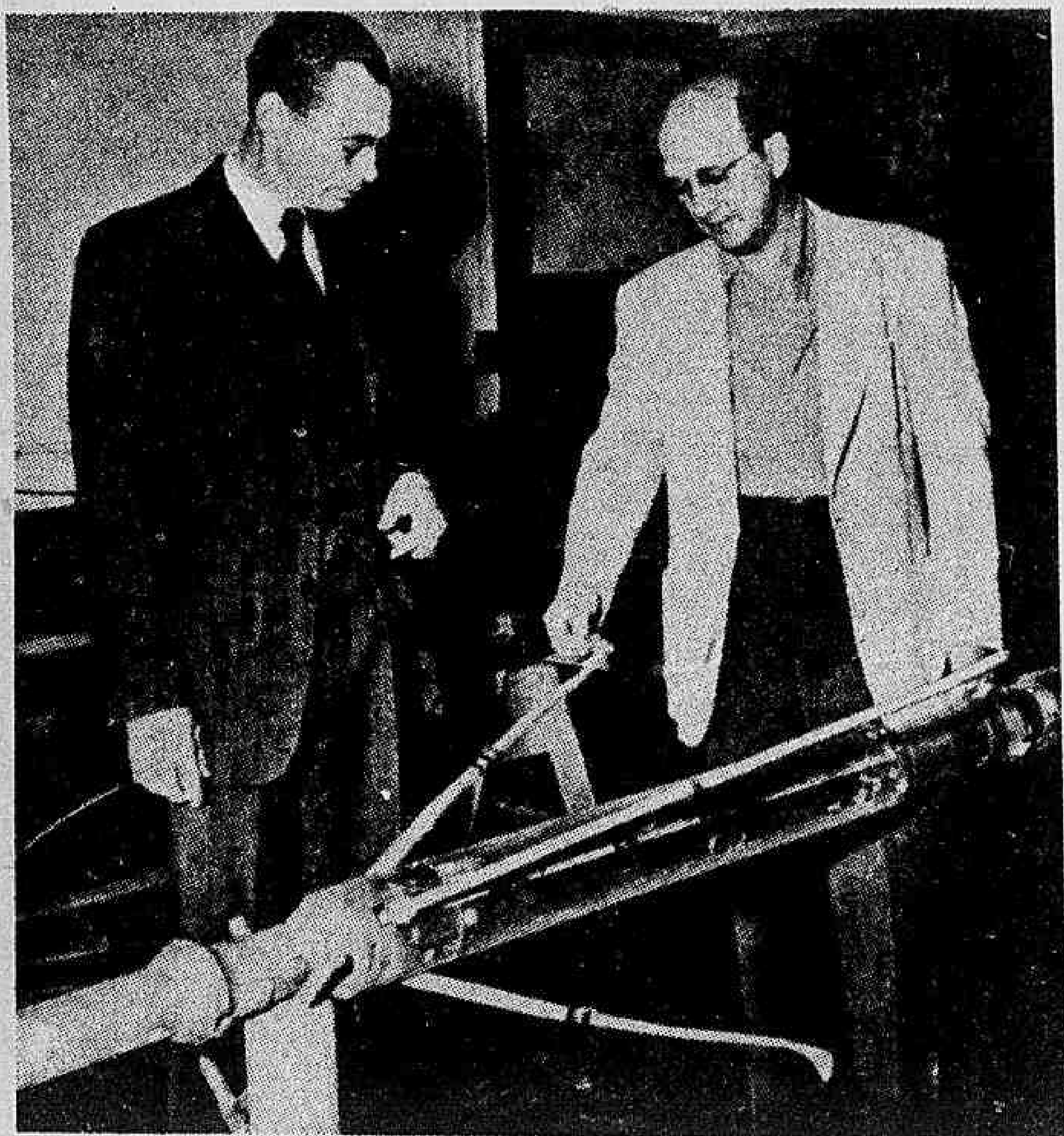
QUANDO SIDNEY Maurice Wilburno se aproximou do porteiro do Presídio de Plainveiw, no Estado do Texas, dizendo-lhe:

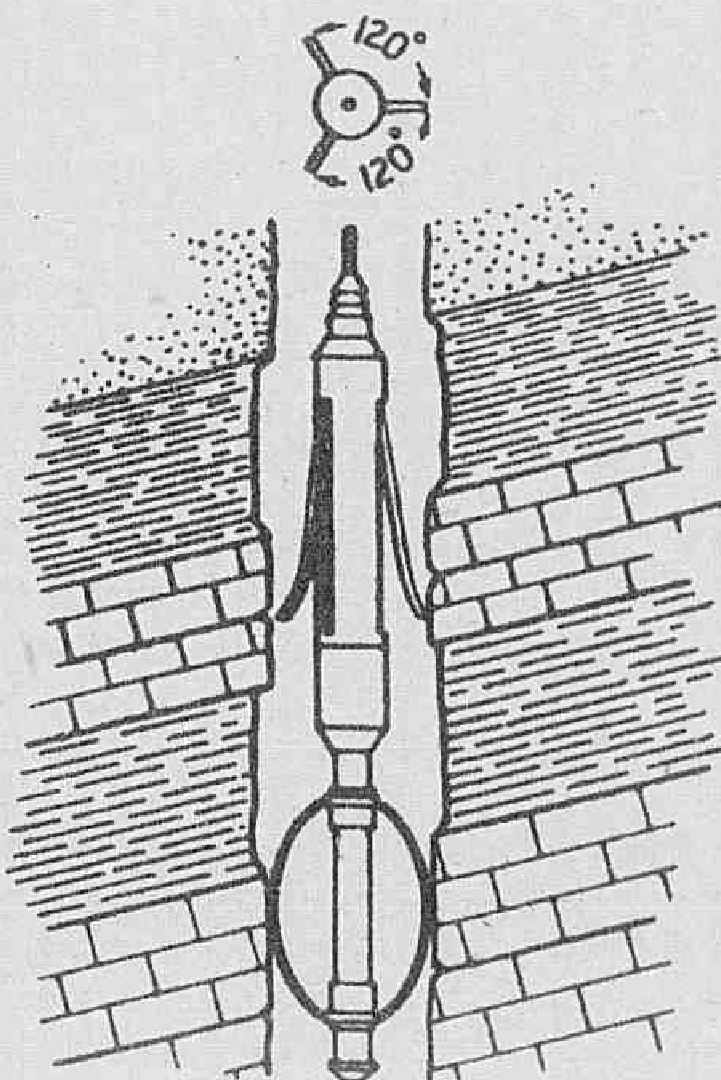
"— Por favor, deixe-me sair. Sou um visitante." O guarda abriu-lhe imediatamente a porta do presídio, deixando-o, mesmo, sair. Esquecera-se, completamente, de que Wilburn era um prisioneiro.

ADMITINDO que chegara atrasado ao treino, porque fôra visitar uma "linda loura", George Stirnsweiss, do team de *baseball* do "Yankee", de Nova York, esqueceu que estava sendo entrevistado por um velho amigo jornalista... num programa de rádio — e que sua espôsa tinha um rádio em casa!

A COMISSÃO DE EDUCAÇÃO, da Colúmbia Britânica, inspecionando uma escola recentemente construída, mostrou-se surpreendida por achá-la... um tanto vazia. Tinham esquecido de colocar na mesma as mesas para os estudantes.

HARRY K. GREEN, candidato democrático para a Comissão do Impôsto de Renda, em Arlington, procurou Clyde B. Stoall a fim de solicitar também o seu voto. Teve, porém, que pedir desculpas, quando Stovall lembrou-lhe que, êle era candidato *Republicano* para o mesmo cargo.





NOVO INSTRUMENTO PARA SONDAR AS FORMAÇÕES PETROLÍFERAS — Até há alguns anos, a sondagem dos terrenos petrolíferos apresentava uma dificuldade: em que direção seguir com a perfuradora, para abrir novo poço? Agora um novo aparelho resolveu o assunto. E' êle introduzido no orifício já aberto colhendo porções de rocha e terra; depois, retirado, é estudado e indica aos técnicos em que direção deve ser continuada a exploração, comparando-se simplesmente os três ângulos de direção, que indicam as formações subterraneas.

O CORAÇÃO DE LUÍSA

Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

Seu sorriso, que descobriu dentes magníficos, perdeu um pouco a elasticidade, constrangido e quase envergonhado, não sabendo onde se firmar ou a quem se dirigir, na perturbação dessa hora estranha.

— A Sra. Rieul não está doente, espero? — disse êle, repentinamente, notando a palidez da dona da casa.

— Não, apenas um pouco emocionada — respondeu Aliette, corando. — A notícia dêsse desastre de estrada de ferro, anunciado assim, de repente...

— Oh... Então foi isso?

Fitava-a, apiedado, esquecendo o resto. Também êle, filho carinhoso, coração sem malícia, soubera ler no rosto de sua mãe muitos sofrimentos, invisíveis para os demais.

— Foi isso, sim. Mas o senhor tinha qualquer coisa para me dizer, Sr. Richard? — perguntou Luísa, fazendo um esfôrço para recuperar a posse de todos os seus sentidos.

Por que misteriosa intuição, Richard foi levado a compreender que, se tinha alguma confidência a fazer, devia, primeiro, dirigir-se à Sra. Rieul? Êle o compreendeu, entretanto, e avançou a mão para a maçaneta da porta.

— Voltarei numa hora menos imprópria — disse êle. — Nem sei onde tinha a cabeça...

—Não, não... Nós é que estamos atrasadas. — disse Elisa, com os olhos brilhantes de malícia e de faceirice.

— O que não impede que eu tenha errado — respondeu delicadamente o rapaz, retirando-se.

No patamar, cruzou com Jacques Rieul.

— Como é isso? — disse êste último — Eu chego e o senhor sai?

— Cheguei em má hora. Notei isso ao ver a toalha sôbre a mesa; perdoe-me, estimado vizinho, e até breve.

Quatro a quatro desceu a escada, enquanto Rieul, depois de o observar um instante, entrou, finalmente.

— Que deseja êle? — perguntou o chefe da casa à sua espôsa, enquanto desdobrava o guardanapo.

— Não consegui saber. — respondeu Luísa, servindo a sopa — Por certo êle nos dirá, amanhã ou qualquer outro dia. Parece que pretende fazer uma viagem.

(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em criança, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação em que viajavam estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva, Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões. Rieul é sêco no falar, autoritário e vive torturando sua jovem espôsa com o seu ciúme doentio. Após a lua-de-mel vão residir com a Sra. Belfroy, mas não tarda a haver um sério choque de autoridade entre genro e sogra, com maior sofrimento para Luísa, principalmente depois que os «sonhos» voltam a perturbar o seu repouso. Êsse fato é mesmo motivo para ser maltratada pelo marido, que não hesita em declarar que aquilo pode ter um fundo de loucura. O Dr. Brochaux intervém e pede a Rieul que se mostre mais humano e carinhoso e êle próprio faz questão de atender à pobre Luísa, que esperava o primeiro filho. Dias passados Rieul lembra à sogra o pagamento do dote e esta o envia ao tabelião onde Jacques sofre uma dolorosa surprêsa. O pobre homem acabara de praticar o suicídio. Estava falido! Perdiam-se, assim, os cem mil francos de dote. Porém a Sra. Belfroy resolve vender a casa e pagar o dote ao genro, indo ela morar num apartamento acanhado, enquanto Rieul decide ir tentar a vida em Paris, separando assim mãe e filha. Oito dias depois um telegrama do médico chama Luísa e Riel apressadamente, a Bayeux, onde a Sra. Belfroy passava muito mal. Rieul não atende ao chamado com a urgência solicitada e quando Luísa chega em sua companhia à sua cidade natal, sua mãe já estava morta. Isso pouco mais rendeu ao ambicioso Rieul e êste se queixa tanto que Luísa decide trabalhar, bordando para conseguir mais algum dinheiro para a casa, embora o médico a proíba, por enquanto, devido a estar a jovem espôsa prestes a ser mãe. No intuito de melhor proteger Luísa, o Dr. Brochaux decidira deixar-lhe todos os seus bens, porém embora conhecesse o seu mal não agiu tão depressa como a morte que o levou antes de haver assinado o testamento. Era a segunda derrota de Rieul, que via outra fortuna fugir-lhe das mãos. Agora com três filhas e um filho, o casal vivia modestamente, Luísa costurando auxiliada por Aliette, a filha mais velha. O ciúme de Rieul continuava, porém, inalterável, envenenando sempre a existência de Luísa. Aliette, já mocinha, sofria com a mãe e se torturava ao ouvir o pai, por qualquer coisa, afirmar que sua mãe era doida. Com isso apenas conseguia piorar o estado da infeliz, que continuava a sofrer os sonhos terríveis, que a deixavam prostrada. Um rapaz, Richard, morador no mesmo prédio, se interessava por Aliette e num fim de tarde, quando Luísa e suas filhas arrumavam a mesa para o jantar, êle se apresenta para uma visita, anunciando que vai viajar pelo estrangeiro e vinha fazer as suas despedidas.

— Hein? E' estranho. Não disse para onde?

— Não.

Rieul terminou a sua sopa e, depois, recostando-se no espaldar da cadeira, disse:

— Também nós, vamos fazer uma viagem!

Luísa olhou seu marido com espanto que não tinha nada de fingimento. Em vinte e três anos era a primeira vez que êle propunha à família uma viagem, embora isso se tivesse tornado coisa freqüente em tôdas as classes da sociedade francesa. Jamais se lembrara de levar os filhos a uma praia ou a qualquer outra excursão de prazer. A quinzena de férias, que lhe concediam anualmente, era perdida dentro de casa ou, apenas, em alguns passeios pelos arredores, Compiègne ou Fontainebleau.

— Até ao mar, papai? — exclamou Lúcia com as faces rubras de alegria.

— Sim. Até ao mar, para assistir ao lançamento do novo couraçado. Irão tôdas comigo, sábado à tarde, a Cherbourg. Todos... Até você, peralta! — acrescentou, voltando-se para o filho, que, tendo chegado pouco antes, ouvia a notícia literalmente de bôca aberta — Por ocasião do lançamento dêsse novo couraçado haverá uma grande festa naval, combates simulados, etc. Não pude, até hoje, ver nada disso... Com quatro filhos, essas viagens custam muito dinheiro! Mas êste ano está resolvido! E tenho as passagens no bôlso!

Foi um concêrto de gritos, de risos e de exclamações que despertaram os pássaros adormecidos nas árvores, diante das janelas.

— Então, Luísa? — perguntou Jacques, vendo que ela nada dizia.

— Imaginei que passaríamos por Bayeux — disse ela com um pouco de melancolia — Gostaria de poder parar ali, alguns instantes, nem que fôsse uma hora, em memória de minha mocidade. Quantas vêzes tenho sonhado com isso?

— Os trens de excursão não param em Bayeux — respondeu Jacques, assumindo o seu habitual tom aborrecido — Ficará para outra ocasião. Aliás, você nunca me falou dessas fantasias! acrescentou com ar suspeitoso.

— Há tanta coisa de que tenho vontade e de que nunca falo! — respondeu imprudentemente Luísa — Mas tem razão, Jacques: ficará para mais tarde!

— Mas... que iria você fazer em Bayeux? — insistiu o marido.

— Ver alguns túmulos... — murmurou Luísa, cujo olhar começou a errar pela sala, com um brilho um tanto misterioso, que inquietava sua filha mais velha.

— Belo espetáculo! — exclamou Rieul — Ao contrário, vamos ver um combate naval, navios em chamas e todo o fragor da luta!

Luísa reprimiu um arrepio. Se seu marido pudesse conceber o que essa festa marítima despertava na alma enfêrma de pobre criatura... Mas Luísa nunca se queixava. Como poderia êle saber?

— Está portanto, resolvido! Sábado, à noite! E que todos estejam prontos! — concluiu êle com a sua voz imperiosa. Estaremos de volta segunda-feira cêrca de meio-dia.

O prazer projetado, anunciado assim, quase em tom de ameaça, não parecia produzir o efeito que Rieul esperara; de mau humor, abriu a janela, fumou um cigarro e não tardou a ir deitar-se, sem haver quebrado o silêncio.

Na manhã seguinte, Jacques tinha esquecido todo o rancor da véspera: saiu para o seu trabalho, como habitualmente e a casa retomou o curso normal de sua existência.

Cêrca de quatro e meia da tarde, Elisa e Lúcia trabalhavam juntas no arranjo de seus vestidos para a viagem projetada, Alberto passeava a sua ociosidade pelos **boulevards** exteriores, — excelente meio de desenvolver uma indolência perigosa — Aliette e sua mãe, sòzinhas, arrumavam e preparavam tudo o que certamente os outros esqueceriam... A campainha da porta chamou. Era Richard. Do alto da escada, a Sra. Lambert e os olhos verdes de sua gata preta tinham vigiado sua descida e sua atitude preocupada, no patamar, enquanto esperava que abrissem a porta.

Foi Aliette quem veio abrir.

— Mamãe está, sim — disse ela, recebendo o visitante com um dêsses lindos sorrisos em que aquêles que haviam conhecido Luìsinha, em sua mocidade, descobriam tôda a sua graça de antanho.

Aliette conduziu Richard até ao pequenino salão, sempre bem cuidado, e retirou-se. Pouco depois Luísa aparecia.

— O senhor deseja falar comigo... Estou às suas ordens. — disse ela, indicando uma poltrona.

Richard era homem corajoso, mais que corajoso e já o provara mais de uma vez, como o provaria ainda; mas, nesse momento, tremia como uma criança pilhada em flagrante de alguma falta.

— Minha senhora — disse êle com voz apenas perceptível — Não é possível que não tenha ainda adivinhado o motivo da minha visita...

Ela o olhava com olhos tímidos, incertos... Estava longe de adivinhar, neste momento: desde a véspera, sua pobre alma sofria torturas indizíveis, que procurava esconder o melhor que podia.

— Fale, senhor — disse ela — será o melhor meio de evitarmos qualquer malentendido.

— Richard respirou longamente antes de falar. Como é difícil exprimir uma coisa que nos enche o coração!

— E' o seguinte. — disse êle, com voz trêmula — Há quatro anos que minha pobre mãe morreu neste prédio e a senhora testemunhou a ela, assim como a mim mesmo, o carinho mais sincero, o amparo mais emocionante. Pude conhecer, então, o seu lar e apreciar tôdas as suas virtudes... Oh, não me interrompa, minha senhora, pois não poderia jamais recomeçar... Compreendi que aqui, sòmente aqui, nesta casa, encontraria a minha felicidade; que ela estava em suas mãos e que dependia ùnicamente da senhora eu ser, para o resto da vida, feliz ou infeliz...

Luísa o fitava, emocionada, mas ainda sem compreender.

"A senhora criou ao seu lado a sua própria imagem, minha senhora, e nem sei se respeite mais a mãe que soube fazer de sua filha que tanto a recorda, que é um reflexo perfeito da senhora mesma... Amo a Srta. Aliette... Não me recuse êsse anjo adorável, minha senhora!

Luísa conseguira sacudir o seu torpor: desta vez tinha compreendido. Com os olhos cheios de lágrimas de orgulho maternal, ela fitava êsse belo rapaz que falava a linguagem que ela jamais ouvira, que ela outrora havia desejado, que teria tornado o seu noivado uma coisa gloriosa...

Vendo que ela nada respondia, Richard continuou:

"Sou apenas um operário — disse êle — mas um

operário de arte. Damasquinando armas de luxo, executando sôbre o aço finas cinzeluras, fiquei com as mãos um pouco rudes, mas tenho um cérebro de artista; não sou, portanto, um simples operário, no sentido exato da palavra. E, se a Srta. Aliette quiser, farei ainda melhor. Na profissão que abracei os mestres da Renascença deixaram nomes imortais; sinto-me capaz de fazer como êles... E ganho vinte francos por dia, Sra. Rieul; poderei ganhar o dôbro, se me sentir encorajado por um amor feliz, por uma família tal como a compreendo e desejo... E' por causa da minha profissão que a senhora não me aceita?

Muito emocionado, prestes a chorar, o grande e belo rapaz estendia para Luísa a mão tímida e suplicante. Ela calava; êle prosseguiu:

— "Não gosto das coisas vulgares, nem aprécio as más companhias: o Sr. Mornand poderá dizer-lhe a que ponto aprecio a música; já tenho substituído algum artista impedido, nos concertos do Sr. Colonne — e, parece, ninguém reclamou. Toco um instrumento modesto, pois a pequena flauta não leva ninguém à posteridade, mas é indispensável numa orquestra e sei usá-la tão bem como qualquer. Não quis pedir a proteção do Sr. Mornand, para me recomendar à senhora; preferi vir diretamente, tal como a senhora me conhece e me tem visto agir, diàriamente; pareceu-me que seria melhor compreendido, melhor apreciado... Não falei ao Sr. Rieul porque é a senhora quem conhece melhor o coração da Srta. Aliette... Se ela e a senhora consentirem no que será a minha eterna alegria, êle também não recusará, não é verdade?

Luísa fitou êsse jovem amigo com seus olhos agora vivos e inteligentes.

— Justamente! — disse ela — Se minha filha e eu estivermos de acôrdo para que o senhor ingresse na nossa família, o Sr. Rieul, certamente, **não consentirá jamais!**

Richard ficou mudo diante dêsse obstáculo do qual não suspeitara. Por ver Rieul sair e entrar, apenas ocupado com os seus negócios, imaginara que a vida sentimental das mulheres daquela casa se concentrava nas mãos de Luísa; e verificara que esta não representava nada. Richard nada podia compreender...

—O senhor não conhece meu marido. — continuou Luísa Rieul — E' preciso tôda a simpatia que o senhor me inspira, todo o desejo de ver minha filha feliz... com o senhor e pelo senhor, para que encontre coragem para revelar tôda a miséria da minha vida; o Sr. Rieul é bom, mas ciumento; tem um ciúme terrível, insensato, e que não cede a nada. Se Aliette demonstrar simpatia pelo senhor, pode estar seguro de que o consentimento de seu pai lhe será recusado; e se eu, então, juntar meus rogos, pode ter a certeza de que não haverá esperança de obtê-la para espôsa. São vinte anos dessa tortura... Ah, meu Deus! — exclamou ela, levando uma das mãos ao coração, que batia com muita fôrça.

Empalidecera tanto que Richard teve medo. Abrindo a porta, chamou:

— Srta. Aliette!

A boa criaturinha correu imediatamente e, sem ousar adivinhar exatamente o que acontecera, compreendeu o bastante para socorrer sua mãe, antes de proferir inúteis palavras. A janela foi aberta e depois de receber um pouco de água nas têmporas, Luísa recuperou os sentidos.

— Aliette — disse ela — o Sr. Richard me surpreendeu com um pedido imprevisto; perguntou-me se você consentiria em ser a sua espôsa...

Oh! A côr de aurora que enrubeceu o rosto delicado e de faces aveludadas, da meiga Aliette! A Sra. Rieul não necessitava de outra resposta. Richard não ousava acreditar nos seus olhos e no seu coração e, no entanto, sentia muito bem que, se fôsse indiferente, o seu pedido não seria recebido com emoção tão deliciosa.

— Aliette — repetiu Luísa — Que diz você?

A adolescente ficou silenciosa. Estava ali, bem junto dela, a sua felicidade; tinha apenas que estender a mão para tomá-la, mas não o faria; olharia essa felicidade, sim, mas de longe, como os santos, nas igrejas, aos quais se implora à distância.

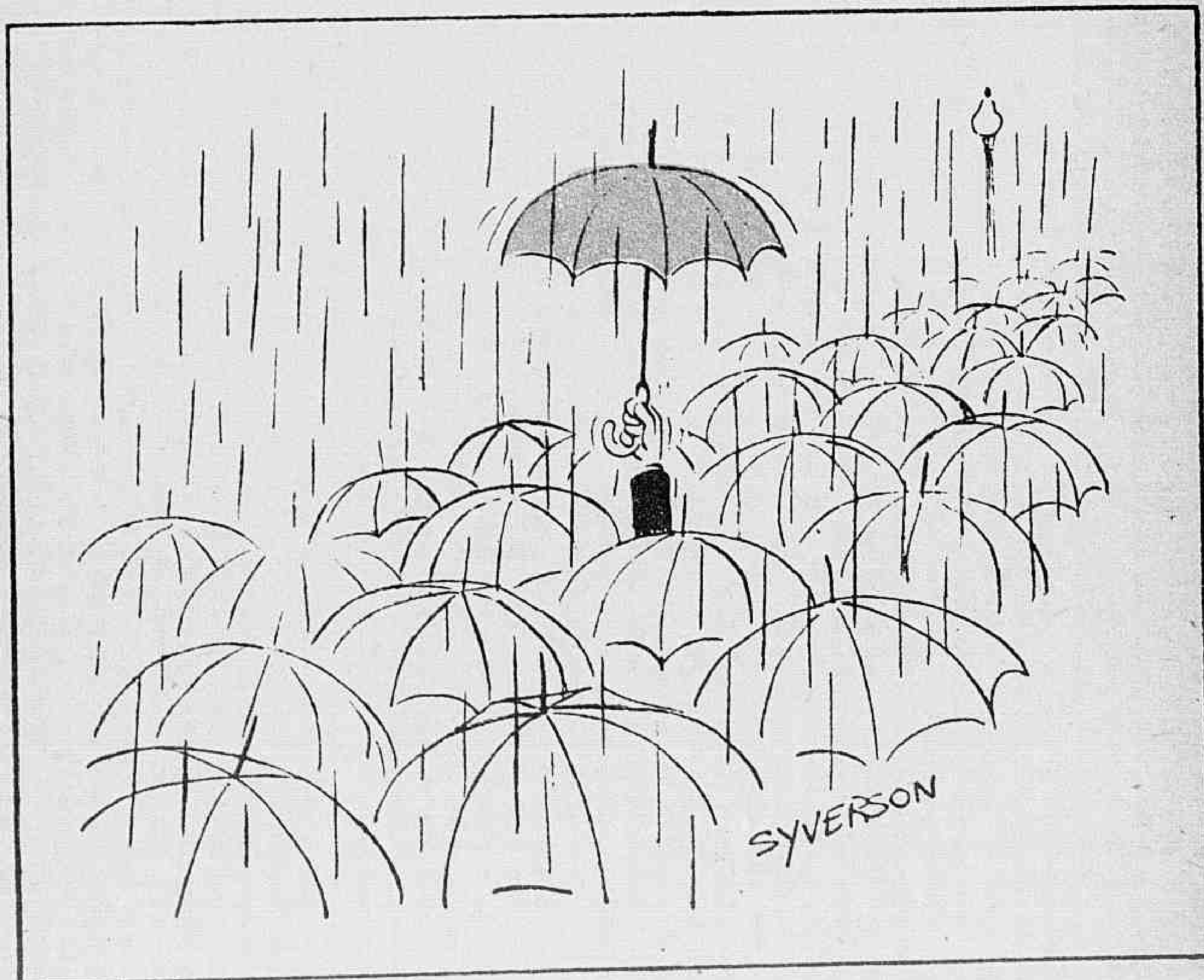
— Mãe adorada. — disse Aliette, com os olhos sempre voltados para o chão e já agora com todo o sangue refluído para o seu coração — Eu não posso casar.

Luísa envolveu a filha num longo olhar enternecido: compreendia tudo, via tudo, agora... Mas que podia fazer?

— Por que? — perguntou, enfim, pousando uma das mãos, carinhosamente — sôbre os cabelos de sêda.

Aliette levantou para a mãe um olhar suplicante.

— Não posso, mamãe — dissse ela — A casa é tarefa muito pesada, a senhora, sòzinha, não pode atender a tudo. Seria um crime da minha parte, mãe querida! Não me faça mais perguntas!



Ricardo observava essas duas mulheres com grande atenção. Nunca Aliette lhe parecera tão adorável como nessa hora em que recusava ser sua espôsa.

— A senhorita poderia ajudar a Sra. Rieul — disse êle polidamente — Não seria eu quem criaria o obstáculo!

Lúísa pensou em seu noivado e uma sombra dolorosa, bem conhecida, invadiu sua fronte. Quanta coisa os homens prometem antes... E que ocorre, depois?

— Mamãe — disse Aliette — Por favor, não deve insistir... Não a deixarei!

— Ela ama outro! — disse Richard, desencorajado.

— Oh, não! Certamente, não! Ninguém! — exclamou Aliette, corando mais ainda.

— Então, deixe-nos a sós, minha querida — disse Luísa — Quer ao menos apertar a mão do Sr. Richard, em prova de simpatia e amizade?

— De bom grado, mamãe... — disse a pobre Aliette, desviando o olhar, enquanto lágrimas quentes desciam por seu rosto agora pálido, apesar da sua coragem.

As mãos de Aliette e Richard se tocaram levemente e cada um dêles sentiu que nesse instante tão curto haviam trocado as suas duas vidas, embora tendo ela dito não.

Aliette saiu da sala, fechando a porta. Richard ficou de pé, prêsa de emoção intensa, estranha, indestrutível.

— Ela o ama — disse lentamente Luísa Rieul.

Êle estremeceu e voltou-se para observar a mãe de sua amada com sincero espanto.

— Sim... Ela o ama. Tenho a certeza — repetiu Luísa, que conhecia o coração da sua filha — Recusou porque sabe que o pai não consentiria e que nossa vida se transformaria num inferno.

— Então? — perguntou Richard, sem esconder seu desespêro.

— Deve ter paciência e silenciar até o dia em que ela tenha atingido a maioridade. Nesse dia eu mesma a darei ao senhor. Isto é: hei de saber inspirar-lhe a necessária coragem para lutar... E o senhor a terá porque o coração dela já lhe pertence. E o pai nada poderá fazer, porque a lei estará com ela!

Richard olhou com admiração essa mulher pequenina e frágil, tão fraca aparentemente mas que dava provas de grande energia moral.

— Neste caso — disse êle — retiro-me. Recebi uma proposta para deixar a França, por um ano; trata-se de fundar uma escola de gravura sôbre metais no Rio da Prata: eu tinha a esperança de poder levar minha espôsa e voltar à França ao fim de um ano. Vejo que o mais sensato será partir imediatamente e regressar quando...

— Aliette tem vinte e um anos, o que ocorrerá dentro de treze meses — disse a Sra. Rieul.

— Aqui estarei em um ano! — declarou o rapaz com essa resolução pronta que caracteriza as naturezas ativas. Preciso mesmo de um ano para dar cumprimento ao meu coração; não quero, assim, perder um dia. Partirei amanhã... Oh! Como seria feliz, caso pudesse falar com ela um pouco e saber se realmente é o seu amor pela senhora o que a retém — e não outra coisa...

— Oh! Isso eu posso afirmar! — disse a Sra. Rieul — Vê-la, falar sôbre amor, é perigoso; não procure despertar o ciúme de meu marido; ela e eu passaríamos um ano terrível...

Moveu a cabeça lentamente, como para afastar penosos pensamentos.

— Mas... A senhora? Falará com ela a meu respeito? — insistiu Richard com voz que procurou ser insinuante e terna. — Fará com que ela compreenda o que representa para mim? Oh, por favor!

— Compreendo... Falarei... Não me faça chorar, Richard. Meu marido não tarda a chegar... Tenha confiança em mim. E, por favor, retire-se.

— Oh! — exclamou êle repentinamente animado por um ardor de moço — Encontrarei algum meio de rever Aliette e, se não puder vê-la, ao menos poderei...

— Por favor, agora saia, depressa! — murmurou Luísa — Que pode representar um ano para quem tem tôda a vida pela frente? — disse Luísa, empurando-o ligeiramente para a porta.

— Isso é fácil de dizer! — murmurou o rapaz com essa voz alquebrada, entre risonha e chorosa, com a qual os mais corajosos escondem as suas grandes emoções morais. — Até à vista; não digo adeus!

A porta se abriu, Rieul entrou nesse instante.

— **Dizer adeus?** — repetiu êle, de muito bom humor — Sem dúvida! Por que havia de ser **adeus**?

— Porque vou ao Rio da Prata, fundar uma escola de gravura sôbre metais. Ofereceram-me um bom contrato e, se eu quiser continuar lá, as vantagens serão consideráveis.

— Ora, vantagens... E o senhor pretende ficar?

— Não acredito que fique! — disse Richard, que não pode deixar de procurar o olhar de Luísa, para nêle ler uma última confirmação de suas promessas.

— Não passamos, todos nós, Franceses, de grandes tolos — comentou com voz grave Rieul, que surpreendera êsse olhar — Gostamos exageradamente da nossa terra... e o que nela encontramos. Quando pretende partir, rapaz?

— Amanhã.

— E não o veremos antes, uma vez ao menos?

— Espero que sim! Tenho cá os meus projetos — disse Richard sorrindo — Até a vista, minha senhora, Sr. Rieul... Até a vista, senhoritas...

Seu olhar procurou em vão Aliette. Ela estava em seu quarto, onde tentava apagar os vestígios de suas lágrimas. Oh, como são doloridas as primeiras lágrimas do sacrifício! E como é amargo cumprir o seu dever... Mas era preciso!

X

Jacques Rieul despachou ràpidamente o seu jantar. Tivera aborrecimentos em seu escritório e nos dias em que tal ocorria, melhor valia não tardar muito na mesa. Além do mais, o olhar trocado entre sua espôsa e Richard, em que êle julgara ver trocar, pois na realidade Luísa não levantara os olhos, pusera-lhe um martelo na cabeça.

Quando um homem é ciumento, é bastante pouca coisa para exasperar a pequenina víbora adormecida, que apenas dorme com um só ôlho no pior recanto do seu ser. Nos últimos quinze dias, a doçura da estação, a alegria de haver terminado um trabalho que representava uma grande quantia ou, talvez, muito simplesmente, um dêsses momentos de beleza que passam sôbre as mulheres, como um sôpro de primavera, em suma, um encanto inexplicável e misterioso dera a Luísa uma nova e sur-

preendente beleza. De tôdas as partes Rieul ouvia dizer: — **"Sua espôsa está simplesmente deliciosa, meu caro amigo!"** Ou então: "Que faz a Sra. Rieul para continuar linda asim?" — Ou ainda: — "Sua filha mais velha, Aliette, parece irmã da mãe".

Tôdas essas pequeninas gentilezas, que são geralmente tomadas pelo seu lado mais amável ou que, na pior das hipóteses, põem um sorriso cético nos lábios dos maridos por demais habituados à beleza que há tanto tempo conhecem, tôdas essas frases amáveis e que eram, desta vez, verdades indiscutíveis, haviam exasperado Rieul. Não suportava que se permitissem a liberdade de achar linda a sua espôsa; só êle tinha êsse direito. Não podendo, porém, voltar-se contra os culpados, atacava a vítima.

Enquanto as três mocinhas repunham a louça lavada nos armários — pois não tinham criada, tanto por espírito de economia como por amor à tranqüilidade — êle chamou a espôsa para o quarto de dormir, cuja porta fechou cuidadosamente.

Luísa, tendo ficado de pé, no centro do quarto, procurava com o olhar, em redor, como o pássaro apanhado na armadilha e pensasse por onde fugir.

— Luísa... — perguntou seu marido — Que vem a ser esta história?

Ela o fita com ar inquieto, sem responder.

— Por que vai partir êsse rapaz? Que aconteceu?

— Não sei — respondeu ela, direita, imóvel, o olhar perdido no vazio.

Rieul fitou sua mulher com uma cólera que mal podia conter.

— Não sabe! — disse êle desdenhosamente — E há três anos êle vem aqui, sempre que tem tempo livre, um pouco mais, talvez. Vamos, não se desculpará com uma negativa tão simples. Terá que responder. Que aconteceu? Aconteceu, sim, alguma coisa importante... Você chorou, é evidente!

Luísa torceu ligeiramente a ponta dos seus dedos finos, com o gesto nervoso que lhe era peculiar. Seu pobre ser, frágil e desamparado, não conhecia outro meio de resistência.

Fitou as paredes, a janela, depois em tom cansado, quase desesperado:

— Não aconteceu nada — disse ela — Nada... O Sr. Richard jamais veio aqui sem que você soubesse. Se essas visitas não eram vistas por você com bons olhos, devia ter dito. Sua mãe gostava de mim, fui eu quem fechou os seus olhos... Êle sempre gostou da nossa casa, você nunca achou mal...

— Confesse de uma vez que você gosta dêle! — disse Rieul rubro de cólera.

— Certamente. — disse ela com coragem — A presença dêsse rapaz não me desagrada. E por quê? Primeiro, êle tem idade para desposar uma ou outra de nossas filhas mais velhas... Além disso êle vai viajar... — concluiu ela, cruzando uma sôbre a outra as suas delicadas mãos de artista.

— E isso é o melhor que pode acontecer! — replicou rudemente Rieul — Apesar de tudo, êle não desposou nenhuma de nossas filhas... e ainda não partiu, embora tenha falado em viagem.

A pobre Luísa fêz um pequenino gesto resignado. Se quisesse contar tôda a entrevista que deixara os seus belos olhos evermelhados! Mas preferia guardar para si tôda a cólera conjugal, impedindo que caísse sôbre a sua Aliette querida.

As notas graves de um violoncelo fizeram tremer o ar da noite, tão aveludado, tão misterioso nesse cantinho de Paris cercado de jardins. O professor do Conservatório passeou o arco sôbre as cordas que teria feito brotar lágrimas nos olhos de todo ser magoado, começou a velha canção: "Plaisir d'amour".

— Êsse também! — exclamou Rieul, batendo com fúria a janela do quarto — E' de se jurar que fazem de propósito!

A violência do seu movimento o acalmara um pouco; voltou para junto de sua mulher, depois de acender a vela. O encanto da noite de agôsto estava quebrado; o quarto retomara o aspecto de todos os dias.

— Está resolvido, enfim — disse êle — Partiremos sábado e você cuidará de ser um pouco menos desagradável, quando voltarmos, segunda-feira, pois ùltimamente, na verdade, não se pode saber como agir com você... Sem dúvida, mudou muito, depois do nosso casamento!

— Tem certeza que fui eu quem mudou? — perguntou Luísa com sua vòzinha frágil e calma.

— Por Deus! — respondeu o marido — Quando eu a cortejava, em Bayeux, você era muito mais agradável!

Luísa Rieul se levantou, como tocada por misteriosa mola.

— Eu bem sabia que você acabaria dizendo isso! Há vinte e três anos tem sido assim. Sempre que inicia uma briga, posso jurar que vai terminar dessa maneira! Sim. Você nunca me perdoou



— Alô! E' da «Escola Progressista»?...

não haver trazido para casa a fortuna que esperava! Não foi por culpa minha, entretanto, se minha mãe perdeu todo o seu dinheiro, se o médico morreu sem ter assinado o seu testamento. Eu nada conhecia da vida e acreditava ser amada por mim mesma... Eu o amei... Acreditei que o amava — continuou ela tremendo da cabeça aos pés e os olhos cheios de lampejos de angústia.

Oh, Ailette, Ailette! Por que não estavas presente para tomar em teus braços a pobre mamãezinha, para receber no teu peito virginal a pobre cabeça martirizada, o cérebro perturbado, o corpo e a alma feridos daquela que te pôs no mundo, sendo, também ela, tão jovem, tão fraca, uma verdadeira criança!...

Rieul segurou sua mulher pelos dois pulsos, rudemente magoando a carne e o espírito daquela que havia jurado proteger para a vida e a eternidade.

— Largue minhas mãos... Está doendo! — disse ela, libertando-se com gesto rápido.

Êle, porém, não quis ceder.

— Então, fui eu quem a enganou? — perguntou êle com os olhos cheios de cólera, e um sorriso mau torcendo os lábios.

— Se houve alguém que enganou, não fui eu — replicou orgulhosamente Luísa — Eu pensava ter casado com alguém que se empenhava em me proteger, me ajudar, me encorajar... Você jurou tudo isso, diante de Deus e dos homens e não cumpriu o juramento!

— Que quer, então, de mim? — perguntou Rieul, momentâneamente atordoado diante de uma revolta tão veemente e que nada, até então, o fizera suspeitar.

— Queria — respondeu ela — não ser eternamente perseguida sem saber por quê; queria, quando você volta descontente por alguma coisa que ignoro, que não fizesse de mim, sem pretexto, a vítima perpétua; queria conhecer a sua vida, partilhá-la, mas não sofrer com os seus caprichos. Depois de vinte e três anos de casada, não pude ainda descobrir uma só das causas dêsses furores contra mim; só conheço uma causa, da qual não tenho culpa: a insignificância da minha fortuna!

Êle ia interrompê-la, amedrontado por ouvir dizer tão alto, por uma criatura tão mansa e meiga, finalmente revoltada, o que não ousara ainda confessar a si mesmo, tanto era vil e mesquinho...

— "E eu não era tão pobre — continuou ela com veemência — Tinha, apesar de tudo, os cem mil francos do meu dote, dinheiro êsse pago por minha pobre mãe, ao preço sabe Deus de que sacrifícios! Sim! Só Deus pôde saber! E ganhei minha vida; longe de ser um fardo para o nosso lar trouxe para êle dinheiro, muito dinheiro... Nessa caixa que acabamos de fechar, Aliette e eu, há mais de dois mil francos, ganhos com os meus dedos e os meus olhos, pesados de sono, ganhos com as minhas combinações de côres e de desenhos, ganhos com o meu esfôrço assíduo... Sim! Ganhei a minha vida! Mas não era uma herdeira... E você contava desposar uma herdeira! Você me obrigou a deixar minha mãe, minha pobre mãe que só tinha a mim; obedeci sem resistência. Não é a obediência o primeiro dever de uma mulher casada? Quando era sentiu que ia morrer, você escondeu a notícia, impedindo-me que a visse com vida. E eu não o censurei. Assim, desde o primeiro dia, eu tudo perdi e nada ganhei.

Rieul ergueu os ombros mais uma vez; era a sua maneira de responder o que não tinha resposta.

— Tudo isso — disse êle — são manobras, muito hábeis aliás. Muito sutis, mas que não me farão perder a pista. Que desejava Richard? Que veio fazer aqui ante-ontem, ontem e hoje? E por que tinha você um ar de culpada, apanhada em flagrante? E' isso o que desejo saber, e saberei, por certo!

— Não há nada a saber. — respondeu com firmeza a mãe de Aliette — No dia em que houver qualquer coisa a revelar, eu mesma contarei tudo. Mas não posso inventar histórias, simplesmente para o distrair.

Rieul olhou para sua mulher com os olhos maus que ela bem conhecia.

— Você se defende muito hàbilmente — disse êle com frieza — O que me espanta é que você não tenha metido nisso uma de nossas filhas.

Um raio de esperança atravessou o espírito da pobre Luísa.

— Se alguém viesse pedir a mão de uma de nossas filhas você a daria? — perguntou ela, arriscando tudo.

— Alguém? Isso... depende! Um homem escolhido por mim, examinado por mim, do qual eu conhecesse bem os defeitos e as qualidades, não digo que recusaria! Mas um dos seus tolos amiguinhos, um Richard qualquer? Jamais! E êle faria melhor não tentando nunca!

Luísa moveu a cabeça com ar de piedade. Êle seria sempre o mesmo, êsse obstinado, êsse inimigo da sua felicidade e da felicidade dos outros, êsse homem que só compreendia e apreciava os seus iguais! À idéia de preparar para Aliette uma existência que se parecesse com a dela mesma, Luísa estremeceu de horror.

Não! O momento não era favorável para falar do pedido de Richard! Que êle partisse! Que viajasse para bem longe, pondo à prova a fôrça do seu amor e de sua vontade, e, dentro de um ano ou dezoito meses, veria então o que seria mais aconselhável fazer. Se Aliette o amasse ainda, a mãe, a filha e o pretendente seriam suficientemente fortes contra o insensato capricho dêsse pai a quem o mais negro ciúme perturbava a razão.

Repentinamente Rieul tomou a palavra. Tinha ainda um restinho de cólera para lançar contra a espôsa.

— Sabe você, minha mulher — disse êle — quando pratiquei a maior tolice de minha vida?

Ela o fitou sem responder, os olhos inquietos, o coração batendo.

— Foi quando, depois daquele primeiro acesso de sonambulismo ou... sei lá o que, não enviei você para uma casa de saúde... Por certo que teriam endireitado essa cabeça.

— Minha cabeça? Minha...? — exclamou Luísa Rieul, estupefata — Então você acredita que eu seja louca?

— Quase isso! — respondeu cruelmente Jacques Rieul — E essa seria a sua melhor desculpa...

— Não compreendo... Não posso compreender! — afirmou Luísa com a maior sinceridade.

— Pois trate de compreender. Já falam de você com êsse rapaz, neste prédio... Êle vai partir... Ainda bem! Mas que êle não se lembre de corresponder com você, seja lá de que forma fôr, pois, juro pelo que há de mais sagrado neste mundo:

não farei escândalo... Simplesmente fecharei você num hospício!

Ela mergulhou o rosto lindo, emagrecido, afinado pelo sofrimento, nos flocos macios de sua encantadora cabeleira. Tinha um ar tão moço, tão sedutor, que Jacques não sabia, na verdade, se devia dar-lhe pancada, ou ao contrário, beijá-la apaixonadamente.

As faces de Luísa se haviam tingido de um róseo vivo sob as lágrimas, a tez nacarada nunca fôra tão branca; o não sei que de cruel que algumas vêzes se mescla ao amor nas naturezas inferiores, falava muito alto nesse ciumento, que ousava falar na loucura dos outros!

— Vamos. — disse êle — Já brigamos muito por uma noite. Beija-me e não pensemos mais no que passou; vou dar uma volta, fora, para mudar de idéias e a nossa viagem nos porá novamente de acôrdo.

Curvara o próprio rosto para a fronte da sua jovem espôsa, que recuou:

— Não — disse ela, resolutamente — Você me disse, hoje, coisas que não podem ser esquecidas nem perdoadas tão depressa. Mais tarde, talvez; mas, hoje, deixe-me; não lhe tenho ódio e até perdôo o que me fêz... Vai...

— Perdoar...a mim? — exclamou Rieul, verdadeiramente exasperado em seu orgulho — E' o cúmulo! Eu, sim, devia obrigar você a pedir perdão, e de joelhos!

Fizera um gesto brusco: o frágil cérebro de Luísa não pôde resistir.

— Aliette! Oh! Aliette! — gritou ela, numa súplica suprema.

A porta se abriu, e Aliette entrou, para receber em seus braços, a pobre mãe prêsa do mêdo.

— Ainda teremos que a mandar para uma casa de saúde, conforme sempre tenho dito! — falou Rieul.

— Oh, meu pai! O senhor não faria isso! — disse a filha mais velha — O senhor bem sabe que respeito e que ternura merece nossa mãe. Ela precisa apenas de repouso, de meiguice...

— Repouso, meiguice... Isso lá é vida!

— Para ela também não é! — respondeu Aliette com singular autoridade.

Era preciso que tivesse visto tais cenas muitas vêzes para ousar falar assim.

Luísa, a cabeça apoiada num ombro de Aliette, os olhos ainda vazios e parados, respirava penosamente; lágrimas incessantes desciam ao longo de suas faces.

— Pobre mãezinha — disse Aliette — Hoje vai dormir na minha cama; Elisa dormirá sôbre o sofá, Lúcia na cama de solteiro... Tudo se arranjará.

— Por que ela não há de dormir como sempre? — perguntou Jacques com olhos cheios de cólera.

— Porque vai ter sonhos maus... Tornará a sonhar com o acidente; é quase certo! Precisará de ser despertada e tratada...

Tranqüilamente, Aliette abriu um pequeno armário e verificou o conteúdo de um pequeno frasco.

— Papai — disse ela — Não podemos sair, sòzinhas, a esta hora... O senhor fará o favor de ir renovar o calmante na farmácia.

Sem responder, Jacques Rieul apanhou o chapéu e saiu.

Na escada, encontrou a gorda Sra. Lambert, que, naturalmente, quis conhecer o fim daquele passeio.

Mal Rieul voltou as costas à bisbilhoteira, esta entrou pela porta de outra vizinha.

— Pobre Sr. Rieul! Que bondade de homem! Que vida a mulher lhe dá! Lá foi êle à farmácia em busca de remédios para ela. Às dez horas da noite!

Durante êsse tempo, Luísa, em sua comprida camisola de dormir que a fazia mais magra, mais imaterial ainda, deitara-se no leito de sua filha mais velha, que recusou absolutamente ocupar o lugar ao seu lado.

— Não preciso de nada, mamãe — dizia ela — Quero apenas ver a senhora dormir e repousar bastante; amanhã há de estar melhor.

Mediu a poção e deu-a a tomar a sua mãe; a seguir, ofereceu a fronte ao beijo do pai, sempre carrancudo, empurrou para fora do quarto suas irmãs mais ou menos satisfeitas e sentou-se numa cadeira perto da adormecida, pronta a fechar a janela por onde penetrava o delicioso frescor da noite, se, pela madrugada, o ar se tornasse mais vivo.

XI

Ao amanhecer, Luísa abriu os olhos fatigados, que doíam, olhou em redor, surpreendido por não reconhecer os objetos familiares.

Como se tivesse adivinhado o momento exato do despertar de sua mãe, Aliette se postou, de pé diante do leito, com uma xícara de chocolate na mão e, ainda, uma apetitosa torrada com manteiga.

— Bom dia, mãezinha adorada! — disse ela com sua vòzinha meiga.

Todo o seu ser cheio de ternura, de graça, de sedução, se derretia em adoração por essa pobre mãe, tão pouco compreendida, tão pouco amada e nada protegida.

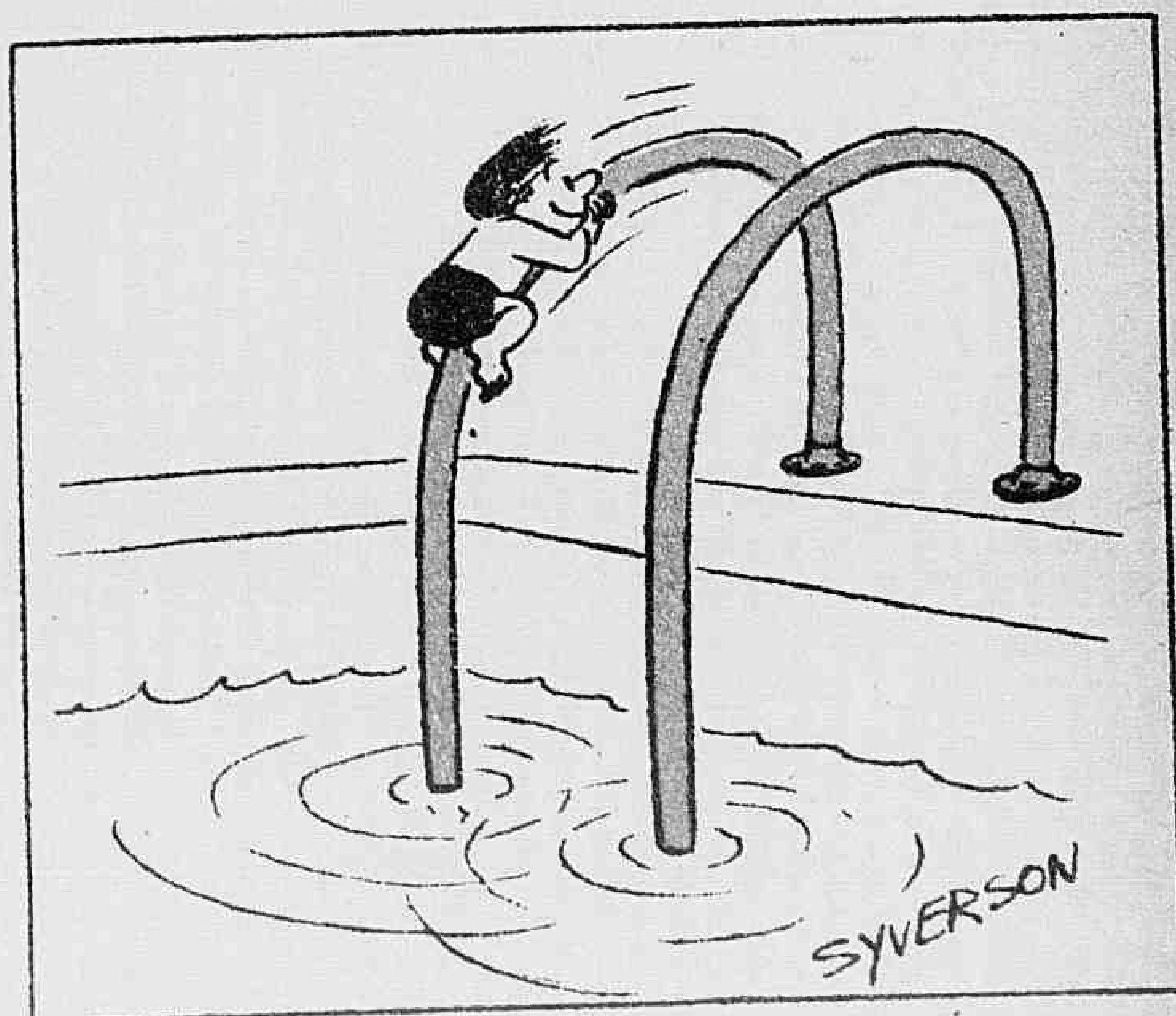
— Dormiu bem?

— Sim — respondeu Luísa — dormi muito bem... Tão bem que não me recordo de nada; foi como se tivesse morrido...

Levantou-se ligeiramente sôbre os travesseiros e aceitou a xícara, enquanto a filha levantava ligeiramente os belos cabelos finos da enfêrma, prendendo-os com um grampo de tartaruga.

—Mamãe querida; não deve pensar mais nessas coisas, nem dizê-las... Se pensar, mais vale ainda dizer... **mas o que não deve é sonhar!**

Luísa mordia a torrada, olhando para a filha.



— Você deixaria que me mandassem para uma casa de saúde? — perguntou repentinamente.

Aliette estremeceu.

— A senhora, mamãe? Papai falou isso, mas é coisa abominável, simplesmente monstruosa! Êle nunca faria isso.

— Sim, sim... — disse calmamente Luísa — E' natural. Eu o aborreço, nunca o diverti nem agradei... Sempre fui triste... Êle gostaria de ter uma mulher alegre...

Ofereceu a xícara vazia à filha, que a colocou sôbre a chaminé e voltou para junto do leito.

— Onde estão... todos? A casa está silenciosa, esta manhã!

— Já é tarde. Papai saiu; Elisa e Lúcia foram à aula; Alberto foi procurar um emprêgo; dizia-me, ainda há pouco ter esperança de consegui-lo. Meu irmão é habilidoso. Há poucos rapazes da sua idade, capazes de gravar uma arma de luxo. Êle fêz bem seguindo o conselho do Sr. Richard.

— Richard é mais hábil e, principalmente, tem mais gôsto — disse Luísa.

Aliette não respondeu. Seu coração doía como a flor separada da haste, tôdas as vêzes que pensava naquele que mandara para tão longe, por amor de sua mãe.

Luísa respirou profundamente.

— Enfim, êle vai partir... — continuou ela — Depois que êle partir, estarei mais tranqüila... Será mais triste, também; mas Jacques nada mais poderá dizer. Juntas falaremos dêle de vez em quando.

Ela se levantara; seus pèzinhos de criança, brancos e delicados, brilhavam como jóias vivas.

Torceu os cabelos, que tinham caído sôbre os ombros, e sorriu para a filha querida.

— Meu Deus, mamãe... Como a senhora é moça ainda! E como é linda! — exclamou Aliette, quase sem o querer — E' mais moça do que eu!

— Lisonjeira... — disse Luísa, sorrindo — E as lágrimas?

Indicava com a ponta do seu indicador delicado, os próprios olhos fatigados, onde os desgostos da véspera tinham deixado vestígios ainda bem nítidos.

— Isso desaparece com um pouco d'água. — disse Aliette, obstinada no seu desejo de provocar um pouco de alegria no rosto adorado. — A senhora é mais moça do que eu... Isso a senhora sabe tão bem como eu.

Os dois rostos se examinaram, aproximados do espelho.

Era a mesma côr e a mesma abundância de cabelos de um castanho dourado, macio, sempre prontos a formar auréolas; era o mesmo delicioso oval, a mesma bôca, talvez grande, mas onde os dentes brancos e brilhantes tinham a forma de pequenas amêndoas.

Aliette tinha razão; sua mãe era mais bonita do que ela poderia ser jamais. E, no entanto, Aliette era uma das mais deliciosas adolescentes que se poderia encontrar.

Luísa Rieul vestia-se lentamente, com êsses gestos fatigados e de desânimo que seguem os dias de grande desgôsto.

Sua filha a ajudava discretamente, poupando-lhe a fadiga tanto quanto possível.

Mas a idéia fixa não queria abandonar aquêle cérebro. Voltando-se para a filha, Luísa perguntou:

— Você não acredita, então, que eu esteja fraca da cabeça? Jacques repete isso a todo momento, afirmando que sou louca... Às vêzes penso que êle tem razão... Em outras ocasiões não sei mais nada: o passado é como é um sonho... Lembre-se de uma coisa apenas, minha filha: vocês, meus filhos, foram todo o universo para mim... E, ainda, digam o que disserem, façam o que fôr que venham a fazer, só amei a meu marido; só êle! Êle sabe isso muito bem, embora goste de afirmar o contrário. E eu, depois que minha pobre mãe deixou êste mundo, depois da morte do meu querido médico e exceto você mesma, quem mais me amou?

— Lúcia tem grande ternura por você, mamãe — insistiu Aliette.

— Lúcia... Oh, sim! Mas pensaria ela em mim, se eu desaparecesse? E' muito criança ainda... Ouça, minha filha: não convém casar muito moça. Êsse é um êrro muito grande que qualquer moça pode praticar. Muito provàvelmente terá tôda a vida para se arrepender. Você não deve casar cedo. Para o ano será melhor, e que o marido que você escolha seja desinteressado; que não escolha você por seu talento de bordadeira, que representa uma pequena fortuna; que ame você por você mesma, por seu amor, por seus belos olhos, por sua bondade, pelo caráter e a sinceridade que são predicados marcantes em você! Ah, minha Aliette! Muitas vêzes tenho sofrido, só de pensar que você possa vir a ter destino igual ao meu! Se você pudesse amar Richard, eu ficaria muito contente! Acho que êsse rapaz nasceu para ser o meu genro ideal!

— Pobre mãezinha! — disse Aliette acariciando os belos cabelos que aureolavam o rosto febril. — Não me casarei! Já lhe disse... e agora repito. Não pense em mim, por favor!

— Com Elisa, por exemplo, você nada conseguirá; é teimosa, tem espírito independente e só aceitará a vida a seu modo... Mas sempre se arranjará, sòzinha — e muito bem até! Mas Lúcia... Oh, tenho mêdo.

— Mas, mamãe... — Você fala como se não pudesse estar conosco! — exclamou Aliette amedrontada.

Ela conhecia essas misteriosas intuições de sua mãe e temia-as um pouco; onde outros viam loucura, Aliette via uma percepção estranhamente aguda de tôdas as coisas, visíveis e invisíveis; tantas vêzes vira êsses avisos obscuros de uma inteligência doentia realizar-se de modo surpreendente, que receava ver tôda palavra transformar-se em novas previsões certas.

— Por que havia eu de estar? — perguntou Luísa passando sôbre a fronte dolorida os seus dedos delicados, num gesto de desespêro — Minha missão foi cumprida e nada mais tenho a fazer neste mundo...

Meia hora soou em alguma parte da casa. Luísa se levantou, apoderou-se das duas mãos da filha:

— O futuro ninguém pode prever — disse ela — mas apesar disso, Aliette, eu suplico: não se sacrifique por mim! Minha vida pouco vale, meus dias talvez já estejam contados e não hão de ser muitos mais... Deve viver por você mesma, minha filha... Assim me fará feliz! E agora é preparar para essa viagem. Vai!

(Continua no próximo número)

LADRÃO encapuzado

A decisão tomada por Oscar Campos podia ser considerada arriscada, mas o desejo de vingar-se de seus antigos empregadores parecia justificar qualquer risco.

Tendo trabalhado no "Montalbano Lumber Co.", de Houston, Texas, durante quase um ano, antes de ser despedido (por pequenos furtos), Oscar ficara conhecendo o local como a própria palma da sua mão. Além disso, êle estivera espreitando os arredores e ficou sabendo que a patrulha policial da cidade tinha um só e inalterável roteiro; verificara também que o vigia noturno, da companhia, fazia a sua ronda obedecendo sempre aos mesmos horários e caminhadas. Porém o fato que tornava o "trabalho" arriscado para Oscar era a existência de um duplo-alarma contra ladrões, que a "Montalbano Company" mandara instalar recentemente. Sabia como desligar a campainha de alarma, pois não perdera tempo enquanto ali estivera como empregado. Entretanto estava inclinado a ser prudente com o novo ôlho-eletrônico, um aparelho de alarma aliado a um aparelho fotográfico e que também fôra instalado, embora nunca experimentado.



— Provàvelmente êles pensam que pouca gente sabe da existência dêsse aparelho — disse Oscar ao seu comparsa, que o ajudaria no papel de "olheiro" — porém também isso eu sei!

Tratou de aranjar um grande lençol e preparou-o como convinha, em forma de saco, a fim de que não lhe chegasse aos pés. Metendo-se por êle, depois de abrir dois orifícios à altura dos olhos, conseguiu arranjar um disfarce que lhe dava cobertura total e, ao mesmo tempo deixava livre o movimento dos braços, em razão de outros dois orifícios convenientemente abertos. Na noite de 22 de outubro de 1950, os dois homens, ambos muito moços, foram para a "zona de ação", colocando-se em posição estratégica, ficando o amigo de Oscar à beira da estrada, vigilante, a fim de avisar a aproximação do carro da rádio-patrulha, enquanto Oscar foi para junto da cêrca de plantas, atravessando-a e agindo segundo estudara muito bem. De fato, logo que o carro-patrulha passou, o companheiro assobiou e Oscar prosseguiu na execução do seu plano.

Em menos de dez minutos já havia desligado as campainhas de alarma, cuja localização conhecia. A seguir abriu a janela anteriormente escolhida e entrou. Olhando para o grande relógio da parede respirou tranqüilo. O vigia da fábrica não apareceria por êsse trecho da companhia antes de quarenta e cinco minutos. A combinação da "caixa forte", segundo recordava, estava anotada a lápis — por êle próprio — na parede encoberta pelo bebedouro elétrico.

Oscar sabia que em diferentes pontos — talvez durante todo o tempo em que "trabalhara" e caminhara pelo escritório — o "ôlho-eletrônico" o estava fotografando incessantemente. Após ter vencido a porta do cofre e se apossado do seu conteúdo, levantou-se e fêz, com os dedos diante do rosto mascarado, "fiau" para a máquina fotográfica, que devia estar colocada em algum lugar.

A seguir bateu a porta do cofre e tratou de dar o fora pela mesma janela que usara para entrar.

Na manhã seguinte, com quatro mil dólares no bôlso, Oscar tomou o ônibus para trocar Houston por Los Angeles. Pretendia gozar umas boas férias.

Dois dias mais tarde, a Polícia de Los Angeles, que foi solicitada pela de Houston, procurou-o pelo nome, nos registros dos hotéis e não tardou a encontrá-lo, providenciando imediatamente a sua viagem de retôrno a Houston.

Oscar não tomara qualquer precaução para esconder o próprio nome, pois segundo entendia, ninguém podia saber que fôra êle o autor do roubo. Como poderiam saber?

Ao chegar a Houston, perguntou ao detective-chefe, Capitão George Saber, como pudera descobrir que fôra êle.

— Na verdade — explicou o velho policial — foi como se você mesmo nos tivesse contado...

E sem poder conter o riso, concluiu:

— O saco foi um bom disfarce, realmente, não permitindo que se conhecesse a cara do ladrão. Porém, como muitos atores, você acabou praticando um grande êrro. Ao levantar o braço para fazer careta para a máquina fotográfica... permitiu que a polícia lesse a marca da lavanderia, estampada no lençol! Depressa descobrimos a quem pertencia e foi a sua própria mãe quem, inocente, disse para onde você tinha ido.



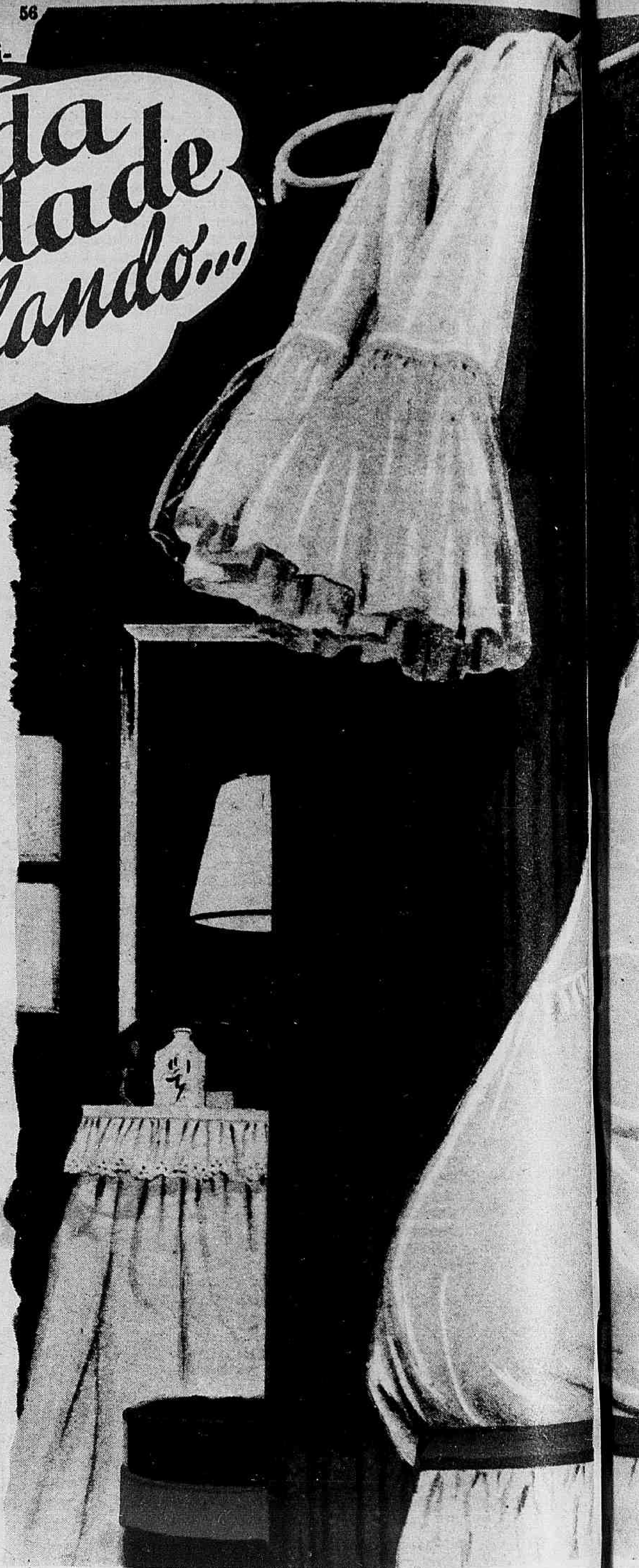
Julgado em 1 de maio de 1951, Oscar Campos, português, chegado aos Estados Unidos sete anos antes, foi condenado a cinco anos, que está cumprindo atualmente na prisão estadual do Texas.

"Os Johnstons viviam casados e felizes, até que aquêle parzinho romântico se introduziu em seu ambiente. Então Debbie começou a abrir os olhos..."

Toda a cidade está falando...

Por

BUDD SCHULBERG



OS leitores sabem muito bem como certos casais acabam, se não têm grande cautela. Um casal como os Johnstons, por exemplo, que entrelaçaram as mãos pela primeira vez na escola superior e assim permaneceram durante todo o curso para, finalmente, contrair núpcias tão logo George pôde ganhar o suficiente com o seu escritório de advogado...

Oh, certamente! George e Deborah se amavam muito! Isto é — nunca teriam prestado muita atenção a outras pessoas. Havendo crescido por assim dizer lado a lado, teriam visto os filhos crescer, por sua vez, pouco a pouco, e chegado à meia-idade, sempre juntinhos, de mãos entrelaçadas, direitinho até o final.

Mas, os fogos da paixão, quase sempre, sofrem alterações e, como o termostato do *living-room* da sua pequenina casa, nos subúrbios, também os dêles podiam subir ou baixar, embora se mantivessem, em geral, num confortável 68°.

E os Johnstons não eram os únicos Todos os casais de suas relações também tinham descido gradualmente, imperceptìvelmente, até essa aprendizagem preparatória da idade madura, sempre revelada nos casais com dez anos de casamento e — segundo as estatísticas de longevidade das companhias de seguros — estavam quase apagados.

Então chegou essa banalíssima noite de sábado, dia infalível de reunião de amigos e em que os "rapazes" gravitavam em redor da mesinha entulhada de copos, a fim de conversar negócios e esportes, enquanto as "moças" revelavam suas queixas de alimentar os filhos ou afirmavam que a televisão não seria tão desagradável caso pudesse libertar-se dos anúncios comerciais. Às vezes um dos "rapazes", lançava um olhar especial para a espôsa de outro... Coisa inocente,



quase por distração. Como aconteceu, certa vez, entre Charley Griffin e a tagarela Emily Stever. Mas, tudo desculpável, pois, nessa noite, todos tinham bebido um pouquinho *além da conta*, por ser o aniversário de casamento dos Johnstons.

Foi então que, certo dia, outro casal veio engrossar o grupo de amigos — e não apenas o casal, mas também outro elemento. Tudo começou numa tarde, quando George telefonou para Deborah, e disse:

— Meu bem, adivinha quem chegou, hoje, a esta cidade!

Deborah pediu um "minutinho" para desligar a máquina de lavar...

"— O velho Springer em pessoa! — concluiu George, alegremente.

Jack Springer fôra colega e companheiro de quarto de George, na Universidade, um rapaz alegre e solteirão teimoso.

"— E imagina você, querida! O sexo fraco acabou vencendo o nosso bom amigo! Sim... Está casado! Quem diria? Acabou, como muitos outros teimosos... Capitulando! Não... Ainda não vi a felizarda, mas ouvi dizer que é excelente criatura e dessas que quando passam ouvem "fiu-fius"... O nome? Ah! Espere um pouco... E' Charlene... Que nome, hein? Charlene! Êles vão residir nesta cidade. Jack é o novo gerente do escritório de Chase.

— Que bom — disse Deborah, ao mesmo tempo chamando por alguém, dentro de casa — Um minutinho, meu bem... Já volto... Pronto! Pelo que imagino, êles vêm dar sangue novo ao nosso grupo...

O sábado seguinte foi como nenhum dêles podia recordar, desde que o grupo se formara. Os Springers eram de fato, qualquer coisa de "especial". Charlene era alta e bem feita, com cabelos negros azulados e olhos aveludados, artìsticamente plantados num rosto pálido e de um oval admirável, que todos logo reconheceram de inumeráveis anúncios de perfume.

A fronte de Jack estava, talvez, um pouco mais alta do que êles podiam recordar, mas apesar disso êle continuava com a aparência de um ator de cinema em nada lembrando um gerente de emprêsa comercial. Era um par encantador.

Mas não foi apenas a beleza dêsse casal o que carregou aquela atmosfera com maior excitação. Foi... a maneira como viviam entre si, como agiam e se falavam.

— *Não como gente casada* — disse Emily Stever pondo em palavras e com a sua habitual desenvoltura, o pensamento de todos — mas como *amantes!*

A primeira coisa que Jack Springer fêz foi quebrar o círculo de homens, papagueando em redor da mesinha com *whisky*.

— Isto é que não! Vocês não conseguirão afastar-me da minha querida, a noite tôda, apenas para contar-me como podiam abiscoitar 200 dólares coso tivessem jogado na dupla 14 e não em outra!

Digam-me... Há quanto tempo vocês estão casados? — perguntou Charley Griffin num tom que tentou parecer sardônico, mas em que dominava o despeito.

— Deixem-me ver... Vamos completar o nosso quinto mês de casamento na próxima sexta-feira... às 5,37 da tarde — não é isso, meu amor?

— Cinco meses! — exclamou George — E' de se jurar que foi há uns 5 minutos...

— Isto é *amor, amor, amor*... — cantou Jack Springer e logo depois êle e Charlene riram muito. Todos estavam um tanto contrafeitos e, também — tinham que admitir — meio tontos, olhando-se, marido e mulher, e todos com a mesma busca dolorosa ao passado e o mesmo acabrunhamento.

Os Springer foram os primeiros a deixar a reunião. Por mais de uma hora tornara-se evidente que ambos esperavam polidamente, apenas o momento propício para apresentar as despedidas e dar o fora. Deborah se deixou ficar, observando-os, da porta, enquanto Jack deu a volta e abriu a portinhola do automóvel para Charlene — com os mesmos gestos e atenções de George, nos dias em que a cortejava.

— Bem... Não há dúvida de que estão mesmo apaixonados, êsses dois... — disse Deborah, voltando para junto do marido, com um ambíguo sorriso.

— Acho isso um tanto... deslocado — resmungou George — Êles têm muito tempo para trocar beijos e estar de mãos entrelaçadas... Não precisam fazer essas coisas em público.

— Não sei... Acho isso adorável... — disse Deborah. E bem desejara poder dizer como estava longe o tempo em que ela e George cruzavam as mãos, sôbre a toalha da mesa ou tocavam-se, com os joelhos, nessa adorável conspiração de amorosos, quando jantavam com amigos! Era tudo tão encantador e tranqüilo... Por que pararam? Em que dia? Em que minuto?

George e Deborah entraram a arguir sôbre isso nas três semanas seguintes, cuidadosamente, é claro, com medo, apenas com rodeios, receando perturbar o equilíbrio da sua união; seus confortáveis, leais, exaustivos dez anos de casados...

Quando jantavam todos fora, era obrigatório e tradicional, separar as espôsas dos respectivos maridos; mas com os Springars, essa etiqueta foi logo repelida.

— Que idéia absurda é essa de sentar o marido separado da espôsa? — perguntou Jack, rindo mas tratando de se apoderar do braço de Charlene, que o procurava.

George acabou declarondo que aquilo era revoltante, especialmente quando, em uma festinha oferecida por Griffin, Jack e Charlene foram descobertos no terraço beijando-se como dois jovens namorados.

— E' o cúmulo! — gritava George — Por que, afinal, estão êles casados há quase um ano? Quando vão começar a esfriar?

— Nunca, meu bem — disse Deborah com ar entendido.

Ela e Emily Stever tinham ido fazer um *lunch* com Charlene, naquela tarde, e Charlene as havia fascinado com um novo livro, que acabara de ler: "*Casamentos Sentença de morte ou prolongamento de um romance de amor?*"

"— Logo que uma mulher se convence de que é apenas *uma dona de casa* e seu marido simplesmente *o homem que paga as contas*, está perdida!" — dissera Charlene a essas duas amigas que, entre si, totalizavam 17 anos de satisfatória vida matrimonial. "Para manter bem vivo o casamento, vocês têm que procurar, custe o que custar, agradar ao próprio marido; têm que encantá-los e tonteá-los, como se acabassem de dizer "sim" diante do pretor.

Isso a fêz pensar, pela primeira vez, em muitos anos, a respeito do seu próprio casamento. Como pudera chegar àquele estado atual? Porque, a esta altura, (imaginava) George sem dúvida não a amava mais... Ela era apenas... uma *conveniência*, um *hábito*. No "toilette para senhoras" deu aos lábios uma maior e desesperada camada de baton e olhou, com espírito mais crítico que de costume, para a figura que surgia diante dos próprios olhos, no espelho. Nunca poderia ser uma irresistível sedução, como Charlene, naturalmente. Mas a verdade era uma só: desdenhara um a própria aparência. Fiara-se em que "*de qualquer maneira êle é meu...*"

Por sugestão de Charlene e com a assistência de Charlene, mandou cortar os cabelos bem curtos, segundo a nova moda. A seguir Charlene aplicou na sua amiga um sombreado para os olhos e um rico tom vermelho para os lábios, acrescentando um "*isto ajudará muito a você, querida.*"

Em sua seguinte noite de sábado, Deborah voltou para casa pendurada no braço de George; estava bem vestida, bem pintada, bem penteada e com um arzinho novo, fresco, gostoso e surpreendente. Depois de passar mais tempo que de costume no seu quarto de vestir, dêle saiu, deliciosa, no seu novo *pegnoir* e foi abraçar George, enlaçando-o pelas costas. Vendo-a, pelo espelho, George deu um salto, recuando e observando-a com espanto.

— Que estêve você fazendo, Debbie?... E êsse *pegnoir*? Será que o é mesmo usado por Theda Bara no filme "Três Noites no Harém"?

Deborah foi para a cama. Não estava assim tão... tão exótica! As lágrimas desceram por suas faces, arruinando o *make-up* que Charlene lhe indicara. George saiu do quarto e foi dormir numa cadeira no *living*. Deborah ficou soluçando e fungando o narizinho tôda a noite, atormentada por imagens do "*Casamento — prolongamento de um romance de amor?*"... Isso... só Jack e Charlene podiam ter!

Deborah se manteve extraodinàriamente quieta nos dias que se seguiram. Preparou o almôço de George, ajudou-o a arrumar as suas coisas, respondeu-lhe com pouco significativos "um-hums" — e mais nada! Talvez ela e George tivessem deixado perder-se por completo o seu casamento! Talvez fôsse até melhor *não procurar resistir*, antes deixando que tudo seguisse a sua marcha, *até o finzinho*. Ou esperar que George viesse a encontrar *um novo amor...*

Deborah bem que desejou passar o aspirador de pó no *living-room*. Mas simplesmente fïcou de pé, no centro da sala, sem ânimo para nada e apenas às voltas com os seus sonhos, quando o telefone chamou.

— George? (êle nunca telefonava àquela hora) Que aconteceu?

— Nada, meu bem. Apenas pensei que era melhor avisar a você, desde já... Jack e Charlene não poderão ir jantar aí, conosco, no próximo sábado.

— Oh! E' pena... Não poderemos adiar para domingo?

— Não, Debbie... Êles se separaram definitivamente. Jack me afirmou que o casamento acabou para sempre! Charlene deixa Nova York esta tarde ainda...

— Mas Jack... e Charlene? E' impossível! Estavam apaixonados um pelo outro. Ainda no último sábado êles...

— Nada diso adianta. Jack prometeu que me contaria tudo, mais tarde. Confessou-me que já não podia mais aguentar ao fim de três meses casado... Que costumavam ir para a casa e brigar como cão e gato... Bem, isso é lá com êles... Que diz você se convidássemos os Griffins e os Lanes?

— Meu bem... — disse Deborah, falando exatamente como ela própria, *não como Charlene* — Por que não ficarmos em casa, sòzinhos, você e eu? Então, depois do jantar, poderemos resolver qualquer coisa — concluiu, sorrindo misteriosamente para si mesma.

— Ótima idéia! Bem; agora tenho que trabalhar. Até logo, querida. Dentro de uma hora estarei aí...

"— Sim, meu querido. Dentro de uma hora estaremos juntos, e dentro de um ano, de dois anos... e sempre!"

Ao se afastar do telefone viu na extremidade da mesa o livro: "*Casamentos sentença de morte ou prolongamento de um romance de amor?*", que Charlene esquecera. "Quanto sonho tolo..." Mas não pôde deixar de pensar em Charlene e de lamentar o que lhe acontecera, enquanto terminava de preparar o jantar: costeletas de porco. Coisa que ela mesma não apreciava muito, mas gostava de ouvir George murmurar, extasiado, que "*estavam melhores que da última vez*".

Sentia-se explosivamente feliz! Foi ligar o programa de Ópera "ofertado por um sabonete" e ouviu trechos longos, enquanto trabalhava. Era quase infantil ouvir trechos de ópera... Mas, na verdade se eram sempre os mesmos, todos os dias, também eram um pouquinhos diferentes, dia a dia, indefinidamente...



O meu anjo da guarda

Por
A. L. DELPINO

DORMI profundamente, como se estivesse morto, mas, com os primeiros clarões da manhã, despertei antes do estridente chamado do despertador, lutando para desfazer um pesadelo indecifrável... Então, já de olhos abertos, lembrei-me de que tudo aquilo não fôra sonho! Rosemary Oh, sim! Por causa dela... Por causa daquela traidora eu perdera o último avião da véspera, que saíra à meia-noite. Imaginei o acesso de cólera, vizinho da apoplexia, do "atrão", quando viesse a saber dêsse meu desmiolado desleixo com o "maior acontecimento de todos os tempos", deixando-me ficar ao lado de Rosemary, em vez de viajar como era a minha obrigação! Nunca êle poderia acreditar que Rosemary fôsse para mim mais importante que os interêsses do jornal e da minha própria carreira...

★

Se perguntarmos a um psicologista por que motivo um rapaz namora uma moça por três anos e depois "esfria", justamente quando ela começa a lhe dar um pouco mais de atenção, êle dirá, talvez, que êsse rapaz queria era *luta* e não *amor*; preferia que ela continuasse resistindo aos seus assaltos...

Talvez fôsse isso justamente, o que me prendia a Rosemary... Além do mais, eu ainda estava procurando "abrir caminho" na profissão. Um repórter que vivesse sempre à cata de notícias sensacionais, surgissem onde surgissem, não poderia ser um bom marido. Que poderia fazer com uma vida incerta, saltando daqui para ali e ainda carregando a espôsa, como bagagem? Além do mais não posso firmar se, já então, eu estava realmente fascinado. Sei, apenas, que não podia dispensar Rosemary. Isso compreendi melhor na noite anterior, neste mesmo hotel.

Esticando o braço, apoderei-me do telefone e pedi que me fôsse enviado o café com as torradas. Depois de satisfazer o estômago, cuidaria de me vestir tão depressa como pudesse e sairia em direção ao *Star*, a fim de tentar acalmar o patrão.

Com as pernas para fora do leito passei em revista todos aquêles anos com o jornal — e com Rosemary. Ela era a secretária do Diretor e o seu sorriso jamais revelava o que estava no interior da sua cabecinha. Era qualquer coisa que descia como uma cortina



opaca, nunca se sabendo o que andava lá por dentro. Apesar disso — ou por isso mesmo — eu gostara de Rosemary, preferindo-a até a outras pequenas mais bonitas. Mas não tinha, ainda, pensado em casamento. Com Rosemary, o serviço sempre passava à frente...

Pouco depois de nos entendermos um pouquinho melhor, surgiu a ordem do diretor. Eu seguira para a Alemanha ocupada, onde certa noite, no correr de um dos habituais conflitos entre soldados e elementos das diferentes facções políticas, acabei recebendo uma bala que partiu um das minhas costelas. E' claro, procurei esconder o fato, a fim de não causar apreensões que seriam, afinal, injustificadas. Entretanto, com data anterior ao fato, recebi no hospital uma carta de Rosemary:

"— Oh! Estou dolorosamente angustiada. Não posso, de fato, deixar de pensar que alguma coisa terrível vai acontecer com você..."

Li a carta duas vêzes. Que seria aquilo? Simples coincidência — ou quê?

O mesmo aconteceu, mais tarde, quando me encontrava na Itália. Nadando numa das praias do Adriático, fui repentinamente atacado de cãibras e cheguei a perder as esperanças de me salvar. Pois bem: tudo isso foi minuciosamente descrito por Rosemary, numa carta que recebi, por via aérea, nesse mesmo dia!

Respondi, numa carta muito longa, procurando gracejar com o que chamei de coincidência. Porém ela voltou a escrever, afirmando ser telepatia: "uma ponte entre nós dois porque pensava muito em mim". Que mais eu podia dizer? Não sabia explicar o inexplicável dessa percepção extra-sensível. Sabia apenas que não tivera nenhuma "impressão" quando Rosemary quase morreu de pneumonia, nem quando o prédio do apartamento em que residia foi prêsa de incêndio e ela quase apanhada pelas chamas. No entanto, também eu pensava muito em Rosemary! Por isso entendi que tudo não passava de coincidência. Mas, como convencer Rosemary?

*

De volta a casa, com uma pasta cheia decertas de amor, um rapaz tem o direito de esperar melhor acolhida da parte da sua namorada. Mas não! Rosemary continuava querendo ser apenas uma boa colega. Os mesmos sorrisos misteriosos, a mesma cortina, velnado os seus pensamentos. Por isso continuei prêso como o cãozinho à corrente da dona — e desesperadamente mais apaixonado!

Até à semana passada, quando voltei do almôço e encontrei Sam Lloyd, todo "meloso", junto da mesa dela, não conseguira eu ganhar sequer um olharzinho carinhoso de Rosemary.

Diziam, todos os colegas, na redação, que Lloyd e eu andávamos sempre lutando para conquistar no-

vas notícias e novas namoradas e, com isso, haviam criado uma espécie de rivalidade entre nós dois. Êle deixava que falassem, afirmando mesmo que, em matéria de namoradas, eu não passava de um "promissor" e um "ingênuo". Eu apenas calava e acumulava rancor. "Ou êle ou eu!" — pensava, revolvendo minhas mágoas. Se surgia uma reportagem sensacional, logo nos atirávamos à sua conquista — e reconheço que Lloyd era um "osso durode roer".

Com os dias correndo cheguei a desacreditar um pouco no amor, na honra, na fidelidade e todo o resto. Sòmente ontem, depois do almôço, quando Rosemary me/arrastou para uma pequenina igreja "para rezar um pouco por minha sorte", resolvi aceitar a nova proposta do patrão. Depois dessa última reportagem fora do país, voltaria para casa e pediria Rosemary. Então sim, acreditaria nela para o resto da vida!

★

Nessa tarde Rosemary foi comigo ao hotel e ajudou no arranjo das valises, como já fizera uma dúzia de vêzes. Estranhei, porém, uma coisa: a sua preguiça, uma inesperada lentidão de movimentos. Parava por qualquer pretexto, procurando conversar sôbre coisas verdadeiramente absurdas e obrigando-me a encará-la, segurando-me pela mão ou pelo braço, paralisando-me os movimentos. Repetiu essa manobra muitas vêzes, fazendo-me perder tempo precioso, ao ponto de me tornar ansioso relativamente à hora de saída do avião que me levaria. Finalmente — até empaledeci e depois corei, ouvindo-a — pediu-me com um olhar novo e sedutor, que ficasse um pouquinho mais com ela...

Se eu tivesse a cabeça um pouco mais firme, por certo não lhe teria dado ouvidos. Mas não tinha, pelo menos na presença dela! Por isso levantei-me para cancelar a passagem. Aproximei-me do telefone, tentando repelir a idéia de que essas dez horas de atraso, forçosamente iriam colocar-me em posição desvantajosa. Nem sequer chegaria a tempo de assistir ao início da importante conferência internacional. O patrão, que estava contando com isso, entraria num dos seus mais famosos acessos de cólera. O próprio Lloyd lá estaria, antes de mim, e isso significaria grande vantagem para êle, na redação. E certamente, tudo isso eu ficaria devendo a Rosema...

Qualquer coisa estalou dentro da minha cabeça. Voltei-me para observar Rosemary, que continuava de pé, o corpo reto, torcendo as mãos, na extremidade dos braços esticados. Examinando-a melhor notei que havia ansiedade em sua expressão... Estaria ela, outra vez, sonhando *coisas?*... Mas não podia ser! Não podia atender a essas... tolices! Por isso, em vez de telefonar para o aeroporto, resolvi seguir no encalço de Lloyd. Telefonei, apressado, para a redação: "— Lloyd? — responderam-me — já seguiu para o aeroporto desde cedo. Foi no avião de onze horas."

Então era isso? — desliguei o telefone com violência.

— Você! Prender-me aqui, enquanto Lloyd está agindo! Conversaremos melhor depois, quando eu voltar, pois, francamente, isto não se faz! Chega a ser traição!

Nem Sarah Bernhardt poderia dar ao rosto a expressão de mágoa, nem chorar melhor do que ela fêz. Porém não perdi tempo, procurando secar-lhe os olhos. Em menos de dois minutos estava num "taxi".

O aeroporto era distante da cidade, mas eu poderia atingi-lo com facilidade, principalmente àquela hora. De nada desconfiei, porém, até que saltei do automóvel e olhei para o grande relógio. Só então recordei que, no hotel, eu havia retirado o relógio, à tardinha, deixando-o na mesinha de cabeceira, enquanto tomava banho... Rosemary aproveitara a ocasião para atrasá-lo... vinte minutos! Não esquecera nada! Nem um só detalhe! Devia ter combinado tudo com Lloyd, certamente, para me prejudicar! E como devia gostar dêle! E eu... Oh! Nem queria pensar no papel que representara até então...

Saí do aeroporto sentindo a morte dentro do peito, os ombros mais pesados, o andar arrastado, como se estivesse doente, muito doente.

Que lhe diria, esta manhã? Eram apenas seis horas, mas apesar disso empunhei o fone, disposto a dizer-lhe quanto antes, o que pensava da sua traição. Mas logo desisti e saltei da cama, a fim de atender a alguém que batia à porta.
Um empregadinho do hotel estava diante da porta, tendo nas mãos os jornais da manhã.

★

O primeiro toque de campainha ainda não havia terminado quando, do outro lado da linha, alguém atendeu:

— Rosemary — gritei, logo que reconheci a sua voz, dizendo "Alô?"

— Querido, querido, querido...
Qualquer coisa estrangulou a minha voz, impedindo-me de responder ao seu apêlo. Precipitadamente, ela voltou a falar:

— Recebeu os jornais? Oh, sim... Você não estaria de pé tão cedo, se não tivesse recebido! Li, todos êles, logo que raiou o dia! Oh, querido, desta vez aquela terrível sensação me assaltou antes de que alguma coisa acontecesse... Sabia apenas que "alguma coisa" aconteceria com aquêle avião! Mas você não me ouviria... Diria que era tolice minha! Eu tinha que prender você... Impedir que você tomasse o avião... Telefonei ontem mesmo e informaram-me que você havia chegado fora de tempo para viajar nesse aparelho. Mas — sabe? — fiquei a noite tôda, pensando no que você imaginara a respeito de Sam Lloyd...

Os soluços foram mais fortes e, repentinamente, pararam, significando que ela havia espalmado a mão contra o fone, para que eu nada ouvisse da sua mágoa.

Lancei um novo olhar para o cabeçalho do jornal que tinha em mão: VINTE E SETE MORTOS NO AVIÃO DE MEIA-NOITE! Explodiu e incendiou no instante de alçar vôo!

"— Rosemary... — disse eu, voltando-me para o fone — Minhas mãos estão tremendo... Rosemary, querida... Não telefonei por isso. Foi para pedir perdão, pelo que disse ontem... e para dizer que você é o meu grande amor. Dentro de dez minutos estarei pronto para sair e em menos de quatro minutos tiraremos uma licença especial para casamento!

Eu estava vivo! E estava feliz...

E quem não estaria, também, também, se pudesse conquistar para o resto da vida um "anjo da guarda" como Rosemary?

★

TORNA A ÁGUA MAIS "ÚMIDA"

Um novo sintético químico que torna a água e outros líquidos ainda mais *úmidos* e com maior poder de penetração está sendo usado no lar como em muitas indústrias. Uma diminuta quantidade não apenas enfraquece a resistência à penetração do líquido nos tecidos de todo o gênero e superfícies oleosas, como ainda aumenta a capacidade de penetração dos inseticidas, pinturas, etc.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

EM TESTE RECENTE, a fim de determinar quão ràpidamente a chamada "cegueira noturna", causada pela deficiência de vitamina A, podia ser curada, vários pacientes ingeriram doses concentradas da mesma durante quarenta e oito dias, até que a visão fôsse considerada perfeita. Depois, foram privados de todo alimento contendo a mesma vitamina durante vinte e cinco dias, até que exigissem cinqüenta vêzes mais luz do que o ordinário para ver um objeto no escuro. Uma simples dose de óleo de fígado de **hipoglosso** (espécie de linguado) restaurou a visão de todos em apenas duas horas e meia.

★

GLICERINA OU GLICEROL, um dos álcoois, tem uso variadíssimo. E' empregado para umedecer o fumo, adulterar o vinho e lubrificar aparelhos de gás, servindo também como ingrediente para se fazer bolos, sabonetes... e dinamite. A Glicerina também é empregada para descobrir os germes da tuberculose, saturando-se com ela uma batata em que um bacilo suspeito tenha sido implantado.

★

O NÚMERO de peles exigido para a confecção de um casaco comum, para senhora, difere consideràvelmente. Assim, um casaco de castor precisa de apenas 10 peles dêsse animal; o de cordeiro da Pérsia, 18; o de rapôsa um teixugo, 65; o de chinchila, 130 e o de toupeira nunca menos de 300.

★

ATÉ ANTES da guerra — pelo menos — a indústria e o comércio do Japão estavam mais monopolizados do que em qualquer outro país. Uma só família controlava, ali, quinze por cento da indústria, três famílias controlavam vinte e cinco por cento; oito famílias, cinqüenta por cento e quinze famílias, setenta e cinco!

★

SEM EXIGIR em troca qualquer indenização ou simples compensação, vários fazendeiros norte-americanos, do Texas e da Louisiana cederam ao govêrno dos Estados Unidos, recentemente, 30.000 milhas quadradas de terreno, para manobras, estando a área agora ocupada pelo III Exército.

★

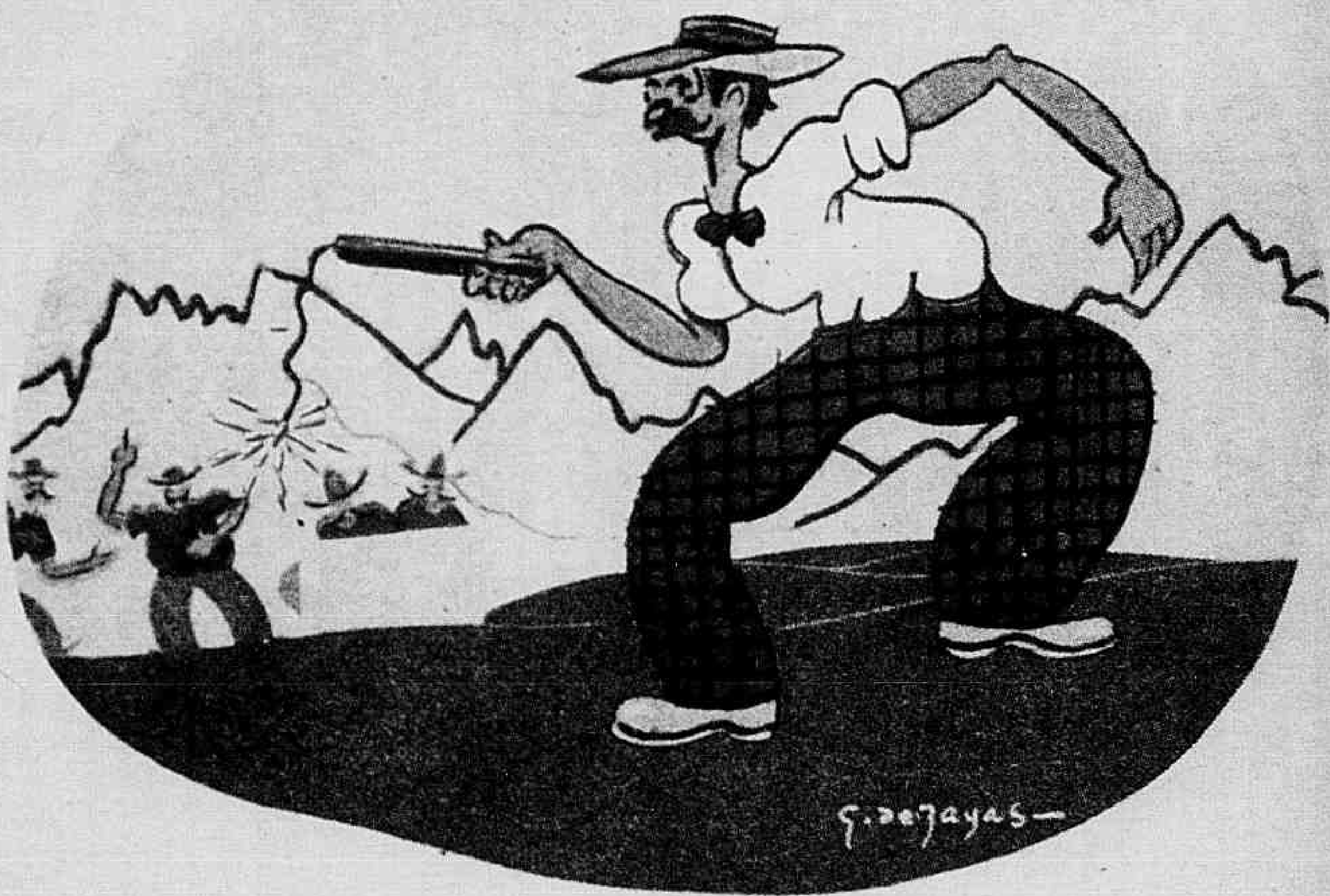
ESTUDOS DA INTERAÇÃO dos órgãos sensoriais, revelaram que a percepção das côres pode ser aumentada pelos sentidos do tato, do paladar e do olfato. Por essa razão, muitos indivíduos têm melhor visão das côres, se sustentam na mão algum objeto quente, enquanto chupam uma bala ou cheiram alguma substância como, por exemplo, o óleo de tangerina.

★

RECENTEMENTE, em Berlim, foi realizada uma "competição" de resistência de natação entre um leão-marinho e Otto Kemmerich, um indivíduo de 38 anos, a fim de decidir uma aposta. Depois dos competidores terem nadado continuamente 42 horas, o leão do mar desmaiou de fadiga, porém Kemmerich continuou nadando mais 4 horas.

★

UM DOS MAIS perigosos "esportes" conhecidos é praticado pelos trabalhadores das minas de nitrato, no Chile. Controlados por um "juiz", que marca o tempo até o limite de maior perigo, de relógio em mão, os jogadores jogam de mão para mão uma bengala de dinamite... com a mecha acesa, ganhando aquêle que se atreve a segurar por último a bengala prestes a explodir.



★

O TIBET é a terra que possui uma "família" cujo único filho é Alake Jamy Japa, o santificado Grande Buda Vivo e cabeça do mosteiro de Lharbrand Gomba, enquanto a filha é a famosa AbSee, chefe dos Nglots, o mais temível bando de salteadores.

★

UMA ESPÉCIE de musgo dos lodaçais (Sphagnum papillosum) pode absorver mais de duzentas vêzes o seu próprio pêso em água. Justamente por ser tão macia e altamente absorvente, essa planta é algumas vêzes usada no lugar do algodão absorvente, nas operações cirúrgicas.

Um mistério

ÊLES AGEM DORMINDO — Um adolescente se levanta durante o sono, veste-se, sai de casa e vai passear pelos arredores. Depois regressa a casa, despe-se, torna ao leito e continua dormindo. Ao despertar, não se recorda de nada: se o acusam de haver saído, êle nega de boa fé, protesta sua inocência. No entanto, saiu de fato: a porta deixada aberta e os sapatos cobertos de lama provam isso...

Outro indivíduo, igualmente, durante o sono, vai terminar os deveres que deixou inacabados, na véspera... Uma mocinha continua o trabalho de costura, interrompido ao chegar a hora de dormir. Um rapaz residente no campo, vai tomar banho no rio, distante um quilômetro e volta para casa, nu, tendo esquecido as roupas na margem.

Um sábio, que procurava a solução de um problema, levanta-se à noite e escreve vários apontamentos em seu caderno de notas. Na manhã seguinte retoma seus cálculos, aplicando-os numa nova experiência... e descobre dessa forma a solução que procurava.

São, êsses, casos clássicos de sonambulismo. Há, infelizmente, outros mais graves. Uma mulher, durante a noite, levanta-se da cama apanha o filhinho nos braços e vai atirá-lo ao rio. Ela própria se salva, mas a criança morre afogada. A mãe, desesperada, não pode explicar a razão do seu ato...

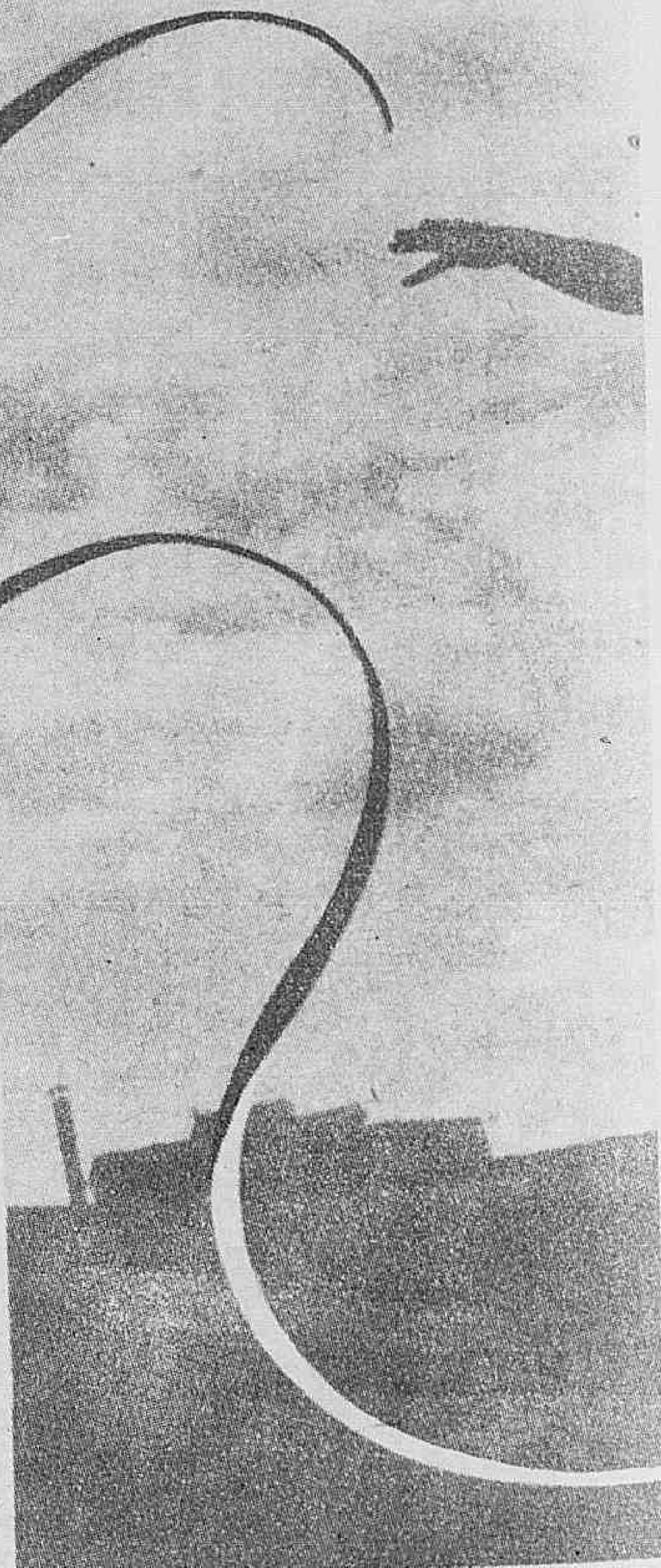
A um tal grau, o sonambulismo é excepcional. Mas podemos ligar à mesma origem um fenômeno freqüente, anódino porém. Uma criança que acaba de adormecer, agita-se e fala em seu sono. Os pais fazem-lhe perguntas às quais ela não responde, contentando-se com prosseguir em seu monólogo. Distinguem-se perfeitamente as palavras "roda, guidon, freio". Depois, repentinamente a criança se cala, adormecendo tranqüilamente. Na manhã seguinte, ela conta aos pais: "Sonhei que eu tinha uma bicicleta..."

ALGUNS EXEMPLOS HISTÓRICOS DE SONAMBULISMO — A história está cheia de narrativas de sonambulismo. Hipócrates, em sua obra sôbre **O Mal Sagrado**, faz alusão a êsse fenômeno: "Há indivíduos — diz êle — que, durante o sono, caminham, andam e mesmo correm".

A **Pythia**, que ditava os oráculos em Delfos, talvez não passasse de uma sonâmbula. Tal é, pelo menos, o que opinou Plínio, quando afirmou que a mesma falava dormindo.

Na Idade Média, o sonambulismo era considerado como um fenômeno diabólico, pois como se sabe, nesses tempos, o diabo era visto em tudo e por tudo. Para aquelas gerações pouco instruídas e prêsas de superstições várias, o fato de, ao despertar, o sonâmbulo não se recordar de nada, parecia particularmente suspeito — e mais de um foi parar na fogueira purificadora pelo pecado de ser sonâmbulo, apontados por todos os seus vizinhos como indivíduos possuídos pelo demônio, quando todo o "satanismo" dêsses infelizes consistia em passear dormindo...

Os leitores devem estar lembrados também de Lady Macbeth, que, errando certa noite através do seu castelo, revelou a médico, aterrorizado, numa crise de sonambulismo, os detalhes do assassinato do rei.

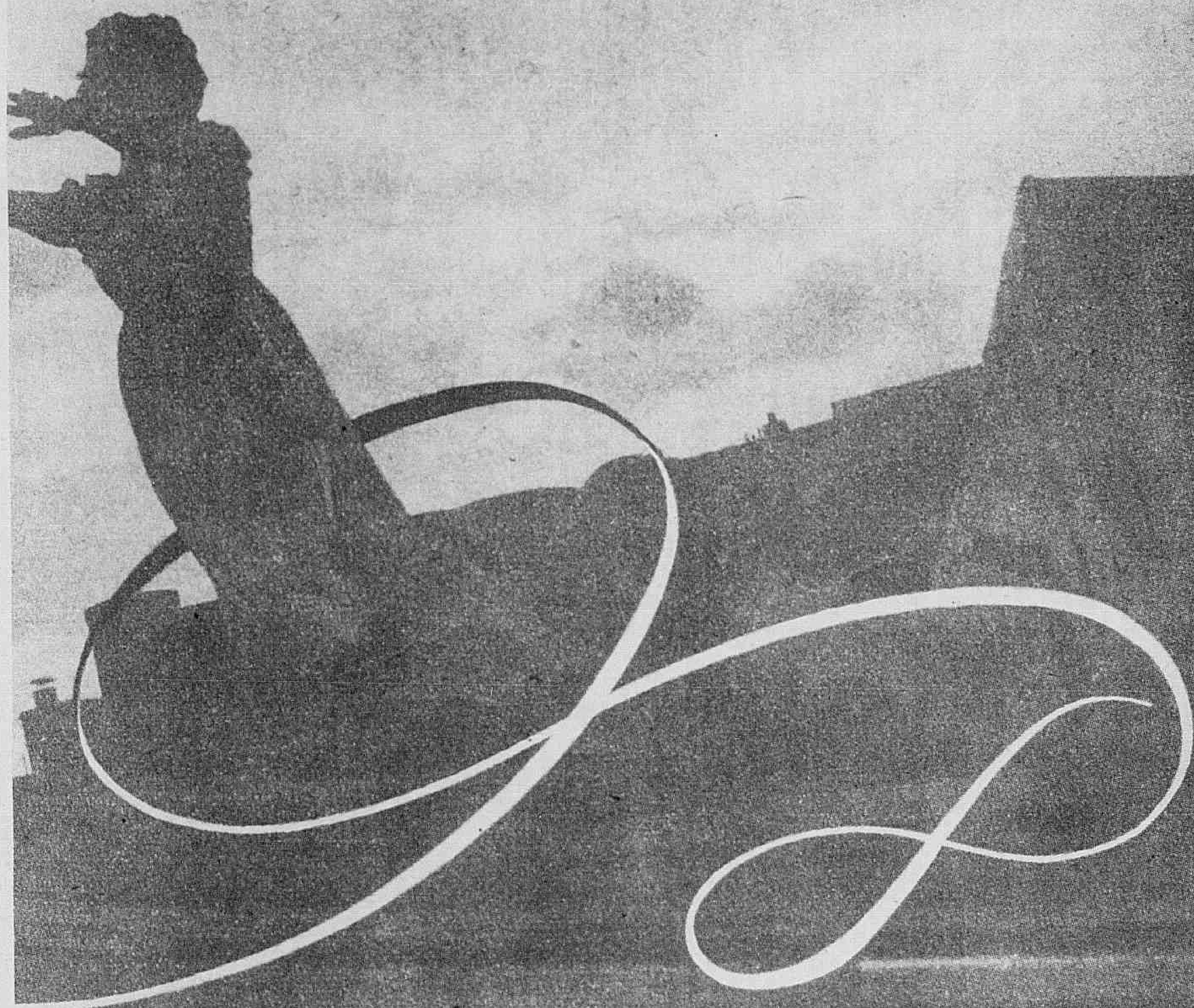


Os exemplos nos chegam, muitas vêzes, de muito alto. A princesa Palatina, por exemplo, contou que o cardial de Richelieu, durante o sono, "acreditava estar montado a cavalo, relinchava, batia com os pés e caracolava" e que seus criados muitas vêzes, tinham que lutar muito tempo para que Sua Eminência voltasse à calma.

O "SEXTO SENTIDO" DOS SONÂMBULOS — Poucos de nossos leitores tiveram ocasião de ver de perto, um sonâmbulo durante a crise. Mesmo que isso venha a ocorrer, o espetáculo é de tal forma impressionante que poucos se mostrariam interessados em examinar o indivíduo de perto. Se isso acontecesse, porém, com qualquer leitor, poderia êle notar, então, que o rosto do sonâmbulo permanece imóvel e sem expressão. Os olhos permanecem, algumas vêzes, fechados, o mais geralmente, porém, abertos, mas com as pálpebras imóveis, sem haver o mais leve piscar, e a pupila dilatada, o olhar fixo.

Se se dirige uma luz sôbre o sonâmbulo, êle reage ligeiramente ou absolutamente nada. Pensaram os médicos, a princípio, que um sonâmbulo, nada via e que, se conseguia caminhar sem bater nos mó-

que desafia a ciência



veis ou paredes, era ùnicamente graças ao conhecimento do ambiente em que se movia ou a uma acuidade nova, a um sentido especial, supranormal, ligado ao tato. Isso, entretanto, nunca passou de uma hipótese. Da mesma forma, os sonâmbulos em crise parecem sofrer uma espécie de anestesia cutânea, que os torna insensíveis aos contatos. Muitas vêzes podem ser beliscados, receber até pancada sem que percebam. Essa modificação bizarra e contraditória das sensações leva a supor que a sensibilidade dos sonâmbulos não seria **diminuída**, mas apenas **diferente** das outras. Mais ainda: pensam os médicos que os sonâmbulos seriam capazes de certas percepções extra-sensoriais, isto é, realizadas sem o intermédio dos sentidos. O célebre matemático Gassendi, conta-nos o caso de um dos seus lacaios, que, sendo sonâmbulo, levantava-se à noite para fazer o seu serviço e que, em tal caso, êsse indivíduo "se iluminava" por meio de uma simples garrafa que segurava cuidadosamente como se fôsse um castiçal com vela.

Conta-se, também, a história de um colegial que, cada noite, em estado de sonambulismo, descobria sem qualquer dificuldade, a chave do portão do jardim, embora os diretores do colégio se esme-



saria vertigem num ser em estado de vigília. Os pedreiros e carpinteiros também costumam caminhar pelo alto dos prédios, porque o hábito os protege e não têm vertigem. Em todo caso, nunca se viu um sonâmbulo realizar um ato verdadeiramente "sobrenatural", necessitando forçosamente a intervenção de um novo sentido. Que ocorre na cabeça de um sonâmbulo? O automatismo dos sonâmbulos deve, apesar de tudo, ser dirigido por um pensamento. Mesmo agindo inconscientemente, necessário se torna que alguma coisa, em seu cérebro, determine seus atos e dirija a sua execução.. Êstes, na realidade, se são, às vêzes, ilógicos, **não são incoerentes.** O homem adormecido, que se veste para ir passear (para tomarmos um exemplo corrente não poderia, evidentemente, realizar todos êsses gestos sem a intervenção do seu cérebro. Não devemos esquecer, além do mais, que certos casos de sonambulismo (o menino que faz seus deveres, o sábio que resolve um problema) demonstram uma atenção intelectual bastante ativa.

ANTES DE TUDO: QUAIS OS MÓVEIS QUE FAZEM AGIR OS SONÂMBULOS? — Muitas vêzes trata-se de um impulso repetindo a atividade profissional: assim, uma criada, em estado sonambúlico, varrerá a casa; um escritor redigirá um capítulo do seu livro.

Em geral, trata-se de um desejo que não pôde ser realizado, uma preocupação do dia. Dessa forma a mulher cujo seguinte caso foi relatado por um psiquiatra: durante a noite, levantou-se e arrumou sua biblioteca, o que desejava fazer desde muito sem encontrar tempo para tal. Da mesma forma o caso do rapaz que levantou-se em estado de sonambulismo e foi escrever a carta que, acordado, não tivera coragem de fazer.

Muitas vêzes, ainda, trata-se de uma paixão secreta, que faz o indivíduo levantar-se, dormindo. Paixão que pode, em muitos casos, levá-lo a executar atos inteiramente contrários aos que sempre desejou. Isso é provado pelo caso — rigorosamente autêntico — do avaro, que, à noite, ia roubar... a

rassem em encontrar para a mesma novos e mais difíceis esconderijos.

Êsse "sexto sentido" dos sonâmbulos existe, realmente? Certos exemplos nos levam a acreditar... Mas, também, isso, está ainda para ser provado... Porque certas explicações vêm, igualmente, ao encontro dessa teoria.

Por exemplo, se os sonâmbulos conseguem conservar o seu equilíbrio até mesmo nos pontos e passagens em que o perderiam se estivessem acordados (são conhecidas muitas histórias clássicas dêsses indivíduos adormecidos caminhando pela beirada dos telhados), talvez seja, simplesmente, porque não têm consciência do abismo, que cau-

si próprio e escondia tão bem o produto de seu roubo que não conseguia mais encontrar o dinheiro... Nesse caso, podemos perguntar em que grau o sonambulismo não é uma espécie de "libertação" do subconsciente, ligando-se diretamente à doutrina da psicanálise.

O PROBLEMA DO DESPERTAR — Dissemos que o sonambulismo era caracterizado por dois menômenos:

1) — A inconsciência durante o ato;

2) — A ausência de recordações (que os médicos denominam "amnésia") ao despertar.

Muitas vêzes, de fato, o sonâmbulo nada recorda. Mas ocorre, também recordar o que fêz e imagina haver simplesmente sonhado.

Para prova disso há o caso de uma senhora nortista, de excelente família de Maceió. À noite, em estado sonambúlico, levantou-se e foi continuar a leitura de um novo livro que lhe fôra presenteado. Abriu-o, na página que deixara marcado e ao fim de algum tempo voltou para a cama. Na manhã seguinte uma filha, que tudo vira, interrogou-a, porém ela negou que tivesse levantado, afirmando, porém, que sonhara "ter feito aquilo". Ao retomar o livro, para a sua leitura matinal, verificou que realmente havia lido oito páginas além das marcadas na véspera e riscara com a ponta da unha o novo lugar em que havia parado de ler!

Há ainda o caso de um homem que, evidentemente inquieto, foi procurar seu médico para lhe confiar êste caso perturbador.

— "Sonhara — disse êle — que saía, à noite, para me enforcar numa árvore do jardim...Mas veja, doutor! Veja o quedescobri, esta manhã!

Desabotoou o colarinho e exibiu a garganta na qual estavam bem nítidos sinais de início de estrangulamento. O médico pensou, imediatamente, numa crise de sonambulismo e, de fato, pesquisando, descobriu sob uma árvore do jardim, um chinelo, que o desgraçado perdera no correr de sua trágica excursão noturna.

Essa sensação de sonho é encontrada em muitos sonâmbulos, desde que não são despertados no correr da crise.

Quanto ao despertar durante a própria crise, sempre tem surgido quem exagere os perigos. Não há risco, realmente nem de matar nem de enlouquecer o indivíduo. Há apenas o inconveniente de um choque brusco e que deve ser evitado, quando possível.

Êsse despertar é, de resto, difícil de provocar. E' variável de um indivíduo para outro, imprevisível, irracional. Tal sonâmbulo, ao qual um beliscão vigoroso não faz despertar, recupera a plena consciência se, por exemplo, lhe soprarmos ligeiramente sôbre os olhos.

AS CAUSAS DO SONAMBULISMO — Sôbre o sonambulismo já foram dadas muitas explicações, nenhuma delas, entretanto, científica. A que hoje prevalece é a que considera o estado do sonâmbulo, durante a crise, como **um sono parcial.**

O sono, de fato, parece ser constituído por uma parada generalizada da atividade inteligente, destinada a proteger a célula nervosa, que, de outro modo, estaria arriscada a total aniquilamento.

Porém essa parada algumas vêzes não é geral, isto é, pode atingir certos pontos do cérebro apenas, deixando outros em atividade. Para êsse ponto a ciência nos fornece elementos exatos: assim é que realizaram, experimentalmente, sonos parciais, nos quais determinados setores do cérebro permaneceram ativos, enquanto outros **dormiram.** Nesse caso o animal adormecido conserva, por exemplo, uma atividade motora (isto é, continua a se mover) em ligação ora com as excitações antigas (recordações), ora com excitações novas, recebidas durante o sono.

Quando o sono anormal não é completamente generalizado, ocorre o fenômeno que se chama sonho, no qual certas excitações persistem embora o cérebro esteja paralisado.

Quando essas excitações são muito fortes, ou o indivíduo é excepcionalmente sensível, a parte ativa do cérebro é mais importante, compreendendo não apenas as células sensitivas, e também as células motoras: é êsse o caso do sonambulismo.

OS SONÂMBULOS SÃO DOENTES? — Há casos de sonambulismo em certos enfermos mentais. Isso levou a pensar, algumas vêzes, que o sonambulismo era uma doença.

Mas se, como dissemos, é bastante um grande excitabilidade do cérebro para provocar crises de sonambulismo, verifica-se essa excitabilidade em indivíduos perfeitamente sãos.

Quando o sonambulismo é encontrado em pessoas de meia idade, é quase sempre acompanhado por outras perturbações (alcoolismo, nevroses, etc.). Mas nem sempre é êsse o caso: muitos sonâmbulos são sêres normais — e, mesmo, intelectualmente acima da média.

Os sonâmbulos são em geral pessoas jovens (crianças ou adolescentes), isto é, sêres em via de formação, sensíveis, emotivos. Na maioria dos casos, cessam de ser sonâmbulos quando atingem a idade adulta.

Não se empresta, pois, a êsse fenômeno outra importância patológica, além do que pode apresentar por sua singularidade.

Entretanto, dado os perigos que podem acarretar as crises de sonambulismo (queda, incêndio, etc.), devemos, tanto quanto possível, tentar impedir tais crises. Uma medicação calmante, uma boa higiene de vida serão suficientes, quase sempre para curar os sonâmbulos.

★

ERRATUM

Um jornal de Dahomey publicou recentemente a retificação seguinte:

«**Mundanidades:** em nosso número precedente, anunciamos a morte da espôsa de nosso simpático prefeito. Tratava-se, porém, de um lamentável êrro. A espôsa de S. Excelência goza excelente saúde, tendo sido seu pai quem faleceu. Portanto, **tout est bien qui finit bien...**

Para o pai, realmente, foi a palavra final...

DANNY estava a caminho da prisão. Não por ser "trouxa". Ao contrário! Por ser **esperto.** Aquêle "golpe", como todos os demais que praticara, tinha um certo "ângulo". Quando as colinas mornas e marrons se transformaram lentamente em campos verdes, a enorme tabuleta da "Câmara de Comércio" ao longo da estrada, passou a ser uma monótona recordação para todo o viajante que chega à Califórnia. Mas Danny não olhava a paisagem. Olhava para trás dos seus olhos vivos e a reticente barra de sua bôca, seus pensamentos tumultuavam, como ondas encapeladas contra rochedos.

Êle arrumara a sua vida como uma fria mesa de jôgo, procurando sempre conservar os trunfos do seu lado. Nada de alianças, de companheiros. Isso era o essencial. Solitário, esperto — e livre!

Uma só vez quebrou êle a sua "regra de jôgo". Isso tinha sido já há vários anos, quando decidira arranjar um "olheiro" para vigiar os arredores enquanto "trabalhava". Escolheu com cuidado e acabou selecionando uma dessas criaturas que se recostam o dia todo pelos balcões dos bares, sem destino, sem ambição, sem amor, sem nada. Gostou dos olhos dela, da côr fria do aço, mas sem brilho, parecendo revelar calma e inteligência. Postou-o do lado de fora, enquanto **limpava** uma casa comercial, numa pequenina cidade do Nevada.

Foi êsse o seu grande êrro. Assassinato é sempre um mau golpe. Pior ainda, quando há testemunha!

Danny recostou-se melhor a fim de apelar para a sua memória. O fato ocorrera há muito tempo... Danny pudera escapulir. Porém a comparsa, sua única testemunha, foi pilhada com o roubo... e o cadáver da vítima!

E isso tinha sido o fim de tudo.

Desde então, Danny agira com esperteza **e sòzinho.** Lábios fechados, bom revólver e a pose de um cavalheiro.

Sentiu os olhos do detective voltados para êle.

— Diga-me — falou o policial que o conduzia — Em que tanto vem pensando? Talvez não goste muito da vida entre as muralhas da prisão, **eh?**

29

"SABIDÃO"

Conto de P. C. SMITH

Danny piscou ràpidamente os olhos, voltando-se para o policial. Nesse instante teve vontade de contar-lhe. Deixar o detective ruminando os fatos. Explicar-lhe apenas porque Danny, o "Sabidão", estava agora a caminho do norte, da fria prisão, onde passaria algum tempo com o resto dos delinqüentes, apesar de ter praticado um delito ligeiro, como "bookmaker". Mas repentinamente, fechou os lábios, contendo êsse desejo. Ficaria calado. Continuaria "jogando" sòzinho.

Quando chegaram à porta da prisão o guarda, sempre curioso, fêz nova tentativa:

— Não posso compreender — disse êle, empurrando o prisioneiro sob a grande arcada de cimento — Você apanha uma sentençazinha à-toa, coisa regional, sem importância e depois atrapalha tudo e vem parar aqui... Que adiantou fazer isso?

— Adiantou, sim! — afirmou Danny.

— Talvez esteja querendo falar com algum dos "grandes" que estão cumprindo sentença aqui... E' isso, hein?

Danny voltou o rosto, agora protegido por um sorriso sardônico, encarando o seu condutor.

— E' isso mesmo — disse êle com uma careta irônica — Eu queria aprender alguma coisa com êles. Queria saber tirar maior rendimento do crime...

— Espertinho...

— Você ainda não viu nada. Vai ficar surpreendido!

Na realidade, mesmo Danny ficou surpreendido. Ficou pensando na própria esperteza durante todos os arranjos preliminares, a tomada das impressões digitais... enquanto retirava o seu elegante terno, cortado por famoso alfaiate, para vestir o feio uniforme que seria tôda a sua roupa, na prisão.

Mas sentiu-se bem disposto, mesmo metido naquele macacão de fazenda riscadinha. Não perdeu o bom humor até mesmo quando se encaminhou para o cubículo onde viveria e dormiria. ensoPu que bem poderia suportar numerosa companhia durante alguns meses... Mas apenas isso! Alguns meses só! Nascera para viver como um lobo solitário...



A janelinha gradeada, do cubículo vizinho foi aberta com ruído desagradável. Danny parou de caminhar...

Um homem, na ponta dos pés, colocou a cabeça um pouco acima do estreito gradeado por onde penetrava a derradeira claridade do dia que findava.

Danny voltou-lhe as costas e caminhou para o fundo do cubículo, deitando-se na cama estreita e magra, colocando as mãos entrelaçadas sob a cabeça, pensando no tempo em que êle vivia fora disso tudo. Pensava, desesperadamente, quando o seu vizinho de cubículo falou:

— Ora muito bem. — disse êle com voz zombeteira — Que tolice fêz você, companheiro?

— Não fiz nenhuma tolice! — respondeu Danny, em tom azêdo — Ao contrário. O que fiz foi de esperteza...

O outro riu mansamente, chocarreiro, e afirmou:

— Impossível. Os espertos não vêm parar aqui. **Ficam do lado de fora**... sabe?

Danny encolheu as pernas num movimento brusco e, volteando o corpo, pousou os pés no chão. O foco de luz, através da grade, caiu sôbre o seu rosto. Olhou para o ponto em que havia sombra. Tinha que contar a coisa. Não podia deixar que aquêle imbecil imaginasse que êle era um seu igual.

— Pois escute lá, idiota — disse êle — Eu organizava apostas, nas vésperas das eleições, entende? Vivo de apostas... Corridas de cavalos, **base-ball**, eleições e o que mais aparecer. (Fingiu rir, como se a coisa fôsse divertida) E êles me pegaram!

Pensou um minuto, compondo cuidadosamente a sua história, depois prosseguiu:

— "O juiz, um homem às direitas, humano e compreensivo, custou muito antes de se decidir a me classificar entre os jogadores profissionais, os **bookmakers**... Mas simpatisou comigo, segundo notei...

Danny parou novamente, a fim de dar à bôca uma expressão sorridente.

— "Apesar de tudo, achou que eu devia passar um ano na prisão municipal, apenas como exemplo para impressionar os outros delinqüentes da mesma escola.

— "Eu fiquei de cabeça baixa, enquanto o juiz me explicava com que pesar se via obrigado a me condenar por tanto tempo, mas que esperava com isso dar uma boa lição não apenas a mim como aos meus colegas. Quando acabou de falar, perguntei-lhe se não poderia estender a sentença para um ano e um dia.

Danny fêz nova pausa, para causar efeito.

— "Creio que êses meu pedido o surpreendeu. A verdade é que pensou muito tempo, antes de concordar. Não podia atinar, parece, porque eu queria ficar mais um dia na prisão...

Do outro lado da jenelinha gradeada não houve qualquer comentário. Isso começou a irritar Danny, que voltou a falar, precipitadamente, com irritação.

— "Escute, animal! A pena para "bookmakers", caso não saiba, é de um ano, na prisão municipal. E não há como apelar. O sentenciado tem que cumprir a pena de 365 dias, sem faltar um só, entende? Imaginei, então, que, caso pudesse ir além de um dia, passaria imediatamente para a prisão Estadual... onde é possível obter liberdade ao fim de quatro meses, sob palavra. E' preciso, porém, ser um bom prisioneiro. E eu serei um bom prisioneiro!

Procurou sondar o canto sombrio, onde o outro se achava por trás do "judas" gradeado. Procurou dar ao rosto um ar triunfante, antes de concluir:

— "E agora? Que diz? Sou ou não sou esperto?

Na sombra houve qualquer movimento, como se o outro prisioneiro se afastasse cautelosamente da janela.

— Não. — falou êle, surpreendendo Danny — Não. Não foi nada esperto, querendo vir para cá! Foi, sim, um grande "trouxa"! Sim, Danny... porque acontece que também eu vim parar nesta prisão — **e por muitos anos!** E não foi nada bom para você vir para onde eu já estava... Foi até muito mau...

— "Lembra-se de Nevada? Lembra-se de quando me deixou de fora, vigiando, enquanto roubava e matava aquêle negociante? Pois aqui estou, sim! E você vai ficar comigo, por muitos anos ainda. Mais tempo até do que eu!

— "Há um tribunal esperando por você em Nevada, Danny. E então será muito mais que quatro meses de prisão..."

Danny saltou para a frente, com um grito rouco de tigre ferido. O outro recuou e por sua vez ficou com o rosto no foco de luz de seu próprio cubículo... E naquele rosto envelhecido dois olhos frios e sem brilho, como o mármore, fitavam Danny. Depois desapareceram na escuridão, enquanto a mesma voz chocarreira dizia:

— Serão no mínimo trinta anos... "sabidão"!

★

REVANCHE

Há poucos dias, um de nosos leitores, que reside na zona rural, foi despertado às quatro horas da manhã pela campainha do telefone.

Levanta, vai atender e ouve uma voz de mulher que lhe diz em tom irritado:

— Cavalheiro, o senhor tem um cão que late sem parar desde uma hora da manhã não me deixando dormir!

— Quem está falando? — pergunta o nosso leitor.

A reclamante dá seu nome, indica onde reside, na vizinhança, e desliga.

Na madrugada seguinte, justamente às quatro horas, é a vez da senhora ser despertada pelo telefone. E' o nosso leitor, que do outro lado do fio declara:

— Sou eu, o vizinho para quem a senhora telefonou ontem. Eu fazia questão de dizer à senhora que não tenho nenhum cão em minha casa...

★

O casamento tem o duplo mérito de dar ao amor a fôrça de uma lei e à lei a doçura de uma afeição. — **Saint Marc Girardin.**

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação do número anterior)

CAPÍTULO VII

Pânico entre os índios. ★ Alarma noturno. ★ Ciúme entre índios e brasileiros. ★ Notícias do primeiro grupo. ★ Seu modo de vida e o nosso. ★ O encontro de Morant com uma cobra. ★ A cobra coral. ★ Outras cobras encontradas.

Era a última noite do ano. Estávamos acampados na margem do rio, distantes um dia de viagem de canoa de Colônia Teresa. Durante as duas últimas noites o pânico havia se apoderado do acampamento. Os índios mansos, que havíamos empregado algumas semanas antes, desapareceram e não encontramos vestígios dos mesmos em parte alguma. Os brasileiros explicaram então que os índios haviam ficado conosco a fim de nos espiar e que, depois de ficarem conhecendo os nossos hábitos, embrenharam-se na floresta onde foram buscar os companheiros para atacar o acampamento e nos matar a todos. Tomamos tôdas as providências para não sermos atacados de surprêsa, pondo, pela primeira vez, vigias noturnos.

Entretanto aquêle primeiro reboliço acalmou-se mais um pouco e começamos então a pensar que era bem possível que os índios houvessem voltado para a colônia, ùnicamente por se acharem cansados da espécie de trabalho que executavam. Contudo, mantivemos tôdas as precauções tomadas e eu nunca me recolhi para dormir sem colocar, bem perto de mim, a carabina e o meu revólver.'

Nesta mesma noite (véspera de Ano Novo), às nove horas mais ou menos, eu estava deitado na minha rêde, olhando sonolentamente as sombras gigantescas dos vigias, projetadas pela fogueira. O murmúrio de suas vozes conversando chegava a mim indistintamente. De vez em quando um se inclinava para a frente, tirava um tição em brasa que lhe iluminava o rosto, e também a massa escura da floresta, no segundo plano, com um clarão momentâneo para deixá-lo na mais profunda escuridão no momento seguinte. Levando o tição, agora mais fôsco, ao cigarro, tirou algumas baforadas silenciosamente, por um instante, e depois recomeçou a conversar.

Não sei por quanto tempo fiquei nesta modorra, talvez uma hora, talvez mais. Meus pensamentos estavam perdidos no passado e no futuro incerto, quando um ruído qualquer me fêz voltar ao presente. Não me mexi, contudo, prendi a respiração e fiquei prestando atenção. Ouvi, novamente, o mesmo ruído, bem diferente do sussurro das vozes que vinha ouvindo há uma hora. Êste ruído parecia vir do outro lado do rancho, oposto ao que eu estava deitado. O fogo estava quase apagado, mas uma chama fraca ainda atirava a sua luz contra as fôlhas de palmeira que formvam a parede do rancho, mostrando os espaços escuros entre uma fôlha e outra. Virei silenciosamente a cabeça para o lado de onde vinha o barulho, estendendo, ao mesmo tempo, o braço para apanhar a carabina que havia colocado a meu lado.

O primeiro pensamento que tive foi de que íamos ser atacados por índios e comecei, imediatamente, a estudar um plano para pôr em execução quando chegasse o momento. Neste ínterim, procurei ficar de olhos e ouvidos bem abertos, com o fito de perceber qualquer ruído ou movimento. Logo me convenci de que não era possível tratar-se de índios, porque o movimento era contínuo. Êstes não fazem barulho que denuncie a sua presença, antes do grito que costumam dar no momento de saltar sôbre vítimas desprevenidas.

O barulho continuava e houve um momento em que pude perceber duas fôlhas de palmeira mexerem. Elas se afastavam uma da outra e o espaço prêto ficava cada vez maior; procurei ver o que se passava, mas não o consegui.

De repente vi uma sombra dirigir-se para a cabana, mas o reflexo amortecido do fogo não permitia constatar o que era. A sombra ficava cada vez maior e agora já entrava na cabana. Não conseguia distinguir mais nada. Desejei que o fogo se avivasse um pouco, por um momento ao menos, para que eu pudesse certificar-me se era homem, fera ou réptil. Durante todo êste tempo mantive a carabina engatilhada e assestada para aquêle ponto. Estava muito escuro, e não me sendo possível fazer pontaria, guiei-me apenas pela linha de reflexão feita pelas brasas no cano da carabina. Esperei que o vulto se aproximasse mais, até um ponto em que eu pudesse ver todo o seu corpo, para disparar. Quando êle adiantou o passo para atravessar o rancho, passando entre mim e a fogueira que se apagava, vi o seu contôrno perfeitamente. Foi o bastante. Ligeiro como o pensamento, apertei o gatilho. O coice da arma quase me jogou ao chão e o estampido quebrou o silêncio, como o ribombar de um trovão, rolando pelas profundezas da noite e espantando, por certo, muitas feras errantes. Pulei no chão e corri para o local, sem me incomodar com o ladrar dos cães e o resmungar dos homens que haviam despertado. A minha ansiedade era ver se a arma havia produzido efeito e saber que espécie de animal era aquêle, que tão destemidamente entrara no meu abrigo. Encontrei-o deitado e sem um único movimento. Agarrei por uma perna e o levantei; era uma jaguaterica enorme, quase tão grande quanto os nossos cães de caça inglêses. Saí do rancho, levando, em triunfo, o meu troféu. Não é nada, rapaziada — disse para os homens assustados que, de pistola na mão, também saíram correndo dos alojamentos, pensando, sem dúvida, ser um ataque noturno dos índios. E' apenas uma jaguaterica, disse-lhes eu, mostrando-a na claridade do fogo. Depois de um ligeiro exame, vimos que a bala lhe havia atravessado o pescoço e saído no quarto dianteiro, fazendo um buraco que mataria até uma anta.

Era o segundo animal desta espécie que matávamos na expedição e eu me achava tão orgulhoso de ter tido a ventura de matá-lo como se fôra um jaguar. Não pensei mais em dormir. Levei o animal novamente para o rancho, suspendi-o pelos quartos dianteiros num dos barrotes e comecei a tirar-lhe o couro com a luz de um lampião que Miles segurava. Como deve saber o leitor, esta operação era bem desagradável. Todos os animais da tribo dos felinos exalam um cheiro muito forte e êste não constituía exceção.

Ela media três pés e nove polegadas de comprimento do focinho à ponta da cauda. Os quartos dianteiros eram musculosos e as patas tinham unhas pavorosas, porém suas armas mais terríveis eram os dentes, que possibilitavam-na de lutar com qualquer animal, exceto com o jaguar real. Mesmo morta, a cabeça chata com olhos grandes e ameaçadores, os dentes alvos, era bastante feia. Nenhum cachorro ousou tocá-la enquanto estêve no chão; apenas olhavam-na, latindo à distância. Sem dúvida já haviam encontrado com outras da mesma espécie, e não se atreviam a aproximar-se.

A intrepidez dessa jaguaterica foi ultrapassada sòmente pela de uma outra que matei, em circunstâncias mais ou menos idênticas, alguns meses depois. Não podia deixar de pensar que se os jaguares — pelo que se dizia poderíamos encontrá-los em grande número, cem milhas mais abaixo — fôssem mais bravos do que as jaguatericas, ainda iríamos nos distrair bastante, antes de voltarmos às terras civilizadas.

Custei muito a dormir naquela noite e, quando o conseguia, o meu sono era perturbado por sonhos com onças e índios.

A próxima canoa que veio da colônia nos trouxe notícias de que os índios fugitivos haviam chegado lá, no dia seguinte ao do seu desaparecimento do nosso alojamento. Êles foram embora sem nada dizer porque pensaram ser desnecessário. Soubemos depois que, como não lhes pagamos o salário no fim do mês, desconfiaram que não lhe pagaríamos mais, como acontecia nas terras de brasileiros onde trabalhavam.

Quando, mais tarde, descobriram o engano, ficaram tão satisfeitos que a metade da sua aldeia foi, em comissão, ao nosso agente, oferecer os seus serviços pelo tempo que precisássemos.

Empregamos alguns, mas, como já disse, a língua constituía um sério obstáculo — pois não conseguíamos um intérprete de confiança — combinada ao orgulho e o ciúme que os brasileiros tinham dos índios. Por êsse motivo os Coroados não tiveram muito êxito. Cumpre notar que, no caso dos índios Coroados, ou de quaisquer outros índios que falem português corretamente, a raça dominante não mostra preconceitos de nenhuma espécie. Êles trabalham juntos e tais índios até casam-se com brasileiras e são aceitos na sociedade de brasileiros.

Desde que os quatro grupos da expedição se separaram em Antonina, não tivemos mais notícias dos ns. 3 e 4 e raramente ouvíamos falar do n. 1, apesar dêste último achar-se trabalhando a 200 milhas distante de nós.

Recebi cartas de nossos amigos do Grupo I, nesta ocasião. Êles escreviam, animados, dizendo que, após apenas cinco meses de trabalho, haviam completado mais de um têrço do setor que lhes fôra confiado. Até o dia em que escreveram as cartas (7 de Janeiro), a vida lhes tinha corrido de maneira muito prosaica, e recebiam mantimentos de tôdas as espécies. Bois gordos eram levados à porta do seu rancho e ali mortos, tôdas as vêzes que era necessário. O pão, luxo de que nós do Grupo II, havíamos quase esquecido o gôsto, não lhes faltava nunca. O feijão e a farinha servia-lhes apenas para acompanhar carne fresca, carne de porco, galinha, leite e ovos. De erupções produzidas pelo clima nem sequer ouviram falar, possìvelmente por causa do padrão de vida mais elevado que lhes era possível manter, como também não encontraram pragas de insetos. Iam diàriamente a cavalo para o trabalho e falavam dos seus progressos em milhas e não, como nós, que contávamos os nossos avanços por jardas, lavadas pelo suor de uma vintena de trabalhadores — machadeiros, picadores e outros empregados que, carregados como animais de carga, por ali passavam muitas vêzes para levar comida à turma. Os próprios engenheiros haviam trabalhado com afinco, rasgando-se e perdendo sangue pelos ferimentos que lhes produziam as pontas cortantes dos galhos e quase devorados por apostemas e insetos. Portanto, quando li as cartas que escreveram, quase me foi impossível acreditar no que diziam sôbre a vida que lavavam e a região em que trabalhavam. Parecia impossível que tudo aquilo se passasse na mesma terra e na mesma província em que estávamos trabalhando, a menos de duzentas milhas de distância. A meu ver, não havia nada para patentear tão bem esta diferença existente entre as florestas e as campinas do Brasil, do que a comparação feita entre êsses dois grupos, que trabalhavam com um fim comum, mas cujos modos de vida eram totalmente diferentes. Há muitas pessoas que falam e escrevem sôbre o Brasil como um país de um só clima, oferecendo uma só espécie de existência ao emigrante ou colonizador. Só na província do Paraná há três bem definidas espécies de clima e de vida. Primeiro vêm as terras baixas, quentes e doentias no litoral onde, como exemplos, podemos citar as cidades de Paranaguá e Antonina, ambas assoladas periòdicamente pela febre amarela. Em segundo lugar vem a região das campinas elevadas, situadas a cêrca de 3.000 pés acima do nível do mar, incluindo-se uma área de cêrca de 20.000 milhas quadradas, que possui clima temperado e muito salubre, propício para os habitantes da Europa Setentrional e Central. Em terceiro lugar, vem a região coberta de florestas das duas vertentes — os valos do Ivaí e o Tibagi, com uma extensão de 40.000 milhas quadradas, ou sejam, mais de dois terços de tôda a área da Inglaterra. Esta terra de florestas possui um clima completamente distinto de qualquer uma das outras duas regiões. Nove décimos dela tem o clima distintamente tropical, não obstante nada mais que um quarto da sua extensão total ficar situado nos trópicos. Embora seja o seu clima muito bom, não se pode dizer que seja também para os europeus, mesmo com a região temperada de

um buraco da parede, no momento em que ela passasse. Mas tudo aconteceu ao contrário do que eu esperava. O animal, na carreira cega em que vinha e, com tôda certeza, ignorando a existência daquele obstáculo, não se desviou nem para a direita nem para a esquerda, indo, em consequência disso, de encontro a uma escada de um ângulo do rancho. Caiu, levantou-se e em menos de meio minuto já havia se atirado no rio, respingando água para todos os lados. Tudo isto se passou tão ràpidamente que eu nem tive tempo de pensar se a cabana havia caído ou não.

Na manhã seguinte examinei a estaca que havia recebido a encontroada. Achei, pegada nela, uma porção de pêlo grosso, amarelo, arrancado de algum animal que não era uma anta, porque o cabelo desta é marrom ou cinzento, mas sim no animal que a estava atacando, que outro não podia ser senão uma onça. Ao descer para a margem do rio, encontrei rastros bem fundos da anta, na lama mole. A canoa estava pelo meio de água e a roupa que eu havia tirado, na noite anterior, estava boiando.

Algum tempo depois dêste acontecimento, quando eu já havia mudado de acampamento e descido um pouco mais o rio, ouvi dizer que os camaradas haviam matado uma anta, com o couro cortado em diversos lugares, cortes êstes que, segundo os brasileiros, tinham sido feitos por onça. Não tenho dúvida de que esta anta era a mesma que perturbara o meu sono, naquela noite sôbre a qual acabo de falar. Vemos, assim, que do maior mamífero ao mais bonito inseto, guerra é a condição normal da Natureza — guerra implacável e incessante nestas grandes florestas primevas. Que os moralistas tirem daí a sua lição.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Os brasileiros detestam e têm muito mêdo desta bonita cobra, que êles dizem ser mais venenosa do que jararaca, afirmando até que ela tanto morde quanto dá ferroadas. Entretanto, acredito que haja algumas variedades de cobra coral venenosas. Assim sendo, sempre é bom não se deixar morder por elas. Entretanto, posso afirmar que a qualidade de que estou falando e que os brasileiros tanto temem, não tem ferrão nem colmilhos com veneno nas mandíbulas. Tirei a pele de muitas e examinei-lhes a cabeça e a cauda, cuidadosamente, sem encontrar qualquer coisa que justificasse o receio dos brasileiros.

A cobra coral alimenta-se de minhocas, centopéias e outros bichinhos semelhantes. Os nativos dizem que ela fura o chão do mesmo modo que a minhoca, mas nisso não acredito, absolutamente. Provàvelmente êles são induzidos a pensar assim, pelo fato da cobra desaparecer muito depressa. Na floresta sempre há certa quantidade de vegetação podre e de fôlhas espalhadas no chão, mesmo nos lugares mais abertos. Quando a cobra coral é surpreendida por um inimigo, mergulha imediatamente e se arrasta, ocultamente, por baixo da folhagem. Assim, quando alguém a procura no lugar onde desapareceu, não mais a encontra, originando-se daí a crença dos nativos, de que ela penetra no solo.

Não obstante o colorido brilhante desta cobra, ela não é muito visível quando no chão da floresta. Mais de uma vez quase as esmaguei com os pés, embora eu raramente deixasse de olhar para o lugar onde ia pisar. Êste hábito que adquirimos, de olhar sempre para onde vamos pisar, é o motivo de haver tão poucos casos de mordidas de cobra. Até o brasileiro habituado a andar no mato só descobre, algumas vêzes, a presença de uma cobra, depois que a pisa. Um fato como êste aconteceu quando íamos um dia para o trabalho. Havia oito homens caminhando na picada, todos descalços como de costume, em coluna indiana, para evitar arranhões de espinhos e tocos. Iam seis na minha frente os outros dois acompanhavam-me, atrasados umas três passadas. De repente, assustamo-nos com o grito de um dos dois homens que vinham atrás de mim. Olhando para trás, ainda o vi dar um forte golpe com a foice em alguma coisa que estava no chão, diante dêle. — "E' uma jararaca" — disse êle, levantando, na ponta da poice, uma cobra grande, desta venenosa espécie, que acabava de matar. O homem disse que a viu mexer-se quando eu e o sexto homem passamos. Assim, sete homens passaram ali sem, no entanto, vê-la, e ela não teve tempo de se enfiar na vegetação, que só a ocultava parcialmente. Foi quando chegou o oitavo homem e matou-a.

Quero deixar para o outro capítulo, outras aventuras que tive com cobras durante as poucas semanas restantes de verão.

CAPÍTULO VIII

Um domingo nas selvas. ★ Animais que comem lama. ★ O tucano domesticado. ★ Seus hábitos. ★ Um guarda contra cobras. ★ "Cobra! Cobra!" ★ Uma praga de pulgas. ★ Meu rancho solitário. ★ Uma aventura alarmante. ★ A anta e o jaguar.

Muito cedo, na manhã do dia 16 de fevereiro, eu e Curling, mais uma vez reunidos no último depósito grande por nós construído, situado a cinquenta milhas abaixo de Colônia Teresa, estávamos de pé, prontos para sair para uma caçada de anta.

Era domingo, nosso dia de descanso. Havia chovido continuamente todo o mês de Janeiro e durante os dez primeiros dias de Fevereiro, havendo, depois, um intervalo de quinze dias de sol.

Até então eu ainda não havia visto uma anta viva, embora Curling tivesse matado muitas. Havia duas canoas preparadas para nós e quatro dos melhores canoeiros estavam a postos para remá-las. Êstes eram Miguel Lopes, mais conhecido por Batista, seu irmão Hipólito, ótimo caçador das margens daquele rio, e dois outros robustos camaradas. Íamos levar cinco cachorros e a caçada devia começar em um famoso barreiro que existia na margem do rio, a uma milha e meia para baixo do nosso acampamento.

Preparei minha espingarda de dois canos e a carabina Snider. Curling também aprontou uma espingarda e uma carabina e, às 6,30 da manhã, antes do sol despontar por detrás das árvores das colinas que cercavam o acampamento, partimos; Curling foi numa canoa levada por dois canoeiros, conduzindo alguns dos cachorros, eu fui noutra, remada pelos outros dois homens, levando os outros cães. A manhã estava fresca e bonita, o termômetro marcava 70º Far., com uma deliciosa brisa, fresca e suave, espargindo o perfume das flores e das folhagens da margem do largo rio. Logo adiante do acampamento havia uma cachoeira, que se me tornara conhecida por causa das inúmeras vêzes que o meu barco nela virara. Desta vez, entretanto, fizemos uma bonita descida. Era a última de uma série de cachoeiras que se estendia numa extensão de cêrca de dez milhas rio acima, passando pelo nosso acampamento. Até êste ponto, ambos os lados do rio eram fechados pelas montanhas. Daí em diante estas recuavam e tanto na direita como na esquerda descortinava-se uma grande extensão de floresta. Ao longe, em ambas dispostas em forma de anfiteatro gigantesco. O anfiteatro da direita encerrava a região em que íamos caçar, e que se estendia por uma área de talvez oito ou nove milhas quadradas. Uma ponta do anfiteatro repousava na cachoeira que acabáramos de descer, enquanto a outra ia encostar no rio, a três milhas abaixo.

O barreiro estava situado na metade do caminho entre os dois. Deixamos o rio principal e entramos num valão, cuja passagem estava quase fechada pela vegetação luxuriante e pelas plantas trepadeiras que pendiam das árvores quase tocando a água. A canoa deslizou correnteza acima, na alamêda líquida e sombria, num trecho de cêrca de cem jardas. Desembarcamos num ponto onde havia lama, e que nos dava a impressão da presença, ali, de jacarés ou de outros répteis repelentes. Depois que atravessamos êste lamaçal, chegamos imediatamente a um caminho muito cavado por patas de animais, que lavava à margem do verdadeiro rio. Reconheci que era uma trilha de antas, pela qual elas estão acostumadas a vir tôdas as noites da floresta para beber água. Subimos por esta

trilha até ao alto de um barranco, de onde fomos sair num campo aberto, sem vegetação de espécie alguma, mas cheio de uma grande variedade de trilhas, que levavam a um centro comum. Todo êste espaço, de cêrca de vinte polegadas quadradas, estava cavado pelos pés das antes e dos outros animais.

Nunca vi coisa igual. As antas deviam se reunir ali, em grande número. Muitos ratos estavam frescos e a água ainda toldada — o que provava que elas haviam estado ali pouco tempo antes da nossa chegada. Miguel, além de nos mostrar pegadas de veados e de porco do mato, chamou-nos também a atenção para um sinal largo e redondo, que se salientava entre os rastros dos outros animais. — *"E' rastro de tigre"* — disse êle, pronunciando as últimas palavras com certo pavor. — "Se os cachorros encontrarem êste rastro, voltarão, imediatamente". Ficamos calados, e começamos a sentir um certo respeito pelo jaguar, que fazia tremer até a um homem como Miguel. O rastro do jaguar, que Miguel nos mostrara, já tinha pelo menos um dia e, por êste motivo, os cachorros não tomariam o seu faro.

Todo êste tempo os cachorros ganiram e latiram, puxando as correias que os prendiam. A um sinal de Miguel foram soltos e, com um latido curto de entusiasmo, embrenharam-se pelo mato, farejando o rastro da anta. Voltamos pelo mesmo caminho que havíamos ido e ficamos esperando na beirada do rio largo.

Curling atravessou na canoa para a outra margem e ficou num ponto a 300 jardas distante da foz do Barra, ao passo que a minha canoa ficava a vinte jardas distante da mesma barra, com a proa encostada a uma pedra grande.

Assim colocados podíamos dominar uma grande extensão do rio, tanto para cima quanto para baixo e, na opinião dos caçadores, a caça que descesse para o rio o faria naquela parte onde estávamos.

Depois do primeiro latido, no início, os cachorros silenciaram, mas êles sempre procediam assim quando estavam batendo a caça. Se o esconderijo da anta não estivesse muito longe do Barreiro, nós o saberíamos por causa do seu ladrar incessante, no momento em que o encontrassem.

Os minutos passavam e os únicos ruídos que ouvíamos eram os produzidos pela água que caía na cachoeira, um pouco mais adiante do lugar onde estávamos, e, de vez em quando, o chalrar desagradável dos papagaios, saindo aos bandos para a margem do rio, volitando sôbre as nossas cabeças por algum tempo e desaparecendo logo em seguida. Eu começava a me impacientar quando, por fim, Miguel, que estava na minha canoa, levantou o braço e disse: — "Schiu! os cachorros" — depois de um momento, continuou — "êles vêm correndo para êste lado". De fato, eu ouvia o barulho que os cães faziam, ao longe, na floresta, mas, embora prestasse atenção, não percebia, no entanto, a sua aproximação. A impressão que eu tinha era de que êles se distanciavam cada vez mais; chegando um momento em que nada mais ouvi. A anta havia, sem dúvida, mudado o rumo, afastando-se do rio. Ficamos sentados durante mais meia hora, finda a qual Miguel pronunciou esta desalentadora frase: — "A anta foi embora" — mostrando a cordilheira de montanhas que formava a parte inferior do anfiteatro já mencionado.. A anta havia atravessado a montanha e caído no rio, no outro lado.

Fizemos sinal para Curling, dizendo que íamos descer o rio para ver se encontrávamos alguma coisa e, sem esperar resposta, empurramos a canoa para a água, dirigindo-nos para a próxima curva. De repente os homens ficaram atentos por um instante e disseram: — "êles estão correndo". Chegamos à curva do rio e ouvimos, novamente, o barulho que um ou mais cachorros faziam correndo. O barulho, entretanto, vinha de mais abaixo ainda. Vendo que os homens punham tôda fôrça que tinham aos remos, peguei também um, que havia a mais, e ajudei a remar. A canoa deslizava com velocidade. Depois de fazermos a curva, vimos estender-se diante de nós outro trecho retilíneo do rio. Miguel parou, por um momento, e lançou uma vista d'olhos pela superfície da água. — "Lá está ela! Lá ao longe!" — exclamou, recomeçando a remar. Miguel, com a prática que tinha, havia distinguido uma cabeça fora d'água a uma distância de meia milha. Daí a pouco eu também pude ver um ponto prêto atravessando o rio. Passamos por dois cachorros que estavam ganindo, sentados à margem e, um pouco mais adiante, dois outros faziam o mesmo. Êles haviam abandonado a caçada e queriam ir para a canoa. Só um cachorro, portanto, corria, sendo com surprêsa que constatei ter êle atravessado o rio. Chegamos afinal perto do animal que estava nadando, e fiquei desapontado ao ver que era um veado e não uma anta. Não se incomodou conosco até chegarmos a uma distância de sessenta jardas, quando iniciarmos uma animada caçada. Foi então que êle procurou fugir para a outra margem. Pus o remo no fundo da canoa, peguei a espingarda e quando nos encontrávamos a uma distância de trinta pés, fiz fogo na pequenina cabeça. Com o esfôrço que havia feito, remando, minhas mãos estavam trêmulas e, por isso, errei o alvo. A bala ricocheteou, indo cair na margem do rio. O veado estava agora distante apenas dez jardas de terra firme. Se êle conseguisse alcançá-la, significaria um adeus para as costeletas que pensávamos ter para o jantar! Procurando, o mais possível, firmeza na canoa instável, dei um segundo tiro. A bala bateu na cabeça do animal, matando-o instantâneamente. Antes de chegarmos ao local êle já havia ido para o fundo. A correnteza era muito forte e, se não o apanhássemos imediatamente, êle seria arrastado pela correnteza do fundo do rio e não mais o veríamos. Com a agitação do momento eu pulei nágua com roupa e tudo, mas tive a sorte de, ao mergulhar, pôr a mão bem em cima dêle. Neste lugar a profundidade do rio era aproximadamente seis ou sete pés. Segurando-o por onde a mão alcançou, puxei-o para a superfície e fomos, os dois, içados para o interior da canoa.

O cachorro, que sòzinho caçou êste veado, apareceu na margem do rio e depois caiu n'água,

nadando até o lugar onde estávamos. O seu nome era *Cachorrinha*.

Durante o ano que ela passou em nossa companhia, ganhou a fama de, nas caçadas, nunca voltar sem trazer caça. Neste caso ela, juntamente com os outros quatro cachorros, tinha, sem dúvida, espantado a anta para a beirada do rio e o atravessado, sòzinha, perseguindo-a. Porém, não mais a encontrando — porque ela, sem dúvida, nadôu um pouco rio abaixo antes de subir para terra — procurou outra caça qualquer com o resultado que já conhecemos. Pobre animal! Estava destinado a encontrar a morte de maneira horrível.

Curling reuniu-se a nós após a caçada e voltamos, juntos, ao acampamento, onde chegamos às 10,30 mais ou menos, depois de passar quatro deliciosas horas, deduzindo o desconsôlo produzido pelo desaparecimento da anta. Ao voltarmos, descemos novamente no barreiro e matamos dois jacus que, com muitos papagaios, pombas e outras aves estavam comendo ali. Há muitas aves e animais que gostam de comê-la. Os que eu disse frequentar o barreiro, não só ciscam e fussam o solo, mas também comem-no em grande quantidade. Habitualmente encontrávamos no papo dos jacus grande quantidade de lama. As margens do barreiro estão sempre cheias de marcas de dentes de antas, porcos e veados. Parece que as feras e as aves que se alimentam de minhocas ou insetos não têm tendência para comer lama. Pelas minhas observações creio que só os herbívoros o fazem. A convicção popular é de que o barro contém sal gema. Creio que isto é certo, mas na ocasião em que tive a curiosidade de lixiviar uma pequena quantidade da terra do barreiro, pude apenas perceber um gôsto adocicado na água da lixiviação. Há grande número de barreiros ao longo das margens do rio Ivaí e sempre quis estudar mais detalhadamente, antes de partir, os componentes que continham, mas êste foi um dos muitos desejos que, por ser muitas vêzes adiados, não pôde ser realizado. Penso que li qualquer referência de Humboldt a respeito de homens que comem lama. Seria interessante saber se êsses homens eram vegetarianos, como os animais comedores de lama do Ivaí.

No barreiro que então visitei, encontramos restos de três antigos fojos; talvez fôsse o trabalho de índios que haviam abandonado esta parte da floresta.

No dia 17 Curling desceu o rio, enquanto eu fiquei detido dez dias no acampamento, fazendo uns desenhos de que precisava e também escrevendo. O tucano a que já me referi tornara-se agora um companheiro inteligente e divertido. Sabia a hora exata das refeições, vinha para a minha palhoça com pontualidade cronométrica e tomava lugar sôbre uma caixa que ficava ao canto do rancho, gritando de vez em quando para atrair a minha atenção. Era perito em apanhar, no ar, o alimento que lhe jogava e mesmo que êste lhe chegasse apenas à pontinha do bico, não o deixava cair. Sua digestão era feita com muita rapidez, estando, por isso, constantemente faminto. Embora fàcilmente fizesse camaradagem com qualquer pessoa que o tratasse bem, ficava, com a mesma facilidade ofendido, não esquecendo a ofensa por muitas horas. Uma vez joguei-lhe um pedaço de carvão na hora do almôço, mas quando êle foi comê-lo e sentiu o gôsto ruim, começou a atitar, enfurecido, pulou da caixa e saiu do rancho, só voltando na hora de se recolher ao poleiro, emburrado, sem os habituais atitos de cumprimento.

A maneira como êle se preparava para dormir valia a pena ser apreciada. Primeiro se ajeitava confortàvelmente no poleiro com as penas bem eriçadas, depois lançava, com um arranco, a cauda para cima, conservando-a em posição perpendicular. Isso feito, parava por alguns minutos, lançava um último olhar ao redor de todo o rancho e, se tudo estivesse quieto, voltava a cabeça e a colocava em baixo da asa e das penas eriçadas do dorso. Nessa posição, parecia uma perfeita bola de penas. Era assim que êle passava a noite tôda, sonolento mas sem adormecer completamente. Digo isso porque se eu o chamasse pelo nome êle respondia, fazendo um ruído semelhante a um gemido. Se eu lhe pusesse a mão, à noite, sem primeiro o chamar, se espantava. Se, ao contrário, eu falasse antes e depois o tocasse, não se mexia e soltava apenas uma espécie de rosnadura, o que, sem dúvida, significava: — "Você não pode me deixar em paz?"

Os tucanos são, a meu ver, aves muito mais inteligentes e interessantes do que os papagaios. Não creio, entretanto, que possam resistir ao clima frio da Inglaterra, porque são de constituição mais delicada e de menos penas do que os últimos.

Como exemplo da utilidade desta ave, como nosso guarda contra cobras, posso relatar o pequeno incidente que aconteceu no acampamento, dois ou três dias depois que Curling partiu.

Uma noite um trabalhador me veio procurar para arrancar-lhe um dente. Mas, como estava escuro, eu lhe disse que teria de esperar até o dia seguinte, quando então o faria com a luz do sol. Quase não pude dormir a noite tôda por causa das pulgas, pois o acampamento estava agora cheio delas. Ao amanhecer, sentindo-me esgotado por causa das inúmeras noites que, pelo mesmo motivo, já passara sem dormir, permaneci em estado de torpor e, por isso, não me levantei, como de costume, logo ao clarear do dia. O homem da dor de dentes procurou-me três vêzes, em intervalos de dez minutos, mas sempre me encontrava dormindo. Um minuto depois da terceira vez, ouviu o tucano gritar no meu rancho. Julgando que fôsse por minha causa, e que, nesse momento, eu estivesse acordado e de pé, voltou imediatamente, ansioso para que lhe extraísse o dente sem mais demora. Eu não acordara ainda quando êle retornou mas, os seus gritos de: — "Doutor, doutor, cobra!" — fizeram-me despertar imediatamente. Ao abrir os olhos, a primeira coisa que vi foram dois sapos pequenos saltando no chão do rancho, seguidos de perto por uma cobra preta. O espetáculo, que durou dois segundos, foi soberbo. A cobra estava, evidentemente, tão absorvida na caça que não perecebeu os gritos do homem e do tucano. Seus olhos reluziam como dois brilhantes, sua língua bipartida entrava e saía da bôca com a velocidade do relâmpago e, com a cabeça ereta e bem firme, arrastava-se num movimento rápido e sinuoso, cuja fôrça parecia vir de um

invisível poder mágico. Nestes dois segundos o quadro foi perfeito. Nunca havia contemplado coisa tão fascinante, quando, ora!... quando esperava que ela pegasse um dos sapos, um pau lhe bateu em cheio sôbre o dorso, restando, no chão, apenas um animal repelente, mordendo a poeira em agonia. Fiquei, naquele momento, aborrecidíssimo com o homem que me estragara o espetáculo da caçada. Porém quando soube que a dentada do réptil que êle havia morto era apenas menos fatal do que a da cascavel, mas que os seus movimentos eram ainda mais rápidos que os desta, perdi aquela simpatia momentânea que senti por ela. Neste caso, se não fôsse o tucano, a cobra teria se ocultado no rancho, entre as caixas, para aparecer, à noite, causando pavor, como aconteceu no caso de Morant.

Os brasileiros falam da existência de uma certa cobra, a que dão o nome de *cobra casada*. E' perigoso matá-la perto de qualquer habitação, ou mesmo deixá-la morta por perto, porque a sua companheira vem, pelo faro, para junto dela, e ataca ferozmente qualquer pessoa que encontrar nas imediações. Não conheço o fundamento desta história. Só sei que matei, no Brasil, pelo menos umas cem cobras de várias espécies, mas nenhuma mostrou tendência para atacar perversamente. O mais que podiam fazer era permanecer quietas, prontas para dar o bote quando pisadas ou ameaçadas. Na maioria dos casos elas procuravam fugir.

Logo depois disto tive um encontro desagradável com uma jararaca, que caiu de um galho que se projetava sôbre o rio para dentro da canoa, quando eu remava, um dia, rio acima, perto do barranco. Justamente no momento que a cobra bateu na canoa, eu caí n'água. Felizmente isto aconteceu perto do acampamento. Gritei e veio logo alguém até a ribanceira, recolheu a canoa e matou a cobra.

Se as minhas recordações dêste acampamento se cingissem a incidentes, como os que relatei, não teriam sido, absolutamente, desagradáveis. Mas, infelizmente, havia, em baixo de tudo, uma influência oculta de grande miséria que, para ser bem apreciada, era necessário que fôsse sentida. Miríades e miríades de pulgas enchiam todo o acampamento. Os cachorros que, sem dúvida, haviam trazido no corpo os progenitores desta vasta e indesejável colônia, tornaram-se, como é de se supor, as suas principais vítimas. Dia e noite os cachorros se mostravam inquietos, andando de um lado para outro do acampamento, e procuravam escapar aos tormentos enfiando-se nos cantos, rolando nas cinzas dos braseiros, latindo, rosnando e mordendo furiosa e dolorosamente os próprios corpos.

Tentamos todos os meios para pôr fim a esta praga. Lavamos os cachorros com ácido fênico, matando milhares dêstes atormentadores bichinhos. Demos-lhes banhos no rio e penteamos, ficando êles, assim, livres de milhares. Mas apesar dos inúmeros banhos que demos nos cachorros, a praga parecia aumentar.

Trabalhei noites a fio porque esta terrível praga não me deixava dormir. Quando me sentia excessivamente cansado, ia até o rio e me deitava na água durante uma hora ou mais, cochilando, até que, esfriando-me o sangue, eu era forçado a voltar ao palco do sofrimento.

O curioso é que, embora todos, no acampamento, se queixassem mais ou menos das pulgas, só eu, realmente, parecia sofrer. Nosso criado, Miles, que dormia num rancho vizinho ao meu, roncava a noite tôda, deitado na rêde. Frequentemente eu o acordava para trocar de rêde comigo e, dêste modo, depois de mandá-lo friccionar o meu corpo com cachaça, algumas vêzes conseguia ficar meia hora livre das pulgas. Mas estas logo entravam em atividade e me punham para andar em volta do acampamento, como faziam com os cachorros. Por fim, não aguentei mais. Meu cérebro começou a ficar tão enfraquecido, em virtude das muitas noites insones, que não pude mais trabalhar.

Abandonei o acampamento e construí um rancho solitário, a 800 jardas rio acima, na margem esquerda. Era aí que eu ia dormir tôdas as noites. Nenhum homem ou cachorro se aproximava dêle, durante o dia ou à noite. Na primeira noite em que usei êste rancho, dormi quatorze horas seguidas, e teria dormido ainda mais se os camaradas do alojamento não me tivessem vindo procurar, na suposição de que eu fôra devorado por alguma fera ou assassinado pelos índios.

Durante o dia eu ficava no alojamento, pois só entrava no meu novo rancho, do outro lado do rio, à noite, para dormir. Para lá eu mesmo ia remando. Ao atingir a margem tirava tôda a roupa de trabalho, deixava-a na canoa, dava um mergulho para tirar as pulgas remanescentes e subia nu para o meu rancho onde, vestindo a roupa limpa, ficava livre do tormento das pulgas a noite tôda. Eu havia visto rastro de onça por ali e, por isso, como não desejava ser devorado por uma delas, construí um rancho que, embora pequeno, fôsse bem resistente, com paredes de palmeira e entrada estreita que, à noite, eu fechava com segurança por meio de pedaços de palmeira cortados para êsse fim. Eu não receiava coisa alguma, porque dormia com uma espingarda de dois canos carregada e uma pistola Daw, de seis tiros.

Uma noite, entretanto, aconteceu uma coisa que veio perturbar o meu repouso.

Havia adormecido faziam cêrca de três horas, quando fui despertado por um urro selvagem e sobrenatural, vindo do interior da floresta. Estava escuro como breu, vendo-se, por exceção, a luz de um ou outro pirilampo volitando lá fora. Fiquei um ou dois segundos sem saber onde estava, quando a barulho de uma corredeira me fêz reconhecer o ambiente que me cercava. Levantei-me, apanhei a espingarda e fiquei esperando para ver o que aparecia. Num tempo mais curto do que é preciso para se ler esta descrição, ouvi um barulho de qualquer coisa que estava quebrando galhos. Só podia ser algum animal grande, correndo pela floresta em direção ao rio. Eu sabia que era uma anta e até adivinhava a causa daquele súbito barulho. O animal vinha a tôda brida em direção a minha palhoça, que estava situada quase sôbre uma trilha de animais, se não bem em cima. Eu não sabia de que lado ela ia aparecer; fiquei, então, no meio da choupana, pronto para atirar por

campinas adjacentes, a qual o primeiro grupo estava atravessando com tanto êxito. E' importante para o colono brasileiro saber que, numa só província do Brasil, há diferentes climas e características físicas diferentes da topografia como a que encontramos em dois reinos na Inglaterra. Êle pode, entretanto, escolher uma moradia em qualquer uma das três zonas da província do Paraná, onde haja uma colônia européia.

Apesar do melhor clima e do relativo luxo em que viviam os nossos colegas do Grupo I, havia muitas desvantagens quanto ao seu modo de viver em comparação com o nosso. A maior era a monotonia, a falta de surprêsas. Creio que, se tivesse sido possível, uma boa coisa a fazer seria, de quando em vez, trocar os componentes de um grupo com os de outro, havendo, desta forma, mudança de ares e de sensações. Teríamos, por certo, aproveitado e apreciado muito as brisas frescas das campinas, a boa vida e a agradável distância da praça dos insetos. Sem dúvida alguma a mudança de ares e o encanto da floresta, durante um mês, seria agradável para mais de um dos membros do primeiro grupo.

Um mês mais tarde, quando recebemos notícias dêles, Morant havia se tornado, nesse meio tempo, o herói de uma aventura com uma cobra que, sem dúvida, viera quebrar um pouco a monotonia da vida que levavam.

Parece que certa noite, pouco depois de se ter recolhido com o companheiro de tenda, Von Sydow, êste último despertou sentindo que algum animal chupava-lhe o dedo. Levantou a mão e acendeu uma luz para ver o que era, mas nada encontrou. Neste momento Morant dormia na outra extremidade da tenda, cêrca de dez pés de distância. Como a noite estava muito quente e não havia mosquitos êle dormia com um braço nu por cima do cobertor. Von Sydow não encontrava posição e estava inquieto, rolando na cama. Depois de algum tempo resolveu levantar-se. Neste ínterim Morant despertou, para viver a aventura que assim descreveu:

"Senti que havia qualquer coisa pesada e fria sôbre o meu peito e em volta do meu braço. Abri os olhos e na claridade da luz que Sydow estava usando vi, com horror e espanto, uma cabeça e um pescoço balançando para a frente e para trás, a poucas polegadas acima do meu rosto. Era uma cobra. Fiquei imóvel, sentindo que o seu corpo escorregadio se enroscava no meu braço, e estou certo de que, se fizesse um movimento qualquer o asqueroso réptil me teria mordido". Chamei por Sydow e lhe disse baixinho: — "Sydow, há uma cobra enrolada no meu braço, que devo fazer?" — "Sim! Sim! Sim! Muito bem" — respondeu-me, como se estivesse a gracejar. Mas eu sabia, no entanto, que êle não me havia compreendido e julgava, provàvelmente, que eu estivesse falando a respeito do dedo dêle (Von Sydow era sueco e entendia apenas algumas palavras em inglês). Falei-lhe mais uma vez: "Sydow, cobra, cobra". Mas êle continuou não percebendo o que eu dizia, e respondeu com uma gargalhada. Não ousei falar mais alto, temendo irritar a cobra que ainda balançava a cabeça diante do meu rosto. Era necessário que se fizesse alguma coisa sem perda de tempo, pois nenhum mortal podia suportar por muito tempo tal agonia.

Chegou um momento em que não pude mais resistir. Levantei-me repentinamente, e, com um sacudir violento do braço, a cobra desprendeu-se e caiu fragorosamente ao chão, não lhe sobrando tempo para me atacar.

Enquanto procurava um pau para matá-la, desapareceu por baixo do pano da tenda.

Pelo que disse Morant certamente era esta a primeira vez que êle via uma cobra de perto. Se era ou não uma cobra venenosa, não foi possível verificar; mas a situação em que ficou, quando a descobriu enrolada no braço, equivale ao mesmo. Possìvelmente era uma jararaca ou uma cascavel, pois tôdas as duas são muito comuns nas campinas e nas capoeiras ou matas.

Von Sydow percebeu, depois, que a cobra que estava em cima de Morant era a mesma que estivera lhe chupando o dedo.

E' bem possível que isto tenha acontecido e também que ela não tenha achado o dedo de Sydow muito macio, tendo, por isso, procurado melhor sorte noutra parte.

O número de cobras encontrado na planície é muito pequeno, em relação ao encontrado na floresta, especialmente durante os meses de verão. Era difícil passar um dia sem que os nossos empregados encontrassem uma delas e muitas vêzes quase fôramos picados.

Lembro-me de uma vez que Lundholm ia se deitar numa rêde, que estava aberta num dos ranchos de serviço, e encontrou dentro dela, enrodilhada, uma jibóia grande, preta e amarela, de cêrca de oito pés de comprimento. E' desnecessário dizer que o ofídio foi imediatamente morto. Daí em diante não deixamos mais de virar as botinas antes de calçá-las, pela manhã, e de sacudir a rêde ou a cama de campanha antes de nelas nos deitarmos.

Por esta época eu possuía um tucano, sôbre o qual desejo dizer algumas palavras. Um dia esta ave, que passava a maior parte do tempo andando para todos os lados no acampamento, entrou, precipitadamente, pelo meu rancho a dentro. De repente parou, mostrando-se muitíssimo assustada, batendo as asas e dando gritos estridentes. Levantei-me da mesa onde estava escrevendo e fui apanhá-lo para ver o que sentia. Quando o coloquei no chão, tomei uma lambada semelhante à de um chicote, na perta, na altura das panturrilhas. Com o susto, dei tamanho salto que os pés quase saíram das botinas. Olhei e vi que havia pisado numa cobra, que logo se enrolara na minha perna. O salto violento que dei, entretanto, atirou-a longe. Era uma jibóia preta e amarela, não venenosa, igual à que havia sido encontrada na rêde de Lundholm. Confesso que perdi a calma (com o horror que tenho de cobra, que seja venenosa ou não), peguei a espingarda e matei-a com um tiro.

No seu estômago, um tanto dilatado, encontrei dois sapos grandes, que mostravam como ela era modesta na sua caça.

Depois da venenosa e temida jararaca, a cobra mais comum destas florestas é uma certa cobra coral, muito bonita e sem veneno, com faixas e pintas de côr preta, amarela e vermelha.

A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

Consultou o seu relógio de algibeira.

— Sabe você que já é hora de almoçar?

Mullins, o proprietário do "Black Bull", cuidou de preparar para ambos uma deliciosa costeleta de porco, que o médico declarou ser a melhor que já provara em tôda a sua vida e, dando razão às próprias palavras, comeu tudo, bebendo vários copos da excelente cerveja do albergue. Embora impaciente, como estava, para prosseguir o seu inquérito, Biles não deixou de admirar tanta calma. Não ousava, mesmo, formular as perguntas que subiam aos seus lábios. Aliás o médico, parecendo alheio ao drama, nada fazia para encorajar o policial. Por isso a conversação versou sôbre a música, assunto pelo qual o Dr. Hailey muito se interessava. Depois do almôço, todavia, o trabalho foi reencetado com energia. O médico foi ao seu quarto apanhar o microscópio e uma valise com vários frascos, começando logo a dissolver uma parte da mancha, que tomou uma côr lembrando a da palha. Deitou, a seguir, algumas gotas sôbre um pires de vidro e examinou com atenção.

— Os corpúsculos mal podem ser reconhecidos — disse êle a seu companheiro — Mas não tenho dúvida: trata-se de sangue! O espectroscópio dirá a última palavra.

Abriu um pequeno estojo de couro e dêle retirou uma redução de telescópio em côbre. Adaptou-a ao ocular do microscópio. Um simples olhar foi suficiente.

— Não pode haver dúvida! — exclamou.

Recostou-se na poltrona e abriu a bôlsa de fumo.

— Um instrumento dos mais úteis, êste! — comentou — Como deve saber, pode descobrir o sangue aglomerado, graças ao fato da matéria rubra colorante produzir raias sombrias em certos pontos definidos no sistema de côres, semelhante ao arco-íris, produzido pelo prisma, dividindo a luz do dia. Qualquer outro fluido, sem ser o sangue, não dará a mesma imagem. O mal estava em que com pequena quantidade de sangue não era possível tentar a prova. Porém um espírito inventivo concebeu a idéia de combinar num só instrumento o espectroscópio com o microscópio. Hoje é possível descobrir o mais ligeiro traço de sangue.

Biles, pouco versado na ciência, fêz apenas um sinal de asentimento. Porém o médico, com seu instinto natural de professor, queria ser compreendido inteiramente. Por isso explicou, detalhadamente, como o espectroscópio era, muito simplesmente, a aplicação científica da propriedade bem conhecida que tem o vidro talhado, de produzir as côres do arco-íris. A mistura dessas côres, em número de sete, dá a luz branca. A função do espectroscópio é a de separá-las, agindo exatamente como uma nuvem de chuva, quando provoca o arco-íris.

— E, dêsse ponto de partida — concluiu o médico — chegamos a dotar a justiça de um novo ôlho, de um instrumento capaz de descobrir uma pequenina mancha de sangue sôbre um fio de cabelo!

— Acredita que um júri inglês aceitaria essa prova como elemento concludente?

— Meu caro Biles, por favor... Não pensemos, por enquanto, no júri, seja êle inglês ou japonês! Não vamos pensar em apresentar ao júri uma tal prova. O que nos cabe apresentar, antes de tudo, é o próprio corpo do homem assassinado. Isto é, puramente, o primeiro "alto" no caminho das pesquisas.

Enquanto falava, o médico apanhou o estojo, do qual havia retirado o microscópio. Ainda do mesmo estojo retirou um mapa de que se munira, antes de sair de Londres. Abriu-o diante de si, sôbre a mesa e, empunhando um compasso, convidou Biles a indicar o local exato em que a pupila fôra encontrada. O mapa, em grande escala, representava o bosque, claramente e exatamente indicado. Biles estudou o mapa um momento, depois, com a ponta da unha, riscou o local pedido. O Dr. Hailey sôbre

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jack Derwick, advogado residente em Londres, era noivo de Miss Estele Armand, filha do jurista Sir William Armand, homem de fortuna e com excelente casa acastelada em Calthorpe, perto da praia. Um dia, com surprêsa, Miss Estele comunica ao noivo que Sir William não queria mais o casamento. Jack procura indagar dos motivos de tão insólita decisão, mas a jovem, contristada, lhe responde que nada pode mais adiantar, e que êle considerasse o caso encerrado. Estava disposto a regressar a Londres, quando, naquela mesma noite, foi notado o desaparecimento de Sir William Armand. Entregue o mistério ao detective Biles, êste embarca em direção a Calthorpe a fim de entrevistar Miss Estele. Há suspeitas de que Jack esteja envolvido no caso, embora haja também uma terceira personagem, Mr. Sawyer, que, na tarde do desaparecimento de Sir William, mantivera com êste uma conferência no albergue local. O comissário Robson está procurando ajudar o enviado da Scotland Yard, mas ainda não se manifestou um indício capaz de produzir uma pista. Miss Armand confessa que apesar de tudo ainda ama Derwick e que não mais o viu depois do rompimento. No Touro Negro, onde alugara um quarto, encontra uma ponta de cigarro de procedência estrangeira e a criada informa que o mesmo pertencera ao Sr. Sawyer, homem de gôsto refinado e que fazia questão de bebidas da melhor qualidade, tendo aberto pessoalmente uma garrafa. Examinando essa garrafa Biles descobre marca digital, revelando uma larga cicatriz. Devia pertencer a Sawyer. Indo ao bosque, na manhã seguinte encontra um objeto de forma arredondada lembrando uma pérola grande, mas de frágil consistência. Resolve procurar seu velho amigo, Dr. Hailey e exibe-lhe o achado e o médico imediatamente afirma tratar-se de uma pupila humana e que o homem a quem ela pertencia devia ter sido assassinado. Os patologistas da Home Office confirmam a natureza do achado e Hailey se oferece para ajudar nas pesquisas. Juntos vão interrogar Derwick e êste declara que após o rompimento do noivado saiu a passear, indo tomar chá com o reverendo Hargreave. Apenas avistara miss Armand. Quando Biles lhe informa que Sawyer viajara para Londres no mesmo trem que êle próprio, Jack estremece e exclama: «O homem da pelerine comprida!» acrescentando que o mesmo usava barba e tinha olhos amendoados, pequeninos. Novamente no bosque, agora com o médico e êste descobre numa árvore fragmentos de pele humana. Deduzem, então, que o corpo deve estar próximo. Medindo o terreno, em redor e pesquisando melhor descobrem uma fôlha manchada aparentemente de sangue.

êsse ponto apoiou uma das extremidades do compasso, abrindo-o a seguir até levar a outra extremidade ao bordo da escarpa.

— Isto representa, segundo sabemos, quarenta e cinco passos — frizou.

Tomando o local do crime como centro, descreveu um círculo com o seu instrumento, até atingir o ancoradouro do riacho, onde descobrira as manchas de sangue. Calcou a extremidade do compasso sôbre êsse outro ponto de referência no mapa e, novamente, traçou um círculo do mesmo raio.

A circunferência dêsse segundo círculo atingiu até um caminho que conduzia da grande estrada, além da igreja, a uma pequena aldeia de pescadores, a pouca distância da costa.

— Receio que isto nos leve muito longe — disse Biles. O assassino não se atreveria a levar a sua vítima por um caminho público... mesmo nas trevas da noite.

O médico nada respondeu. Estudava atentamente o mapa, com olhar terno e curioso.

— Se — propôs êle — fôssemos passear um pouco ao longo dessa estrada, a fim de verificarmos as distâncias?

Fora, encontraram-se na luz de uma tarde ensolarada. Biles acendeu o cachimbo, levantou a gola do sobretudo, por causa do vento já muito frio, que soprava. Seus passos ressoavam muito fortes no profundo silêncio da ruazinha tranqüla. Chegados ao cruzamento das estradas de onde partia o caminho de atalho, que iam examinar, o Dr. Hailey parou um instante e abriu sua bôlsa de fumo.

— Você há de reconhecer — observou êle — que dêste local é impossível perceber qualquer parte da estrada, além da porta da igreja. Ninguém, na aldeia, poderia, assim, saber o que se passava nesta curva, mesmo á luz do dia.

Aspirou duas ou três pitadas, aparentemente muito satisfeito com a própria idéia, embora Biles não pudesse alcançar o seu objetivo. Trocando passos preguiçosos, passaram além da residência do pastor, da própria igreja e atingiram o local em que, segundo era possível supor, o assassino terminara a segunda parte do seu trajeto.

Nem cêrcas nem fossos fechavam a estrada lateralmente; nenhuma árvore se erguia na vizinhança; em certos lugares o chão era até mais baixo.

Uma pesquisa prolongada nada revelou em absoluto. Biles, cujo cachimbo se apagara, tornou a acendê-lo como para indicar que, a seu ver, o caso não tinha solução. Mas o médico parecia longe de abandonar a sua teoria.

— Devemos retornar ao local em que encontramos as marcas de sangue — declarou êle — e realizar pesquisas mais minuciosas.

Caminharam sôbre a grama, na direção das moitas que escondiam o pequenino riacho. O médico concentrou sôbre elas tôda a sua atenção e sua recompensa não tardou a aparecer sob a forma de um galho quebrado e suspenso acima de uma roseira. Êsse ramo — segundo imediatamente verificou — fôra arrancada, de cima para baixo, da moita de que formara parte, isto é, aquela que se quebrara com a queda de um corpo pesado.

Embora os juncos estivessem queimados e quebrados pelos ventos e chuvas da estação, êsses estavam muito mais quebrados que os demais, calcados que tinham sido de alto a baixo. O Dr. Hailey se curvou para os examinar, depois chamou a atenção de Biles para outra mancha de sangue, maior que a primeira, sôbre o solo, não distantes dêles.

— Foi aqui, meu caro Biles, que o assassino deixou cair o corpo pela primeira vez... Um lugar excelente, onde poderia ficar muito tempo, antes de que fôsse descoberto. Note que daqui não se é visto nem da casa do pastor nem da aldeia.

Biles olhou na direção indicada; era verdade. Nenhum outro local, nas vizinhanças imediatas poderia oferecer maior proteção contra qualquer indiscrição.

— Realmente — disse êle — Mas o corpo não está mais aqui!

— Evidentemente! O assassino, como você pode já agora verificar, é notável em muitos pontos de vista. Terminou bem o seu trabalho.

— Mas de que modo? Onde?

O Dr. Hailey permaneceu alguns instantes sem responder. Repentinamente estremeceu, obrigando Biles a fazer o mesmo.

— Como? Onde?... Oh, meu caro Biles! Que cegos somos, às vêzes, mesmo quando desejamos ver mais que nunca!

Endireitou o longo braço na direção da estrada que tinham acabado de deixar e exclamou:

— Onde se encontrar melhor lugar para enterrar um morto... senão no cemitério?

Logo além da estrada, cercado por um pequeno muro de pedras, estava o cemitério da aldeia, com suas fileiras de túmulos baixos e suas pedras sepulcrais pouco firmes.

CAPÍTULO VIII

ASSASSINATO

— Uma boa experiência — disse o Dr. Hailey — quase sempre dá uma resposta da mesma forma que uma boa teoria conduz a uma pergunta obrigatória. Você, por exemplo, inventa uma teoria e logo procura prová-la, aplicando-a aos fatos atuais. Minha teoria é a seguinte: o assassino de Sir William abandonou o corpo na moita do alto da ladeira, depois foi ao cemitério cavar um túmulo. Feito isto, voltou para apanhar o corpo e enterrá-lo.

Biles e o médico estavam sentados, lado a lado, no "fumucir" do "Black Bull", tomando um vermouth como aperitivo, antes do jantar. Tinham abandonado o trabalho de detective, "para o resto do dia", segundo explicou o Dr. Hailey: a fim de conferenciar antes de decidir qual seria a ação seguinte.

— Mas correríamos o risco de ser descobertos — objetou o policial. — Não é possível cavar um túmulo sem deixar rastros...

— Meu pobre amigo, não podemos escavar um fôsso, ao menos de maneira satisfatória, se não soubermos como fazê-lo.

— Neste caso...

O médico tinha o saco de fumo em mão. Repentinamente fechou-o com gesto violento.

— Você já notou — perguntou êle — que havia um túmulo recente no cemitério? Um túmulo... fresco? Ora, qualquer pessoa pode **reabrir um túmulo recentemente cavado... para acrescentar alguma coisa ao seu conteúdo**... E assim não restará qualquer traço revelador do seu trabalho, desde que trabalhe com cuidado.

— Mas, neste caso...

— Não! Não devemos ser precipitados. O assunto não está tão claro assim. Longe disso! Primeiro

devemos procurar descobrir como o assassino pôde saber que havia um túmulo recém-aberto, no cemitério. Penso que êle já devia saber isso, de antemão, sem o que não teria sequer pensado em executar êsse plano.

Biles fêz um esfôrço para alertar a sua memória. Repentinamente estremeceu.

— Oh! — exclamou — Agora estou pensando... Jack Derwick tomou chá com o pastor uma hora antes do crime. Deve ter atravessado os mesmos caminhos que acabamos de examinar, pois que declarou ter vindo da mansão caminhando ao longo da escarpa. Deve, portanto, ter passado pelo cemitério.

Os olhos do médico se cerraram ligeiramente. Isso, porém, foi tudo.

— A rigor, isso pode simplesmente afastar uma objeção; mas aqui tem outra: não é possível cavar um túmulo sem uma enxada e os coveiros não costumam deixar seus utensílios abandonados no cemitério.

— Se presumimos que Derwick seja o assassino êle bem pode ter voltado à mansão e apanhado uma enxada. O depósito de material de jardinagem deve conter um bom número delas e, provàvelmente, não está fechado a chave.

O médico fêz um gesto de assentimento.

— E' possível — disse êle — Tinha tempo para isso, sem dúvida. Entretanto, precisamos ter a certeza de que o corpo está mesmo **nesse túmulo!** Pretendo proceder a certas investigações, pessoalmente, esta noite. A seguir, poderemos continuar pùblicamente as buscas.

Biles obteve uma enxada por intermédio do comissário Robson, que, por seu lado, continuava investigando e ao entardecer de cada dia vinha comunicar os resultados de seus esforços. De Mullins, obteve a chave do albergue, pretextando ter que trabalhar por muitas horas mais, à noite.

— Não descobriu ainda nenhuma pista? — perguntou êsse homem amável, mal reprimindo a curiosidade.

— Ao contrário, o mistério escurece cada vez mais.

Mullins baixou a voz:

— Ouvi dizer um de meus clientes, Jim Deiry, que o Sr. Sawyer — o **gentleman** que tinha um encontro, aqui mesmo, com Sir William, na noite em que êste desapareceu — discutia muito com êle, quando daqui saíram. "**Um homem honrado como eu** — dizia Sir William — **não pode agir de outra maneira**". E Mr. Sawyer exclamou, por sua vez: "**Pelo amor de Deus; não leve nada ao extremo, quando não há necessidade!**" Estavam, então, junto da porta que abre para o campo e Jim não estava longe. Depois os dois homens se afastaram e Jim nada mais pôde ouvir.

— Hmm! — Biles assumiu um ar ingênuo — E seu cliente viu, por acaso, se êles entraram, juntos, no bosque?

— Não! Não perguntei isso a êle; mas a verdade é que já estava muito escuro. O Sr. Sawyer voltou ao fim de vinte minutos...

Biles contou detalhadamente essa conversa ao Dr. Hailey, que se mostrou interessado sem, todavia, fazer qualquer comentário. Jantaram juntos e durante a refeição o médico voltou a falar da sua cara música, como se não tivesse outra preocupação. Afirmou ser um êrro colocar Beethoven entre os clássicos. Êsse têrmo devia ser reservado para compositores como Bach.

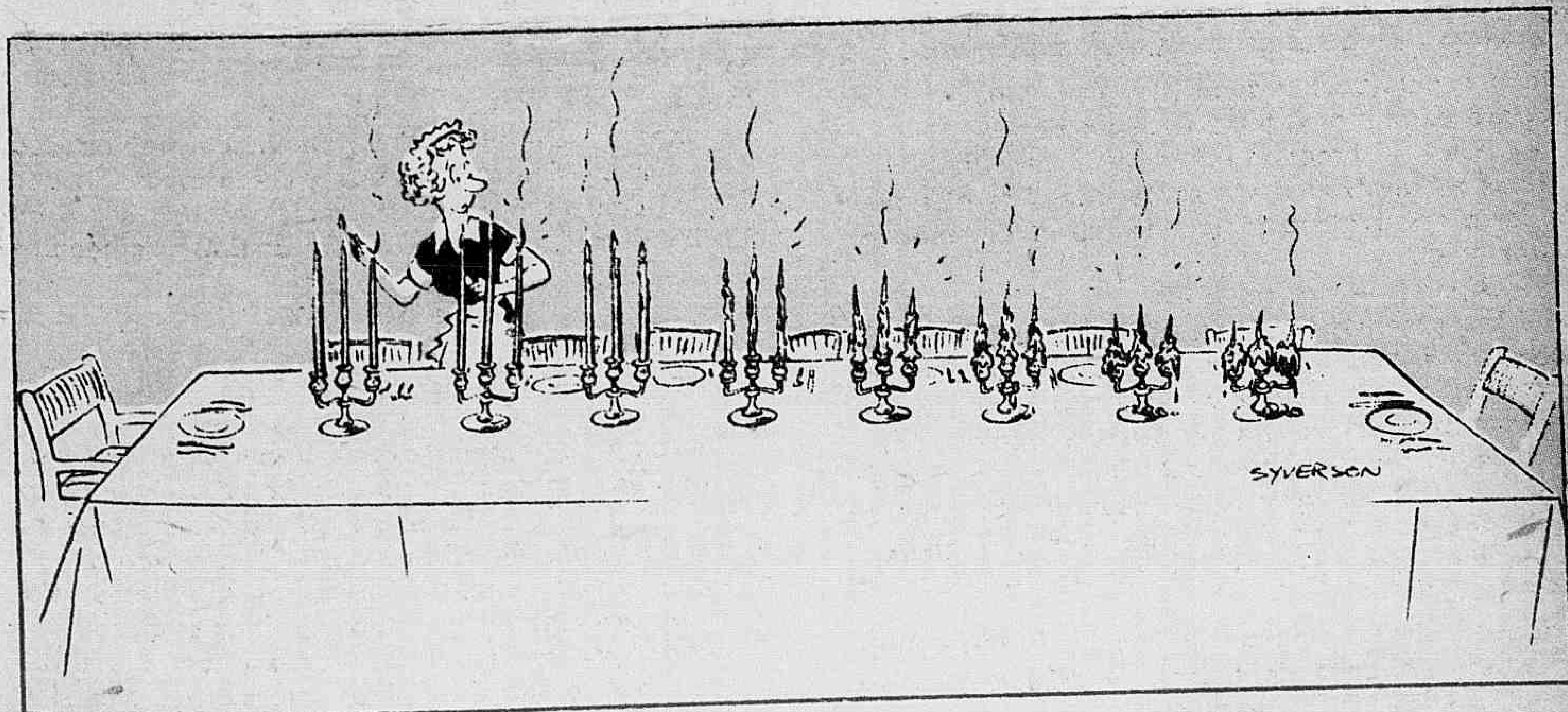
Biles moveu a cabeça com ar desolado.

— Gosto da música, mas não compreendo grande coisa.

— Meu caro amigo, estamos no mesmo plano. Que podemos saber de coisa tão misteriosa? Quando ouço, por exemplo, a música inflamada da Valkyria, acredito estar na presença da própria essência da vida e, no entanto, não consigo entender tôda a sua beleza. E' estranho como não ocorre a mesma coisa, quando ouço os cantos dos vendedores ambulantes da minha província. Então acredito compreender, sem saber ao certo o que compreendo. Às vêzes pergunto a mim mesmo se a alma de um povo não estará encerrada, inteirinha, em sua música popular.

Abriu sua bôlsa de fumo. Biles o contemplava com ar que era ao mesmo tempo de prazer e de respeito.

— Como você deve ter notado, o trabalho de detective é simplesmente a compreensão da natureza humana. Uma vez que se penetra a personalidade do criminoso, seu crime se torna evidente; eis por que a música, que nos revela o fundo de nossa natureza, é a melhor escola para êsse gênero de trabalho. Ela nos ajuda a sentir e, mais tarde, a compreender.



Terminado o jantar, fumaram em silêncio durante algum tempo. Embora o médico em geral cochilasse uma boa meia hora, após o jantar, esta noite conservou-se alerta e bem disposto. Agora que, segundo acreditava, havia encontrado a vítima, seus pensamentos se voltaram para o criminoso. Pensava, neste momento em Sawyer...

Surpreendeu-se ao verificar que ninguém pudera até então recolher o menor indício de valor a respeito dêsse estranho personagem, pois que seu espírito prático pouca importância emprestava à impressão digital deixada sôbre a garrafa de vinho do Pôrto e da ponta de cigarro que lhe falara o próprio Biles. Essas marcas podiam servir para identificar, nada mais. O que era preciso, antes de tudo, era "apanhar a lebre". Perguntou a si mesmo, então, se um exame mais minucioso do quarto que êle havia ocupado não daria mais amplas informações. Em caso de insucesso, talvez algumas perguntas feitas com habilidade a miss Armand alcançassem melhor resultado. Parecia absolutamente certo de que êsse homem tivera muitos negócios com Sir William. Às onze horas, os dois homens se separaram para apanhar o chapéu e o sobretudo, saindo do hotel tão discretamente como foi possível. Biles envolvera a enxada num segundo manto, que carregou de maneira a esconder o melhor possível o objeto que envolvia. Seguiram a grande estrada até à rua da aldeia.

Havia uma lua fraca e um ligeiro nevoeiro flutuava, sugerindo a presença da água pouco além. Quando chegaram à igreja, o Dr. Hailey parou para observar o ambiente. Êsses efeitos de atmosfera e de luz eram característicos da região norte.

O templo estava sombrio e silencioso, além da cêrca de ficos. Podiam ver, por cima do telhado, a tôrre quadrada recortando-se distintamente sôbre o céu pálido. Seus passos produziam sôbre a estrada úmida um som estranho.

Chegados ao ponto desejado, galgaram a grade do cemitério, fazendo o mesmo com o muro, tendo Biles ajudado o médico. A grama estava úmida e escorregadia, o que não impediu, porém, que ambos chegassem sem grande esfôrço ao túmulo recém-revolvido e que haviam notado, quando da sua passagem, à tarde. O médico retirou do bôlso uma lanterna elétrica. O túmulo parecia intacto. Era dominado por um pote de barro contendo crisântemos já secos e que piedosas mãos ali haviam depositado. Não havia outras flores. O médico examinou o pote com grande atenção; depois curvou-se para examinar a terra mais de perto.

— Veja! — ordenou êle a seu companheiro.

Biles se abaixou e viu sôbre uma das elevações da terra revolvida a marca de um objeto redondo. Estremeceu.

— O pote! — exclamou êle.

— Exatamente! Puseram êsse pote ali, primeiro... **antes do segundo entêrro.** Êsse detalhe escapou, sem dúvida, ao assassino, devido à penumbra.

O médico recuou alguns passos, apoiando-se a uma pedra tumular, enquanto Biles retirava a enxada do seu envólucro. O utensílio brilhou um instante sob o luar. O policial começou então a cavar no ponto que devia ser a cabeceira do túmulo.

Havia retirado apenas um palmo de terra quando soltou um grito de horror. O médico se aproximou, acendendo a lâmpada.

O raio de luz caiu sôbre uma massa de cabelos brancos, manchados de terra.

— Santo Deus! Que horror! — murmurou Biles com voz rouca.

O médico se ajoelhou e com as mãos retirou a terra do rosto do cadáver. Depois pediu a seu companheiro que cavasse a terra pouco mais, a fim de libertar melhor a cabeça. Ficou ajoelhado durante essa operação. Uma vez terminada, Biles se ajoelhou também e ajudou o Dr. Hailey a retirar as últimas parcelas de terra. Então, um espetáculo verdadeiramente horrível se ofereceu a êles. Os olhos de Sir William estavam furados com uma selvageria sem igual nos anais do crime. Seu rosto, por sua vez, estava ferido e com manchas enegrecidas como se tivesse sido atacado a grandes sôcos.

O médico tocou com o dedo o rebordo dos ferimentos e os examinou, a seguir, com a lente.

— E' impossível dizer, desde já, se foram infligidos antes ou depois da morte — disse êle.

Levantou-se, então, limpando a terra dos joelhos.

— Suponho que já vimos o suficiente — declarou êle — O melhor que temos a fazer é repor a terra no seu lugar.

Aspirou uma boa pitada de fumo enquanto Biles trabalhava de novo com a enxada. Quando êste terminou, o médico inspecionou outra vez o túmulo com a lâmpada, sugerindo um ou dois retoques.

Voltaram em silêncio para o albergue. Ali, o Dr. Hailey encheu dois bons copos de **whisky** da garrafa que, à sua ordem, o alberguista deixara à sua disposição. Ofereceu um ao policial.

— Então? — disse êste.

— E' ainda mais horrível do que eu pensava.

Biles tragou uma boa porção de **whisky.** Tinha o rosto mais pálido que de ordinário.

— E, também, mais interessante! Confesso que não esperava aquelas equimoses.

— Mas os olhos? Por que o criminoso os arrancou daquela maneira?

— Meu caro Biles, um homem, uma vez praticado o seu crime, transforma-se fàcilmente num demônio. O mêdo é a mais cruel das emoções humanas... e também a mais insensata. Você deve ter notado isso mais de uma vez. Certos assassinos, indivíduos calmos e meigos em outras circunstâncias, deixam suas vítimas estraçalhadas uma vez que vêem o adversário morto.

— Mal se pode imaginar uma coisa dessas da parte de Derwick. Entretanto... um homem com a educação que êle aparenta...

O médico assentiu com um movimento de cabeça.

— Principalmente se nos apressarmos... concluindo sem refletir muito! Derwick pode ser o assassino. Isso, porém, é ainda simples conjectura.

CAPÍTULO IX

O VIDRO QUEBRADO

O encontro do corpo de Sir William alvoroçou todo o país. Os jornais da noite, de Londres, continham todos os detalhes da exumação que ocorrera no início da tarde. No albergue do "Touro Negro", semelhante agora a uma colmeia, os repórteres falavam incessantemente, tanto os locais quanto os "enviados-especiais", todos apressados, procurando detalhes, a fim de melhor informar os seus leitores sôbre o mistério.

Mullins cumulava êsses homens com os detalhes que conhecia e em breve o público veio a saber de tudo o que se ligava a êsse misterioso Sawyer e os demais atores do drama. Felizmente nada transpareceu sôbre o Dr. Hailey, que tomou a precaução de se ausentar da aldeia, durante o dia.

Voltou muito tarde, já noite, e encontrou Biles em excelente disposição de espírito. O policial conseguira isolar-se numa pequena sala do térreo, a fim de fugir aos jornalistas. Recebeu seu amigo com grande cordialidade.

— Fui muito cumprimentado pelo seu trabalho, doutor. — disse êle — Mas, embora a contragôsto, mantive a minha palavra e o nome do senhor não foi pronunciado. Entre nós, porém, eu estava encabulado! Transportaram o corpo para a morgue, em Belfort, para o inquérito que se realizará amanhã.

— Será adiado, naturalmente.

— Por certo.

— E então?...

Biles moveu a cabeça, com ar desanimado.

— Tudo continua obscuro, para mim pelo menos. — confessou êle — Não podemos prender ninguém, embora, já agora, tenhamos alguma coisa para mostrar: o corpo do assassinado! O que sei é que a aldeia está cheia de jornalistas, e outros mais chegarão, amanhã. Êsse é o que os jornais chamam de **um caso sensacional.**

— Suponho que você terminou o seu inquérito?

— Ainda não. Irei pesquisar a mansão amanhã cedo. Miss Armand e Mullins servirão de testemunhas. Mais tarde, interrogaremos Derwick e Blunder, o associado de Sir William.

O médico foi ao **buffet** e serviu-se de **whisky**; depois, voltando-se para seu amigo, com o copo em mão, disse no seu tom mais calmo:

— Segundo receio, tenho uma surprêsa desagradável para você, meu amigo — Miss Armand desapareceu desde o comêço da tarde...

— Hein?

— Sim. Enquanto você estava ocupado, com os outros, no cemitério, ela parece ter fugido com algum estranho, chegado à mansão em um grande automóvel, imediatamente após meio-dia. Não tinha voltado, ainda, às nove horas.

Biles tinha ficado rubro, enquanto o médico falava.

— Essa, agora! Por que não a vigiaram? — exclamou — Êsses policiais de aldeia são uns moleirões. Eu disse a Robson, desde o início, que vigiasse a mansão!

— Meu caro Biles, aquela moça tinha o direito de se locomover... Era livre...

Aparentemente, o policial, atarantado como estava, esquecera êsse fato.

— Em todo caso, teríamos visto que personagem era êsse, com quem saiu... Provàvelmente está em Londres... Mas onde? Vai ser um segundo Sawyer. Como o senhor soube do fato?

— Simplesmente tentando fazer uma visita a essa moça, para completar o inquérito. Realizei, hoje, um longo passeio, a pé, até Banburgh. Na volta, pensei que talvez pudesse ser de algum auxílio a essa pobre moça, nas circunstâncias trágicas que ela atravessa. Mas ela havia partido, quando cheguei a Calthorpe Hall. Encontrei o sacerdote que tivera a mesma idéia que eu e voltei para almoçar com êle... Um homem extremamente interessante... Lá pelas nove horas, estávamos novamente na mansão, porém Miss Armand não havia voltado.

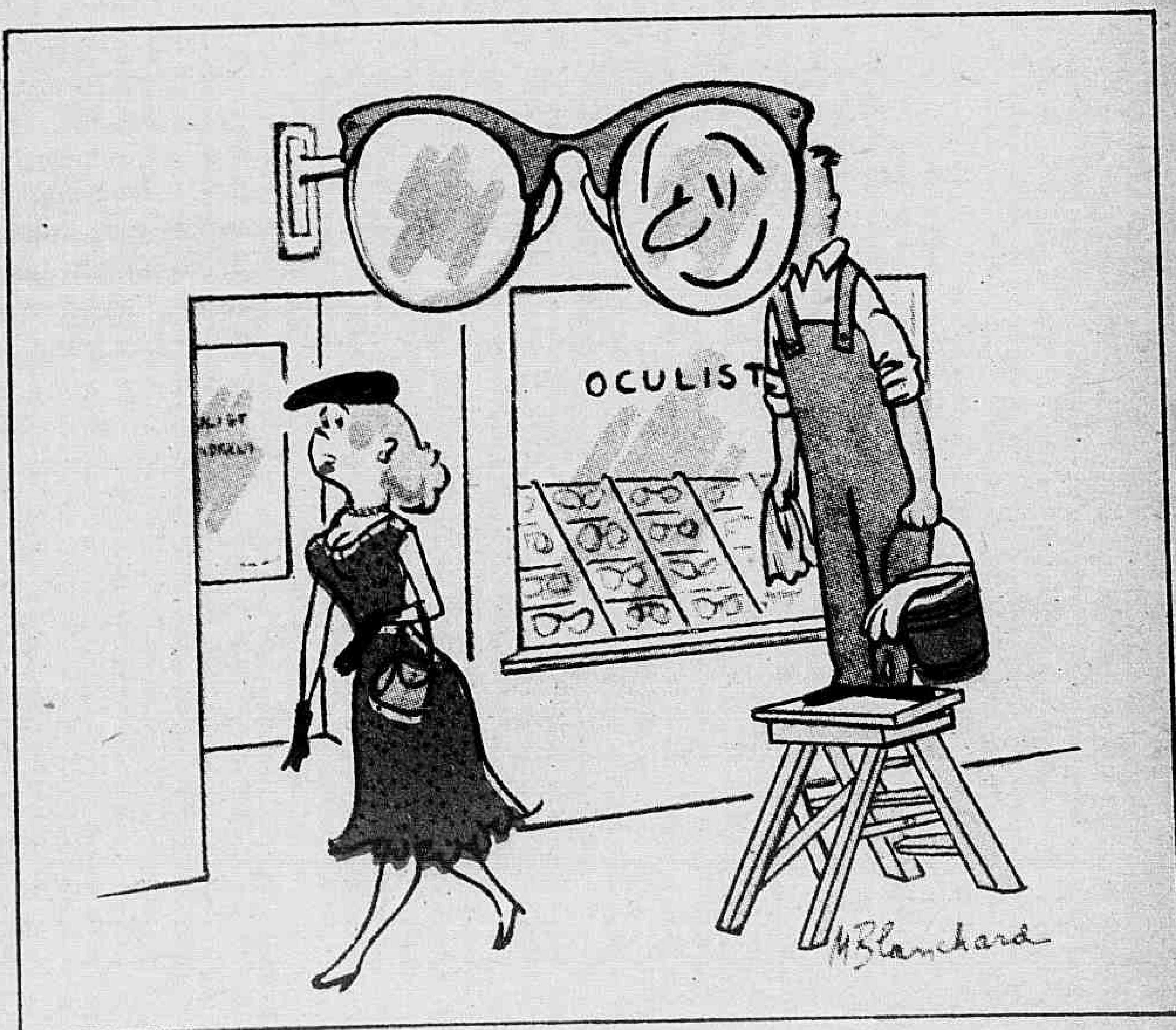
Biles declarou que era preciso informar quanto antes Scotland Yard. Pediu o automóvel do próprio hotel e foi a Belfort, a fim de enviar um telegrama. O Dr. Hailey, por sua vez, cuidou de desembrulhar um grosso rôlo de jornais, que a seu pedido, tinham sido enviados de Londres, na própria tarde. Havia ali velhos números de todo um mês do "Times" e do "Morning Post". O médico se impôs o trabalho de ler todos êles atentamente, página por página e número por número. De tempos a tempos, recortava com uma lâmina de barbear algumas notícias interessantes, pondo-as na própria carteira. Não estava muito avançado em seu trabalho, quando Biles regressou.

— Voltei de automóvel pela estrada da mansão. — disse êle — Miss Armand ainda não havia voltado. O automóvel, ao que parece, foi alugado em Newcastle, mas não há nada que valha a pena, nas descrições dadas sôbre o viajante.

Acrescentou, com voz amargurada:

— Agora sim! Coloquei um policial de guarda. O pobre Robson quase perdeu os sentidos, quando soube do fato; se não o acalmasse, teria mandado tôda a brigada para perseguir a fugitiva.

— O que mais me surpreende, neste momento — disse o médico — é o móvel a que obedeceu Miss Armand, mandando publicar no "Times" e no "Morning Post", a notícia da ruptura do noivado. Devia estar muito apressada em tornar público êsse



fato, e, no entanto, você me afirmou que os sentimentos dela relativamente a Derwick não haviam mudado.

— Foi isso, pelo menos, o que ela me afirmou.

— Se devemos acreditar no que ela disso, isto significa que assim agiu pelo maior bem de Jack Derwick. Em outras palavras, desconfio que alguma feia revelação estava para ser feita.

Biles fêz um movimento de aprovação com a cabeça.

— Eu já havia pensado nisso.

— Revelações que, sem dúvida, diziam respeito a Sawyer e não a Derwick.

— Eu esperava poder elucidar êsse ponto no inquérito. Estou certo de que Miss Armand conhecia a natureza das preocupações paternas.

O médico aspirou uma pitada de fumo.

— Assim, chegamos à conclusão de que ela fugiu para não ter que responder às nossas perguntas e não pelo receio de ser acusada do assassinato. Evidentemente, em sua ausência, cabe a nós responder a essas perguntas.

— Bem desejaria ser capaz de responder a tôdas as perguntas.

— Eu me atrevi — disse o médico — a examinar o seu quarto de dormir, esta manhã, antes de sair. Você me havia dito que êsse foi o quarto ocupado por Sawyer, durante sua permanência aqui. E, sabe? Fiz uma pequena descoberta.

Ao falar, palpou o bôlso do colete, dêle retirando um pequeno embrulho. Abriu-o e exibiu dois mínimos fragmentos de vidro, de côr marron e de forma convexa. Reunidos, formaram um círculo que o médico empurrou vagarosamente para Biles, sôbre a mesa.

— Não é coisa sua, hein? — perguntou.

— Não. Sabe o que vem a ser?

— Sei... Todo médico sabe. São pedaços de um frasco que continha ampolas para injeção. O vidro marron é empregado especialmente para filtrar a luz. Posso até ir mais longe e afirmar que o frasco continha, provàvelmente, atropina, morfina ou estriquinina. E' muito pequeno para conter drogas. Infelizmente, foi tudo o que pude descobrir. O vidro quebrou, como pode ver, derramando o líquido; pertencem à parte superior do tubo.

— Então Sawyer é um morfinômano!

— E' muito provável.

O médico tornou a embrulhar os fragmentos de vidro, enquanto refletia.

— "Desconfio muito que êsse era um tubo novo, pois, quando se abre um dêsses tubos uma primeira vez, dificilmente quebra quando se tenta abri-lo uma segunda vez... Pelo menos é o que me ensina a experiência. Já notou que há nêle ainda dois ou três fios de sêda aderindo ao vidro?

Biles nada notara; porém, examinando novamente, com a lente, concordou com o Dr. Hailey.

— Êsses fiapos provêm da tampa forrada de algodão e que sempre fecha êsses frascos. Outra coisa ainda: eu próprio tratei de morfinômanos e fui levado a acreditar que em geral são criaturas extraordinàriamente desatenciosas. Esperava encontrar a tampa de algodão no fogão de inverno, mas lá não estava. A arrumadeira afirmou nada ter notado: daí concluir que êle o tenha colocado no devido lugar, ao tampar novamente o frasco.

Deteve-se e, novamente, aspirou uma pitada de fumo.

— O senhor quer dizer — disse Biles — que, ao seu ver, **não era para seu uso pessoal que Sawyer costumava abrir êsse frasco?**

— Confesso que pensei isso mesmo.

Biles refletiu profundamente, como se tal revelação complicasse tudo e o aborrecesse.

— Não vejo — observou êle — por que, mesmo um assassino, teria o desejo de fazer duas vêzes o seu trabalho. Se Sawyer tinha intenção de abater sua vítima a sôcos, por que teria tentado igualmente envenenar o desgraçado?

O médico não respondeu à pergunta, mas perguntou ao policial se havia examinado màis amplamente o corpo de pois do mesmo ser levado para a morgue. Biles respondeu afirmativamente, acrescentando que a autópsia fôra marcada para a manhã seguinte.

— O **coroner** não julgou necessário apelar para o "Home Office", ficando a autópsia a cargo de um dos médicos locais. Sugeri que talvez o senhor gostasse de assistir e devo acrescentar que não será feita qualquer objeção.

— Aproveitarei dessa permissão.

— Os ferimentos do rosto, que o senhor pensava ter sido feitos a sôcos, pelo assassino — acrescentou Biles — não parecem tão graves, quando examinados de perto. Podem mesmo ter sido feitos pela queda de Sir William contra a árvore. O mistério está no estado dos olhos. Nunca vi em minha vida nada que se aproximasse de uma tão espantosa brutalidade.

O médico se levantou para ir deitar-se. Envolveu cuidadosamente os cacos de vidro e os guardou de novo no bôlso do colête. Quando êle saiu, Biles acendeu um último cachimbo e tentou pôr um pouco de ordem em suas idéias.

Em seu espírito já havia opinião firmada: **que o inquérito acusava Derwick!** O desaparecimento de Miss Armand apoiava singularmente essa tese. Ela sabia por que seu pai fizera oposição ao seu noivado e admitia o ato como bem fundamentado. Mas, ao mesmo tempo, estava apaixonada pelo jovem advogado. Nada mais natural, pois, que tudo fizesse para defender Derwick da justiça.

Não era fácil discutir com o médico, que tinha uma teoria **tôda sua;** mas Biles já havia feito o que considerava "uma reconstituição **plausível** do crime". Supunha que algum episódio desonroso da vida de Jack Derwick chegara aos ouvidos de Sir William, provàvelmente por intermédio de Sawyer. A austeridade de Sir William era muito conhecida; seu primeiro movimento fôra o de ordenar à sua filha o rompimento do noivado. Sem dúvida, a filha revelara ao noivo algumas das acusações formuladas contra êle e, ao mesmo tempo, rogara-lhe que procurasse um entendimento com o pai.

Partindo dêsse ponto de vista, o que se seguiu parecia bastante claro. Derwick, o noivo repelido, ameaçado de escândalo, perdia a cabeça. Certamente, uma vez conhecidas essas notícias, caminhara pela propriedade à maneira de um irresponsável. Era indiscutível, igualmente, que havia rondado o hotel, enquanto Sir William se entrevistava com Sawyer; que penetrara no bosque pouco tempo antes do homem que fôra ali assassinado.

E então se juntava a êsse fato, gravíssimo, outro mais: **êle havia atravessado os próprios caminhos por onde o cadáver fôra transportado, mais tarde, já noite!** Era o único ator, entre todos os do drama, que conhecia a existência do túmulo recém-aberto, no cemitério. Esta última circunstância parecia afas-

tar a hipótese do assassinato ter sido praticado por Sawyer. Fôsse lá quem fôsse, era um indivíduo totalmente estranho a Calthorpe. Mullins lá estava para afirmar que o mesmo não deixara o hotel todo o dia, até ao momento em que saiu com Sir William. Pouco se demorou, aliás, tendo regressado quase imediatamente para sòmente deixar o hotel no instante de sua partida, em automóvel, para ir tomar o trem em Belfort. Teria sido, assim, impossível para êle enterrar a sua vítima, caso fôsse o assassino.

Além do mais, a acreditar nas palavras surpreendidas por Mullins, Sawyer defendia Derwick contra a determinação de Sir William de o expulsar de sua casa: **"Um homem honrado como eu não pode agir de outra forma". — "Pelo amor de Deus... Não leve o caso a êsse extremo, quando nada o exige".**

Sem dúvida, êsse indivíduo fazia o que se chama, vulgarmente, **chantage**, esperando tirar algum dinheiro de suas divulgações, mas sem querer precipitar uma transformação violenta. Mais tarde havia perdido o sangue frio e recuado, temendo sem dúvida represálias da parte de Sawyer.

Biles perguntava a si mesmo se Derwick não se vingara. Em geral, um homem que cometeu um crime não hesita em cometer um segundo, quando o mesmo motivo — ou outro, ainda maior, o impele. Talvez Estelle Armand soubesse que seu noivo era um assassino. Teria ou não descoberto isso? Em todo caso, tinha ao menos fortes suspeitas. A única dificuldade real parecia ser o caráter abominável do crime. Biles compreendia que um homem batesse em outro com a intenção de matar; não podia compreender, porém, que lhe arrancasse os olhos, propositadamente. Uma tal barbaridade, tão friamente praticada, não cabia na concepção que fazia da natureza humana. Resolveu procurar saber se havia qualquer caso de loucura na família de Derwick.

CAPÍTULO X

O INQUÉRITO

A primeira surprêsa do inquerito foi o aparecimento de Jack Derwick no tribunal. Viajara pelo trem da noite e se encaminhara diretamente à mansão onde fôra informado do desaparecimento de Estelle. Sua inquietação, ao regressar a Bedford era manifesta.

Sua presença causou uma extrema surprêsa a Biles. Todavia, sabendo por experiência até onde pode chegar a audácia dos criminosos, resolveu não modificar a maneira de prestar o seu depoimento, vigiando com olhar atento todos os movimentos do jovem advogado.

As pessoas que se comprimiam no tribunal o ouviram em grande silêncio; estendeu-se o policial sôbre as investigações preliminares, acentuando o fato de Miss Armand lhe haver declarado que apesar de haver rompido seu noivado, os seus sentimentos relativamente a seu noivo não haviam mudado. Descreceu, a seguir, passo a passo, as pesquisas que haviam culminado com o encontro do cadáver. Finalmente, relatando o desaparecimento da moça, esforçou-se por, demonstrar muito claramente para que lado voltavam as suas suspeitas. A julgar por suas expressões, os jurados pareciam partilhar sua opinião. Pouco depois, Biles terminava.

A testemunha que o seguiu foi o comissário Robson. Não fêz mais que confirmar o que havia dito o seu predecessor. A seguir, Jack Derwick, a seu pedido, prestou juramento.

O doutor Hailey notou que a testemunha tinha a fisionomia abatida e o olhar distante, que suas mãos tremiam ligeiramente, mas que respondeu às perguntas que lhe fêz o **coroner**, com voz forte e em tom de grande franqueza. Era verdade: tinha visto o túmulo recente, ao passar ao longo do cemitério, na tarde do crime; recordava-se perfeitamente. Também era exato que havia visto Miss Armand se dirigindo para o albergue e voltando imediatamente quando o percebeu. Não falara com ela, antes de partir.

— Não encontrou Sir William no bosque, ao se dirigir à mansão? — perguntou o **coroner.**

— Não, senhor.

— Sabe a razão que levou Sir William a forçar o rompimento do noivado?

Jack moveu a cabeça com desânimo.

— Supliquei a Miss Armand que me revelasse a causa, porém ela recusou obstinadamente, a pretexto de que o pai a obrigara a prometer silenciar sôbre o assunto.

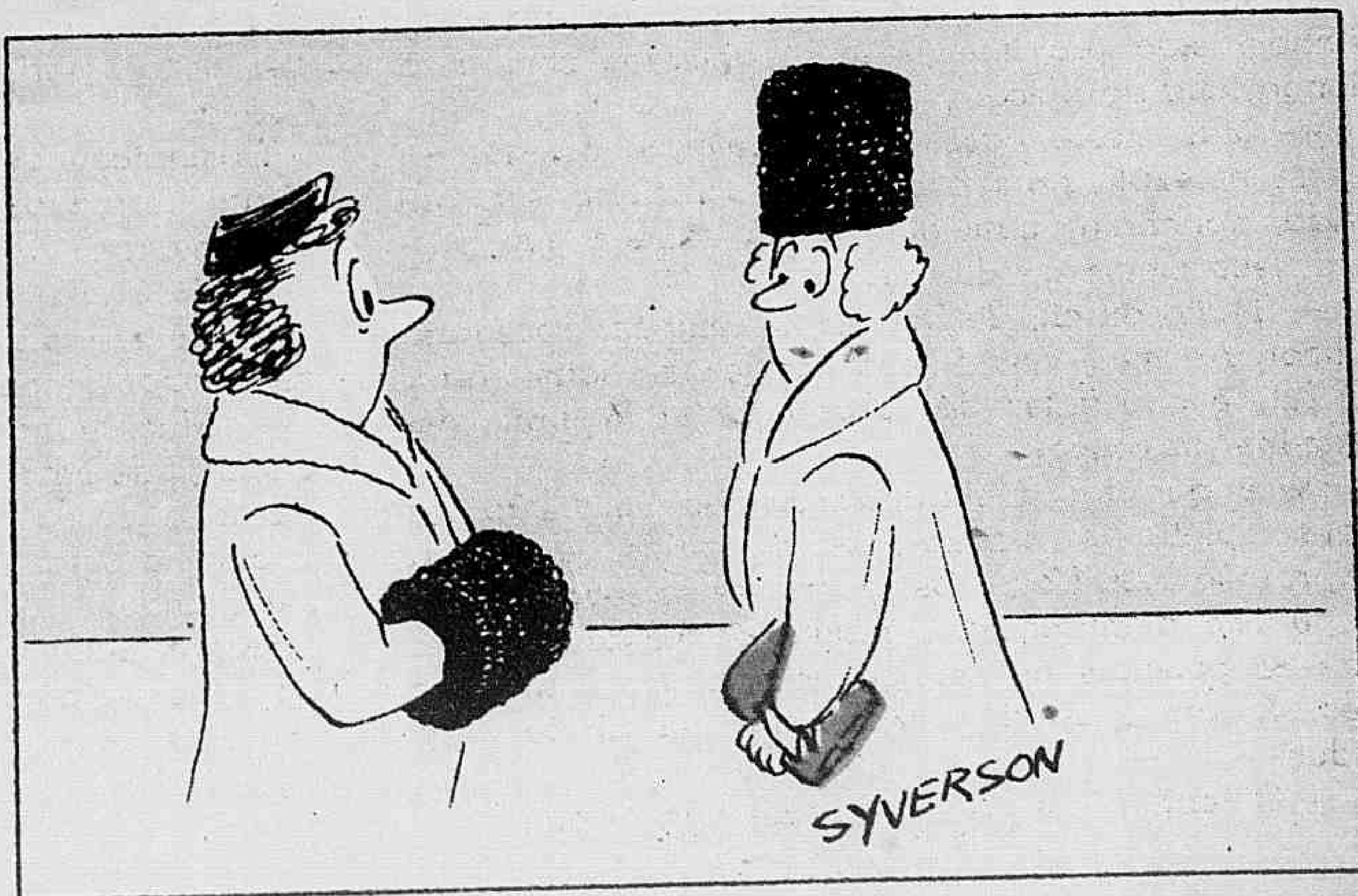
O **coroner** se inclinou ligeiramente para a frente, antes de perguntar:

— O senhor está pronto a declarar a êsses senhores do júri que não tem a menor idéia da natureza da objeção feita ao seu projetado casamento? — perguntou êle, falando lentamente.

— Sim, senhor.

Um dos jurados pediu a palavra, para perguntar se, por acaso, a testemunha tinha visto Sawyer, na estação de Bedford, e Jack respondeu que notara um homem cujo aspecto e maneira de andar lhe pareceram um tanto familiares, mas, tendo percebido um instante o seu rosto, havia compreendido que se enganara.

— "Tenho a impressão — acrescentou — que devia ser Sawyer, segundo a descrição que li, nos jornais.



Novamente o **coroner** se inclinou para êle, antes de perguntar:

— Sabe por que motivo Miss Armand partiu, ontem... e quem era o seu acompanhante?

— Não. Eu cheguei, esta manhã, com uma grande vontade de falar com ela e confortá-la pela morte do pai. Não mais a vi nem tive notícias a seu respeito, desde o rompimento do nosso noivado.

O pastor de Calthorpe, o reverendo Hargreave Willowgby, foi chamado por sua vez.

Em seu depoimento puramente formal, referiu-se ao túmulo da pessoa que ali fôra enterrada e confirmou que Jack, a seu convite, tomara chá em sua residência, na noite do crime.

— Disse-lhe êle que o noivado acabara de ser desfeito? — interrogou o **coroner.**

A testemunha fêz alguns movimentos na cadeira, como se não se sentisse bem, juntando e afastando as mãos.

— Sim. Pareceu-me muito abatido. Concluí, por sua maneira de falar, que Sir William não estava satisfeito com êsse casamento por alguma razão, pois me afirmou que Miss Armand simplesmente obedecera à vontade paterna, repelindo-o.

— Nada em suas palavras deixou transparecer que êle guardava rancor contra Sir William?

— Não; absolutamente nada.

O sacerdote foi seguido de Mullins, do "Touro Negro"; a seguir, o **coroner** chamou o Sr. Williamson, que na mesma manhã praticara a autópsia da vítima. Perguntou, então, o que, na opinião do legista, havia causado a morte da vítima.

— Um ferimento na órbita esquerda, que penetrou até ao cérebro. — declarou o médico.

Essa resposta pareceu surpreender o **coroner** que já se deixara prender, aparentemente, à idéia de que Sir William fôra primeiro assassinado, e mutilado a seguir.

— Nesse caso — disse êle — os ferimentos da cabeça e do rosto não eram assim tão sérios como parecem num primeiro exame?

— Sim. Não eram sérios. Minha opinião é a de que foram causados pela queda de Sir William, que bateu com o rosto contra o tronco da árvore. Duas das contusões foram certamente provocadas dessa forma, pois pequenos pedaços de crosta estavam encravados na pele.

— Que acha o senhor do ferimento do ôlho direito?

— Não parece ter atingido inteiramente o cérebro.

O médico continuou dizendo que os ferimentos tinham sido provàvelmente provocados com uma longa faca de bôlso.

— Mas, neste caso — perguntou o **coroner** — como os explica o senhor? Deve ser difícil, sem dúvida, apunhalar num ôlho a um homem que possui seus meios de defesa...?

— Muito difícil, de fato. Mas, também posso explicar. Ao meu ver, é uma explicação satisfatória. O fato é que **antes de assassinar Sir William, deram-lhe narcótico!**

Dizer que tal declaração causou sensação na sala repleta de curiosos, seria apelar para uma expressão bem fraca. Os repórteres se levantaram; o público permaneceu sentado, porém arquejante. Até os policiais de serviço ficaram na ponta dos pés. A voz clara do **coroner** foi um alívio para todos.

— O senhor tem provas do que está dizendo?

— Sim. Provas indiscutíveis. Por trás da coxa esquerda de Sir William, a pouco mais de três polegadas acima do joelho, descobri uma picada de agulha. Estou convencido de que isso é o vestígio de uma injeção subcutânea, administrada pouco tempo — embora um tempo apreciável — antes da morte da pessoa sôbre a qual foi feita. Posso acrescentar que meu colega, o Dr. Hailey, de Harley Street, que estava presente e me auxiliou, esta manhã, a proceder a autópsia, é da mesma opinião.

— Quer, por favor, explicar ao júri de que modo, segundo julga, o crime foi praticado?

— Baseando-me no que revela a autópsia — declarou o médico legista, nesse tom prático e sem emoção dos velhos profissionais, habituados com o crime — imagino que uma pancada ou um empurrão teriam, primeiro, jogado Sir William ao chão. Imediatamente o assaltante, curvando-se enterrou a agulha, injetando o narcótico na sua vítima.

— Mas não acredita que uma tal operação oferece grandes dificuldades?

— Nem tanto, senhor. Num instante ela pode ser feita e sem grande dor para a vítima.

O Dr. Williamson se julgou obrigado a acrescentar que Sir William possuía, êle próprio, uma dessas seringas hipodérmicas.

— "Como fui seu médico assistente, muitas vêzes fui chamado para cuidar de sua enfermidade ordinária, uma espécie de nevralgia aguda, que o atacava quando menos esperava. Muitas vêzes, eu não podia ser imediatamente encontrado; por isso eu ensinara a Miss Armand como aplicar uma injeção de morfina, e mesmo deixara em seu poder uma seringa e uma provisão de tabletes. Penso, porém, que a injeção na coxa não foi feita dessa maneira.

Um estremecimento correu pela multidão. O **coroner** vincou a fronte com profunda ruga.

— E', na verdade, um caso extraordinário — declarou êle. Se nos baseamos nas declarações que acaba de fazer, ficamos quase sem poder explicar o ferimento dos olhos. Decididamente, êsse caso é tão misterioso que me vejo forçado a adiar o inquérito para a próxima semana.

O Dr. Hailey regressou com Biles a Calthorpe. Êste, que achava muito difícil conciliar o narcótico com a teoria que êle próprio forjara, do crime, parecia bastante abatido. Confessava a si próprio que era muito improvável que Derwick se tivesse apoderado da seringa de Miss Armand e procurado usá-la.

Comunicou as suas dúvidas ao seu amigo, enquanto tomavam o aperitivo no albergue, antes de almoçar.

O Dr. Hailey fêz um gesto de assentimento.

— Temos muito que refletir ainda — disse êle, em têrmos lacônicos.

— Mas, vejamos. Se Derwick não é o assassino, quem pode ser? Sawyer não tinha tempo para enterrar o corpo. Além do mais, ignoramos ainda quem êle seja. Pensei, um momento, que poderia ser Blunder, o associado de Sir William. Para verificar, mandei um de meus homens ao seu escritório. Mas sei que é uma medida inútil.

Por quê?

(Continua no próximo número)

A química a serviço da Arte Gráfica



ERA uma vez... uma grande e altiva árvore que foi convertida em papel pelo poder mágico de uma grande feiticeira — a Química.

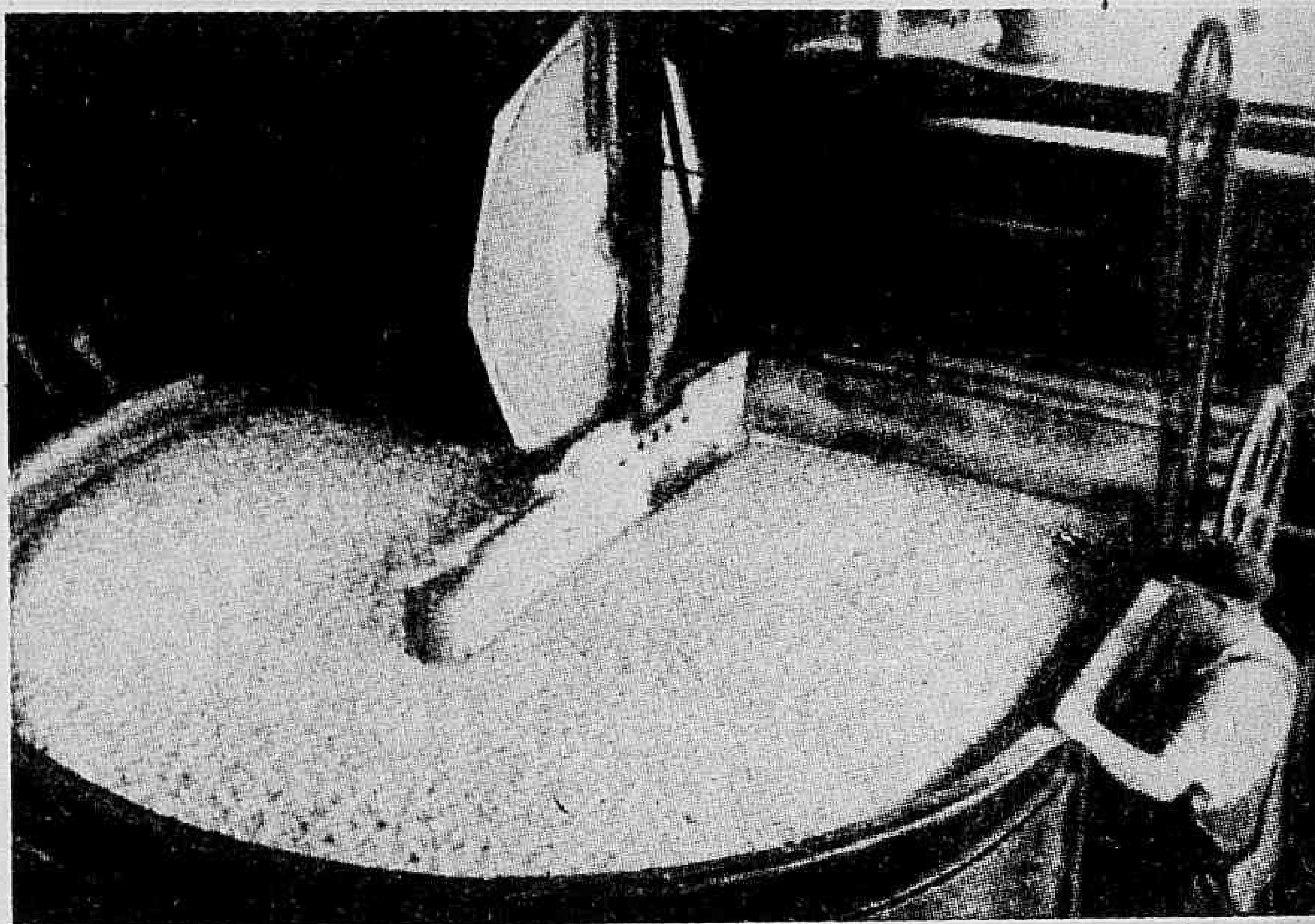
Para se compreender melhor a importante missão desempenhada pela imprensa no desenvolvimento da civilização, basta que imaginemos um mundo sem qualquer espécie de papel, sem tinta, sem arte de imprimir palavras ou imagens. Não haveria livros, nem jornais, nem correspondência, nem meios de instrução ou educação. A vida seria tão primitiva quanto o era na Idade Média.

A idéia de fabricar uma matéria própria para receber e fixar o pensamento remonta a uma época bem antiga.

A palavra papel é derivada de uma cana chamada "papiro" em cujas hastes, feitas em tiras e amarradas em rolos, os antigos egípcios escreviam alguns milhares de anos A. C. Todavia, a iniciativa de formar uma fôlha mole e polida pela simples feltragem de fibras vegetais, pertence aos chineses. Já em 123 A. C. Tsai-Lun, espécie de ministro da agricultura, recomendava a amoreira, o bambu e o "china-grass" para o fabrico de papel.

Prisioneiros chineses ensinaram esta nova indústria aos árabes que a espalharam pelo norte da África e até pela Espanha. O papel árabe era feito de trapos, principalmente de linoh, triburados entre duas mós. Muitos séculos, porém, teriam que decorrer antes que êste uso fôsse introduzido e espalhado na Europa pela influência do grande navegador veneziano Marco Polo. Os romanos, além do papiro egípcio, serviam-se também do líber de outras árvores tais como o mogno, o plátano e a tília. Obtem-se papel de madeira por uma série de processos mecânicos e químicos. Antes mesmo das toras entrarem no desfibrador para serem reduzidas a uma massa grosseira ou palpo, a Química começa a cooperar nesta grande indústria. Para se transportar os enormes lenhos abatidos é necessário passar-lhes em volta correntes ou cabos. Uma carga reduzida de dinamite abre, rápida e fàcilmente, um pequeno túnel sob o tronco, poupando tempo e esfôrço aos trabalhadores.

Na fábrica, os troncos são desembarcados e reduzidos a uma espêssa massa por um dos três principais processos químicos, conhecidos como processo-soda, processo-sulfito e processo-sulfato. O problema principal nesta fase da fabricação do papel, é separar a celulose da lignina, das resinas e de outras matérias aderentes e deixar as fibras livres, para serem esteiradas ou feltradas numa fôlha consistente. No processo-soda, que é usado principalmente nas madeiras mais leves, as aparas colocadas num digestor, sob pressão, são fervidas com soda cáustica, que transforma a madeira numa fina massa de côr acinzentada. Para as madeiras coníferas usa-se, geralmente, o processo-sulfito, fervendo-se a massa com ácido sulfuroso os bissulfito de cálcio e magnésia. A solução de bissulfito pode ser obtida queimando-se o enxofre para formar o ácido sulfuroso e passando êste gás através de uma tôrre revestida com dolomita ou através de tanques contendo leite de cal feita, também, de dolomita. O processo-sulfato emprega soluções quentes de sulfuretos alcalinos para dissolver a lignina e outras matérias não-celulosas. O sulfureto de sódio necessário é produzido reduzindo-se o sulfato de sódio. A polpa fabricada por êste processo tem uma fibra de grande resistência, mas é difícil de alvejar, sendo comumente usada no fabrico de papel grosso para embrulho.



Batedor que separa as fibras da polpa tratada quìmicamente. E' aqui que se juntam à massa os pigmentos que a tingem.

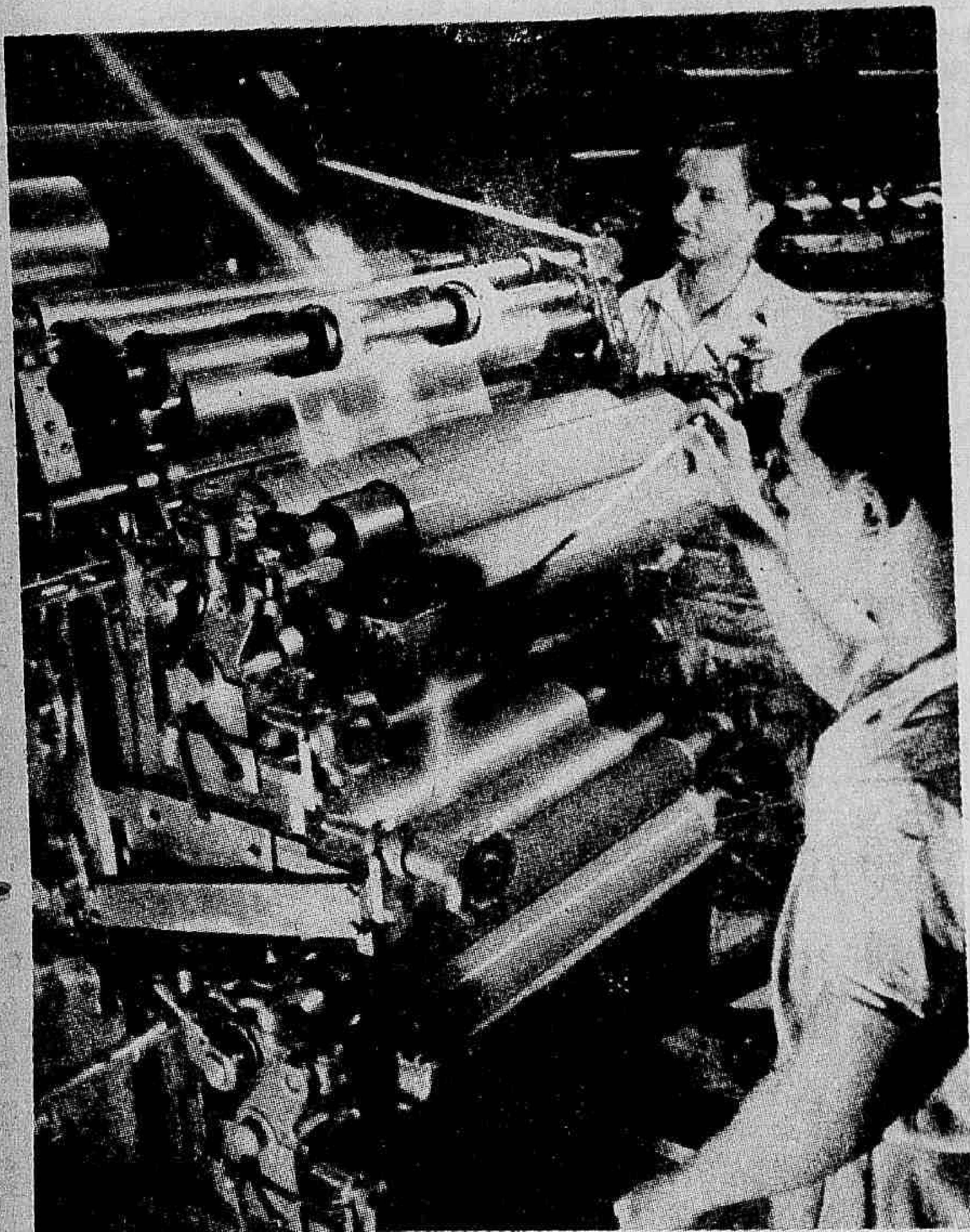


A borracha sintética não é afetada pelo sol como a borracha natural.

Os agentes químicos gerálmente empregados no alvejamento da polpa são o cloro, o hipoclorito de cálcio e o alumen. Para evitar que a ação alvejante seja levada ao máximo, tornando a fibra clorada para ser novamente descolorida, pode-se misturar na massa um anti-clorante como, por exemplo, o hipossulfito de sódio.

A massa resultante em todos êstes processos é levada ao pisão refinador, que lhe dá uma homogeneidade completa, lavada e misturada com outras matérias em reservatórios especiais de onde é conduzida, automàticamente, às enormes máquinas para ser feltrada em papel.

Assim como a polpa de madeira, os trapos também são usados na fabricação de papel, fornecendo-nos um material da mais alta qualidade como o papel de linho para correspondência. Os trapos destinados a esta indústria são fervidos, usualmente, no leite de cal ao qual se mistura, às vêzes, um pouco de barrilha.



Na indústria gráfica usam-se atualmente rolos de Neoprene. Na gravura se vê uma das máquinas que a Duperial emprega para imprimir sôbre «Clar-apel».

Um bom papel, no qual se possa escrever com tinta bastante fluida em oposição à viscosa tinta de imprensa, não pode ser composto ùnicamente de celulose. Seria demasiado absorvente, poroso; por isso uma certa quantidade de substâncias minerais ou enchimentos, são incorporados em quase tôdas as qualidades de papel, com exceção do papel de sêda, mata-borrão e de lixa, a fim de aumentar-lhes o pêso e dar-lhes uma superfície macia e lisa. Entre os enchimentos comumente usados encontram-se a argila (caulim), o talco natural os esteatita, sulfato de bário (branco fixo) e gêsso. Das substâncias gomosas mais freqüentemente empregadas destacam-se a gelatina, a cola forte, a caseína e o breu. Quando se usa êste último, fabrica-se um sabão resinoso (fervendo-se o breu com barrilha) que é batido juntamente com a polpa no pisão. Mistura-se, então, uma solução de sulfato de alumínio. O alumen decompõe o sabão precipitando o breu livre. Quando o papel passa, finalmente, através dos cilindros aquecidos chamados "calandras", o breu se derrete dando ao papel uma face brilhante e acetinada.

Os papéis coloridos são feitos juntando-se pigmentos ou anilinas na massa, enquanto se acham no pisão. As substâncias corantes mais usadas na indústria do papel são: os pigmentos à base de óxido titânio e lipotônio e seus compostos, como os silicatos de titânio e cálcio, de titânio e magnésia, de titânio e bário.

A arte gráfica requer máquinas, tipos, lâminas e tinta. Devido à nefasta ação do óleo de linhaça sôbre a borracha, a fabricação dos rolos impressores, almofadas para "offset" e lâminas constituiu um longo e sério problema.

Com o advento da fotografia a arte gráfica tomou novo impulso. Quem não prefere ver uma fotografia em lugar de ler uma longa descrição, que muitas vêzes deixa margem a interpretações e concepções errôneas? Nunca um provérbio foi tão verdadeiro quanto êste, atribuído aos chineses: "Uma gravura vale por mil palavras". A arte fotográfica trouxe-nos inestimáveis benefícios e prazeres. Nossos horizontes foram ampliados; todos os cantos do mundo nos são familiares; podemos ver acontecimentos que não nos foi dado presenciar; deleitamos a nossa vista com belezas naturais que, não fôsse a fotografia, jamais poderíamos sequer imaginar; os horrores da guerra, embora não sentidos, nos são conhecidos; e ainda é pela fotografia que conservamos a imagem daqueles que nos foram caros. Se não existissem as artes fotográfica e gráfica, a publicidade nunca teria alcançado o prestígio que hoje desfruta. Os brasileiros possuem um apurado gôsto por estas duas artes, como prova a grande popularidade das revistas ilustradas, enquanto que o cinema tornou-se quase um divertimento obrigatório.

Mas, qual o processo empregado para reproduzir nos livros, revistas, cartazes, folhinhas, etc., os quadros de pintores célebres ou fotografias tiradas por especialistas?

Na arte gráfica existem três tipos de impressão: alto relêvo, baixo relêvo e litografia. Na impressão a alto relêvo, os tipos ou linhas elevam-se acima da

superfície da chapa metálica recebendo a tinta diretamente do rôlo. Ao imprimir-se, êstes tipos cheios de tinta são comprimidos diretamente contra o papel. A impressão a baixo relêvo é justo o inverso. As linhas são recortadas na superfície da chapa metálica formando pequenos entalhes nos quais a tinta se deposita até ser absorvida pelo papel. A litografia é única no gênero, pois ambas as superfícies, tanto a que imprime como a que não imprime, ficam num mesmo plano. Eis por que também é chamada impressão planográfica.

A palavra litografia deriva do grego "lithos" (pedra) e indica a arte de gravar na pedra. Êste processo foi inventado em 1796, na Bavária. Conta-se que Alois Senefelder desejando escrever qualquer coisa e não dispondo de papel, apanhou um pedaço de pedra calcárea nela escrevendo com um "crayon". Possuindo a imaginação fértil dos grandes inventores, êle molhou a pedra passando tinta, em seguida. Esta não pegou, naturalmente, na superfície molhada, mas aderiu às letras gordurosas feitas com o "crayon". Depois disto, qualquer quantidade de cópias pôde ser feita, em papel, com a pedra cheia de tinta.

Por algum tempo, sòmente a pedra calcárea descoberta na Bavária provou ter uma superfície granulosa adequada. Entretanto, alguém começou a dar às pedras uma superfície granulosa artificial, esfregando-as com areia. Finalmente, ficou provado que o zinco e também o alumínio podiam ser usados no lugar da pedra calcárea, se se granulasse a face das lâminas esfregando-lhe areia com esferas de aço. Enquanto que as pranchetas de pedra só podiam ser usadas em prensas horizontais, as finas lâminas de metal podiam, agora, ser enroladas num cilindro e usadas em prensas rotativas, aumentando grandemente a produção. Um outro processo, denominado "offset", veio aperfeiçoar ainda mais a arte de imprimir. Êste processo foi usado primeiramente para litografar em estanho, descobrindo-se, então, que a borracha dava mais resultado que a pedra. "Offset" é um método indireto de impressão. Em vez de se imprimir diretamente da máquina para o papel, os tipos são impressos primeiramente numa almofada de borracha e daí para o papel. No processo convencional de impressão direta, a água e a tinta são transferidas da chapa tornando-se necessário evaporar a água. O processo "offset", com a almofada de borracha de permeio, elimina esta desvantagem, aumentando a velocidade da operação e chegando, mesmo, a dar 4.000 ou mais cópias por hora.

Inicia-se o processo litográfico fotografando-se o modêlo, seja êle ilustração ou texto ou ambos. Amplia-se ou reduz-se, dando-lhe o tamanho requerido. Na impressão a côres, é feito um negativo para cada côr, com filtros especiais na máquina fotográfica para selecionar a côr que deve aparecer em cada negativo. A graduação das côres é feita por meio de uma tela que separa os tons em pontos minúsculos. Analisando-se uma ilustração com uma lente, notam-se perfeitamente os detalhes separados pela tela em pequenos pontos. Na máquina fotográfica a tela é uma lâmina de vidro cujas linhas foram gravadas com água forte. O negativo assim obtido é gravado numa fôlha de zinco prèviamente sensibilizada como papel fotográfico e revestida de albumina ou outro composto semelhante. A exposição à luz torna esta substância insolúvel na água. Depois de impressa, a lâmina é coberta com tinta gordurosa e em seguida lavada. A parte insolúvel, formando a fotografia, adere, porém, à lâmina e retém a tinta. Na estampagem profunda à água forte, a fotografia é impressa de um positivo em vez de um negativo, e a face em branco da lâmina é tornada insolúvel. O desenho é lavado e a parte metálica a descoberto é gravada com ácido. A água aplicada à lâmina na prensa de imprimir impede que a superfície em branco absorva tinta, enquanto que a almofada de borracha do processo "offset" retira a tinta da chapa gravada à água forte, passando-a para o papel.

Um livro não está completo com papel, impressão e ilustração. Requer encadernação e capa para manter as fôlhas unidas e protegê-las contra possíveis estragos. Os primeiros fabricantes de livros do século XV logo descobriram que o couro era o melhor material para capas. Pode ser talhado, gravado em relêvo e decorado com lindos desenhos. Por muitos anos não foi usado outro material; porém, quando, com a imprensa mecanica, a produção de livros foi crescendo de volume, foi necessário procurar outro material mais abundante e menos dispendioso. O resultado foi a introdução de tecidos com composições gomosas para dar dureza e durabilidade podendo ser coloridos na côr desejada, embora esta fôsse sempre apagada.

O tecido gomoso, entretanto, é permanentemente estragado pela água e desbotado pelo sol; suja-se fàcilmente e está sujeito a ser destruído pelas traças. Hoje, os livros são encadernados com pano-couro, tecido revestido e impregnado com compostos de nitro-celulose. O pano-couro pode ser estampado, trabalhado em relêvo, impresso e produzido em côres alegres e brilhantes e tem a vantagem de ser impermeável, lavável e à prova de traças.

O uso das matérias plásticas se está estendendo tão ràpidamente que não constitui mais surprêsa encontrá-las em novas aplicações. Até na arte gráfica, fitas de acetato de celulose estão sendo empregadas com êxito para substituir linha e arame como material de encadernação para agendas, blocos, catálogos e outros impressos que necessitam ter uma lombada que resista ao constante abrir e fechar.





PRESERVEMOS O SOLO

DURANTE o último século, onde quer que se iniciasse a colonização agrícola de novos campos, empregavam-se métodos que, conquanto baseados na experiência do passado, resultavam no esgotamento da fertilidade natural do solo. A agricultura "de esgotamento do solo" é pràticamente a regra invariável quando o cultivo começa, e nada há de censurável no aspecto geral que a questão tem tomado. Contudo, uma característica notável das recentes colonizações tem sido a rapidez com que os sintomas de esgotamento do solo têm aparecido. O primeiro sintoma é o decrescimento gradativo das colheitas, com o qual ninguém se preocupa muito porque é um mal esperado. Uma fase posterior e inteiramente imprevista tem sido, não um decréscimo na produção, porém um desaparecimento mais ou menos completo do próprio solo. Pràticamente, é impossível reduzir a zero o poder de produção do solo, não importando quão exaustivamente seja êle cultivado, mas descobriu-se que muito antes de aproximar-se do esgotamento completo, a terra perde sua capacidade de permanecer no lugar. Um solo fértil, onde quer que se encontre, tem muitas das propriedades da esponja — pode absorver grandes quantidades d'água e possui considerável coesão interna. Uma terra estéril ou cansada perde essa capacidade de absorção e coesão, desmoronando-se em uma massa de partículas distintas, situação em que é muito fàcilmente carregada pelas águas ou espalhada pelo vento.

Desta forma, como resultado de esgotamento de uma simples fração da fertilidade total do solo, áreas enormes, principalmente na América do Norte, África e Austrália, converteram-se em desertos. Apesar de essa erosão do solo não constituir um problema sério e imediato para o mundo em seu conjunto, pois existem ainda boas terras e em quantidade suficiente para todos — o problema tem se tornado grave em alguns países, principalmente nos Estados Unidos e territórios da África Oriental e do Sul. Há alguns anos declarou-se que, considerando a rapidez com que a erosão se processava naquela época, os Estados Unidos seriam incapazes de uma existência organizada no fim dêste século. Em muitas regiões da África, onde a erosão é mais rápida, talvez as terras lavouráveis estejam inutilizadas muito antes do fim do século.

Cifras de um inquérito feito nos Estados Unidos em 1934 ilustram a extensão do dano causado pela erosão, notadamente nos últimos quarenta anos. Da área total por êle abrangida, 14% haviam perdido 3/4 de todo o solo, 42% achavam-se privados de um a três quartos, e 30% (na maior parte terras impróprias para cultivo) não haviam sofrido erosão. À-parte a perda de solo produtivo, danos incalculáveis têm sido ocasionados pelas cheias constantes dos rios, sêcas progressivas e profundas perturbações do regime normal das águas subterrâneas, provocadas pelo desaparecimento da superfície absorvente da terra, o que afeta a lavoura mesmo onde a erosão não se manifesta. O processo de erosão, uma vez iniciado, prossegue sob aceleração própria em círculos cada vez maiores. Atua sorrateiramente, atacando a base da existência social, enquanto deixa intacta a super-estrutura principal da sociedade. Por essa razão, o problema nunca foi, e provàvelmente nunca será, tomado em consideração pela comunidade em seu conjunto, até haver alcançado uma fase avançada, que torne evidente a ameaça à estrutura social.



A causa da erosão é, geralmente atribuída à destruição da vegetação natural, pois esta, normalmente, proporciona ao solo uma proteção adequada contra a ação erosiva da chuva e do vento. Isto é correto até um certo ponto, pois não há razão por que a destruição da vegetação natural — árvores ou erva — deva necessàriamente ser prejudicial. Tôda agricultura envolve uma destruição semelhante, e é lógico que a agricultura permanente não seja possível onde a terra se esgota progressivamente. A verdadeira causa da erosão é a prática de métodos de cultivo que não levam em conta as limitações naturais do meio, o que produz o empobrecimento do solo. Terras muito férteis raramente sofrem a ação erosiva, ainda que desguarnecidas de vegetação, e a única maneira de prevenir ou



exterminar a erosão é utilizar as terras de maneira que mantenham e aumentem a sua fertilidade. Tal forma de cultivar a terra é comum nos países da Europa Ocidental, que empregam equipamento moderno. Nessa região, apesar do prolongado e intenso cultivo, o solo provàvelmente se encontra agora em melhores condições do que em qualquer época anterior. A agricultura da Idade Média era "de esgotamento do solo", a exemplo da agricultura atual de grande parte do Novo Mundo, e poderia ter causado uma erosão de vastas proporções se não tivesse sido reorganizada em bases inteiramente novas, por ocasião das revoluções nos métodos agrícolas ocorridos nos séculos XVII e XVIII. Estas tiveram como resultado um tipo de agricultura que, relativamente à manutenção da fertilidade, constituiu um ótimo emprêgo das qualidades naturais do meio.

Nos campos em erosão, das Américas, não existe harmonia entre a agricultura e o meio; a erosão é, na realidade, o sintoma físico mais comum da ausência dessa harmonia. Em tais países a evolução da lavoura tem sido ditada pelo oportunismo — pelas potencialidades mais do que pelas limitações do meio. As últimas, no entanto, têm se feito sentir agora. A natureza impõe rígida disciplina àqueles (homens, animais ou plantas) que não podem ou não querem desempenhar a parte que lhes corresponde na preservação do equilíbrio biológico que assegura a fertilidade contínua da terra. A eliminação é a regra invariável em tais casos, e a erosão do solo é um modo muito eficaz de eliminar o homem. Para desenvolver-se, a lavoura tem de escolher entre um processo que aumente a fertilidade da terra — ou cessar de existir. Os fatôres que determinam como deve ser cultivado o solo para aumentar a sua fertilidade (entre os quais o principal é o clima) estão todavia fora do domínio humano.

Por outro lado, o fator que realmente determina como utilizar a terra, é de natureza econômica. Em geral, o homem cultiva a terra pela maneira que lhe traz maior vantagem pecuniária, e a agricultura de esgotamento, que implica em reduzir as reservas de fertilidade, tende a ser a mais fácil e de proveito imediato. Conseqüentemente, não obstante serem simples e bem compreendidas por todos, as medidas necessárias para deter a erosão e restaurar a fertilidade da terra, não são aplicadas em escala proporcional à tarefa, a menos e até que as condições econômicas de um país façam com que seja mais lucrativo conservar do que exaurir o solo. O primeiro passo na revolução da agricultura na Grã-Bretanha foi provocado pela prosperidade do comércio de lã e a presente crise do comércio de cereais. Recentemente, um país (os Estados Unidos) passou da agricultura de esgotamento para a de conservação do solo, não por reconhecer as conseqüências fatais da erosão, mas como resultado do desaparecimento dos mercados de exportação para os produtos agrícolas que causam êsse esgotamento. A "Agricultural Adjustment Administration" foi criada para reduzir o número de acres por safras invendáveis. A economia americana está desenvolvendo segundo normas que tornam mais lucrativo criar do que destruir a fertilidade da terra. Contanto que o desenvolvimento futuro continue na mesma direção, o problema da erosão do solo será resolvido por si mesmo.

Tal desenvolvimento dirige-se para uma economia de maior auto-suficiência do que a existente até agora. À medida que a agricultura satisfaz suas próprias necessidades, as limitações do meio natural assumem uma importância muito maior do que a de um período de expansão. O país começa a tomar uma aparência ditada pela qualidade da terra, e a sociedade uma forma que harmoniza com o meio. A agricultura permanente estará estabelecida e a civilização terá a oportunidade de se desenvolver sôbre uma base segura. Já podemos assinalar nos Estados Unidos o aparecimento de normas de cultura. Associada a estas normas, surgem também uma nova forma de sociedade, que se apóia na comunidade como última unidade social e rejeita o "tôsco individualismo", de aspecto tão marcante na época dos pioneiros. Está fora de dúvida que o indivíduo, trabalhando para si e competindo abertamente com seus semelhantes, é incapaz de preservar a fertilidade dos campos, que constituem o meio; mais cedo ou mais tarde êle terá de destruir o solo na luta para manter sua posição na sociedade, ao passo que uma comunidade de lavradores atua espontâneamente no sentido de preservar a base social de sua cooperação — a terra. O cooperati-



Os fertilizantes químicos devolvem em pouco tempo, à terra, a sua extraordinária fertilidade.

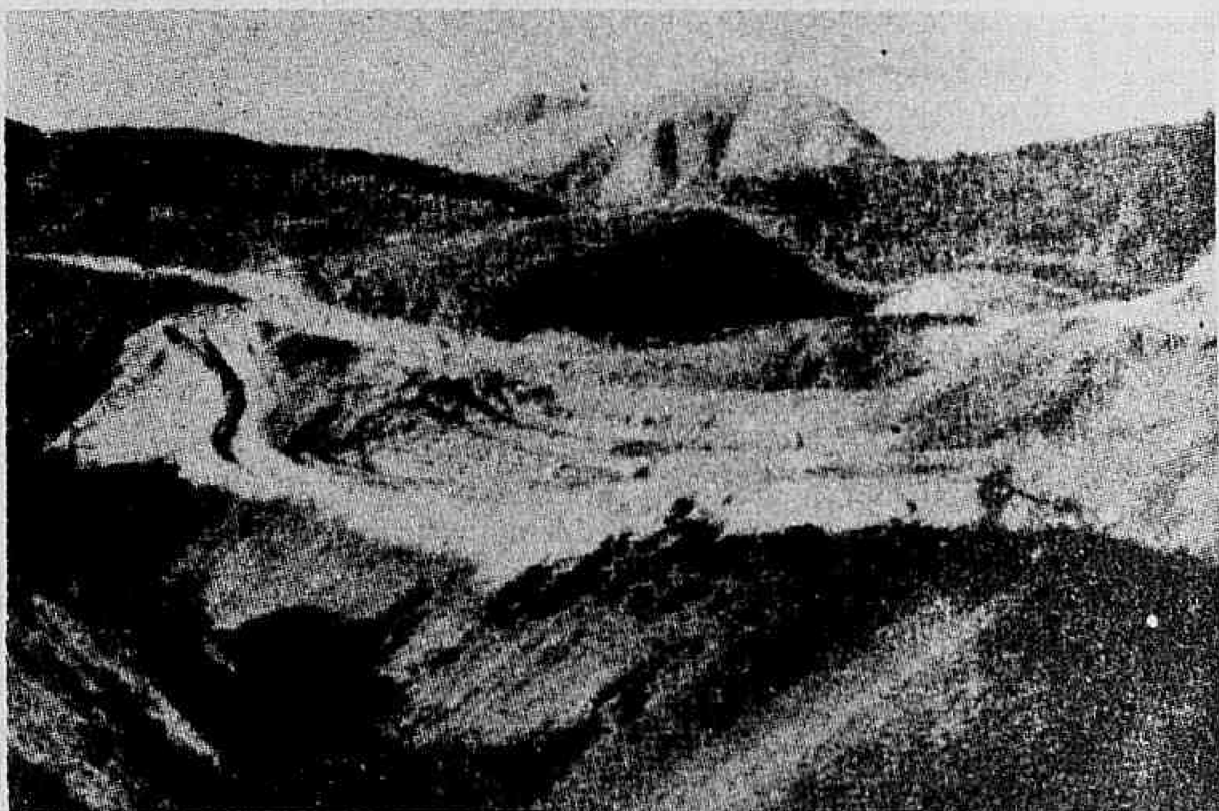


Para pulverizar grandes áreas plantadas com algodão ou fumo para combater insetos daninhos, os aeroplanos se adaptam melhor do que os pulverizadores para arbustos e flores.

vismo liberal entre os ocupantes da terra é considerado agora tão vital ao êxito de qualquer plano de conservação das lavouras, que as autoridades federais negam-se a prestar sua indispensável assistência a menos que a cooperação seja provada. O significado atual dessa cooperação é que, não obstante o proprietário conservar o direito legal à sua terra, a comunidade da qual êle é membro decide como utilizá-la; e a menos que a comunidade decida que a terra seja lavrada de maneira que se conserve a sua fertilidade, a existência dessa comunidade estará ameaçada.

São os seguintes os requisitos necessários para se conseguir a conservação do solo sob ação erosiva: primeiro, um sistema econômico sob o qual seja mais proveitoso dar fertilidade à terra de preferência a destruí-la; segundo e complementar, uma forma de sociedade que possa elaborar o sistema econômico. Isto estabelecido, segue-se automàticamente a agricultura permanente ou de conservação do solo. A técnica da agricultura não oferece dificuldade, porém as condições que tornam aceitável a sua aplicação devem existir. Elas existem há tanto tempo na Grã-Bretanha que a conservação do solo chega a ser a principal preocupação da agricultura, sem que todo o clamor por métodos super-eficientes de produção possa desbancar o instinto da comunidade para preservar a terra. Nos Estados Unidos as condições favoráveis, criadas primeiramente pela crise econômica mundial, apenas começam a aparecer. Graças, em parte, à negligência pela agricultura britânica e sua dívida para com a Mãe Pátria, as principais regiões agrícolas do Império Britânico retiveram seus mercados de além-mar depois da depressão agrícola e continuaram exportando seus produtos e mesmo a fertilidade de seu solo. O incentivo econômico para a exploração dos campos tem sido tão grande que é impossível resistir.

Enquanto a preocupação do lavrador fôr a adaptação de seus métodos às necessidades de um mercado estrangeiro e não às limitações da terra impostas pela natureza, não se poderá saber se a agricultura chegará a se tornar conservadora. Em outras palavras, métodos eficiéntes de auto-suficiência são indispensáveis para o estabelecimento de uma indústria agrícola permanente. Isto é o que se pode esperar de fundamentos teóricos e está inteiramente provado pela experiência. Os Estados Unidos devem a salvação de suas lavouras à desastrosa queda do mercado internacional; outros países que combatem a erosão podem sobreviver para dar graças ao fato de que as horríveis conseqüências econômicas da guerra proporcionarão a oportunidade de reoganizarem a sua agricultura sôbre uma base sólida e durável. E' certo, pelo menos, que se paga um alto preço pelo esgotamento do solo, porém quanto mais cedo a dívida fôr resgatada, menos onerosa será.



O fenômeno da erosão vai pouco a pouco tornando estéreis, terras que foram outrora de grande fertilidade.

GRACEJO DE ATUALIDADE

Os serviços telefônicos de Barcelona, Espanha, anunciam esta coisa fantástica na época atual, de verdadeira fome de telefones: quarenta e um assinantes pediram a retirada de seus aparelhos! Todos se queixam de ser vítimas, nos últimos meses, de indivíduos ociosos e metidos a engraçados, que os incomodam, dia e noite, telefonando para perguntar: "Por favor... A paz já foi assinada?"

Devemos explicar aos nossos leitores que os assinantes em questão, residem num prédio de apartamentos, situado à... Avenida Paralelo, 381

PERSEVERANÇA...

Falava-se da mais terrível tagarela que a terra já conheceu — e como conhecemos, às vêzes.

— Ela é medonha! — dizia um dos que tinham tido a infelicidade de aturá-la — Durante horas pode falar quase sem respirar, sòmente parando para tossir ou assoar o nariz.

— Nestes momentos, ao menos, sempre é possível que o interlocutor consiga dizer alguma coisa? — perguntou alguém.

— Não. Quando isso acontece, ela faz sinal com a mão, significando que vai prosseguir.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Todo homem, orador, escritou ou poeta, todo homem que usa da palavra, não como de um meio de comunicação de suas idéias, mas como de um instrumento de trabalho, deve estudar e conhecer a fundo a fôrça e os recursos dêsse elemento de sua atividade."

JOSÉ DE ALENCAR

PATOLOGIA DA LINGUAGEM

Têm nome os diversos erros que se cometem na linguagem escrita ou na linguagem falada. São vícios de linguagem, cuja denominação é de grande interêsse para o estudioso.

Vejamos alguns **casos patológicos**...

Solecismo — êrro de natureza sintática. Há solecismo nas construções **haviam provas** (em vez de **havia provas**), **fazem três dias** (em vez de **faz três dias**).

Cacoépia — êrro de prosódia. Exemplos: **ad(e)vogado**, em vez de **advogado**; **arit(i)mética**, em vez de **aritmética**; **persistência** (**zis**) em vez de **persistência** (**cis**).

Cacografia — êrro de grafia. Exemplos: **ância**, em vez de **ânsia**; **magestade**, em vez de **majestade**.

Cacofonia — som desagradável. Compreende o **hiato** (concorrência de vozes iguais), a **colisão** (concorrência de consonâncias iguais) e o **eco** (concorrência de sílabas iguais).

Exemplos:
Fala à aia (hiato)
O **rato roeu** a **roupa** (colisão)
Na nação (eco)

Cacófato — concorrência de palavras de que resulta outra. Assim: **Já sinto, na dação.**

Barbarismo ou **estrangeirismo** — emprêgo de palavra (**estrangeirismo léxico**) ou de construção (**estrangeirismo sintático**) própria de outra língua. **Constatar**, em vez de **verificar** (barbarismo léxico); assim também **detalhe**, em vez de **minúcia**. **Paulo é o aluno o mais estudioso da turma** (**o mais estudioso**, em vez de **o aluno mais estudioso**) — estrangeirismo sintático. O barbarismo sintático é mais grave que o léxico, porque fere a estrutura da frase.

Os estrangeirismo ainda se classificam segundo a origem: **galicismo** (do francês), **anglicismo** (do inglês), **germanismo** (do alemão), etc.

Pleonasmo — repetição de idéia ou pensamento, de modo grosseiro, sem objetivo literário: sair **para fora**, subir **para cima** (*)

Cacologia — denominação geral dos erros de linguagem.

(*) O pleonasmo é figura de sintaxe, quando contribui para o refôrço da expressão ou embelezamento do estilo: *ao avarento não lhe peço nada; vi claramente visto; a mim me parece.*

CORRESPONDÊNCIA

J. P. (Nesta) — Envia-nos recorte de jornal em que se encontram os seguintes erros: **através** os dias que passam (**através dos dias**, é o que deve ser); **entre eu** e o leitor (**entre mim** e o leitor, sim). Solecismos.

R. S. (Pôrto Velho — Território de Guaporé) — Lamentàvelmente, a crônica que nos enviou constitui repositório de vícios de linguagem. Estranhável é que tantas cacologias se encontrem justamente quando se investe de modo grosseiro contra indefesas religiosas, professôras, e contra incipientes meninas, cujo crime seria o de repetir o que, afinal, quase todos dizem: a luva não entrou na mão... o anel não entrou no dedo...

Aos fatos:

«No **português**, que como a matemática, **devia ser** a disciplina do currículo escolar que mais rigorosamente **deveria merecer...**» **Devia ser... deveria merecer...** Repetição viciosa.

Ao par disso, não. **A par disso**, sim.

«...que ao menos lhes possibilitasse **uma construção de frazes**»; «que lhes possibilitasse **a construção de frases...**», sim.

«...com certa...»; cacófato.

Atrazo, não: **atraso.**

Portugueza, não: **portuguêsa.**

Outros erros de grafia não são apontados, por falta de espaço: **mêzes, súa, alísar, confiáda...**

Quanto ao estilo...

JOSÉ RICARDO NETO

PORTENTOSAS PROFECIAS

DO DR. RALPH BIENFANG, da Universidade de Oklahoma. Não se surpreendam se os anúncios de perfumes nos jornais diários brevemente passarem a ser impressos com... tinta cheirando ao perfume anunciado, enquanto na página seguinte, o anúncio do açougueiro tenha realmente cheiro de bife bem temperado com alho, cebolas, etc.

★

DO DR. ROBERT S. ARIES, do Instituto Politécnico de Brooklyn: Em vez de ser guardado em recipientes de madeira, para "envelhecer", o **whisky** será feito totalmente de madeira.

DO RD. M. BULLARD, da Universidade do Texas: Novo vulcão iniciará suas atividades no coração do México! Suas erupções começarão daqui a 200 anos.

★

DE E. V. HURRAN, famoso técnico eletricista inglês: Luas fabricadas inteiramente pela mão do homem flutuarão em redor da terra a fim de proporcionar-lhe mais luz e calor.

★

DO DR. ALEXANDRE W. LIPPISCH, cientista servindo à Fôrça Aérea norte-americana: Dentro de mais três anos os aviões comerciais poderão voar de Nova York à Califórnia em apenas uma hora.

★

DE GUY MARINO JR. desenhista de modas de Boston: Dentro de cinco anos os homens usarão roupas feitas de vidro, que serão "à prova d'água", "à prova de fogo", laváveis e higiênicas.

★

DO DR. WALDO SEMON, pesquisador de Cincinnatti: A alfafa contém proteínas da mais alta qualidade e algum dia os povos a terão à mesa, sob variadas formas, como alimento favorito.

★

DO DR. EDWARD L. BORTZ, da Associação Médica Americana: Se receber cuidados e tratamentos especiais durante tôda a sua infância, a criança que nascer hoje poderá viver 100 anos!

★

DO SR. IRA A. DAFFIN, presidente da New Holland Machine Company de New York: Dentro de poucos anos, os homens do campo dispenderão apenas 1/16 do esfôrço físico atualmente empregado.

★

DE PERCY BUGBEE, Gerente Geral da National Fire Protection Association: Antes de um ano, nos Estados Unidos, as chamas terão atacado 300.000 homens, 56.000 veículos motorizados, ... 50.000 lojas comerciais, 28.500 fábricas, 8.000 hotéis e pensões, 4.000 teatros e cinemas, além de 2.000 escolas e templos religiosos.

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



O grupo literário local ficou encantado quando foi noticiado que um destacado autor viria passar as férias na sua vizinha cidadezinha natal e que, consultado, consentiria em pronunciar um discurso na reunião mensal do Clube Literário sob o título de **Grandes Novelas Americanas.**

O homem famoso, tendo chegado atrasado, lançou-se numa longa dissertação. Não tardou a revelar a sua opinião de que seus doze livros representavam o que havia de melhor entre as novelas americanas, no passado, no presente e também no futuro. Alguns, afirmou, foram lidos por tôda a nação. Porém outros, confessou, foram escritos apenas para os grandes cérebros e só poderiam ser encontrados nas melhores livrarias das grandes cidades. E aconselhou os ouvintes que comprassem exemplares dos mesmos.

O livreiro local, naturalmente, não tivera a felicidade de ouvir nada a respeito dêsses livros...

Imediatamente duas das mais elegantes senhoras presentes anunciaram que procurariam adquirir quanto antes tais livros e, a seguir, convidaram o grande escritor a visitar a livraria local, em sua companhia. Assim saiu êle da conferência, ladeado pelas duas fãs. Revelou porém pouco interêsse pelas instalações da pequena livraria, até que chegou à seção das novelas. Então, parando, disse com superioridade, ao livreiro, que era uma mulher:

— Suponho que a senhora tenha alguns dos meus livros aqui...?

A vendedora sorriu polidamente e, apontando para uma comprida prateleira:

— Todos os livros que o senhor escreveu estão ali — disse ela — E, como sempre, nem um só saiu da estante».

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1952

1º — TÊRÇA-FEIRA

O Sr. Stalin responde a diversas perguntas feitas por jornalistas norte-americanos, dizendo entre outras coisas de que não é de opinião de que tenha aumentado, nos últimos dois anos, o perigo de uma guerra mundial. ★ O General Eisenhower apresenta um relatório sôbre as atividades do Comando do Atlântico em benefício da paz e da segurança mundiais. ★ Noticia-se que nas conversações a iniciar-se amanhã, entre representantes da Inglaterra, Estados Unidos e Itália, será procurada uma fórmula para ser entregue à Itália a administração do Território Livre de Trieste. ★ Contra êses objetivo realiza-se manifestações de protesto na Iugoslávia. ★— O Sr. De Gasperi fala no Senado italiano sôbre a questão triestina. ★ Nova vitória obteve o «premier» Pinay com a aprovação pela Assembléia Nacional do pedido para o adiamento dos debates das interpelações sôbre os acontecimentos na Tunísia. ★ Iniciada a discussão do Orçamento para 1952, assunto que resultou na queda dos dois últimos gabinetes. ★ Nova bomba atômica explode nos campos de provas de Las Vegas. ★ O «Osservatore Romano» adverte que o conflito entre o cristianismo e o comunismo é irreconciliável e chama a atenção dos incautos para a nova fórmula de marxismo apresentada pelos vermelhos. ★ O Secretário da Marinha, Sr. Kimball, atualmente em Tóquio, declara que a Marinha norte-americana não impediria qualquer tentativa de avanço das tropas nacionalistas chinesas sôbre o território da China Comunista. Disse o Sr. Kimball, por outro lado, que um ataque dos comunistas sôbre Formosa seria destruído pela armada dos Estados Unidos. ★ Sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação brasileira ao Congresso Internacional para a Proteção da Propriedade Industrial. ★ Chega uma missão do Export-Import Bank.

2 — QUARTA-FEIRA

De um modo geral são recebidos com ceticismo as respostas do Sr. Stalin sôbre o momento político internacional. ★ Na Assembléia austríaca faz-se um protesto contra o prosseguimento da ocupação da Austria pelas tropas aliadas. ★ Declara-se que se inicia hoje, em Londres, as conversações anglo-ítalo-norte-americanas sôbre a administração do Território Livre de Trieste. ★ Os Srs. Acheson e Eden fazem declaracções a respeito dos objetivos da aludida conferência. ★ O Sr. George Kennan presta juramento como novo Embaixador dos Estados Unidos em Moscou. ★ Os círculos diplomáticos de Washington recebem como importante manifestação política a nomeação do Sr. Kennan para aquêle pôsto. ★ Nas eleições preliminares realizadas em Winsconsin e Nebrasca, sagram-se vitoriosos pelo Partido Democrático o Senador Kefaner e pelo aPrtido Republicano o Senador Taft. ★ O General Eisenhower declarou que pretende regressar antes da Convenção Republicana. ★ Chega a Washington, acompanhada do Príncipe Bernhardt, a Rainha Juliana, da Holanda. ★ No Palácio Itamarati, realiza-se o almôço oferecido pelo Sr. Ministro das Relações Exteriores aos jornalistas suíços que se encontram em visita oficial ao Brasil. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto constituindo a Delegação do Brasil à V Conferência dos Estados da América, membros da Organização Internacional do Trabalho.

3 — QUINTA-FEIRA

O General Matthew Ridgway, Comandante Supremo das Fôrças das Nações Unidas, entrevista-se






O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-1

com o Vice-Almirante C. Turner Joy, Delegado-Chefe dos Aliados às conversações de trégua na Coréia, acreditando-se que essa conferência poderá significar o levantamento do «impasse» nas ditas negociações de trégua. ★ A Rainha Juliana, da Holanda, diz ao Congresso dos Estados Unidos que a ajuda exterior norte-americana deve continuar, para que o mundo livre triunfe na guerra fria. ★ Os Estados Unidos e a Inglaterra inauguram negociações formais com o govêrno italiano, para liquidar suas divergências imediatas e dar à Itália uma conveniente participação na administração da parte controlada pelas potências ocidentais do Território Livre de Trieste. Inaugura-se a «Conferência Econômica Internacional» patrocinada pelos comunistas, estando presentes numerosos delegados estrangeiros. ★ O Presidente Truman, procurando pôr um têrmo à longa série de escândalos oriundos da corrupção governamental destitui o Procurador Geral Mc Grath. ★ Anuncia-se oficialmente que a União Soviética rompeu relações diplomáticas com o govêrno de Cuba. ★ Falece com a idade de 67 anos o Vice-Presidente da República Argentina, Sr. Juan Hortensio Quijano.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

4 — SEXTA-FEIRA

O Supremo Comandante das Nações Unidas no Extremo Oriente, General Matthew Ridgway, diz depois de uma conferência com os líderes militares, no Quartel-General da Delegação de Armistício Aliada, que pensa estar havendo progresso nas conversações de trégua. ★ Fontes chegadas ao General Dwight Eisenhower dizem que êste começou a redigir uma comunicação na qual pedira ser substituído no Supremo Comando da Organização do Pacto do Atlântico, a fim de regressar aos Estados Unidos, para trabalhar em prol de sua própria candidatura à presidência daquele país, pelo Partido Republicano. ★ O Presidente Truman afirma que a Aliança do Atlântico é destinada à manutenção da paz, desafiando assim as «mentiras e vilipêndios» empregados pela Rússia para fazer crer que o Pacto tem desígnios guerreiros. ★ Seis comunistas acusados de conspiração para a derrocada do govêrno pela violência, são sentenciados a penas que variam de 2 a 5 anos de prisão. ★ Os trabalhistas inglêses vencem por esmagadora maioria os conservadores do «premier» Churchill, ganhando 92 assentos dos 129 do Conselho do Condado de Londres, uma maioria de 55 assentos em comparação com a maioria anterior que era mínima. ★ Instala-se no Ministério das Relações Exteriores a Comissão de Exportação de Materiais Estratégicos.

5 — SÁBADO

Informa-se que os altos comandos aliados e comunista trabalham secretamente nos «problemas pendentes» da difícil questão do intercâmbio de prisioneiros de guerra, reinando otimismo quanto à possibilidade de que um ajuste concertado através de mútuas concessões. ★ A delegação norte-americana apresenta uma proposta, no sentido da divulgação progressiva de informações sôbre todos os armamentos, inclusive armas atômicas. ★ Em altas fontes diplomáticas ocidentais, exprime-se a crença de que o Kremlin poderia estar disposto a «abandonar à sorte» o regime comunista da Alemanha Oriental e a convir na celebração de eleições livres em todo o país sob condições específicas. ★ Os dirigentes socialistas de 15 países protestam contra o que chamaram de «onda de terror» na Espanha, e afirmam que a aliança ocidental com o General Franco em nada pode auxiliar a democracia. ★ Segundo um despacho de Washington para o «New York Times», a projetada viagem do Secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson, ao Brasil foi fixada para o mês de maio próximo, devendo acompanhá-lo o Secretário de Estado Auxiliar, Edward G. Miller. O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando os representantes do Brasil na Comissão Mista Ítalo-Brasileira para a Imigração. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto criando uma Legação do Brasil na República da Islândia.

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.

Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS

Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.

Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:

MESA TRONCO	52-2104	SECÇÃO TÉCNICA	52-2103
SECÇÃO DE VENDAS	52-2102	CONTABILIDADE	22-1342
SECÇÃO DE VENDAS	22-0409	GERÊNCIA	22-2549
EXPEDIÇÃO	22-1584		

RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

6 — DOMINGO

Correm rumores de que as delegações dos armistícios teriam recebido instruções no sentido de apressar a solução do conflito na Coréia. ★ O senador norte-americano Lyndon Johnson declara que o programa de rearmamento dos Estados Unidos progride muito lentamente para poder responder à ameaça de agressão soviética e indica que a Rússia está produzindo mais aviões a jato que os Estados Unidos. ★ O govêrno iraniano rejeita a nota britânica de 19 de março último, que protestava contra o fechamento dos consulados da Grã-Bretanha no Irã e contra as razões invocadas por Teerã para justificar essa medida.

7 — SEGUNDA-FEIRA

O Ministro das Relações Exteriores britânico, Anthony Eden, declara, na Câmara dos Comuns que, segundo foi informado, são boas as probabilidades de solução do problema tunisiano e que isso é o que todos devemos alentar, em vez de uma intervenção internacional neste momento. ★ O Sr. Winston Churchill é interpelado, na Câmara dos Comuns, sôbre a possibilidade de sua ida a Moscou, a fim de discutir ali os problemas inthernacionais. ★ O presidente da Comissão de Serviços Armados da Câmara dos Representantes, Carl Vinson, declara que a guerra «não será iminente» se os Estados Unidos se mantiverem em guarda. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto criando a Comissão Executiva da Indústria de Material Elétrico. ★ Assinado decreto pelo Sr. Presidente da República nomeando o Sr. Ministro João Alberto Lins de Barros, Chefe da Missão Econômica e Comercial do Brasil à Europa.

8 — TÊRÇA-FEIRA

O Presidente Truman adverte a nação de que «agitadores inescrupulosos» do imperialismo soviético estão tentando conquistar a Ásia por meio da subversão, aproveitando-se do sofrimento e da fome de seus povos. ★ Anuncia-se que o Egito está disposto a unir-se a um comando de defesa do centro oriente, se a Inglaterra primeiramente retirar suas tropas do Canal de Suez e aceitar ceder o Sudão ao govêrno do Cairo. ★ Famílias imigrantes italianas, num total de 249 pessoas, partem para o Brasil, a bordo do vapor «Conte Biancamano». ★ As Nações Unidas anunciam oficialmente, que o Conselho de Segurança reunir-se-á quinta-feira, a fim de discutir a disputa tunisiana. ★ A Assembléia Nacional concede um voto de confiança ao Presidente do Conselho de Ministros, Antoine Pinay na proposta de anistia aos sonegadores de impostos, com o que está virtualmente assegurada a aprovação do orçamento «record» para 1952. ★ No Palácio Rio Negro, em Petrópolis, realiza-se a solenidade de entrega de credenciais do Primeiro Ministro de Israel no Brasil. ★ O Govêrno Federal anuncia que continuará a financiar o café nas mesmas bases e condições que têm vigorado até agora, sem nenhuma alteração nos limites de crédito concedidos.

9 — QUARTA-FEIRA

Exército, carabineiros e civis armados depõem o Presidente da Bolívia. Registram-se choques nas ruas de La Paz, com mortos e feridos. ★ Os negociadores da trégua realizam uma reunião de oito minutos, a sessão mais longa de tôda a semana. Depois, um porta-voz aliado diz aos jornalistas que a proposta comunista de que a Rússia seja um dos inspetores «neutros» de trégua, é sòmente um pretexto. ★ O Presidente Truman impede a greve geral da indústria do aço encampando a indústria sob a «autoridade de seus inerentes poderes constitucionais», justamente noventa minutos antes da meia-noite, hora fixada para a deflagração do movimento. ★ O Senador Robert A. Taft obtém sua mais espetacular vitória na campanha pela candi-

datura pelo Partido Republicano, derrotando nas primárias do Estado de Illinois o General Eisenhower, que aí experimentou seu mais duro revés da campanha. ★ O Presidente do Conselho de Ministros, Sr. Antoine Pinay, consegue novo voto de confiança «indireta» quando a Assembléia Nacional aprova por 310 contra 238 votos, seu pedido para que fôssem adiados os debates sôbre o projeto de lei de escala móvel dos salários. ★ Washington declara que os russos estão atualmente em condições de «mandar mais de dez mil aviões de todos os tipos para uma guerra em terra na Europa. ★ Revela-se que o Presidente Gabriel Gonzalez Videla convidará o Presidente Getúlio Vargas para que visite o Chile como hóspede do país, em uma data próxima. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Sr. General Aguinaldo Caiado de Castro, Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto concedendo exoneração ao Sr. Francisco Penteado Stevenson do cargo de Presidente do IAPETC.

10 — QUINTA-FEIRA

O chefe exilado do movimento nacionalista revolucionário, cujos correligionários se levantaram contra o govêrno da Junta Militar chefiado pelo General Ballivian na Bolívia, Victor Paz Estensoro, declara que não recebeu nenhuma nova informação dos revolucionários de La Paz, desde ontem à noite, acrescentando que «a situação parece muito confusa». Disse o líder do MNR que «já comecei a providenciar para a obtenção de documentos de viagem», tencionando seguir brevemente para sua pátria — «se consegui-los e também se obtiver meio de transporte» — não podendo dizer quando, por causa dêsses dois fatôres. Afirma Estensoro que os rebêldes derrubaram o govêrno Ballivian na importante cidade agrícola de Cochabamba, na parte oriental da Bolívia, em Tarija e noutras, segundo as mensagens que recebeu, adiantando que se informa que tôdas as comunicações entre Buenos Aires e La Paz estão normais. ★ O Chanceler Vishinsky entrega aos Embaixadores dos Estados Unidos e Grã-Bretanha a resposta da Rússia às potências ocidentais. A nota soviética não dá satisfação a nenhum ponto da tese ocidental. ★ Anuncia-se em Washington que teria chegado à Casa Branca o pedido de demissão do General Eisenhower do Comando das Fôrças da Organização do Tratado do Atlântico Norte. A êsse respeito o Presidente Truman procurado pelos jornalistas não confirmou e nem desmentiu a notícia. ★ Prosseguem as negociações de armistício na Coréia. Os comunistas voltam a insistir em incluir a Rússia na Comissão dos Países Neutros. ★ O franco francês chega a seu mais alto nível nos últimos sete meses. A melhora de sua cotação é atribuída às medidas adotadas pelo Primeiro Ministro Pinay. ★ As eleições finais nos Conselhos e Condados britânicos confirmam a tendência favorável ao Partido Trabalhista.

11 — SEXTA-FEIRA

Tiunfa em tôda a Bolívia a revolução do Movimento Nacionalista Revolucionário, segundo manifesto assinado pelo Sr. Hernan Siles Zuazo, chefe do govêrno prosório, que fala através do rádio pelas 15,30 horas, hora da Bolívia, para dizer que, dentro de cinco meses o país será convocado às eleições. A emissora informa também que o número de mortos em conseqüência da luta é suprior a 2.000, sem incluir as baixas ocorridas durante o combate pela posse do aeroporto de El Alto. Acrescenta que os necrotérios estão repletos de cadáveres e que estão sendo improvisadas morgues para receber mais corpos. ★ A Casa Branca anuncia a renúncia do General Dwight Eisenhower ao cargo de comandante supremo aliado na frente do Atlântico, a qual deverá entrar em efeito a 1º de junho próximo, ficando assim em liberdade para fazer uma campanha pessoal em favor de sua aspiração à candidatura republicana à presidência dos Estados Unidos antes que se reúna em Chicago a Convenção Nacional Republicana, a 7 de julho vindouro. ★ A Rússia faz entrega aos Embaixadores da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos do texto da nota sôbre a Alemanha. ★ O Primeiro Ministro tunisiano, Salah Eddine Baccouche, apresenta seu novo gabinete de sete membros ao bei de Túnis, prometendo que seu primeiro objetivo será restaurar a paz e a

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

harmonia no perturbado protetorado. ★ Falece em Gênova o Sr. Professor Ugo Lombroso, titular da cadeira de Fisiologia Humana da Universidade daquela cidade.

12 — SÁBADO

Informa-se que os bombardeios aéreos destruíram as instalações elétricas e de água potável de La Paz, de modo que a capital encontra-se às escuras e sem água para beber. ★ A primeira apresentação pública de Eisenhower como aspirante à candidatura republicana será provàvelmente a 4 de junho, em sua cidade natal, Abilene, em Kansas. Nessa data realizar-se-ão as cerimônias relacionadas com a inauguração do Museu Eisenhower. ★ Suspensos os serviços de busca de possíveis sobreviventes e dos cadáveres do acidente aéreo, quando um avião DC-4 da Pan-American Airways caiu ao mar pouco depois de levantar vôo para Nova York. O aparelho levava 69 passageiros e tripulantes. O Serviço de Guarda Costas declara que o patrulhamento aéreo periódico em tôda a zona do acidente prosseguirá por vários dias. No desastre foram salvas 16 pessoas e recolhidos os cadáveres de outras 14. Mas estão desaparecidas 39 pessoas, que se presumem mortas no interior do aparelho, sob a água. ★ O govêrno do Sr. Antoine Pinay obtém grande maioria na aprovação do orçamento para 1952, pela votação de 330 contra 208 votos. ★ O gabinete egípcio decidiu hoje adiar para data ulterior, que será fixada mais tarde, as eleições gerais do Egito. ★ O Presidente Truman anuncia em carta dirigida a mais de 60.000 personalidades do Partido Democrata, que quaisquer que sejam os candidatos que o Partido designar para Presidente e Vice-Presidente dos Estados Unidos serão «bons candidatos».

13 — DOMINGO

Noticia-se que se encontra em Madrid a delegação dos Estados Unidos que negociará o Pacto Militar hispano-norte-americano. ★ O Ministro de Estado britânico, Sr. Selvyn Lloyd faz declarações acêrca dos objetivos da aliança ocidental. ★ General Van Fleet fala acêrca das possibilidades de ser desencadeada nova ofensiva comunista e das perdas inimigas desde o início da luta. Em território espanhol estiveram em conferência o General Franco e o Primeiro Ministro Salazar. Disse-se que, possivelmente a entrevista versou sôbre as negociações do Pacto Militar entre a Espanha e os Estados Unidos. ★ O Sr. Paz Estensoro, que assumirá chefia do govêrno provisório na Bolívia, despede-se do Presidente Peron. ★ O Papa Pio XII faz uma exortação ao povo católico, delineando as suas obrigações, quando das festividades da Páscoa em Roma. ★ Pelo mesmo motivo o Sumo Pontífice dirige uma mensagem ao povo japonês.

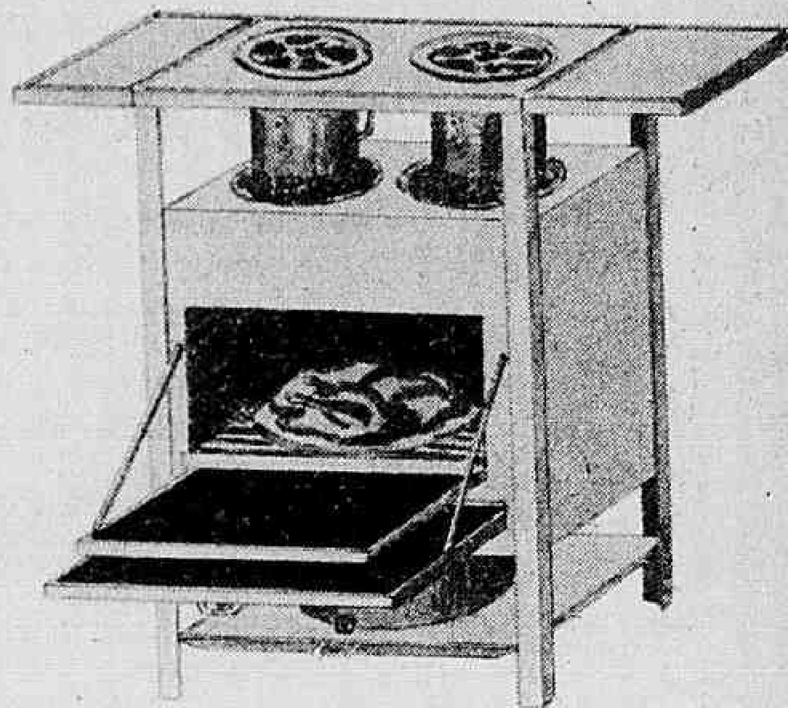
14 — SEGUNDA-FEIRA

Declara-se que o Pentágono teria opinado favoràvelmente ao nome do General Ridgway, para substituir o General Eisenhower no Comando Supremo das fôrças do Atlântico. ★ Noticiado que, em conseqüência das enchentes, mais de 70 mil pessoas se encontram desabrigadas. ★ Toma posse o novo Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, General Aguinaldo Caiado de Castro. ★ Prepara-se, em La Paz, festiva recepção ao Sr. Paz Estensoro ★ Constituído o ministério do govêrno revolucionário. Enviadas a Londres novas propostas para a solução das divergências entre a Inglaterra e o Egito. ★ Os delegados aliados e comunistas, que realizam conversações de armistício, reunem-se ràpidamente para combinar nova reunião no dia de hoje.

15 — TÊRÇA-FEIRA

Encerradas as conversações que realizaram em Ciudad Rodrigo o Primeiro Ministro Salazar e o Generalíssimo Franco. ★ Um comunicado oficial revela que na entrevista foi objeto de estudo o fortalecimento da unidade estratégica da península. ★ Chegam a bom têrmo as negociações para a elaboração de um Tratado pelo qual a Inglaterra assumirá compromissos com a Comunidade Européia de Defesa. ★ Festivamente recebido em La Paz o Sr. Paz Estensoro, líder do movimento revolucionário vitorioso. O Sr. Paz Estensoro diz que o novo govêrno empreenderá a nacionalização das usinas existentes no país. ★ Reveladas em Londres declarações do Presidente Getúlio Vargas prestadas ao «Daily Mail». ★ Chega a Buenos Aires o General Góis Monteiro. ★ Os aviadores brasileiros que participaram da revoada a Buenos Aires são recebidos pelo Presidente Peron, que nessa

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ocasião, falou da amizade que une o Brasil à Argentina. ★ Descoberta uma conspiração contra o govêrno provisório da Venezuela. ★ O Embaixador da Espanha na Argentina, Sr. Manuel Aznar, faz declarações sôbre a situação internacional. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o diplomata Sérgio Correia Afonso da Costa, Chefe da Divisão de Assuntos Internacionais do Estado Maior das Fôrças Armadas.

16 — QUARTA-FEIRA

O Sr. Victor Paz Estensoro presta juramento como Presidente Provisório da República da Bolívia. ★ Portador de uma mensagem do primeiro ministro egípcio, Hillali Pachá, chega a Londres, o Embaixador do Egito junto ao Govêrno Britânico, Abdel Fattah Amr Pachá, procedente do Cairo. Como se sabe, as relações anglo-egípcias, embora estremecidas desde os casos de Suez e Sudão, nunca foram rompidas. O embaixador Amr Pachá ainda no enterramento do Rei Jorge representou seu govêrno. Voltando agora da sua capital, o Embaixador foi portador de uma mensagem pessoal do primeiro Ministro ao Chefe do Foreign Office, Anthony Eden, e grandes são as esperanças e o otimismo em tôrno do reatamento das conversações anglo-egãpcias. ★ Continuam num «impasse» as negociações de armistício na Coréia. A reunião realizada não dura mais de 20 minutos. ★ Pràticamente, o General Eisenhower vence as eleições preliminares do Estado de Nova Jersey para indicação do candidato Republicano à Presidência do país. ★ Faltando apenas 388 circunscrições de votos, a apuração, esta manhã, dava o seguinte resultado: Eisenhower, 319.759; Taft, 193.137; Stessen, 18.783; Mac Arthur (não inscrito), 246; Warren (não inscrito), 90. ★ Embora a enchente do Missisipi e de seus apluentes, principalmente o Missouri e o Rio Vermelho, ainda não tenha atingido o máximo, mais de 85 cidades já estão inundadas ou em perigo iminente. Segundo os dados fornecidos pela Cruz Vermelha, vinte e seis mil famílias, num total de mais de cem mil pessoas foram forçadas a abandonar seus lares e os danos se elevam a mais de cem milhões de dólares. O Presidente Truman é esperado em Omaha para conferenciar com os governadores dos Estados atingidos ou ameaçados pelas inundações. ★ Chega a Buenos Aires o Sr. General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Chefe do Estado Maior das Fôrças Armadas do Brasil. ★ No Chile, o Brasil venceu o Uruguai pelo escore de 4x2, no Campeonato Pan-Americano. ★ O Sr. Presidente da República, assina decreto conferindo o «Grande Colar» da Ordem do Cruzeiro do Sul ao Sr. General Francisco Craveiro Lopes, Presidente da República de Portugal. ★ Chega o Sr. Thor Thors, Ministro da Islândia no Brasil. ★ Prosseguem os trabalhos da Semana do Menor Abadonado.

17 — QUINTA-FEIRA

Noticia-se que o Pentágono resolveu apontar o General Ridgway para substituir Eisenhower no Comando Supremo do Exército do Atlântico. Noticiado que o primeiro daqueles generais seria substituído pelo General Mark Clark. ★ Divulgada a constituição do Ministério do Presidente Paz Estensoro. ★ A imprensa britânica tece comentários em tôrno da promessa de nacionalização das minas bolivianas. ★ O govêrno equatoriano desmente a notícia de que se estava preparando um golpe de Estado em favor do candidato Salazar Gomes. ★ Renunciam diversos membros do Ministério colombiano. ★ Declara-se que não tem fundamento a nlotícia de que o Sr. Acheson, na sua próxima vinda ao Brasil, convidará o Presidente Vargas a visitar os Estados Unidos. ★ O General Góis Monteiro, atualmente na Argentina, visita o Ministro da Defesa Nacional, General Sosa Molina. ★ Os círculos comerciais de Nova York predizem que haverá uma severá carência de cacau nos meses de maio e junho. ★ Apresentada uma proposta, nos Estados Unidos, sugerindo que o govêrno financie a exploração de novos depósitos de mica no Brasil. ★ Sob a presidência do Sr. Presidente da República, instala-se a V Conferência Inter-Americana do Trabalho, tendo falado o Chefe do Govêrno e o Sr. Paul Ramadier. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando o Sr. José Santana, Presidente da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da E. F. Leopoldina.

18 — SEXTA-FEIRA

Fontes dignas de crédito dizem que os Estados Unidos iniciaram uma sondagem não-oficial entre os membros do Pacto do Atlântico, procurando sa-

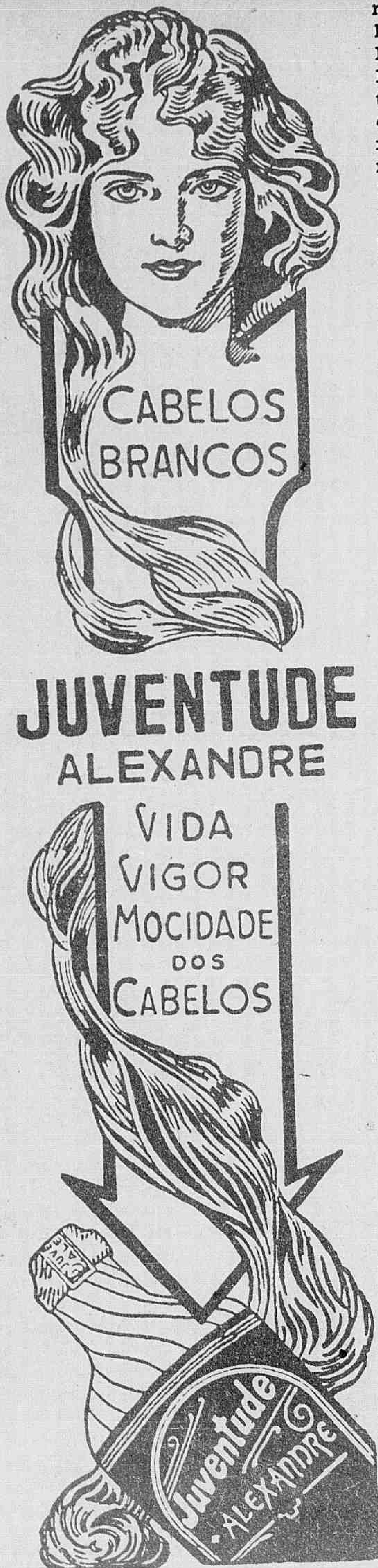
ber se o General Matthew Ridgway, Comandante Aliado na Coréia, seria bem recebido como substituto do General Eisenhower no pôsto de Supremo Comandante Aliado na Europa. ★ Eisenhower deverá afastar-se do Supremo Comando, no dia 1º de junho, a fim de participar pessoalmente da campanha eleitoral presidencial americana. ★ Averell Harriman recebe a aprovação unânime de 45 presidentes de «comitês» do Estado de Nova York à sua candidatura à Presidência dos Estados Unidos. ★ Regressa a Paris o Primeiro Ministro Antoine Pinay, depois de alguns dias na Riviera, em gôzo de férias, passando imediatamente a conferenciar com o Ministro do Orçamento a propósito da inflação. ★ Grande combate se verifica no norte da Coréia entre 70 aviões aliados e 58 comunistas, resultando do embate um aparelho comunista abatido e dois avariados. ★ A Grã-Bretanha chama seus dois diplomatas no Cairo e no Sudão para consultas sôbre as negociações anglo-egípcias. ★ O Sr. Wilfredo May, jornalista norte-americano que tomou parte na Conferência Econômica de Moscou regressa a Washington. ★ O Presidente Truman, em discurso pronunciado aos veteranos de guerra, diz que os Estados Unidos «estão ainda em perigo mortal» ante a possibilidade de agressão russa. Acrescentou que «as palavras que vêm do Kremlin prometem paz hoje, e ameaçam com violência amanhã». ★ O Papa Pio XII declara que o novo Código de Conduta que dá às pessoas liberdade de determinar por si mesmas o que é mau e o que é bom está ameaçando a juventude do mundo. O Sumo Pontífice faz tal declaração ao dirigir a palavra a 1.400 delegados ao Congresso Internacional Feminino da Ação Católica. ★ Realiza-se, em Petrópolis, mais uma sessão plenária da V Conferência Inter-Americana do Trabalho, tendo proferido um discurso o Sr. Ministro Segadas Viana. ★ Chega o contra-torpedeiro holandês «Van Gaien».

19 — SÁBADO

Entregue à Chancelaria boliviana pelo Núncio Apostólico a relação das personalidades políticas que pediram asilo em Embaixadas estrangeiras em La Paz. ★ O Secretário de Estado, Dean Acheson, diz em discurso que as nações livres aproximam-se ininterruptamente da realização dos seus propósitos, não obstante as táticas obstrucionistas da União Soviética. Afirma também que o Ocidente exigirá «prova tangível» da mudança de atitude da Rússia para com a Alemanha, antes de consentir em deliberar com a União Soviética, sôbre a Alemanha. Declara ainda que o Japão está sendo incorporado à comunidade de nações livres «não obstante os esforços da Rússia para impedi-lo». ★ Os diques de terra, batidos pela maior inundação do rio Missouri registrada nos Estados Unidos, conseguem impedir que as cidades de Omaha e Council Bluffs fôssem inundadas. Todavia, as águas continuam arremetendo furiosamente contra os diques e ninguém pode dizer por quanto tempo poderá o homem continuar vencendo a natureza. ★ Os negociadores da trégua, após a reunião, que durou apenas 10 minutos, resolve entregar novamente as discussões sôbre a vigilância do armistício aos oficiais de estado-maior. Esta decisão é tomada pelos subdelegados comunistas e aliados e anunciada no momento em que os observadores dirigem sua atenção para a barraca de campanha onde foi reiniciada secretamente, a discussão sôbre a troca dos prisioneiros de guerra, depois de duas semanas de paralisação. ★ A Sra. Souza Leão, espôsa do Ministro do Brasil na Holanda, batizou o navio-tanque a motor «Goiás», de 20.000 toneladas, adquirido pela Comissão de Aquisição de Petroleiros, criada no Rio de Janeiro pelo govêrno brasileiro. ★ O Partido Colorado do Paraguai convoca a Convenção Nacional do partido para o dia 1º de junho próximo, a fim de designar seu candidato presidencial para as eleições de março de 1953. Adianta-se que a convenção proclamará o nome do atual Presidente, Frederico Chavez, para o novo período 1953-58.

20 — DOMINGO

O Sr. João Alberto fala à imprensa de Paris sôbre os obje-



tivos da Missão Econômica Brasileira na Europa inclusive acêrca da possibilidade da transferência de determinadas indústrias da Alemanha para o nosso país. ★ Informa-se que o número de desempregados na Inglaterra atingiu o nível mais elevado dos dez últimos anos. ★ Fala-se na possibilidade do Sr. Dean Acheson adiar a sua viagem ao Brasil. ★ O Almirante Carney, em entrevista à imprensa, aborda os planos defensivos do Mediterrâneo. ★ Falece Stafford Cripps, ilustre estadista inglês. ★ Chega ao pôrto desta Capital o novo cruzador «Tamandaré».

21 — SEGUNDA-FEIRA

Um relatório divulgado por uma revista especializada, em Nova York, ocupa-se da quantidade de café a ser despachada do interior para os portos de embarque brasileiros. ★ Os Estados Unidos foram concitados a incrementar as suas relações comerciais com o Brasil. ★ O Chanceler Schuman fala acêrca da política da França em relação à Alemanha e Rússia. ★ O Sr. Dean Acheson fêz declarações sôbre as pretensões soviéticas com referência à Alemanha. ★ Reiniciam-se os trabalhos da Câmara dos Comuns. ★ Comemora-se o 26º aniversário da Rainha Elizabeth. ★ Realizam-se cerimônias comemorativas da morte de Tiradentes. ★ Realiza-se em Petrópolis a quarta sessão plenária da V Conferência Inter-Americana do Trabalho.

22 — TÊRÇA-FEIRA

Explodiu no campo de provas de Las Vegas, a mais poderosa bomba atômica já produzida nos Estados Unidos. Declara-se que as novas experiências foram coroadas de pleno êxito. ★ O Sr. Averell Harriman declara que aceitará o lançamento da sua candidatura pelo Partido Democrático, a Presidente da República. ★ Foi apresentada na Câmara uma proposta no Sentido de que o Presidente Truman seja julgado pelo ato que encampou as instalações siderúrgicas do país. ★ Em operações ao norte de Hansi os franceses infligiram fragorosa derrota aos comunistas de Viet-Minh. ★ Caiu em poder dos franceses importante base comunista. ★ Amotinam-se os detentos da penitenciária de Jackson, no Estado de Michigan, que estavam resistindo a tôda a pressão da polícia e da guarda local. ★ Metade da prisão se encontrava em poder dos rebeldes que mantinham como reféns nove guardas. ★ O Sr. Presidente da República assinou decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul à Sra. Maria Eva Duarte de Peron. ★ A Fôrça Aérea Brasileira comemorou, com várias solenidades, o 7º aniversário de um dos feitos do 1º Grupo de Caça na campanha da Itália.

23 — QUARTA-FEIRA

O Parlamento da Alemanha Ocidental aprovou moção do govêrno declarando que o Sarre é parte da Alemanha e não pode ser separado dela sem aprovação dos alemães. ★ O General Dwight Eisenhower leva grande vantagem sôbre Harold Stassen, nas eleições primárias em Pennsylvania. Resultados apurados em 1.276 mesas, dão a Eisenhower .... 124.494 votos, e a Stassen .... 16.758. Taft recebeu 8.781 e o General Mac Arthur 248. ★ Os caças a jato, «Sabre», abateram aviões russos «Mig-15» e «Yak-9», e dirigem-se à Coréia do Norte para cortar linhas de fornecimentos inimigas, destruindo várias ferrovias em setenta e seis lugares antes do meio-dia. No combate levado a efeito pelos caças o «Mig-15» foi interceptado no ar, quando procurava introduzir-se no território sul-coreano, vindo da Mandchúria, e os «Yaks-9», foram destruídos num aeródromo de Sinuiju, próximo ao Rio Yalu, onde se achavam estacionados. ★ O Sr. Presidente da República assinou decreto conferindo a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Paul Ramadier. ★ O navio-escola «Almirante Saldanha» deixou o pôrto desta capital para realizar a sua XIII viagem de instrução.

24 — QUINTA-FEIRA

O Presidente Truman, falando à imprensa, revela que em 1945 forçou a Rússia a retirar suas tropas do Irã. Diz ainda o Chefe do Govêrno norte-americano que impediu a ocupação de Triste pela Iugoslávia e evitou o domínio da Grécia e Turquia pelos soviéticos. ★ O Sr. Nelson Rockefeller acusa o govêrno Truman de ter abandonado os laços fundamentais de amizade dos Estados Unidos com a América Latina. ★ O Presidente Peron falando
ros estavam ligados à campanha de boatos contra a
aos trabalhadores declara que interêsses estrangei-
Argentina. ★ Renuncia coletivamente o Ministério



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

AGORA
sou o "craque" do meu time!



E não era, não senhor! Tratavam-me até de "molenga" e diziam que eu gostava de "moleza". Um dia aconselharam minha mãe a que me desse Emulsão de Scott que enriquece o sangue, combatendo a anemia e a debilidade. E hoje estou corado, forte e robusto. E o medo da fraqueza desapareceu. E agora sou o primeiro a ser convidado para todos os esportes. O apelido ficou para trás e às refeições nunca me falta a colherinha de Emulsão de Scott!



equatoriano. ★ O General Góis Monteiro é condecorado com as insígnias da Grã Cruz da Ordem do Mérito Militar da Argentina. ★ O Chefe do Estado Maior Geral das Fôrças Armadas brasileiras estêve em demorada conferência com o Presidente Peron. ★ Novo e fervoroso apêlo em prol da paz mundial faz o Papa Pio XII falando às representantes das Organizações Femininas Católicas de todo o mundo. ★ O Chanceler da Bolívia responde às declarações do Sr. Spruile Braden segundo as quais a revolução vitoriosa naquele país foi sustentada pelo estrangeiro. ★ Sr. Presidente da República recebe no Palácio Rio Negro, todos os membros das diversas delegações participantes da V Conferência dos Estados da América, membros da Organização Internacional do Trabalho, e que ora se realiza no Hotel Quitandinha. ★ Realiza-se, em Petrópolis, mais uma sessão plenária da V Conferência Inter-Americana do Trabalho.

25 — SEXTA-FEIRA

As conversações sôbre a trégua na Coréia são interrompidas indefinidamente, frustrando-se as esperanças de um armistício e um fim para esta guerra que já conta com quase dois anos. A interrupção é resultado do impasse surgido quanto à troca de prisioneiros de guerra, sendo que as Nações Unidas pretendiam libertar sòmente aquêles prisioneiros que quisessem voltar à Coréia do Norte, enquanto que os norte-coreanos querem que sejam repatriados todos os comunistas feitos prisioneiros pelos aliados. ★ O Presidente Galo Plaza declara que, por serem irrevogáveis, aceitará as renúncias apresentadas pelos ministros. Acrescenta que, antes de formar novo ministério, consultará os dirigentes dos partidos democratas e fará o possível a fim de entrevistar-se com os candidatos à presidência da República e unificar as fôrças democráticas. ★ Em nome do govêrno do Brasil, o General Pedro Aurélio de Góis Monteiro entrega à Sra. Eva Peron as insígnias da Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, com que foi agraciada, em solenidade realizada no Salão Branco da Casa Rosada.

26 — SÁBADO

Os comunistas concordam em realizar uma reunião plenária dos altos chefes das delegações aliada

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TONICA APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

e comunista, que, segundo se diz, constituíra o último esfôrço para encontrar uma solução para o assunto dos prisioneiros de guerra, que levou as negociações de armistício na Coréia a uma das mais graves crises. ★ O General Matthew Ridgway visita o Imperador Hirohito, pela última vez como Supremo Comandante Aliado de Ocupação. A partir de segunda-feira, quando o Tratado Japonês entrará em vigor, êle será apenas o Comandante das Nações Unidas na Coréia e Comandante das Fôrças Americanas no Extremo Oriente e Japão. ★ O Japão será reincorporado oficialmente à família das nações na próxima segunda-feira, após percorrer um longo caminho que começou com fogo e ódio em Pearl Harbour. O Japão obteve sua independência e nova aliança num ambiente de preocupação por novas guerras, mais do que de penitência por sua atuação na segunda conflagração mundial. Cortejado pelos Estados Unidos, que necessitam desesperadamente de um aliado asiático poderoso, e absolvido de suas culpas por seis e meio anos de ocupação, o novo Japão «democratizado» volta à comunidade internacional. ★ Com relação às versões difundidas no exterior, informa o govêrno paraguaio que, na semana passada, «a polícia realizou a detenção de algumas pessoas que se dedicavam à divulgação de notícias alarmistas, com o propósito de criar dificuldades à tarefa de pacificação espiritual iniciada há tempos pelo govêrno». A informação acrescenta que a medida policial é cumprida sem alardes ou demonstrações de fôrça, e que as autoridades estavam desde o início a par de um plano traçado por elementos da oposição, em convivência com alguns militares reformados. ★ O Papa Pio XII eleva três administradores apostólicos brasileiros à categoria de prelados «nullius» de suas prelazias e simultâneamente nomeia cada um dêles bispo titular. ★ O frade capuchinho Venceslau da Spoleto, atualmente administrador apostólico da prelazia de Alto Solimões, no Amazonas, é feito bispo titular de Cea e prelado «nullius» de Alto Solimões. O Rev. Giuseppe Neptefus, atualmente administrador apostólico da prelazia do Rio Branco é feito bispo titular de Elo e prelado «nullius» de Rio Branco. O padre Gioacchino de Lange, atualmente administrador apostólico da prelazia de Tefé é feito bispo titular de Fotice e elevado a prelado «nullius» de Tefé.

27 — DOMINGO

O Japão festeja a reconquista de sua soberania com a entrada em vigor do Tratado de Paz com os países aliados. ★ A Rússia protesta contra o Pacto nipo-norte-americano. ★ O Presidente Truman nomeia o General Ridgway para substituir Eisenhower no comando supremo do Exército do Atlântico, mantendo como Chefe do Estado Maior o General Gruenther. ★ Ao lado de Norfolk choca-se o torpedeiro «Hobnn» e o porta-aviões «Wasp», morrendo em conseqüência 176 membros daquela primeira unidade, que naufragou. O porta-aviões teve ligeiras avarias.

28 — SEGUNDA-FEIRA

Reunido o Conselho do Atlântico, tendo falado sôbre os esforços em prol da manutenção da paz mundial o Chanceler Schuman e Lord Ismay, Chefe do Secretariado Internacional. ★ Trocadas mensagens entre o Presidente Truman e o Primeiro Ministro Yoshida, tendo o Chefe do Govêrno nipônico agradecido a magnanimidade das condições de paz oferecidas pelos aliados. O General Mark Clark é nomeado para substituir Ridgway no comando das fôrças da ONU na Coréia. ★ No Itamarati são ratificados os acordos de migração e investimentos entre o **Brasil** e **a Itália**.

29 — TÊRÇA-FEIRA

Um novo incidente provocam os soviéticos quando aviões de caça russos atacam um avião comercial francês sôbre Berlim. ★ Os aliados protestam contra o ataque. ★ Entregam credenciais ao Sr. Presidente da República, no Palácio do Catete, os Srs. Embaixador da Iugoslávia e o Ministro da Islândia. ★ Encerram-se em Petrópolis os trabalhos da V Conferência Inter-Americana do Trabalho. ★ Prosseguem os trabalhos da IV Conferência das Entidades não Governamentais do Brasil.

30 — QUARTA-FEIRA

Eisenhower consegue a maioria de votos nas eleições primárias, em Massachussets, e ao que parece, chegará junto com o Senador Taft, na Convenção Nacional Republicana. ★ O Presidente da República da Colômbia, Dr. Roberto Urdaneta Arbeláez forma seu novo Ministério. ★ O Sr. Presidente da República assinou decreto nomeando o Sr. Walter Moreira Sales, Embaixador do Brasil em Washington. ★ Pelo Sr. Presidente da República foram assinados decretos nomeando o Sr. Rui Ribeiro do Couto, Embaixador do Brasil na Iugoslávia. ★ Também foi assinado decreto pelo Presidente da República nomeando o Sr. Moacir Ribeiro Briggs, Embaixador no Paquistão.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇAO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIU — ANO XXXVI — Nº 1 — JUNHO — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 5ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

SEGUNDO TORNEIO
Abril — Junho

LOGOGRIFO — 111

À brava turma de São Paulo

Lua sombria que me *atormenta*,
— 1-5-3-2
Sol dourado de luz *excessiva*,
— 3-7-1-5-2
Fitai o meu *branco* rosto, li-
[vido, — 4-2-3-8
E minh'alma tristonha e cativa.

Cruel destino de uma exis-
[tência, — 7-1-6-5-8
Nunca hauriu o perfume das
[flores.
O ser humano, *escravo* do ins-
[tinto,
Goza os prazeres e sofre as
[dores.

Levon (São Paulo)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

112 — Uma-uma — *Não* quero jogar mais contigo, *porque* só vives fazendo *trapaça*.
Breque (Santos)

113 — Uma-uma — Todo *hábito* inveterado é como uma *velha* e inesquecivel *paixão*.
Matsuk (Rio)

114 — Três-uma — Nunca *presto* favores a um homem rico pelo *simples* fato de ser êle *opulento*.
N. Nuno (Feira de Sant'Ana)

115 — Duas-duas — *Procure* verificar se não há *nenhuma* relação entre um grande criminoso e uma *pequena cadeia*.
Plá (Rio)

110 — Duas-duas — *Chega!* Antes *terminar* de uma vez do que *morrer lentamente*.

Roazo (Maranhão)





117 — Quatro-três — *Cala-se*, a pessoa esperta, diante de *pequeno* ou grande *valentão*.
Régito (S. Paulo)

118 — Duas-duas — Não sei o que *sucederá*, mas *prometo* não assumir um ar *beatifico*.
Velo-Vela (Rio)

119 — Duas-duas — O tempo *passa ràpidamente* e a vida corre *implacável* no seu *vôo* para a morte.
Zytho (Rio)

Ao Arpetra:
120 — Uma-três — Desde que uma coisa não obedece à *regra*, fica com *falta de ordem*.
Sam (Rio)

121 — Duas-duas — *Mancha* na reputação é uma *pequena abertura* que da sociedade a *separa*.
Mário Noval (Bissau — Guiné)

122 — Duas-uma — O *marulho das ondas*, ou *aquilo* que o imite, incomoda a uma pessoa *doente*.
Paulistinha (Rio)

123 — Três-duas — Isto é uma *mentira*, o animal não *resiste* o pregar dos *cravos de ferradura*.
Eva Dio (Rio)

124 — Duas-uma — Êle jogou a *balseira* no *abismo* por não *exalar aroma*.
Sem assinatura

125 — Duas-duas — Quando o dia *escurece* eu *disfarço* o meu mêdo e passo pelo *lugar muito insalubre*.
Cydar (Belém, Pará)

★

ENIGMAS

— 126 —

Muito *ornato* estão fazendo
No lar do Chico Mané,
Pois é dia dos seus anos
E vai ter arrasta-pé.
Onde?

Gato Prêto (Alagoinhas)

A Portela e Baldan

127 — E' na cidreira e na malva,
Com as quais se faz infusão
Que êsse *bandido* se salva,
Dando cabo da sezão.

R. Kurban (São Paulo)

---

128 — Significação especial
Tem a quinta do Nhô Toniço
E' um sítio colonial
De *requinte* e namorico.

Burlador (Santos)

(*Duplo*)

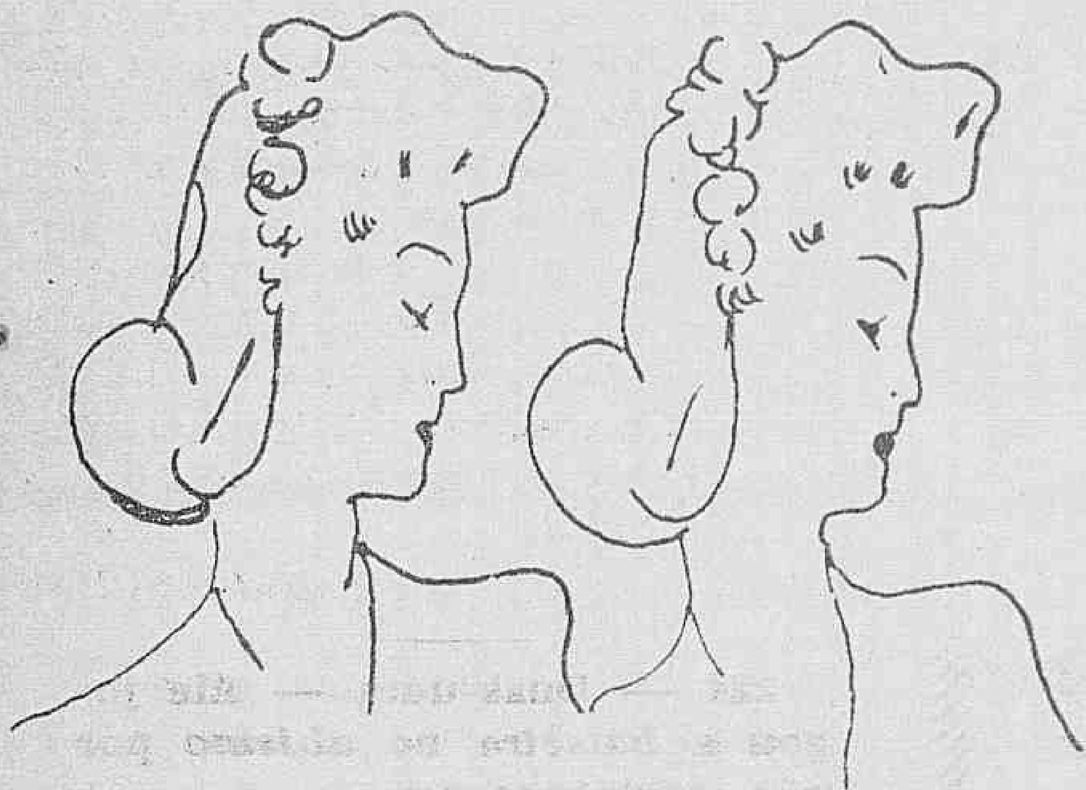
129 — Entre embaraço e tristeza
a mulher viu-se metida
pela mão da Natureza,
nesta escarpada subida.

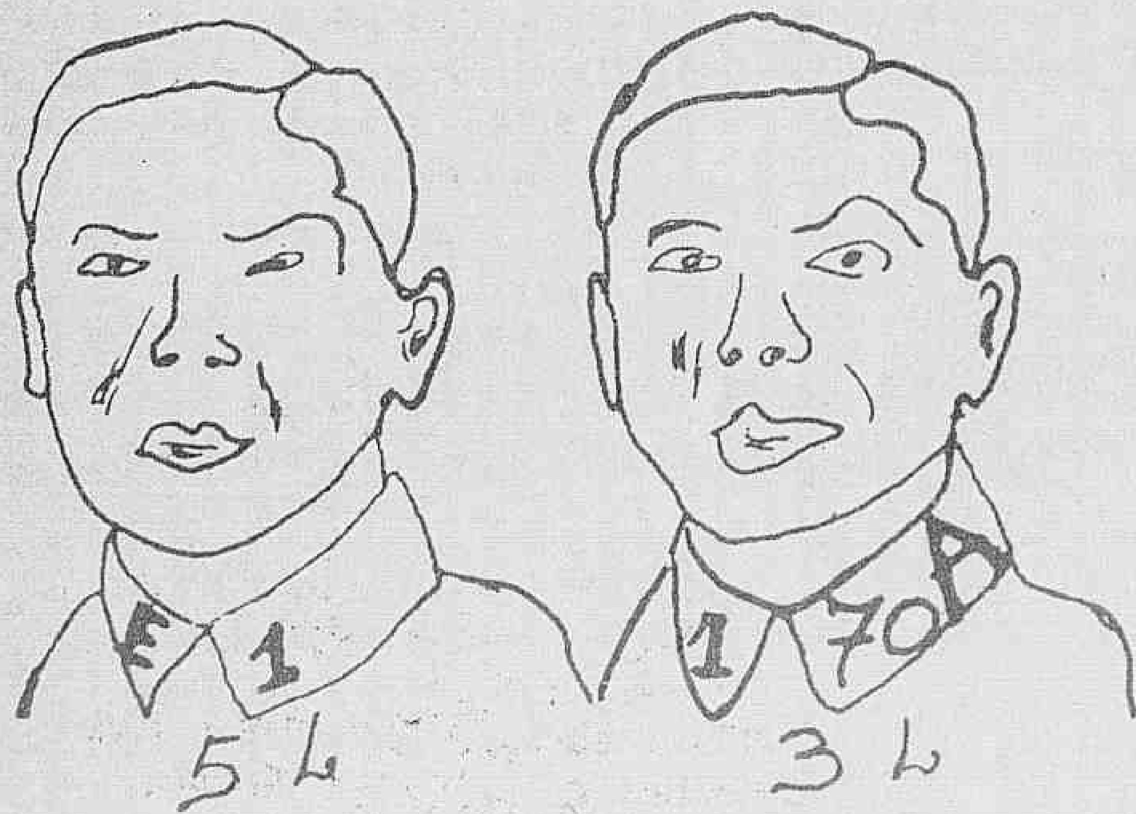
Mas no ponto de inserção
a mulher, com devoção,
suplicou a Santo Antônio,
ventura no *matrimônio*.

Mário Noval (Bissau)

ENIGMA PITORESCO — 161

Ao confrade Roazo:





Cydar (Belém, Pará)

SENHORAS E SENHORITAS QUE AMAM A PRAIA...

Não deixe que a queimadura do Sol roube a sua maior atração. A beleza de sua pele. Queime-a, porém, mantenha sempre fresca, assetinada e juvenil. A Água de Junquilho, com atestado insuspeito do grande dermatologista professor Aleixo de Vasconcelos, corrige e evita as sardas e manchas da pele, principalmente os chamados "pigmentos", parasitas que tiram a graça aos ombros e braços das nossas sereias. As espinhas, cravos, acnes e dilatação dos poros desaparecem com o uso da maravilhosa Água de Junquilho, que previne, trata e preserva a pele dos males próprios. Nas farmácias, drogarias e perfumarias.

Ao brioso Major Agá:

130 — No peito dum homem valente
A letra que tem estampada,
E' talismã tão excelente
Que do mal não lhe vem *pancada*.

Heron Silpes (Canavieiras)

★

CHARADAS SINCOPADAS

131 — Três (duas) — Para censurar um mau *govêrno* qualquer *vocábulo* serve.

Nilva (Rio)

---

132 — Três (duas) — Quem dorme em *cama* pobre *habitua-se* ao que é simples.

Lutércio -- H.C. (Rio)

---

133 — Três (duas) — No leilão de antiguidades, a *cuspideira* histórica teve uma *multidão* de licitantes.

Malba Tantan — C.E.S. (Santos)

---

134 — Três (duas) — O *ato* de não *querer* pagar seus compromissos é a *idéia* predominante do velhaco.

Mambira da jiquitaia (Alagoinhas — Bahia)

135 — Três (duas) — Êste *estôfo antigo* pertenceu a um *navio* de Pedro Álvares Cabral.

Nostradamus (Santos)

---

136 — Três (duas) — Só deve caçar com *espingarda fina, de pequeno calibre,* quem tem *destreza* no gatilho.

Sertanejo II (Lavras)

---

137 — Três (duas) — Apesar do calor ter *aplacado* ainda estava muito *quente.*

Seamva (Santos)

---

138 — Três (duas) — O meu *parecer* é que o *proprietário* tem razão.

Acobar (Maceió)

---

139 — Três (duas) — Não cheguei no *trabalho* na hora certa devido a *chuva.*

Farani (Salvador)

---

140 — Três (duas) — Como é *coisa muito rendosa* o aumento dos aluguéis, eu *atormento* sempre os inquilinos.

Fusinho (Bangu — Rio)

---

141 — Três (duas) — O *último* filho quase sempre é o mais *querido.*

Fiote (Cuiabá)

---

142 — Três (duas) — *Assombroso* e enigmático foi o *passado* dos faraós.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

---

143 — Três (duas) — *Mulher velha* não gosta de *indivíduo matreiro.*

Laranjeirense (Sergipe)

---

144 — Três (duas) — Sempre que me *contenho,* fico *senhor* da situação.

Lutércio — H.C. (Rio)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnifica ação tonificante

Pilulas
DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

CHARADAS CASAIS

146 — Duas — Nunca manches a *reputação* do próximo, sob pena de incorreres no mesmo risco, é *claro.*

Emidlej (Salvador)

---

147 — Três — Aquêle *rapazinho* é filho de um *repórter antigo.*

Jonio — B.S. (Belo Horionte)

---

148 — Duas — Um *cisco,* eis o motivo da *pancadaria.*

Levon (S. Paulo)

---

149 — Quatro — Encontrei um gostoso *pitéu* no *guarda-comida.*

Laranjeirense (Sergipe)

---

150 — Quatro — A companhia de um homem *aborrecido* é coisa *desagradável.*

Major Agá (Itajubá)

---

151 — Quatro — *Zango-me* com mulher *sem modos.*

O Sineiro (S. Paulo)

---

152 — Duas — *Misturo* esta *peça que no lugar chega a azeitona para a galga* com outras, de somenos valor, para atrapalhar o sabichão.

Pele Vermelha (S. Paulo)

---

153 — Três — Quero que um *torneiro* faça o *fuso grande* da minha máquina.

R.A.C.H.A. (Rio)

---

154 — Três — O operário saiu da oficina *sujo de carvão* que parecia estar de *máscara.*

Rafinha (Pôrto Alegre)

---

155 — Duas — Êste *espigão* lhe foi passado por *velhacaria.*

Ueniri — C.E.C. (Rio)

CHARADAS ANTIGAS — 145

Ao Dr. Lavrud, mestre e amigo:

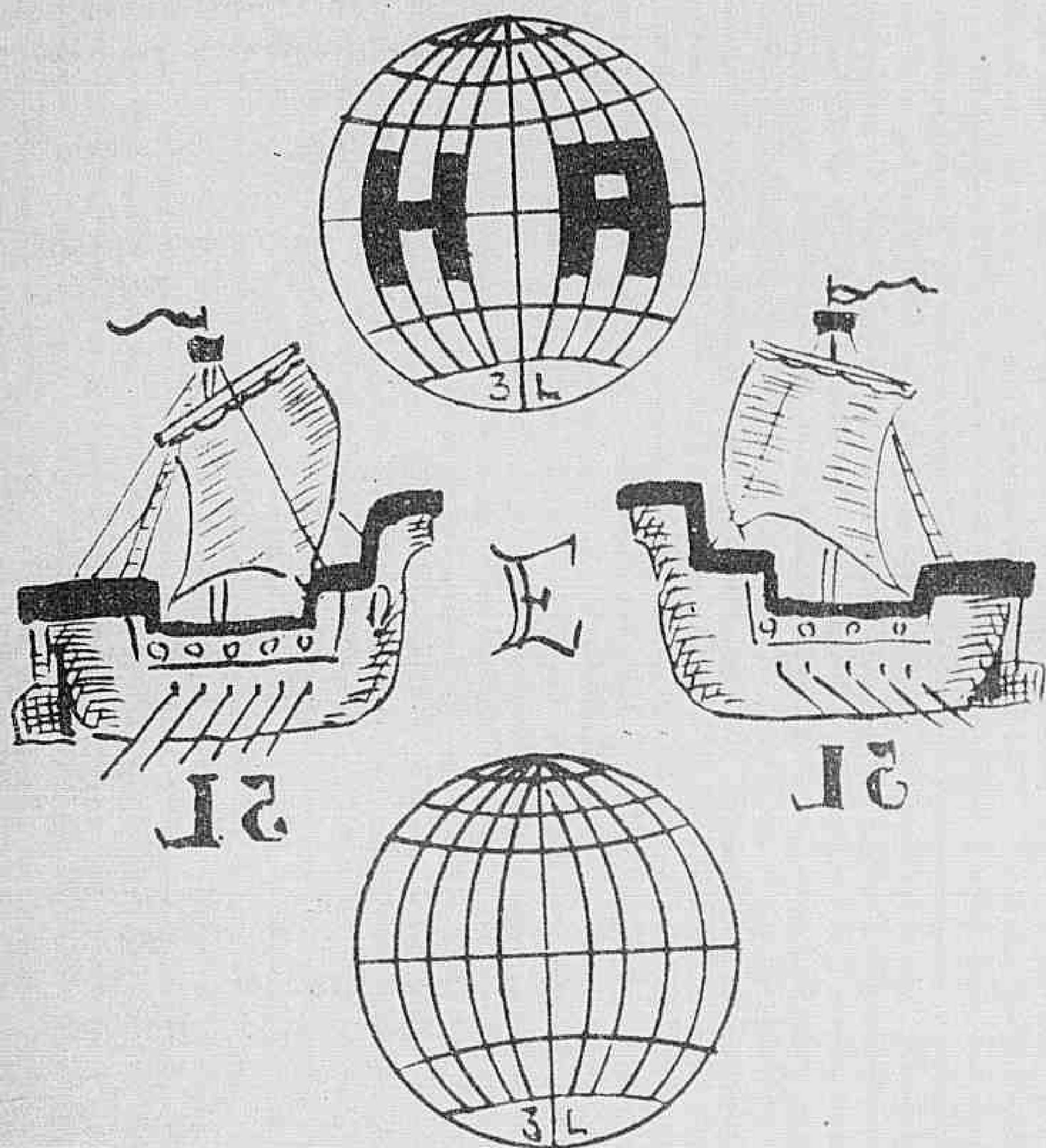
Agora, nesta calma de berilo,
O crepúsculo baixa, de mansinho,
Sôbre a plaga silente. Entre tranquilo
E doce, o lago dorme. E um *triste* ninho, — 2
Abandonado num trecho de cêrca,
À lembrança nos traz, penas de arminho...

Silêncio e solidão. A natureza,
No seu policrônico esplendor,
Pinta um painel de sonho e de beleza.
E eu fico à tua *espera,* (*) meu amor, — 2
Enquanto *se definha* de saudades
O meu peito, nesta hora de pureza!

(*) Verbo.

Mascobei (Barra do Mendes — Bahia)

ENIGMA FIGURADO — 162



/LEVOU OS ARGONAUTAS/

Dr. Jofran (Fortaleza)

156 — Três — Sujeito *presumido* e cheio de *veneta!*

Tony (Perdizes)

---

157 — Cinco — Vida *desastrada* tem o sujeito *inábil.*

Spartaco (S. Luís, Maranhão)

---

158 — Três — O *aprêço* deve ser exato como o *orçamento* de um país organizado.

Acobar (Maceió)

Alívio rápido para

HEMORROIDES

Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

Aos confrades cariocas, com os meus agradecimentos:

159 — Três — Sêde forte! nunca se *esmorece* ante o *desânimo* do próximo.

Emidlej — A.C.C.B. (Salvador)

---

160 — Três — *Reprime* a *violência* para sêres coerente.

Debrito — G.C.N.-C.E.C. (Recife)

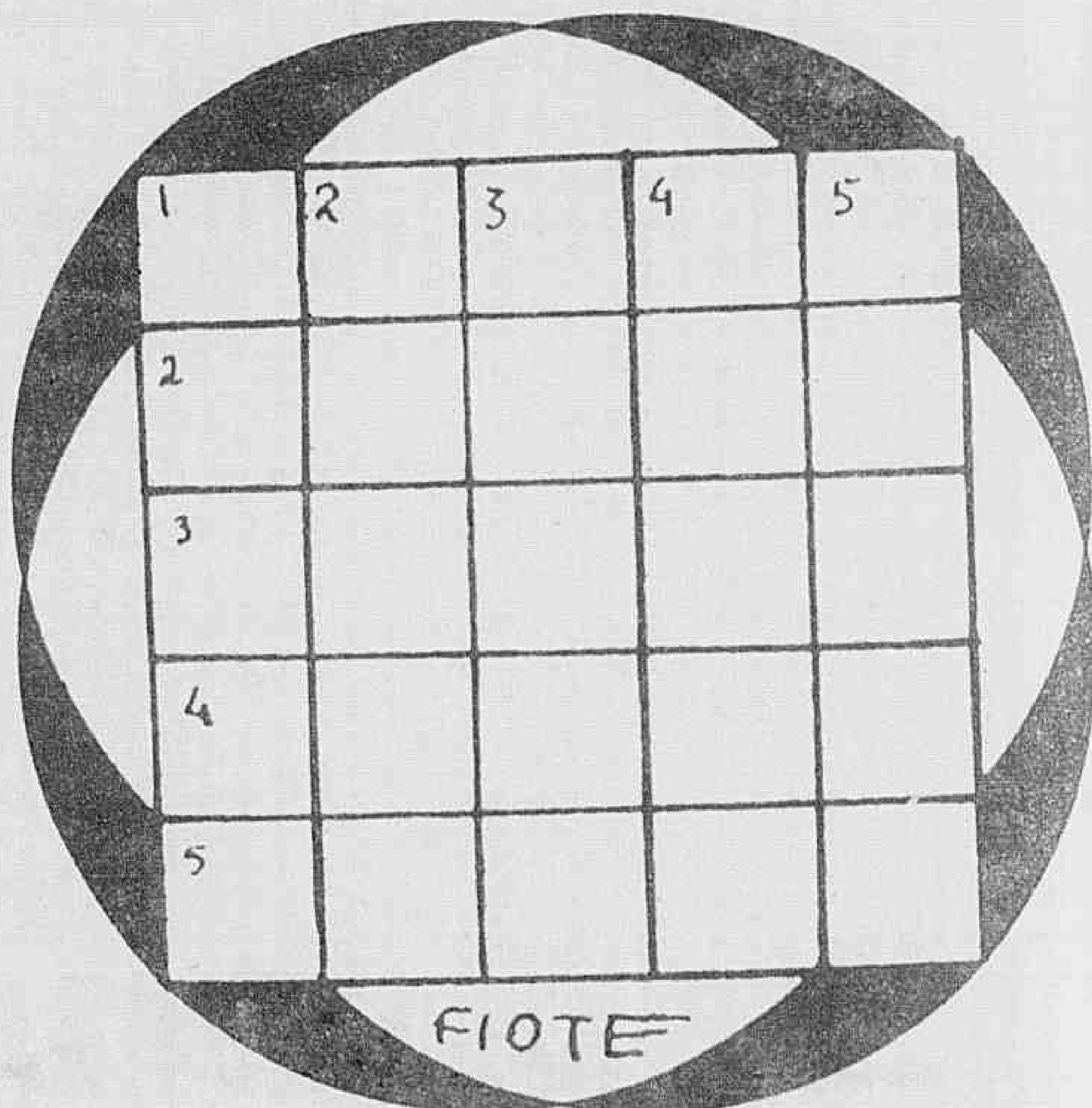
---

161 — Três — Quem sofre e se *desespera,*
Com seu próprio dissabor,
Agrava mais seu *tormento,*
Aumenta mais sua dor.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 5

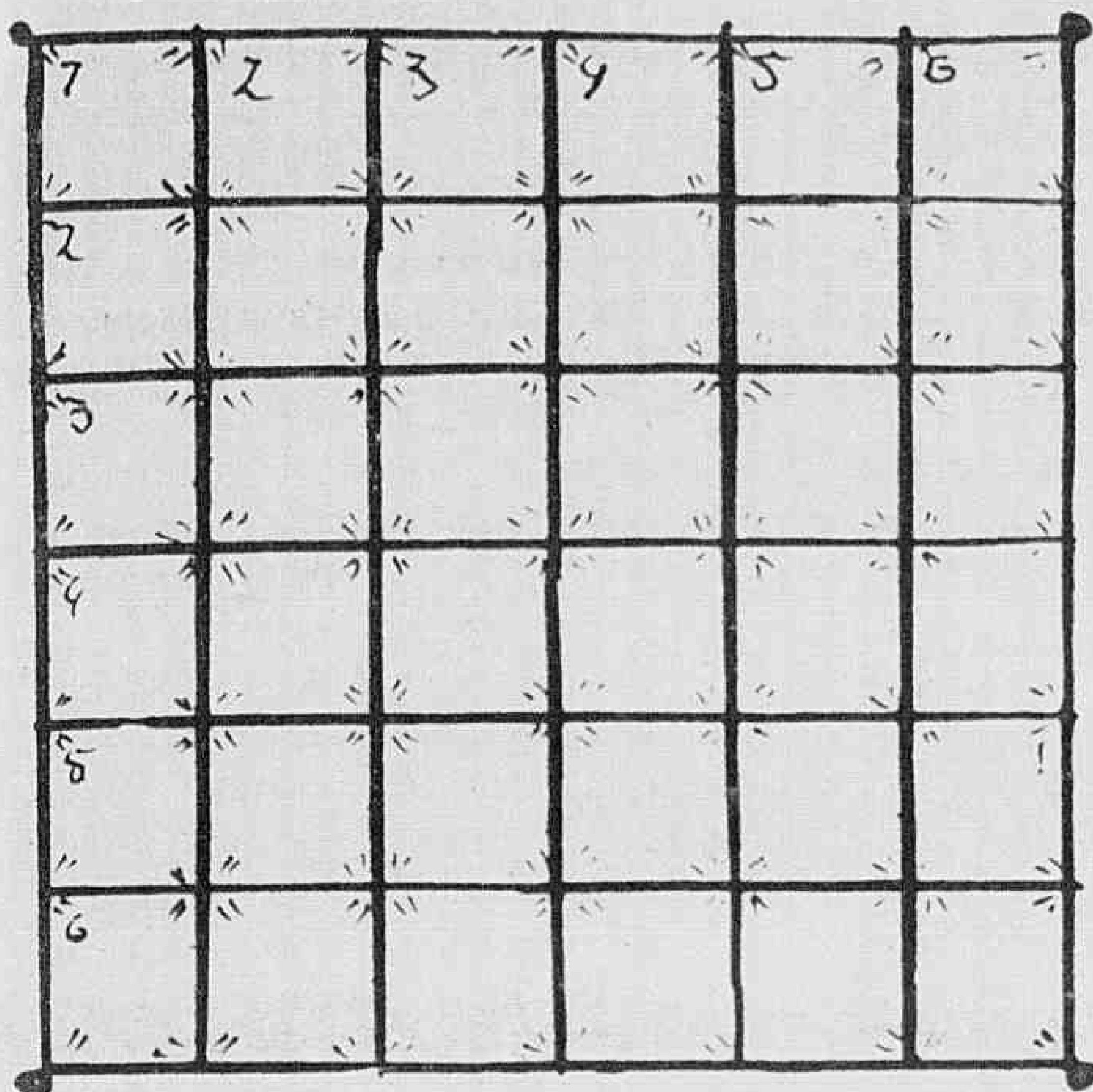


Fiote (Cuiabá)

Horizontais: 1 — Transposição rápida; 2 — Cêsto cilíndrico grande e alto que os índios levam às costas suspensos por uma embira em volta da cabeça; 3 — Jôgo de rapazes (pl.); 4 — Mamífero ungulado da família das girafas; 5 — Peça de latão com que os encadernadores douram os livros (pl.).

Verticais: 1 — Jovialidade; 2 — Abordo; 3 — Tapas com luto; 4 — Grande porção de gado vacum em marcha de um ponto para outro; 5 — Consolação.

PROBLEMA Nº 6





Edur Gomes Monteiro (Cuiabá, Mato Grosso)

Horizontais e Verticais: 1 — Subterrâneo; 2 — Agourar; 3 — Taramela de moinho; 4 — Enlutar; 5 — Grande vala; 6 — Tribo indigena do Baixo Xingu e do Madeira, da família Caraiba.

★

SOLUÇÕES DE AGÔSTO

35 — Tento; 36 — Sossobra; 37 — Frio; 38 — Tratado; 39 — Tacho; 40 — Testa; 41 — Ferido; 42 — Quadra; 43 — Rasa; 44 — Cabida; 45 — Desfadiga; 46 — Sôpro; 47 — Janeros; 48 — Calado; 49 — Generoso; 50 — Salmouro; 51 — Dopo; 52 — Comezinho; 53 — Falada; 54 — Cordura; 55 — Refega; 56 — Bandido; 57 — Cordato; 58 — Finito; 59 — Secreta; 60 — Petreco; 61 — Tétrico; 62 — Cutuba; 63 — Magano; 64 — Alinho; 65 — Paletada; 66 — Queromana; 67 — Pega-fogo; 68 — Velacho; 69 — Pontapé; 70 — Remandiola; 71 — Cascalhada; 72 — Regalado; 73 — Manguapa; 74 — Fabricador; 75 — Portento; 76 — No navio — não fales em naufrágio; 77 — Rei com rei — rês com rês.

PALAVRAS CRUZADAS

Prolbema n. 3

Horizontais: Navio — Alindai — Derviche — Im — Edo — Eusaio — Em — Tara — Loto.

Verticais: Navidel — Além — Vir — Invento — Odiosa — Ih — Elo — Ia — Mo.

SOLUÇÕES DE SETEMBRO

78 — Movido; 79 — Cadeira; 80 — Partenope; 81 — Aravia; 82 — Atomatar; 83 — Pontapé; 84 — Jornada; 85 — Muchoso; 86 — Publicola; 87 — Supremacia; 88 — Bombilha; 89 — Escudada; 90 — Prolfaça; 91 — Sentença; 92 — Vira volta; 93 — Camarço; 94 — Contra dança; 95 — Apertada; 96 — Inconcusso; 97 — Cimeira; 98 — Pequerrucha; 99 — Tratado; 100 — Bajouja; 101 — Esforça; 102 — Plana; 103 — Retesio; 104 — Estilho; 105 — Topica; 106 — Meandrica; 107 — Giro; 108 — Estrelo; 109 — Baga; 110 — Patavina; 111 — Piranga; 112 — Pinhota; 113 — Galana; 114 — Preceito; 115 — Antojo; 116 — Concreto; 117 — Tareco; 118 — Capucho; 119 — Nereta; 120 — Enclenque; 121 — Pugilo; 122 — Parelha; 123 — Pegaso; 124 — Menade; 125 — Prêto casado com branco, o prêto é elogiado; 126 — Homem calado diz muito.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n. 3

Horizontais: 1 — Apapa; 6 — Parar; 7 — Etana; 8 — Catar; 9 — Umari; 10 — Manes; 11 — Zas.

Verticais: 1 — Apecum; 2 — Patamaz; 3 — Aratana; 4 — Panares; 5 — Araris.



Um GUIA GRATIS
para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro de Receitas "OS MAGOS DA CULINÁRIA" onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

O NOVO PACOTE É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!

AMIDO DE MILHO
MAIZENA
DURYEA
MARCAS REGISTRADAS





À "MAIZENA DURYEA" 50
Caixa Postal, 8006 - São Paulo E 52
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO



PENTEADOS
Perfeitos

com os cabelos sedosos, brilhantes e com aquela elegância própria às pessoas de bom gôsto, resultam do uso constante de

FIXBRIL

ASSENTA E DÁ BRILHO AO CABELO

Problema n. 4

Horizontais: 1 — Caria; 5 — Po; 6 — Obeso; 7 — AC; 8 — Rei; 9 — La; 10 — Vis; 11 — Ir; 12 — Era; 13 — Vu; 15 — Jadeite; 17 — Oras; 18 — Ama.

Verticais: 1 — Corvejo; 2 — Abeirar; 2-A — Reisada; 3 — Is; 4 — Ao; 5 — Pali; 5-A — Ocar; 13 — Vi; 14 — Uta; 16 — Em.

★

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Artigas — órgão do *Centro Enigmistico do Uruguai.*

O Enigmista, de Santos.

Revista Filatélica Brasileira, do Dr. Otávio de Campos Tourinho. Revista para defesa dos interêsses dos filatelistas, sendo a sua redação à rua Angélica, 356.

O Charadista, de Lisboa.

Edipismo e Palavras Cruzadas, de Caxias, Portugal.

Seleções Recreativas, n. 17.

★

TORNEIO DE CHARADAS DO ALMANAQUE EU SEI TUDO — 1951

Estêve em nossa redação o Agenor Costa, autor do grande dicionário de sinônimos e locuções. Veio trazer um exemplar de sua magnífica obra como oferta ao decifrador da totalidade das charadas do Almanaque Eu Sei Tudo — 1951.

Por feliz coincidência, compareceu também o *Janota* (Almirante Esculápio César de Paiva), que foi o vencedor do torneio, sendo feita a oferta diretamente.

Os nossos agradecimentos ao Agenor Costa e os nossos parabéns ao *Janota*.

Nesta ocasião, Agenor Costa participou que já está no prelo um volume como complemento ao seu dicionário, onde estão incluídos a nona edição do Pequeno Brasileiro, Jayme Seguier, dicionário de têrmos do Amazonas e outros dicionários.

★

CIÊNCIA RECREATIVA

Mais um livro de Sylvio Alves, a *Ciência Recreativa;* tem um pouco de tudo para todos, pois contém: — origem das coisas, lendas, fábulas, mágicas, passatempo, literatura, charadas, logogrifos, palavras cruzadas, horóscopos, problemas, etc., etc.

E' um livro que instrui e diverte.

Ao Sylvio Alves e à livraria Tupã os nossos agradecimentos.

★

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a seu diretor.

DR. LAVRUD

FUME

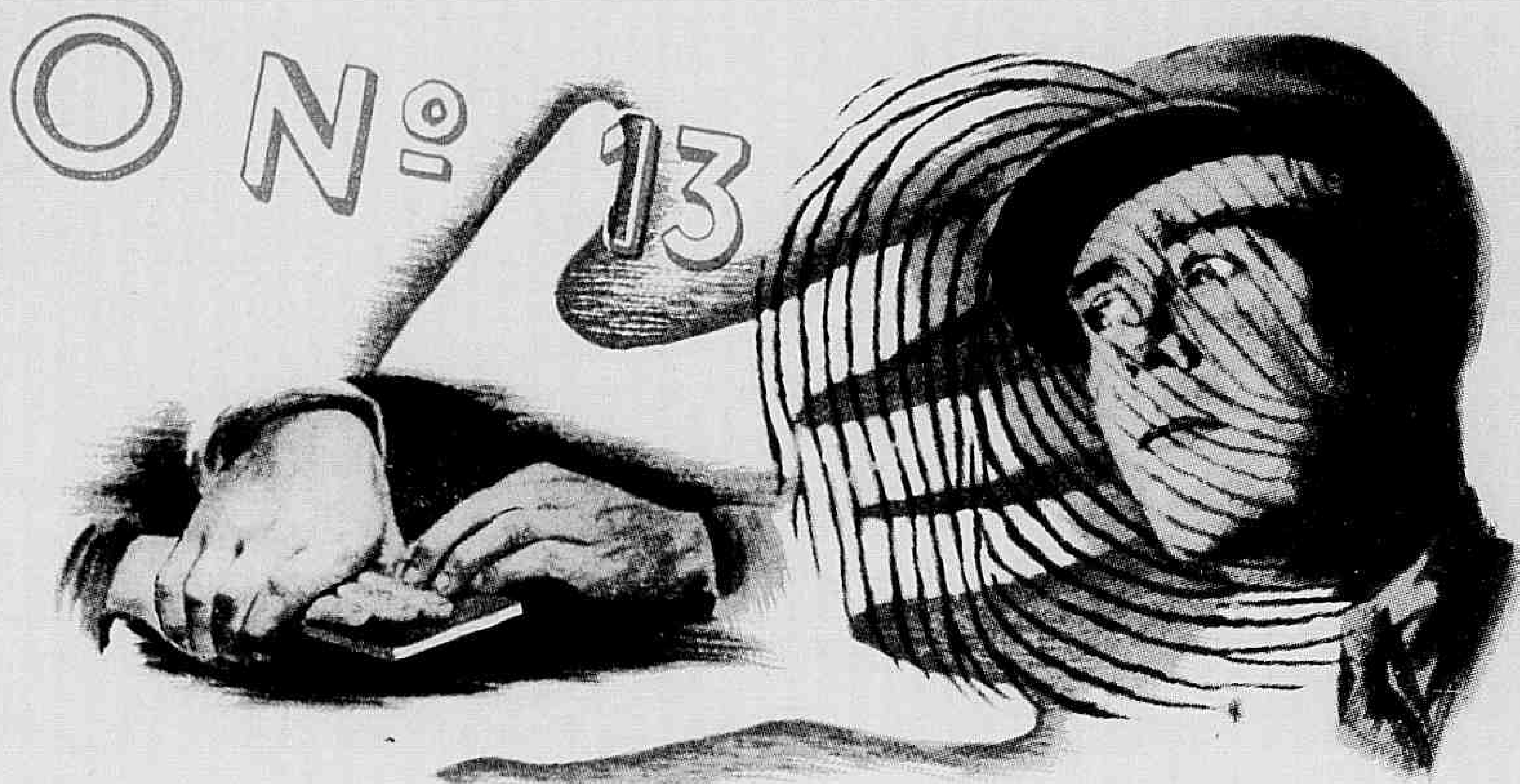
MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Noã contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

AO PÚBLICO

O Sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia não é e nunca foi nosso representante.



O avanço da arte da impressão digital podia estar ainda atrasada de 10 anos, exceto para o esperto e malicioso ladrão *com sotaque bem britânico.*

Oito anos antes de Alphonse Bertillon organizar o seu sistema de identificação-antropométrica, ciência da medida do corpo humano e suas partes — pondo-o à disposição da polícia, na Europa, um novo e mais revolucionário recurso foi introduzido: o das impressões digitais. Notícias a respeito do novo método saltaram sôbre o oceano e o Inspetor Joseph A. Faurot, da Polícia de Nova York foi enviado, em 1906, a fim de estudar, junto dos técnicos de Scotland Yard, todos os detalhes do mesmo.

Como muitas ciências e invenções, que o Ocidente acreditou, por muitos anos, ter sido o iniciador, a arte das impressões digitais, já era conhecida na China, desde muitas centúrias antes de nós. O sistema atual porém, foi desenvolvido por Sir Edward Henry e, já em 1901 a Scotland Yard o empregava como meio positivo de identificação.

O Inspetor Faurot gostou muito do que viu em Scotland Yard e, convencido de sua eficiência foi falar ao então chefe de polícia de Nova York, General Theodore A. Bingham, a fim de que adotasse o método que aprendera em Londres. Nada adiantou com o seu pedido. Não apenas o departamento policial *não estava aparelhado para fazer funcionar "essa novidade"*, como na polícia, infelizmente, *não havia muitas outras cabeças luminosas.* Faurot bateu-se pelo que considerava uma boa idéia, mas teve que acabar desistindo. Porém jamais esqueceu o que vira em Londres.

Foi então que, como no teatro, surgiu o nosso vilão — herói — o ladrão *com o sotaque britânico.*

Foi prêso no Waldorf-Astoria, já então hotel famoso, por haver praticado furtos em diversos quartos e roubado também dinheiro da própria caixa do hotel, além de muitas carteiras, que "bateu" de diversos visitantes, no *hall* principal. O prêso, homem de cinqüenta anos, vestia-se com apurada elegância e tinha a voz e a aparência de um Ronald Colman. Naturalmente recusou responder às perguntas, limitando-se a sorrir com benignidade, enquanto a polícia alternativamente rogava ou ameaçava, fazendo desesperados esforços a fim de conhecer-lhe o nome e, alguma coisa do seu passado, etc. Talvez estivesse sendo até procurado por outro maior e mais nefando crime do que o de simples furtos, que, somados, não iam além de uns mil dólares. Talvez fôsse algum famoso bandido procurado pela polícia local ou de qualquer outro país...

O Inspetor Faurot pediu para interrogar o prisioneiro a sós. Então, enquanto o ladrão continuava sorrindo, desdenhoso, Faurot tomou-lhe as impressões digitais, numa fôlha de cartão, conforme tinha visto fazer os colegas londrinos com muitos criminosos. Tudo isso, porém, foi feito sem o conhecimento dos seus superiores e Faurot sabia que estava arriscando o seu pôsto com êsse pequenino trabalho. Entretanto, como um homem que acreditava no que tinha visto, meteu a fôlha de cartão num envelope e enviou a Scotland Yard... Tinha alguma esperança. A voz do ladrão tinha um acento *tão britânico!* Mandou apenas as impressões que pudera colhêr. Só isso. Nenhum nome; nada mais!

★

Um mês depois, Faurot estava muito preocupado. Nem uma palavra de Scotland Yard! Estava já decidido a iniciar o inquérito por outro lado, quando um envelope grande e espesso chegou, com o seu nome, vindo do outro lado do Atlântico. A "Yard" tinha incluído uma fotografia do ladrão, o seu nome — Jason Carney — e muita papelada contando minuciosamente, todo o seu passado e o "record" de suas anteriores prisões, na Inglaterra e no Continente Europeu, que somavam 12. O "serviço" em Nova York era o de número 13, um número infeliz, naturalmente para o rato de hotel... mas um número extraordinàriamente feliz para o Inspetor Faurot — e também para a Polícia de Nova York e todos os tribunais.

Levando a fotografia de Carney e todos os dados a respeito dêsse ladrão ao General Bringham, Faurot provou que "aquela novidade" era realmente preciosa.

★

Assim surgiu o novo departamento da polícia, o Bureau of Criminal Identification, o quel cresceu vertiginosamente, até chegar a ser o maior e mais ativo de tôda a estrutura policial, não sòmente nos Estados Unidos como em todo o mundo.

Lá, entretanto, já sabemos quem teve a ficha n mero 1: Jason Carney, cujas impressões digitais m caram a primeira grande vitória dessa "novidad

Hoje, em todo o mundo, os tribunais aceitam es identificação como prova indiscutível.

IMPLICADO NUM CRIME

(*Cont. da pág.* 12)

"— Fique aí mesmo!"

Linda reconheceu a voz e sentiu uma onda fria penetrar em seu coração. Mas logo a seguir veio outra ordem.

"Desligue o motor... Saiam do carro... Os dois!"

Don obedeceu e, ainda para atender a outra intimação, desligou as luzes, saindo do veículo, juntamente com Linda. Uma fraca luz elétrica, de lanterna de algibeira, iluminou o caminho até um recanto mais escuro. Novamente a voz se fêz ouvir:

"— Pelo que compreendi estavam me seguindo...?

Don falou baixo e rápido:

— Fique quieta, querida.

A voz voltou a dizer: *"Tem bons olhos, Sra. Avery. Bons, até de mais!"*

Outra voz, desconhecida, disse:

"— Pare com isso, Phil. Vamos levá-los daqui".

"— E deixar o automóvel dêle?"

"— Não. Sei de uma colina, aqui perto, de onde poderíamos jogar o automóvel... E êles estariam dentro!"

Don resolveu tentar uma última chance:

— Que tal se entrássemos num acôrdo? — perguntou.

"— Que é isso? — falou o desconhecido — *Quer ser espertinho?"*

— Está bem... — disse Don, amuado — Mas antes de seguir avante com o seu plano gostaria de saber: qual de vocês dois me agrediu?

"— Eu! — disse o da voz grossa, que agora falava em tom de surprêsa — *E também quero saber... Que andou fazendo diante do Supermart tôdas aquelas noites?"*

— Alguma coisa parecida com o que vocês pretendiam fazer — respondeu Don.

"— Hmm. Não creio..."

— Não acredita porque você e êsse outro, aí, formam um par de imbecis! — declarou Don — Matar aquêle gerente era coisa que eu nunca faria. Mas *eu sei trabalhar;* procuro preparar tudo muito bem, desligando os sinais de alarma, como tenho feito em outros lugares — e já preparei em mais outros, para futuros golpes, um dêles coisa superior... Uma joalheria!

"— Por que anda atrás de nós, hoje?"

— Porque pensei que podíamos fazer sociedade. Mas não... Seria mal para mim, agora que vocês estão em perigo e prestes a ser apanhados. A não ser que me deixassem dirigir tudo...

Um do shomens falou para afirmar:

"— Êle está querendo ganhar tempo, Phil!"

Don, porém, não desistiu:

— Tenho nomes, endereços e planos em meu bôlso! — afirmou — Por que, enquanto um de vocês continua a me visar com a arma, o utro não vem ver se falo a verdade?

O homem forte conferenciou, cochichando, com o companheiro. Don continuou sorrindo, enquanto sussrrava para Linda: "E' a minha chance — explicou — Logo que eu começar, você desanda a correr e procura fugir."

— E você?

— Êle não é assim tão grande. Talvez possa surpreendê-lo.

Linda começou a tremer:

— Você... você tem mesmo... provas no bôlso, para convencer êsses homens?

— Nada. Tudo mentira!

— E você está assim, tranqüilo?

— Por que não? — Sorriu carinhosamente para ela — Se tudo der certo, ainda nos amaremos por muitos anos!

O homenzarrão caminhou para êle.

— Quero ver êsse bôlso — disse êle — Se está mentindo, vai pagar caro!

Linda reteve a respiração quando viu o outro avançar. Depois, viu-o meter a mão no bôlso de Don. Nesse justo instante aconteceu o inesperado. Provàvelmente Don aprendera aquilo nos exercícios de combate — pensou ela — Segurou o pulso do adversário, torceu-o, dando um jeito com um ombro e Linda viu o corpo colossal subir, grotescamente, e estatelar-se a quatro passos de distância. Imediatamente Don se lançou sôbre êle. Ao mesmo tempo, gritou: *Foge, Linda!"* Ela correu no justo instante em que um tiro foi disparado e a bala passou a poucos centímetros do seu rosto. Ouviu os homens arrastando os pés e trocando sôcos e ponta-pés. Uma prece subiu do fundo do seu coração até aos seus lábios. Então, repentinamente, a cena foi inundada de luz e uma voz áspera gritou:

"— Quietos, todos! Nço se movam!"

Linda viu o marido e Joe, no chão. O rosto de Joe estava cheio de sangue. Novamente ouviu a voz áspera do Tte. Marty Walsh, dizendo: *"Largue essa arma! Vamos!"*

Phil largou o revólver e foi logo agarrado por Walsh, e pelo detective Mason. Linda ouviu o duplo "clic" das algemas, fechando-se sôbre as duas mãos, cruzadas às costas. Depois Mason ajudou Joe a ficar sôbre os pés.

Don continuava sentado no chão e Linda estava ajoelhada a seu lado. Ambos olhavam para cima, para Marty Walsh.

Don deixou escapar entre os dentes um fino assobio.

— *A cavalaria chegou em tempo!* — disse êle, calcando um ferimento nos lábios — Como pôde vir até cá, Tenente?

Walsh perguntou, com ar meio zangado:

— Será mesmo que você acredita tão pouco na polícia, Avery? Nunca deixamos de vigiar você desde aquela noite. Os dois homens, designados para isso também foram ao cinema e dêle saíram, sempre de olhos abertos. Pelo carro da rádio-patrulha logo nos avisaram do que ocoria. Viemos atrás de você quando compreendemos o que estava acontecendo. Chegamos aqui logo após o instante em que êsses patifes obrigaram vocês dois a sair do automóvel...

— Então por que... — perguntou Linda — Oh! Por que espertu tanto tempo para agir?

— Peço desculpa, Sra. Avery. Não foi de propósito. Apenas perdemos, um instante, o restro... até ouvirmos o tiro. Isso significou não apenas o local em que se encontravam mas também o *que estava ocorrendo*. Viemos, então, tão depressa como foi possível...

"— *Agora sei que a sua história era verdadeira*... — concluiu — E, voltando-se para Mason disse: — *Vamos!* — E sua atenção se voltou ùnicamente para os prisioneiros.

Mason também falou, para explicar: "Conheço muito êstes dois, Tenente. Já são velhos conhecidos da polícia!

O automóvel da rádio-patrulha iniciou a marcha, soltando o seu gemido de "sereia" e conduzindo os dois criminosos, bem guardados por homens fardados. Depois Walsh deixou Linda assumir a direção e acompanhou o casal até a residência. Ali anotou os derradeiros detalhes da história; finalmente os dois policiais se levantaram para sair.

— Você está bem? — perguntou Walsh.

— Sim... Embora, se o senhor não tivesse aparecido em tempo... A coisa podia ter sido diferente!

Marty pigarreou, antes de dizer: "Eu estava inclinado a acreditar na história que você havia contado... — confessou.

Depois que êles saíram, Don foi sentar na sua cadeira favorita.

— Meus joelhos não estão feridos, querida.

Ela aceitou o convite e ficaram por algum tempo quietos, abraçados. Finalmente êle falou:

—Quando você casou comigo prometeu obedecer às minhas ordens... Por que não fugiu, quando eu gritei, ordenando que fizesse?

Ela levantou a cabeça para o olhar de frente.

— Porque — disse ela simplesmente — senti que não queria continuar vivendo sem você, querido.

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Américana, rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio — Telefone 22-8647

Nº 421 DO ANO XXXVI

EU SEI TUDO

Nº 1 — 1952 JUNHO

SUMÁRIO:

Para o Seu Lar 4
Provas impossíveis (Episódio real) 7
Implicado num crime... (conto) 8
O Dente do "Juízo" não tem muito juízo 13
Eu digo o que penso 15
Você ri bastante? 16
O Homem poderá viver debaixo d'água 21
Consentiria você que o matassem? 26
Notícia sensacional (Anedota do após-guerra) 30
Fala um Padre que viveu na Rússia 31
Proteção contra a Bomba Atômica 35
Aqui fala Miss Royal... (conto) 36
Glaucoma 39
Como você resolveria isto? 41
Os grandes erros judiciários (I) — A medonha história de Vitória Salmon 42
Os grandes distraídos 46
Novo instr. para sondar as formações petrolíferas 46
O Coração de Luísa (Romance — continuação) 47
O ladrão encapuzado (Episódio real) 55
Tôda a cidade está falando (conto) 56
O meu Anjo da Guarda (conto) 60
Torna a água mais úmida 62
Esteja em dia com o mundo 63
Um mistério que desafia a Ciência 64
O "Sabidão" (conto) 68
Erratum 67
Explorando o Brasil Meridional (continuação) 71
A Pupila Sangrenta (romance — continuação) 79
A Química a serviço da Arte Gráfica 87
Preservemos o solo (Vida do campo) 90
Gracejo da atualidade 92
Perseverança 92
Nos domínios da Gramática 93
Portentosas profecias 94
A "Boa Resposta" do mês 94
Memento EU SEI TUDO (Abril de 1952) 95
Quebra-Cabeças 105
O "13" Feliz (Episódio real) 111

★

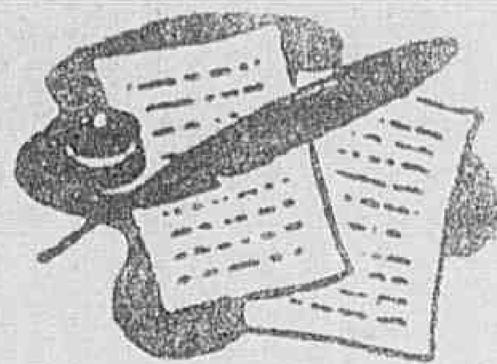
A CAPA — Ei-las! Quem são? Não importa... São moças e têm a idade em que o riso é mais espontâneo e, principalmente, mais gracioso. A vida, a todo momento está favorecendo essa expressão de alegria e se, algumas vêzes, o riso desaparece e correm lágrimas, estas duram pouco e não deixam vestígios. Porque, na vida, o essencial é rir, rir o suficiente para ter uma saúde perfeita. Leiam, a respeito, o que se encontra à página 16 desta edição.

★

AO PÚBLICO

O Sr. Owsaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior dos Estados de Minas Gerais e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

CORRESPONDÊNCIA



Júlio Alvarenga (Praça José de Alencar — Sobral — Ceará) — O assunto foge inteiramente à feição desta revista. As fotografias serão aproveitadas oportunamente. Gratos.

Alberto Moniz (Praça Rui Barbosa s/n — Salvador — Bahia) — A coleção pedida referente a 1940 seguiu via marítima. Pedimos recomendar atenção correios local. Gratos.

Elizabeth M. Gardner — São Paulo — Hotel Colúmbia — Podemos afirmar que não existe o romance, em volume. Portanto, um pouquinho de paciência.

Maria Aparecida da Mota — Niterói — Estado do Rio — Esta revista não publica a matéria enviada, que está fora da nossa feição. Gratos pela atenção.

Quintiliano Cruz — Av. Copacabana, 1110 — D. Federal — A administração vai estudar o assunto que foge ao domínio da redação.

Clóvis R. de Freitas — Goiânia — Receberemos com prazer. Recomendamos, porém, que o material fotográfico seja de boa qualidade.

Mabel Chalmers de Castro — Recife — Pernambuco — Se nos dissesse o nome do autor? Com êsse título conhecemos nada menos de três, de autores diferentes, sendo dois franceses e um inglês. — Aguardamos.

Luísa Levitas — R. dos Touceiros — Lisboa — Portugal — O número está esgotado. Gratos por suas referências ao nosso trabalho.

★

O preço desta revista em todo o Brasil, é CINCO CRUZEIROS (Cr$ 5,00). Os agentes recebem a revista com um grande desconto para vender pelo preço acima indicado, com lucro.